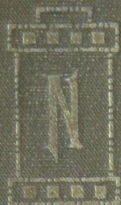


EDGAR POE



NOVELLAS

EXTRAORDINARIAS

LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19



10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

As Leis e Decretos, conferidos
e esta obra, complementar,
Higienização,
Limpeza,
o Bem Estado.

Novellas extraordinarias

1904 16.43 d. . .

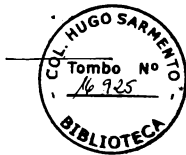


EDGARD POE

EDGAR PÖE

Novellas extraordinarias

(TRADUÇÃO BRASILEIRA)



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES,
PARIS



Novellas extraordinarias

O REI PESTE

Era no mez de outubro, sob o reinado cavalheiroso de Eduardo III. Ahi pela volta da meia-noite, dois marujos da tripulação do *Free and Easy*, cscuna de commercio, que fazia o serviço entre Ecluse (Belgica) e o Tamisa, e que estava então ancorada n'este rio, achavam-se sentados na sala de uma taberna da parochia de Santo André, em Londres, a qual tinha por insignia *Alegre lobo do mar*.

Essa sala, mal construida, com tectos em cima da cabeça, denegrada pelo fumo, semelhante emfim a todas as tabernas d'aquella epocha, agradava apezar d'isso aos differentes grupos de bebedores que a occupavam.

D'entre esses grupos, os dois marinheiros formavam, a nosso vêr, o mais interessante, se não o mais notavel.

O que parecia mais velho e a quem o outro dava o nome caracteristico de Legs (pernas), era tambem o mais alto dos dois. Tinha bem uns seis pés e meio de cima até abaixo e, consequencia necessaria de tão prodigiosa estatura, andava um pouco curvado. A superfluidade de altura era, comtudo, mais que compensada por deficits n'outras dimensões; era, por exemplo, tão excessivamente magro, que o seu corpo, diziam os com-

panheiros, poderia substituir perfeitamente o mastro do navio ou o pau da gibba. Mas evidentemente essas brincadeiras e outras analogas nunca tinham podido fazer sorrir o lobo do mar. Com um grande nariz de falção, um queixo fugente e deprimido, uns enormes olhos brancos protuberantes, a sua physionomia, posto que exprimindo uma especie de indiferença geral, não deixava de ser séria e solemne além de toda a imitação ou descripção.

O segundo marujo era, pelo menos aparentemente, a inversa e a reciproca do primeiro. O seu corpo carnudo e pesado assentava sobre um par de pernas arqueadas e rechonchudas, enquanto os braços, singularmente curtos e grossos, terminados por pulsos mais que ordinarios, pendiam-lhe aos lados, balançando-se no ar como as barbatanas de uma tartaruga. Tinha os olhos muito pequenos, sem côr definida e profundamente cravados nas orbitas. O nariz ficava enterrado na massa de carne que lhe envolvia as faces redondas, cheias e vermelhas; o labio superior, grosso e rosado, repousava complacientemente sobre o inferior, ainda mais grosso, com um ar de satisfação pessoal, augmentada pelo habito que tinha o proprietario dos ditos labios de os lamber de vez em quando.

Evidentemente, este ultimo olhava para o seu camarada de bordo com um sentimento meio de espanto, meio de sarcasmo; e ás vezes, quando o contemplava frente a frente, dir-se-hia o sol purpureado contemplando, antes de se deitar, o cume dos rochedos de *Ben-Nevis*.

Comtudo, a peregrinação dos dois amigos pelas diferentes tabernas da vizinhança, durante as primeiras horas da noite, haviam sido variadas e cheias de acontecimentos. Mas os fundos, por mais vastos que sejam, não podem durar sempre; era pois com as algibeiras

vazias que os nossos amigos se tinham aventurado a entrar na taberna em questão.

No momento em que começa esta historia, Legs e o seu companheiro Hug Tarpaulin estavam sentados defronte de um amplo frasco de *humming stuff*, não pago, com os cotovellos apoiados sobre uma grande mesa, situada no meio da casa, e a cara mettida entre as mãos. De vez em quando, olhavam de soslaio para as palavras sinistras: *Não ha credito*, que (com grande espanto e indignação sua) estavam escriptas sobre a porta, em caracteres de giz. Não que a faculdade de decifrar aquelles caracteres escriptos (faculdade então considerada entre o povo quasi tão cabalística como a arte de os traçar) pudesse, com estricta justiça, ser imputada aos dois discipulos do mar: mas havia um não sei que na figura e no conjuncto d'aquellas lettras que presagiava, na opinião dos dois maritimos, grande temporal e que os decidiu, de repente, segundo a linguagem metaphorica de Legs, a arrear os mastros e a fugir deante do vento.

Em consequencia d'aquella decisão, os dois amigos, depois de terem consumido o resto do *ale*, abotoaram convenientemente os casacos e bateram em retirada. Tarpaulin entrou ainda duas vezes pela chaminé a dentro, julgando que era a porta da rua, mas, emfim, a sua fugida effectuou-se felizmente e, meia hora depois da meia-noite, os nossos heróes esgueiravam-se, com toda a velocidade, através de um becco estreito, na direcção das escadas de Santo André, immediatamente perseguidos pela taberneira do *Alegre lobo do mar*.

Bastantes annos antes e depois da epocha em que se passa esta dramatica historia, o grito sinistro: A peste! retumbava periodicamente por toda a Inglaterra, porém mais em particular pela metropole. A cidade estava em

grande parte despovoada e, nos bairros horriveis vizinhos do Tamisa, no meio d'esses beccos negros, estreitos e immundos, onde o demonio da peste tinha (diziam) fixado a sua residencia, passeavam á vontade o espanto, o terror e a superstição.

Esses bairros estavam condemnados, e era prohibido a toda a gente, sob pena de morte, perturbar-lhes a solidão. Comtudo, nem o decreto do monarcha, nem as barreiras enormes levantadas á entrada das ruas, nem a perspectiva da morte horrorosa, que era quasi certa ao miseravel que ousava aventurar-se n'aquelles sitios proscriptos, guardavam as habitações desguarnécidas e solitarias de serem despojadas do ferro, do cobre, do chumbo e enfim de qualquer artigo d'onde pudesse tirar-se o minimo lucro.

Todos os invernos, na occasião da abertura annual das barreiras, foi comprovado que as fechaduras, os ferrolhos e os subterraneos secretos tinham servido de pouco para proteger as amplas provisões de vinhos e licores, que muitos negociantes da vizinhança, em consequencia dos perigos e dos incomodos da deslocação, se tinham resignado a confiar, durante o periodo da proscricção, a uma garantia tão insufficiente.

Mas entre o povo aterrorisado poucas pessoas attribuiam esses factos a mãos humanas; os Espiritos, os Duendes da peste, os Demonios da febre, taes eram para o vulgo os verdadeiros criminosos. Contavam-se a este respeito tantas historias e tão horrorosas que, por fim, toda a massa das edificações condemnadas foi envolvida no terror, como n'um sudario, e até os proprios ladrões, espantados pelo terror supersticioso que as suas depredações tinham creado, acabaram por abandonar o vasto circuito do bairo amaldiçoado, ás trevas, ao silencio, á peste e á morte.

Foi uma das barreiras de que falamos que deteve subitamente a fuga de Legs e do digno Hugh Tarpaulin. Não podendo voltar para traz, por causa dos seus perseguidos que vinham quasi sobre elles, não havia tempo a perder. Para marinheiros *pur sang* escalar o taboado toscamente construido era uma brincadeira; exasperados pela dupla excitação do vinho e da carreira, os dois fugitivos saltaram pois resolutamente para o outro lado e continuaram a sua corrida delirante, com gritos e urros, perdendo-se em pouco tempo n'aquellas profundezas complicadas e perigosas.

Se o vinho não lhes tivesse feito perder todas as faculdades moraes, o horror da situação ter-lhes-hia paralyzado os passos vacillantes. O ar estava frio e ennevoado. As pedras arrancadas da calçada jaziam n'uma desordem medonha por entre a relva alta e vigorosa. A maior parte das ruas estavam obstruidas pelas ruinas das casas desmoronadas. Um cheiro fetido e deleterio reinava por todos os lados e, graças á luz pallida que mesmo á meia-noite emana sempre de uma atmosphaera vaporosa e pestilencial, podiam vêr-se estendidos pelas ruas e pelos beccos, ou apodrecendo dentro das habitações sem janellas, os cadaveres de muitos ladrões nocturnos, detidos pela mão da peste na perpetração das suas façanhas.

Mas não estrava no poder de imagens, de sensações ou de obstaculos de semelhante especie parar a carreira de dois homens que, naturalmente destemidos e n'aquella noite cheios a transbordar de coragem e de *humming stuff*, teriam intrepidamente entrado, tão firmes quanto o seu estado lh'o permittisse, pela propria guela da morte. Na frente, sempre na frente, corria o sinistro Legs, fazendo resoar os echos d'aquelle deserto solemne, com urros semelhantes ao grito de guerra dos

indios; e na retaguarda, sempre na retaguarda, rebo-lava o rechondudo Tarpaulin, agarrado ao casaco do primeiro e ultrapassando todos os esforços, ainda os mais valorosos, do seu agil companheiro, na musica vocal, em rugidos de baixo, tirados das profundidades dos seus pulmões stentorianos.

Em pouco tempo chegaram ao foco principal da peste. Então, a cada passo, ou antes a cada trambulhão, o caminho ia-se tornando mais horrivel e mais infecto, as ruas mais estreitas e mais embrulhadas. Pedras enormes e traves, cahindo de vez em quando dos tectos arruinados, attestavam pelas suas quedas pesadas a prodigiosa altura das casas. Quando tinham de praticar alguma passagem difficil, através dos frequentes montes de caliça, não era raro que as suas mãos encontrassem um esqueleto ou se enterrassem em algum monte de carnes decompostas.

De repente, os marujos tropeçaram e cahiram á entrada de uma edificação de apparencia sinistra. O desesperado Legs deu um grito mais agudo que os precedentes, e do interior da casa respondeu-lhe uma explosão rapida, successiva de gritos selvagens, demoniacos, que pareciam gargalhadas. Sem se intimidarem com aquelles sons, que pela sua natureza, em semelhante logar e em tal momento, teriam feito gelar o sangue em peitos menos intensamente incendiados, os nossos dois bebados arrumaram um encontrão á porta, arrombaram-na e entraram por alli dentro, soltando um bando de imprecações.

A sala em que fôram cair, era por acaso uma agencia de funeraes. A um canto, junto da porta, havia um alçapão aberto, que deitava para uma serie de adegas, cujas profundezas, como o revelou um som de garrafas a quebrarem-se, estavam bem fornecidas do seu con-

teúdo tradicional. No meio da casa via-se uma mesa posta; no meio da mesa, uma taça gigantesca, cheia de punch; garrafas de vinho e de licor juntamente com billhas, pucaros, frascos e vasos de todas as fórmias e de todas as qualidades estavam espalhados por cima da mesa em grande profusão. Em redor, assentada em cavalletes funebres, havia uma sociedade de seis pessoas, que vamos passar a descrever uma por uma.

Defronte da porta, n'um logar um pouco mais elevado que os dos outros, estava um personagem que parecia ser o presidente da festa. Era de estatura descomunal, descarnado, ainda mais alto e mais magro que Legs: o que foi, para este ultimo, assumpto de grande admiração. A sua physionomia amarella como uma cidra não tinha particularidade alguma digna de descripção, a não ser uma fronte tão extraordinaria horrorosamente larga que, á primeira vista, parecia um *bonnet* ou uma corôa de carne, cobrindo-lhe a cabeça natural. A bocca, arreganhada, tinha uma expressão de affabilidade espectral, e os olhos pequenos e fundos luziam com o brilho singular da embriaguez. Trajava um manto de velludo negro, ricamente bordado, que o cobria desde a cabeça até aos pés, fluctuando ligeiramente em volta do corpo, como uma capa á hespanhola. Trazia na cabeça um pennacho abundante de pennas de corvo, que elle balanceava d'aqui e d'acólá com ar de grande presumpção; e na mão direita um femur humano, com o qual acabava de tocar n'um dos membros da companhia para lhe dar uma ordem.

Em frente d'esse gentleman, com as costas voltadas para a porta, estava uma senhora cuja physionomia não era nada menos extraordinaria. Posto que da altura do personagem que acabamos de descrever, não tinha que se queixar como elle da magreza anormal; pelo contra-

rio, na figura parecia-se muito com a enorme pipa de de cerveja que se erguia a um dos cantos da casa. A sua physionomia singularmente redonda e vermelha tinha a mesma particularidade que mencionámos já no caso do presidente ; quer dizer que uma só feição do seu rosto merecia caracterisação especial. O facto é que o perspicaz Tarpaulin viu logo que a mesma observação podia applicar-se a todas as pessoas da sociedade : cada uma parecia ter aproveitado para si um boccado de physionomia. Na dama em questão, esse boccado era a bocca, uma bocca que começava na orelha direita e acabava na orelha esquerda, desenhando um abysmo medonho, onde os brincos mergulhavam a cada instante, apesar dos esforços que ella fazia para conserval-a fechada. A sua *toilette* consistia n'um sudario, cuidadosamente engommado, afogado no pescoço por uma golla de musselina.

A' sua direita estava uma rapariga minuscula, que ella parecia proteger. Essa delicada creaturinha apresentava no tremor dos dedos macilentos, no desmaiado dos labios e na côr livida do rosto, symptomas evidentes de uma tísica incuravel. Comtudo, havia em toda a sua pessoa, na maneira elegante de vestir uma bella e comprida mortalha de cambraia finissima, que a envolvia, na graciosidade singela do penteado e no meigo sorriso que lhe pairava nos labios, certo attractivo sympathico e uma grande distincção ; mas o nariz extremamente comprido, delgado, sinuoso e pustulento, passava-lhe para baixo do labio inferior ; e essa tromba, apesar da delicadeza com que ella a manobrava de um para o outro lado, com a ponta da lingua, dava á sua physionomia uma expressão algum tanto equivoca.

Do outro lado, á esquerda da dama hydropica, estava um velhinho inchado, astmatico e gottoso. As faces pou-

savam-lhe em cima dos hombros como dois enormes odres de vinho do Porto. Tinha os braços cruzados e uma das pernas, envolta em ligaduras, pousada sobre a mesa. O seu ar era assaz importante. Evidentemente tinha grande orgulho do envolucro pessoal, principalmente de um sobretudo de côr vistosa, que devia effectivamente ter-lhe custado muito dinheiro; era feito de uma d'essas gualdrapas de seda, curiosamente bordadas, pertencentes aos escudos gloriosos que se costumam suspender, em Inglaterra e n'outras partes, n'um logar bem patente, nas casas das grandes familias ausentes.

À direita do presidente estava um gentleman de calção e meia branca, que tremellicava constantemente de um modo visivel, com um tique nervoso, a que Tarpaulin chamou os *terrores* da embriaguez. Tinha os queixos atados com uma ligadura de musselina e os braços ligados do mesmo modo pelos pulsos, o que não lhe permitia servir-se, muito á vontade, dos licores que estavam á mesa; precaução necessaria, segundo a opinião de Legs, á vista da expressão embrutecida da sua physionomia, cuja feição predominante era um par de orelhas prodigiosas, completamente impossiveis de esconder, que surgiam no espaço, arrebitando-se de vez em quando, como que atacados de espasmos, ao ruido de cada garrafa que se desro'lhava.

Defronte d'este estava o sexto e ultimo personagem, o qual, soffrendo de paralyisia, devia, a falar verdade, sentir-se sériamente incommodado dentro do fato extraordinario que o comprimia. Esse fato (talvez unico no seu genero) consistia n'um bonito esquite de mogno, novo em folha. A tampa do caixão cahia-lhe sobre a cabeça como um capacete, dando a toda a sua physionomia uma expressão de indescriptivel interesse. Os braços passa-

vam através de duas cavas, abertas aos lados á moda de mangas, tanto por elegancia como por commodidade; mas apesar d'isso a *toilette* do desgraçado impedia-o de se assentar como os outros convivas e obrigava-o a ficar encostado ao cavallete, formando com este um angulo de quarenta e cinco grãos. Os seus olhos, de um tamanho extraordinario, volviam e dardejavam para o tecto os terriveis globos esbranquiçados, como que no espanto absoluto da propria enormidade.

Em vez de copo, cada conviva tinha deante de si metade de um craneo. Por cima d'elles via-se um esqueleto humano, suspenso por meio de uma corda atada á perna direita e presa ao tecto por um gancho de ferro. A outra perna, completamente solta, pendia do corpo em angulo recto, fazendo dansar e piruetar toda a carcassa desconjuntada, a cada rabanada de vento que penetrava na sala. O craneo d'essa cousa horrorosa continha certa quantidade de carvão acceso, que derramava sobre toda a scena uma claridade vacillante, porém viva; caixões, tumbas e todos os differentes artigos de um armazem de trastes funebres, empilhados a uma grande altura, impediam que os raios da luz se escapassem para a rua.

À vista d'aquella assembléa extraordinaria, do seu apparatus ainda mais extraordinario, os nossos dois marujos não se portaram com o decoro que se teria podido esperar d'elles. Legs, encostando-se á parede mais proxima, deixou cahir o queixo ainda mais do que o costume e desenrolou os vastos olhos em toda a sua extensão; enquanto Hugh Tarpaulin, abaixando-se a ponto de quasi pôr o nariz em cima da mesa, e batendo com as mãos nos joelhos, despediu uma gargalhada estridente, quer dizer um rugido longo, ruidoso e atroador.

Comtudo, sem se escandalisar com uma conducta tão

prodigiosamente grosseira, o presidente sorriu muito agradavelmente aos dois intrusos, complimentou-os com um movimento de cabeça, cheio de dignidade, levantou-se, deu o braço a cada um e conduziu-os para os cavalletes que as outras pessoas da sociedade acabavam de instalar em sua honra. Legs não fez a menor resistência e sentou-se onde o mandaram. Mas o galante Hugh transportou o seu cavallete para o outro lado da mesa, collocou-o na vizinhança da pequena tísica da mortalha, sentou-se ao lado d'ella e, despejando um craneo de vinho, bebeu-o em honra de relações mais intimas. A semelhante atrevimento, o inteiriçado gentleman do esquife pareceu immensamente furioso, e isso teria podido dar logar a sérias consequencias, se o presidente, batendo com o seu sceptro em cima da mesa, não tivesse chamado a attenção dos circumstantes para o discurso seguinte :

— A feliz occasião que se apresenta, nos obriga...

— Cala-te lá! interrompeu Legs, com grande seriedade, — cala-te lá com isso e dize-nos antes que diabos são vocês todos, e o que fazem aqui, equipados como os demonios no inferno, a beber d'esta maneira a boa pinga do nosso honrado camarada Will Wimble, o gato pingado?

A'quella imperdoavel amostra de má educação, toda a sociedade se agitou, entoando rapidamente um côro de gritos diabolicos, semelhantes aos que tinham primeiro attrahido a attenção dos marujos. O presidente, todavia, não tardou a recobrar o sangue frio, e, voltando-se para Legs com toda a dignidade, respondeu :

— E' com a melhor das vontades que satisfazemos a curiosidade de hospedes tão illustres, embora não tenham sido convidados. Sabei pois que sou o monarcha d'este imperio, onde reino absolutamente sob o titulo de Rei Peste I.

Esta sala, que suppondes muito injuriosamente ser a loja de Will Wimble, contratador de enterros, (homem que não conhecemos e cujo nome plebeu não havia nunca até aqui resoado aos nossos reaes ouvidos) esta sala, digo, é a sala do throno do nosso palacio, consagrada aos conselhos do reino e a outros destinos de uma ordem sagrada e superior.

A nobre dama sentada defronte de nós é a Rainha Peste, nossa serenissima esposa. Os outros personagens illustres que vêdes, são todos da nossa familia; todos têm nos nomes respectivos a prova da origem real: Sua Graça o Archiduque Peste-Ifero; Sua Graça o Duque Peste-Ilencial; Sua Graça o Duque Tem-Pestuooso; e Sua Alteza Serenissima a Archiduqueza Anna-Peste.

Quanto á vossa pergunta, accrescentou, relativamente aos negocios, que tratamos aqui em conselho, é inutil dizer que esse assumpto, pertencendo unicamente ao nosso interesse real, não tem importancia senão para nós. Entretanto, em consideração pelas atenções que vos são devidas, como hospedes e como estrangeiros, dignar-nos-emos ainda explicar-vos que esta mos aqui, esta noite, (preparados por profundas e cuidadosas investigações) para examinar, analysar e determinar peremptoriamente o espirito indefinivel, as incompreensíveis qualidades e a natureza dos incomparaveis thesouros da bocca: vinhos, cervejas e licores d'esta excellente metropole; procedendo assim, não sómente por interesse pessoal, mas tambem para augmentar a prosperidade do soberano, que não é d'este mundo, que reina sobre nós todos, cujos dominios não têm limites e cujo nome é: A Morte!

— Cujó nome é Davy Jones! exclamou Tarpaulin, offerecendo á sua vizinha um craneo cheio de licor e despejando outro para si.

— Profano atrevido! disse o presidente, voltando-se para o digno Hugh, profano e execravel patife! Acabámos de dizer que em consideração direitos que queríamos respeitar, mesmo nas vossas desprezíveis pessoas, iamõs responder ás perguntas tão grosseiras como intempestivas que tivestes o atrevimento de nos dirigir. Comtudo, visto a tua intrusão profana nos nossos conselhos, é do nosso dever condemnar-vos, a ti e ao teu companheiro, a beber, cada um, um galão de *black-strop*, á prosperidade d'este reino, o qual haveis de beber de joelhos e de um só trago. Depois, se quizerdes, podereis continuar o vosso caminho ou ficar aqui e partilhar os privilegios da nossa mesa, conforme vos aprouver.

— Isso seria absolutamente impossivel, replicou Legs, a quem os grandes ares e a dignidade do rei Peste I haviam evidentemente inspirado alguns sentimentos de respeito, e que se levantára enquanto este falava; isso seria, digne-se Vossa Magestade reflectir, uma cousa absolutamente impossivel, arrumar no meu porão sómente a quarta parte do licor que Vossa Magestade acaba de dizer. Não falando de todas as mercadorias, que carregámos esta manhã a nosso bordo, e sem mencionar as diversas cervejas e licores que embarcámos esta noite nos differentes portos, trazemos uma forte carregação de *humming stuff*, comprada na taberna do *Alegre Lobo do Mar*. Vossa Magestade far-nos-á pois a mercê de acceitar a boa vontade pela acção; porque não posso, nem quero de modo algum, engulir nem mais uma gotta; ainda menos uma gotta d'essa vil mixordia que dá pelo nome de *black-strop*.

— Amarra isso! interrompeu Tarpaulin, tão espantado do comprimento do discurso como da recusa; amarra isso, marinheiro de agua doce! Não digas nem mais uma palavra. O meu casco está ainda assaz leve

para comportar a minha e a tua parte da carregação. Pois bem! se não pôdes arrecadar mais um grão, eu acharei logar para elle a meu bordo, mas...

— Esse contrato, interrompeu o presidente, está em completo desaccordo com os termos da sentença, que por sua natureza é modica, incommutavel e sem appellação. O castigo que impuzemos, ha de ser executado á lettra e sem um minuto de hesitação; aliás, decretamos que sejaes ligados um ao outro, pela cabeça e pelos pés, e afogados como rebeldes n'aquella pipa de cerveja!

— Ora ahi está uma sentença! Que sentença! Equitativa, judiciosa sentença! E' um decreto glorioso! Digna, irreprehensivel e santa condemnação! gritaram ao mesmo tempo todos os membros da familia Peste. O rei franziu a fronte em pregas innumeraveis. O velhinho gottoso assoprou como um folle; a senhora da mortalha ondulou graciosamente o nariz, da esquerda para a direita e *vice-versa*; o gentleman do calção branco arrebitou convulsivamente as orelhas; a senhora do sudario abriu a guela como um peixe agonisante; e o homem do caixão de mogno entesou-se ainda mais e arregalou os olhos para o tecto.

— Ah! ah! disse Tarpaulin, desatando a rir no meio da agitação geral. Ah! ah! ah! eu dizia ao senhor Rei Peste que lá quanto á questão de dois ou tres galões de *black-strop* a mais ou menos, isso era uma bagatella para um barco vasto e solido como eu; mas agora, quando se trata de beber á saúde do Diabo (que Deus lhe perdõe), e de me pôr de joelhos deante de Sua Reles Magestade, que (tão certo como ser eu um peccador) não é mais de que Tim Hurlygurly, o palhaço! Oh! quanto a isso, é um negocio que ultrapassa absolutamente as minhas posses e a minha intelligencia.

Não lhe deixaram acabar tranquillamente o discurso.

Ao nome de Tim Hurlygurly todos os convivas pularam nas suas cadeiras.

— Traição! bramiu Sua Magestade o Rei Peste I.

— Traição! exclamou o velhinho gottoso.

— Traição! latiu a Archiduqueza Anna-Peste.

— Traição! resmungou o gentleman de queixos atados.

— Traição! rosnou o homem do esquite.

— Traição! traição! gritou Sua Magestade a mulher da guela; e agarrando o desgraçado Tarpaulin pela parte posterior das calças, levantou-o ao ar e deixou-o cahir, sem cerimonia, no vasto tonnel de cerveja.

Tarpaulin boiou ainda durante alguns segundós e finalmente desapareceu no turbilhão de espuma que os seus esforços hav am levantado no liquido, já de si muito espumoso.

Comtudo, o marujo grande não viu com resignação a derrota do seu camarada. Atirando o rei Peste para dentro do alçapão aberto e tapando-o violentamente, o valente Legs proferiu uma praga medonha e correu para o meio da sala. Depois, puxou o esqueleto suspenso por cima da mesa, com tamanha força e boa vontade que o arrancou, deixando a sala completamente ás escuras e quebrando, ao mesmo tempo, a cabeça do velhinho gottoso. Precipitou-se então, com toda a sua força, sobre a pipa cheia de cerveja e de Hugh Tarpaulin, trambulhou com ella ao meio do chão, produzindo um diluvio de cerveja tão abundante, tão ímpetuoso e tão invasor que a sala foi inundada de uma parede á outra, a mesa deitada por terra, com tudo o que tinha em cima, os cavalletes atirados uns para cima dos outros, o vaso do punch lançado de encontro á chaminé. As mulheres desmaiaram, pilhas de artigos funebres fluctuavam aqui e alli; os vasos, as billas, os frascos e as garrafas confundiam-se n'uma

misturada horrorosa, destruindo-se uns aos outros. O homem dos tremeliques foi afogado immediatamente; o gentleman paralytico navegava ao largo dentro do seu esquite, e o victorioso Legs, agarrando pela cintura a volumosa dama do sudario, precipitou-se com ella na rua e aprôou immediatamente na direcção de Free and Easy, rebocando o temivel Tarpaulin, que tendo espirrado tres ou quatro vezes, offegava e soprava atraz d'elle, arrastando comsigo a Archiduqueza Anna-Peste.

O CORVO ⁽¹⁾

(A GENESE DE UM POEMA)

Uma vez, á hora lugubre da meia-noite, eu meditava, fraco, fatigado, quasi adormecido, sobre muitos volumes interessantes e valiosos de uma doutrina esquecida. De repente, ouvi um ligeiro ruido, como de alguém batendo, ao de leve, á porta do meu quarto. « E' alguma visita », murmurei eu, e nada mais.

Estavamos em Dezembro, lembro-me distintamente. As achas meio queimadas desenhavam no solo o reflexo da sua agonia.

Eu desejava ardentemente a manhã! Em vão pedia aos livros o esquecimento das minhas maguas... Pensava sempre n'ella, na minha Leonor perdida, na mulher rara e deslumbrante que os anjos chamam ainda Leonor e que os homens não chamarão mais!

O vago sussurro dos reposteiros ondulantes penetrava-me de um terror phantastico e melancolico. Para acalmar a agitação que me assustava, levantei-me, repetindo: « E' alguém que bate á porta, alguma visita tardia, que

(1) O illistre' sr. MACHADO DE ASSIS tem uma bellisissima traducção deste poema (V. *Poesias Completas*, H. Garnier editor). — EMILIO de MENEZES traduziu em sonctos vibrantes e masculos.

solicita a entrada do meu quarto; sim, é isso, e nada mais. » Então senti o espirito um pouco fortalecido, e sem hesitar mais tempo :

— Senhor, digo eu, ou senhora, tende a bondade de perdoar-me. Estava meio adormecido e bateste tão devagarinho que apenas tenho a consciencia de vos ter ouvido.

Assim dizendo, abri a porta de par em par, mas vi só trevas e nada mais !

E a prescrutal-as profundamente, fiquei muito tempo cheio de espanto, de receio e de duvida, fazendo sonhos que mortal algum jámais ousou sonhar ; mas nada perturbou o silencio e a immobildade das trevas, senão um nome proferido por mim : « Leonor ! » e o echo murmurando a seu turno « Leonor ! » Só isto e nada mais !

Tornando a entrar no quarto, com a alma em fogo, ouvi um ruido algum tanto mais forte que o primeiro. “ Ha por força alguma cousa de extraordinario nas taboinhas da minha janella ; vamos a vêr o que é, exploremos este mysterio. Provavelmente, é o vento, e nada mais !,,

Abri então a janella, e um corvo majestoso, digno dos antigos tempos, entrou pelo quarto a dentro, com um bater de azas tumultuoso. Sem me fazer uma simples cortezia, adeantou-se com a importancia de um lord ou de uma lady, e empoleirou-se n’um busto de Pallas, collocado justamente por cima da porta do meu quarto.

A gravidade do seu aspecto e a severidade da sua physionomia fizeram sorrir a minha triste imaginação :

— Embora tua cabeça, disse-lhe-eu, não tenha pôpa nem cimeira, não és por certo um passaro ordinario. Dize-me qual o teu nome senhorial nas costas da noite plutonica ?

O corvo disse :

— Jámais.

Fiquei pasmado de vêr aquelle desengraçado vólátil comprehender assim a palavra, posto que a sua resposta não tivesse um grande senso, nem respondesse de modo algum á minha pergunta ; porque é preciso confessar que nunca foi dado a um homem vivo, vêr, por cima da porta do seu quarto, um passaro ou um bicho, sobre um busto esculpido, com semelhante nome : “*Jámais !*,”

Mas o corvo, solitariamente empoleirado no busto placido, não proferiu senão aquella palavra unica, como se n'ella toda a sua alma se espargisse. Então murmurei em voz baixa :

— Todos os amigos me têm deixado : amanhã tambem este me fugirá, assim como todos os outros me fugiram, assim como voaram as minhas ridentes esperanças !

E o passaro tornou a dizer :

— Jámais !

Ao ouvir aquella resposta tanto a proposito, estremecei.

— Provavelmente, disse eu commigo mesmo, não sabe senão esta palavra. Isto elle aprendeu com algum mestre infortunado, a quem a impia desgraça perseguiu sem treguas, e cujos cantares acabaram por não ter senão aquelle melancolico estribilho, especie de *De profundis* de todas as suas esperanças :

— Jámais !

Mas o corvo induzindo ainda a minha alma triste a sorrir, puxei a cadeira para defronte d'elle, do busto e da porta, e comecei a ligar idéa com idéa, procurando adivinhar o que aquella ave agoureira de outros tempos, o que aquelle triste, desengraçado, sinistro, magro e agoureiro passaro de outros tempos, queria significar com o seu *Jámais !*

Assim me detive um tempo, sonhando, meditando,

porém sem dirigir mais a palavra ao passaro, cujo olhar ardente me abrazava até ao intimo do coração. Eu procurava adivinhar o estribilho do corvo e muitas cousas mais, com a cabeça encostada ao estofa da cadeira; esse estofa macio de velludo violeta, onde a cabeça d'ella se recostava outr'ora!... onde não se recostará jámais!

Então pareceu-me que o ar se tornava mais espesso, perfumado por um thuribulo invisivel, balouçado por seraphins, cujos passos deslisaram pelo tapete do quarto.

— Desgraçado! exclamei eu; Deus, pelos seus anjos, manda-te treguas e nepenthes contra as saudades de Leonor! Bebe, oh! bebe este bom nepenthes e esquece Leonor, perdida para sempre!

E o corvo tornou a dizer:

— Jámais!

— Propheta! disse eu ser de desgraça! passaro ou demonio, comtudo propheta! quer sejas um mensageiro do Tentador, ou um simples naufrago, lançado pela tempestade a esta terra deserta e enfeitçada, a este lar de miseria e de horror, dize-me sinceramente — supplico-t'o! — é verdade que existe um balsamo da Judéa? oh! dize-m'o, dize-m'o por piedade!

O corvo respondeu:

— Jámais!

— Propheta, continuei eu, ser de desgraça! passaro ou demonio, comtudo propheta! Pelo céo que nos cobre, pelo Deus que ambos adoramos, dize-me se esta alma, esmagada pela dôr, poderá um dia, no paraiso longinquo, abraçar uma donzella santa, preciosa e deslumbrante, a quem os anjos chamam Leonor?

O corvo disse:

— Jámais!

— Sejam as tuas palavras o signal da nossa separação, passaro ou demonio! exclamei eu, pondô-me

em pé. Volta á tempestade e ás costas da noite plutonica ! Não deixes aqui nem uma só das tuas pennas negras, em memoria da mentira que acabas de proferir. Não violes por mais tempo a minha solidão. Tira-te da minha porta, arranca o teu bico do meu coração e precipita o teu espectro para bem longe d'este quarto !

O corvo disse :

— Jámais !

E, immutavel, continúa sempre empoleirado no pallido busto de Pallas, por cima da porta do meu quarto. Os seus olhos, com um brilho demoniaco, parecem pensativos ; a luz da minha lampada projecta a sua sombra sobre o solo, e além do circulo d'esta sombra, que jaz fluctuante sobre o solo, a minha alma não poderá elevar-se jámais !

METHODO DE COMPOSIÇÃO

Carlos Dickens, em uma nota que, n'este instante, tenho debaixo dos olhos, falando de uma analyse que eu tinha feito do mecanismo de *Barnaby Rudge*, diz : Godwin, seja dito de passagem, escreveu o seu *Caleb Williams* ás avessas. Começou por envolver o seu heróe n'um tecido de difficuldades, que formam a materia do segundo volume, e depois, para compôr o primeiro, começou a pensar nos meios de legitimar o que havia dito.

Não posso acreditar que fosse precisamente este o modo de composição de Godwin, mesmo porque o que elle proprio confessa, não está absolutamente conforme com a idéa de Dickens : mas como artista perfeito, o auctor do *Caleb Williams* sabia muito bem o proveito que se pôde tirar de semelhante procedimento. Se ha n'este mundo alguma cousa evidente, é que um plano deve ser

cuidadosamente elaborado no cerebro, antes de passar ao papel. E' preciso ter sempre diante dos olhos o pensamento do desenlace, para poder dar a um plano a sua indispensavel physionomia de logica e de casualidade, fazendo que todos os incidentes, e particularmente o tom geral, tendam para o desenvolvimento da intencção.

Na minha opinião, ha um erro radical no methodo geralmente usado na construcção de um conto. Uma vez é a historia que nos fornece uma these; outras vezes, achamo-nos inspirados por um incidente contemporaneo; ou ainda, o auctor procura no seu espirito combinar uma somma de acontecimentos surprehendedentes que devem formar simplesmente a base da sua narrativa, esperando introduzir depois as descripções, o dialogo ou o seu commentario pessoal, por toda a parte onde uma fenda no tecido da acção lhe forneça a oportunidade.

Para mim, a primeira de todas as considerações é a da sensação que se produz. Tendo sempre em vista a originalidade (porque é trahir-se a si mesmo, arriscar-se a dispensar um meio de interesse tão evidente e tão facil), faço antes de tudo a seguinte reflexão: entre as innumeraveis sensações ou impressões que o coração, a intelligencia ou, para falar mais geralmente, a alma é susceptivel de receber, qual é a unica impressão que levo escolher no caso presente? Então, depois de ter escolhido um assumpto de rigorosa sensação, decido se é melhor apresental-o pelos incidentes ou pelo tom; por incidentes vulgares e por um tom particular ou por incidentes singulares e por um tom ordinario, ou por uma igual singularidade de tom e de incidentes. Finalmente, procuro em torno de mim, ou antes em mim proprio, as combinações de acontecimentos ou de tons que podem ser mais proprios para crear a sensação desejada.

Pensei muitas vezes no interesse que teria um artigo, escripto por qualquer auctor, que quizesse, quero dizer, que pudesse contar, passo a passo, desde o principio até ao fim, a marcha progressiva de uma das suas composições. Não posso explicar a razão por que nunca se apresentou ao publico um trabalho n'este genero mas parece-me que o motivo mais poderoso d'essa lacuna litteraria é a vaidade dos auctores. Muitos escriptores, principalmente os poetas, gostam de dar a entender que as suas composições nascem de uma especie de frenesi subtil ou de intuição extatica, e estremeceriam de terror á idéa de auctorisar o publico a lançar um golpe de vista por detraz da scena, e a contemplar os laboriosos e indecisos embriões do pensamento; a verdadeira decisão tomada no ultimo momento, a idéa tantas vezes entrevista n'um relampago e tanto tempo refractaria a deixar-se vêr em plena luz, o pensamento plenamente amadurecido e repellido com desespero como impossivel, a escolha prudente e o refugio, os riscos dolorosamente traçados sobre o que está escripto e as interpolações; n'uma palavra, a rodagem e as correntes, os *trucs* para a mudança de scenario, as escadas e os alçapões, as pennas de gallo, o carmim, as moscas e toda a caracterisação que, em noventa e nove casos por cem, constituem o apanagio e o natural do *histrião litterario*.

Além de que, sei que á maior parte das vezes o auctor não se acha em circumstancias de retrogradar, directamente, pelo caminho que o conduziu ao desenlace da sua obra. Em geral, as idéas, tendo surgido de cambulhada, fôram perseguidas e esquecidas do mesmo modo.

Pela minha parte, não tenhoa repugnancia de que agora falei, nem acho a menor difficuldade em me lembrar da marcha progressiva de todas as minhas

composições; e, visto que o interesse de uma tal analyse ou reconstrucção, que considerei como um *desideratum* em litteratura, é perfeitamente independente de todo o interesse real supposto no objecto analysado, não me accusarão de offender as conveniencias desmascarando o *modus operandi*, graças ao qual eu poude construir uma das minhas proprias obras. Escolhi o *Corvo* por ser uma obra geralmente conhecida.

O meu desígnio é demonstrar que ponto algum da composição pode ser attribuido ao acaso ou á intuição, e que a obra caminhou, passo a passo, para a sua solução, com a precisão e a logica rigorosa de um problema mathematico.

Pômos de parte, como não dependendo directamente da questão poetica, a circumstancia, ou, se quizerdes, a necessidade d'onde nasceu a intenção de compôr um poema que satisfizesse ao mesmo temro o gosto popular e o gosto critico.

E' pois a partir d'esta intenção que começa a minha analyse.

A consideração primordial foi a da dimensão. Se a composição é demasiado longa para se ler de uma assentada, é preciso resignarmos-nos a desistir do effeito, prodigiosamente importante, que resulta da unidade da impressão; porque, se é preciso dividir, então interpõem-se os negocios do mundo, e tudo o que nós chamamos o conjuncto, a totalidade, está perdido! Mas, visto que *cæteris paribus*, nenhum poeta deve privar-se de tudo o que pode concorrer para o bom exito do seu desígnio, temos ainda a examinar se a extensão pode offerecer-nos alguma vantagem, em compensação do prejuizo, que resulta da perda da unidade. Eu digo que não. O que nós chamamos um poema longo não é, na realidade, senão uma successão de poemas curtos, quero di-

zer de efeitos poeticos e breves. Um poema não é poema senão quando nos eleva a alma, proporcionando-lhe uma excitação intensa. Ora, todas as excitações intensas são de curta duração; é isto uma condição psychologica. Eis a razão por que a metade do *Paraizo perdido* é pura prosa, apenas: uma serie de excitações poeticas, *inevitavelmente* semeiadas de depressões correspondentes, toda a obra sendo privada, por causa do seu excessivo tamanho, d'este elemento artistico, tão singularmente importante: totalidade ou unidade de effeito.

E' portanto evidente que, no tocante á dimensão, ha um limite positivo para todas as obras litterarias, que vem a ser o limite de uma unica *sessão*. Comtudo, ha certa ordem de composições em prosa que não exigem a unidade e nas quaes póde haver mesmo uma vantagem em ultrapassar o limite da unidade. Mas um poema não o deve nunca ultrapassar. Mesmo n'este limite, a extensão do poema deve achar-se em relação mathematica com o seu merecimento, quero dizer, com a elevação ou excitação que elle comporta; ou, n'outros termos, com a quantidade de verdadeira sensação poetica que elle póde produzir nas almas. Esta regra não admite senão uma condição restrictiva: é que certa quantidade de duração é absolutamente indispensavel para a producção de qualquer effeito,

Tendo bem presentes no espirito estas considerações, assim como certo gráo de excitação que eu não collocava acima do gosto popular nem tambem abaixo da critica, concebi primeiro a idéa do comprimento que convinha ao meu poema projectado; um comprimento de cem versos, pouco mais ou menos. E effectivamente não lhe dei senão cento e oito.

Depois, o meu pensamento applicou-se á escolha de uma impressão ou de um effeito a produzir; e cabe

aqui observar que, através deste labor de construção, conservei sempre em mira o designio de tornar a obra *universalmente* apreciavel. A demonstração de um ponto sobre o qual insisti muitas vezes, a saber, que o Bellê é o unico dominio legitimo da poesia, levar-me-ia muito longe do meu assumpto immediato. Direi comtudo algumas palavras para a elucidação do meu verdadeiro pensamento, que alguns amigos meus tiveram a phantasia de desfigurar. O mais intenso, o mais puro e o mais elevado de todos os prazeres só se acha, na minha opinião, na contemplação do Bello. Quando os homens falam de Belleza, não é precisamente a uma qualidade que elles se referem, mas a uma impressão, a esta violenta e pura elevação — não da intelligencia nem do coração — mas na alma, que eu já descrevi e que é o resultade da contemplação do Bello. Designo a Belleza como o dominio da poesia, porque é uma regra evidente da arte, que os effeitos devem necessariamente nascer de causas directas e que os objectos devem ser conquistados pelos meios mais apropriados á conquista dos mesmos objectos — homem algum tendo nunca ousado negar que a singular elevação, a que me refiro, está mais facilmente ao alcance da poesia. Ora, o objecto Verdade, ou satisfação da intelligencia e o objecto Paixão, ou excitação do coração, são — posto que estejam tambem, até certo ponto, ao alcance da poesia — muito mais facéis de attingir pelo meio da prosa. Em summa, a Verdade reclama uma precisão e a Paixão uma familiaridade (os caracteres verdadeiramente apaixonados comprehender-me-ão) absolutamente contrarias a este especie de belleza, que não é mais, torno a dizel-o, de que a excitação ou o delicioso arroubamento da alma.

De tudo o que acabo de dizer, não se segue de modo

nenhum que a paixão, ou mesmo a verdade, não possam ser introduzidas, e até com proveito, n'um poema; ellas podem servir para elucidar ou augmentar o effeito geral, como as dissonancias na musica, por contraste. Mas o verdadeiro artista fará sempre o mais possivel, primeiro por as reduzir a um papel favoravel ao fim principal que se pretende, e depois por envolvel-as, d'alguma maneira, n'essa nuvem de belleza, que é a atmospheria e a essencia da poesia.

Olhando, por conseguinte, o Bello como a minha provincia, disse commigo mesmo : qual é o *tom* da sua mais alta manifestação? Ora, a experiencia humana confessa que esse *tom* é o da tristeza. Toda a belleza, seja de que especie fôr, no seu desenvolvimento supremo, impelle inevitavelmente ás lagrimas uma alma sensivel. A melancolia é o mais legitimo de todos os tons poeticos.

A dimensão, o dominio e o tom estando assim determinados, comecei a procurar, pela via da inducção ordinaria, alguma curiosidade artistica e interessante, que pudesse servir-me como de chave na construcção do poema; algum eixo sobre o qual pudesse girar toda a machina. Meditando cuidadosamente sobre todos os effeitos da arte, conhecidos, ou mais propriamente sobre todos os meios de *effeito* (tomando a palavra no sentido scenico) não podia deixar de vêr, no mesmo instante, que nenhum tinha sido mais geralmente empregado que o do *estribilho*. A universalidade do seu emprego bastava para me convencer do seu valor intrinseco e poupar-me a necessidade de o analysar. Não o considere, portanto, senão na qualidade de susceptivel de aperfeiçoamento, e depressa vi que jazia ainda no estado primitivo.

Tal como se usa vulgarmente, o estribilho não só é limitado aos versos lyricos, mas ainda o vigor da im-

pressão, que deve produzir, depende do poder da monotonia no som e no pensamento. O prazer que elle nos proporciona, é tirado unicamente da sensação da identidade de repetição.

Mas eu resolvi variar o effeito, para o augmentar, ficando geralmente fiel á monotonia do som e alterando continuamente a do pensamento; isto é, imaginei produzir uma serie continua de effeitos novos, por uma serie de applicações variadas do estribilho, deixando o estribilho, em si, quasi sempre invariavel.

Estes pontos estabelecidos, occupei-me da qualidade do meu estribilho. Visto que a sua applicação devia ser frequentemente variada, está claro que este estribilho devia ser breve; porque seria quasi impossivel variar frequentemente as applicações de uma phrase longa. A facilidade da variação devia estar, naturalmente, na proporção da brevidade da phrase. Esta consideração conduziu-me logo a tomar como o melhor estribilho uma palavra só...

Então agitou-se a questão relativa ao character d'essa palavra. Tendo determinado, no meu espirito, que haveria um estribilho, a divisão do poema em estancias era como um corollario necessario, o estribilho formando a conclusão de cada estancia; e esta conclusão, para ter força, devia ser sonora e susceptivel de uma emphase prolongada. Taes considerações levaram-me a escolher o o longo, por ser esta a vogal mais sonora, associado com o r, por ser esta a consoante mais vigorosa.

O som do estribilho uma vez bem resolvido, tornava-se preciso escolhier uma palavra que encerrasse esse som e que, ao mesmo tempo, estivesse o mais possivel de accordo com a melancolia que eu adoptara como tom geral do poema. Em semelhante busca, era quasi impossivel não dar com a palavra *nevermore* (jámais). Na rea-

lidade, foi a primeira que se me apresentou ao espirito.

O *desideratum* seguinte foi : Qual será o pretexto para o uso continuo da palavra *jámais*? Observando a difficuldade de achar uma razão plausivel e sufficiente para esta repetição continua, não deixei de notar que a difficuldade surgia unicamente da idéa concebida, que aquella palavra, tão teimosa e monotonamente repetida, devia ser proferida por um ser *humano*; que, em summa, a difficuldade consistia em conciliar esta monotonia com o exercicio da razão, na creatura encarregada de repetir a palavra. Então surgiu-me a idéa de uma creatura irracional, comtudo dotada do uso da palavra e naturalmente o papagaio foi o primeiro de que me lembrei; mas este foi immediatamente substituido por um corvo, como sendo um animal egualmente dotado da palavra e infinitamente mais de accordo com o *tom* desejado.

Eu chegára pois, emfim, á concepção de um corvo (um corvo, passaro de mau agouro, repetindo teimosamente a palavra *jámais*, no fim de cada estancia, n'um poema melancolico e, pouco mais ou menos, com cem versos de extensão. Então, não perdendo nunca de vista o superlativo ou a perfeição em todos os pontos, perguntei a mim mesmo : De todos os assumptos melancolicos, qual é o mais melancolico, segundo a intelligencia *universal* da humanidade?

A Morte — resposta inevitavel.

E quando é este assumpto, o mais melancolico de todos, tambem o mais poetico?

Depois do que expliquei assaz amplamente, pôde-se adivinhar a resposta : E' quando se acha intimamente ligado com a belleza. Por exemplo, a morte de uma mulher bonita é, incontestavelmente, o assumpto mais poetico do mundo; e está egualmente fóra de duvida que a

bocca mais bem escolhida para desenvolver semelhante thema, é a de um amante privado do seu thesouro.

Não me restava portanto senão combinar estas duas idéas : um amante chorando a sua amada morta e um corvo repetindo continuamente a palavra *jámais*. Era preciso combinal-as, e ter sempre presente ao espirito o designio de variar a applicação da palavra repetida; mas o unico meio possivel para semelhante combinação, era imaginar um corvo servindo-se da palavra de que se trata, em resposta ás perguntas do amante.

Foi então que eu vi toda a facilidade que se me offercia para o effeito do qual o meu poema estava suspenso, quero dizer o effeito a produzir pela variedade na applicação do estribilho. Vi que podia fazer pronunciar ao amante a primeira pergunta á qual o corvo devia responder : *Jámais*; que podia fazer d'essa primeira pergunta uma especie de reflexão banal; da segunda alguma cousa menos banal; da terceira alguma cousa ainda menos banal, e assim successivamente, até que, por fim, o amante tirado da sua apathia pelo caracter melancolico da palavra, pela sua repetição frequente e pela lembrança da reputação sinistra do passaro, que a pronuncia, se achasse tomado de uma excitação supersticiosa e começasse loucamente a fazer perguntas de um caracter mais sério; perguntas apaixonadamente interessantes para a sua alma, meio feitas por um sentimento de superstição, meio n'este desespero singular, que impelle uma alma á voluptuosidade da tortura; não sómente por acreditar no caracter prophetico ou demoniaco do passaro, (que a razão lhe demonstra não fazer mais do que repetir uma lição apprendida) mas porque experimenta uma voluptuosidade ffenetica em formular assim as suas perguntas e em receber pelo esperado *jámais* um golpe repetido, tanto mais gostoso

quanto lhe é insupportavel. Vendo pois esta facilidade que se me offercia, ou, para melhor dizer, que se impunha a mim no progresso da minha construcção, formulei primeiro a pergunta final, a pergunta suprema, á qual o *Jámais* devia, em ultimo logar, servir de resposta; esta pergunta á qual o *Jámais* faz a réplica mais desesperada, mais repleta de agonia e de horror que se pôde conceber. Assim, posso dizer que o meu poema começou pelo fim, como deveriam começar todas as obras de arte; porque foi justamente n'este ponto das minhas considerações preparatorias, que pousei, pela primeira vez, a penna sobre o papel, para compôr a estancia seguinte:

“Propheta, disse eu, ser de desgraça! passaro ou demonio, comtudo propheta! Pelo céo, que nos cobre, pelo Deus, que ambos adoramos, dize a esta alma esmagada pela dôr, se um dia, no paraizo longinquo, ella poderá abraçar uma donzella santa, preciosa e deslumbrante, a quem os anjos chamam Leonor?

O corvo disse: “*Jámais!*”

Foi sómente então que compuz esta estancia, primeiro para estabelecer o gráo supremo, e poder assim, mais á minha vontade, variar e graduar, conforme a sua serieidade e sua importancia, as perguntas precedentes do amante; e, em segundo logar, para estabelecer definitivamente o rythmo, o metro, o comprimento e a fórmula geral da estancia, assim como graduar as estancias, que deviam preceder, de modo que nenhuma pudesse ultrapassar esta ultima em effeito rythmico. Se, no trabalho de composição que se seguiu, eu tivesse feito a imprudencia de construir estancias mais vigorosas, ter-me-ia applicado, sem escrupulo, a enfraquecel-as, de maneira a não contrariar o effeito do *crescendo*.

Cabe agora collocar aqui algumas palavras sobre a versificação. O meu primeiro fim era, como sempre, a origi-

nalidade. E' uma das cousas mais inexplicaveis o ponto a que se tem desprezado a originalidade na versificação. Admittindo que haja pouca variedade possivel no rythmo puro, comtudo é evidente que as variedades possiveis do metro e da estancia são absolutamente infinitas; não obstante, durante seculos, ainda ninguem fez ou tentou fazer cousa alguma de original em versificação.

O facto é que a originalidade (excepto nos espiritos de uma força verdadeiramente insolita) está longe de ser, como muita gente suppõe, uma questão de instincto ou de intuição. Geralmente para a achar, é preciso procural-a laboriosamente, e, sem que ella seja um merecimento positivo da mais elevada categoria, é antes o espirito da negação que o espirito da invenção, que nos fornece os meios de a attingir.

E' escusado dizer que não tenho pretensões a apresentar originalidade alguma no rythmo ou no metro do Corvo. O primeiro é trochaico; o segundo compõe-se de um verso octometro acatalectico, alternando com um catalectico, o qual, repetido, se converte em estribillo no quinto verso, e termina por um tétametro catalectico. Para falar sem pedantismo, os pés empregados, que são trocheus, consistem n'uma syllaba longa seguida de uma breve. O primeiro verso da estancia tem oito pés d'esta especie; o segundo sete e meio; o quinto egualmente sete e meio; o sexto, tres e meio. Ora, cada um d'estes versos, tomado isoladamente, tem sido varias vezes empregado. A originalidade do Corvo consiste em tel-os combinado na mesma estancia; porque nunca, até aqui, alguem tentou fazer cousa que se parecesse sequer com esta combinação original, cujo effeito é augmentado por alguns outros effeitos desusados e absolutamente novos tirados de uma applicação mais extensa da rima e da alliteração.

O ponto seguinte a considerar era o meio de pôr em comunicação o amante e o corvo; o primeiro grão d'esta questão era naturalmente o logar. Parece que a primeira idéa que devia apresentar-se n'este caso, era uma floresta ou uma planicie; mas, na minha opinião, para o effeito de um incidente isolado é absolutamente necessario um espaço estreito e limitado: Esta particularidade dá á scena a energia que uma moldura acrescenta a uma pintura, e tem a incontestavel vantagem moral de concentrar a attenção n'um espaço pequeno, vantagem que, escusado é dizel-o, não deve confundirse com a que se pôde tirar da simples unidade de logar.

Resolvi pois collocar o amante no seu quarto — um quarto para elle sagrado pelas lembranças d'aquella que alli viveu — conforme as idéas que expliquei sobre a Belleza, como sendo a unica these verdadeira da Poesia; o quarto apparece-nos ricamente mobilado.

O logar assim determinado, era preciso agora introduzir o passaro, e a idéa de o fazer entrar pela janella era inevitavel.

A idéa do amante suppôr, primeiro, que o esvoaçar do passaro de encontro á janella é uma pancada na porta, nasceu do meu desejo de augmentar, pela espera, a curiosidade do leitor, e tambem de introduzir o effeito incidental da porta aberta de par em par pelo amante, que não acha senão trevas e que, desde então, pode adoptar, em parte, a idéa phantastica de que é o espirito da sua amante que veio bater-lhe á porta.

Fiz a noite tempestuosa, primeiro para explicar a circumstancia d'este corvo procurando hospitalidade, depois para crear o effeito do contraste, com a tranquillidade material do quarto.

Do mesmo modo, fiz pousar o passaro sobre o busto de Pallas, para crear o contraste entre o marmore e a

plumagem; adivinha-se que a idéa do busto foi suggerida unicamente pelo passaro; o busto escolhido foi o de Pallas, primeiro pela sua relação intima com a erudição do amante, depois por causa da sonoridade da palavra Pallas.

No meio do poema, aproveitei igualmente da força do contraste; com o fim de preparar a impressão final. Assim, dei á entrada do passaro uma fórma phantastica, ligeiramente comica, tanto pelo menos como o assumpto podia admittil-o. Elle entra com um bater de asas tumultuoso.

“ *Sem me fazer uma simples cortezia, adeantou-se, com a importancia de um lord ou de uma lady, e empoleirou-se n’um busto de Pallas, collocado justamente por cima da porta do meu quarto. ,,*

Nas duas estancias seguintes o designio torna-se ainda mais manifesto.

A gravidade do seu aspecto e a severidade da sua phisionomia fizeram sorrir a minha triste imaginação : “ Embora a tua cabeça, disse-lhe eu, não tenha pópa nem cimeira, não és por certo um passaro ordinario. Dize-me qual o teu nome senhorial nas costas da noite plutonica! ,, O corvo disse : “ *Jámais! ,,*

Fiquei pasmado de vêr aquelle desengraçado volátil comprehender assim a palavra, posto que a sua resposta não tivesse um grande senso, nem respondesse de modo algum á minha pergunta : porque é preciso confessar que nunca foi dado a um homem vivo vêr, por cima da porta do seu quarto, um passaro ou um bicho, sobre um busto esculpido, com semelhante nome de *Jámais*.

Tendo preparado o effeito do desfecho, abandonei im-

mediatamente o tom phantastico e tomei o da mais profunda seriedade : esta mudança de tom começa com o primeiro verso da estancia seguinte á ultima citada :

“ Mas o corvo, solitariamente empoleirado no busto placido, não proferiu, etc. ,,

A partir d'este momento, o amante deixa de gracejar; já não acha nada de phantastico na conducta do passaro. Chama-lhe *triste, desengraçado, sinistro, magro e agoureiro passaro d'outros tempos* e sente o seu *olhar ardente* abraza-o até ao *intimo do coração*. Esta evolução de pensamento, esta imaginação no amante, tem por fim preparar uma analogia no leitor, trazendo-lhe o espirito a uma situação favoravel para o desfecho, que agora vae chegar o mais rapida e directamente possivel.

Com o desfecho propriamente dito, enunciado pelo *Jámais* do corvo, em resposta á ultima pergunta do amante, (se achará no outro mundo a sua bem amanda?) o poema na sua phase mais clara, mais natural — a de um simples conto — póde considerar-se como acabado. Até aqui estamos nos limites do explicavel, do real. Ha um corvo que aprendeu, em rotina, a pronunciar a palavra *Jámais*. Tendo escapado de casa do dono, eil-o reduzido, á meia-noite, pela violencia da tempestade, a pedir um abrigo á primeira janella onde vê brilhar ainda luz; a janella de um estudante meio engolfada nos livros, meio nas lembranças de uma amada morta. A janella tendo-se aberto, ao bater das suas azas, o passaro vae empoleirar-se no logar que lhe parece mais fóra do alcance immediato do estudante; o qual, achando graça no incidente e nas maneiras estranhas do visitador, pergunta-lhe o nome, por brincadeira, sem esperar resposta. O corvo, interrogado, responde com a sua palavra habitual:

Jámais, palavra que acha immediatamente um écho melancólico no coração do estudante. Então este, exprimindo em voz alta os pensamentos que a circumstancia lhe suggere, é de novo impressionado pela repetição do *Jámais*. Primeiro, entrega-se ás conjecturas que lhe inspira aquelle caso extraordinario; mas, pouco a pouco, é levado por uma tendencia natural do coração humano a torturar-se a si proprio e tambem, por uma especie de superstição, a fazer ao passaro perguntas escolhidas de tal sorte que a resposta esperada, o intoleravel *Jámais*, deve trazer-lhe uma ceifa horrorosa de desespero e de dor. E'n'esta tendencia do coração humano a torturar-se a si proprio, levada ao ultimo limite, que o conto acha a sua conclusão natural; e, até aqui, não apparece cousa alguma que ultrapasse os limites da realidade.

Mas, os assumptos trabalhados d'este modo, por muita habilidade que apresentem, por grande luxo de incidentes que ostentem, têm sempre uma aspereza, uma nudez, que impressiona desagradavelmente o olhar de um artista. Ha duas cousas que se requerem eternamente: A primeira é certa somma de complexidade, ou, mais propriamente, de combinação; a segunda, certa quantidade de espirito suggestivo, alguma cousa como uma corrente subterranea de pensamento, não visivel, indefinido. E' esta ultima qualidade que dá a uma obra de arte este ar opulento, esta apparencia distincta, que temos muitas vezes a simplicidade de confundir com o ideal. E' o excesso na expressão do *sentido*, que não deve ser senão *insinuado*, é a mania de fazer da corrente subterranea de uma obra a corrente visivel e superior, que muda em prosa, e em prosa da especie mais baixa, a pretendida poesia dos chamados transcendentalistas.

Baseado n'estas opiniões, accrescentei as duas estancias que fecham o poema. A sua qualidade suggestiva

sendo destinada a penetrar todo o conto que as precede. Pela primeira vez apparece no verso a corrente subterranea :

“ Arranca o teu bico do meu coração e precipita o teu espectro para bem longe d'este quarto! ,, O corvo disse :
“ Jámais. ,,

As palavras *do meu coração* encerram a primeira expressão metaphorica do poema. Estas palavras com a resposta *Jámais* dispõem o espirito a procurar um sentido moral no conto desenvolvido anteriormente. O leitor começa então a considerar o corvo como emblematico; mas é só no ultimo verso da ultima estancia que lhe é dado vêr distinctamente a intenção de fazer do corvo o symbolo da *Lembrança funebre eterna*.

“ E, immutavel, continua sempre empoleirado no pallido busto de Pallas, por cima da porta do meu quarto. Os seus olhos, com um brilho demoniaco, parecem pensativos; a luz da minha lampada projecta a sua sombra sobre o solo, e além do circulo d'esta sombra, que jaz fluctuante sobre o solo, a minha alma não poderá clevar-se — jámais! ,,

•

•

PEQUENA DISCUSSÃO COM UMA MUMIA

O symposium da noite precedente tinha-me estafado os nervos. Doía-me horrorosamente a cabeça, e eu cahia de sommo. Em vez de passar a noite fóra, como fazia tenção, pensei que seria melhor ceiar e metter-me immediatamente na cama.

Uma ceia ligeira, já se vê. Aprecio os assados temperados com queijo; mas comer mais de uma libra de carne, á noite sobretudo, não é prudente. Todavia, até ao numero dois não póde haver objecção material, e, na realidade, entre dois e tres não ha senão a differença de uma unidade. Aventurei-me talvez até quatro; minha mulher diz que foram cinco, mas evidentemente foi confusão de duas cousas bem distinctas. O numero abstracto cinco, estou disposto a admittil-o; quanto ao concreto, só referindo-se ás garrafas de *Brown Stout*, sem cujo adubo os assados com queijo são difficeis de digerir.

Acabada aquella refeição frugal, puz o meu barrete de dormir, com a esperanza serena de o gosar até ao dia seguinte ao meio-dia, pelo menos; deitei a cabeça no travesseiro, e, graças á tranquillidade de uma consciencia irreprehensivel, immediatamente adormeci.

Mas, o homem põe e Deus dispõe.

Ainda não tinha começado o meu primeiro somno,

quando uma furiosa campainhada retumbou á porta da rua, seguida de argolladas impacientes, que me accordaram em sobresalto. Um minuto depois, minha mulher mettia-me pelos olhos um bilhete do meu velho amigo, o doutor Ponnonner, que me dizia :

— Largae tudo, meu caro amigo, e vinde á minha casa logo que tiverdes recebido esta. Vinde participar da nossa alegria. Emfim, graças a uma teimosa diplomacia, arranquei aos directores do *City Museum* o consentimento para o exame da mumia, (sabeis de que mumia quero falar). Tenho licença de a desenfaixar, de a abrir até se o julgar conveniente. Só assistirão meia duzia de amigos; escusado é dizer que entraes no numero. A mumia já está em minha casa. Começaremos a desembrollal-a ás onze horas da noite.

Todo vosso,

Ponnonner.

Antes de chegar á assignatura, já o somno se me tinha ido embora. Saltei da cama n'um estado de verdadeiro delirio, empurrando tudo o que me cahia debaixo das mãos; vesti-me com uma ligeireza milagrosa e dirigi-me sem mais demora á casa do doutor.

Ahi, achei reunida uma sociedade muito animada. Esperavam-me com grande impaciencia para começar o exame da mumia, a qual estava já extendida sobre a mesa da sala de jantar.

Era uma das duas mumias que o capitão Arthur Sabretash, primo de Ponnonner, trouxera havia alguns annos do tumulo de Eleithias, nas montanhas da Libya, um pouco acima de Thebas, nas margens do Nilo. N'aquelle logar, os tumulos, posto que menos ricos que as sepulturas de Thebas, são muito mais interessantes, por isso que encerram maior numero de personagens illustres do

mundo egypcio. A sala d'onde havia sido tirado o nosso especimen, passava por muito rica em documentos d'aquella natureza; as paredes eram completamente cobertas de pinturas a fresco e baixos relevos; numerosas estatuas, vasos e um mosaico de um desenho magnifico testemunhavam a enorme fortuna dos defuntos.

Aquella raridade havia sido depositada no *Museum*, exactamente no mesmo estado em que o capitão Sabretash a encontrára; quero dizer que o caixão estava ainda intacto.

Durante oito annos, ficára assim exposta á curiosidade publica, só pelo lado exterior. Tinhamos pois a mumia completa. Quem sabe quanto é raro chegar aos nossos paizes essas antiguidades preciosas, avaliará se tinhamos ou não razão de nos felicitar.

Approximando-me da mesa, vi uma especie de grande arca, oblonga, mas não em fórma de esquite, talvez com sete pés de comprimento, dois e meio de profundidade e pouco mais ou menos tres de largo. A principio, cuidámos que era de pau de sycomoro; mas cortando-a, reconhecemos que era de papelão ou, mais propriamente, de uma massa dura, feita de papyro. As pinturas grosseiras, que a ornavam, representavam scenas funebres e diversos assumptos lugubres, entre os quaes serpenteava uma sementeira de caracteres hieroglyphicos, dispostos em todos os sentidos, significando evidentemente o nome do defunto. Por felicidade, estava alli M. Gliddon, que nos traduziu, sem difficuldade, os signaes, que eram simplesmente phonicos e compunham a palavra Allamistakeo.

Tivemos algum trabalho para abrir a caixa sem a estragar; e quando chegámos a conseguil-o, encontrámos uma segunda, essa então em fórma de esquite e de dimensões muito menores do que a caixa exterior,

no resto exactamente semelhante. O intervallo entre as duas estava cheio de resina, que tinha até certo ponto deteriorado as côres da caixa interior.

Depois de termos aberto esta (o que fizemos com facilidade) chegámos a uma terceira, egualmente em fôrma de esquite, não differindo da segunda senão na materia que era cedro e exhalava ainda um perfume fortemente aromatico, caracteristico d'esta madeira. Entre a segunda e a terceira caixa não havia intervallo, esta adaptando-se exactamente áquella.

Desfazendo a terceira caixa, descobrimos emfim o corpo. Esperavamos encontral-o como o costume, envolto em faixas ou ataduras de linho; mas, em logar d'isso, achámos uma especie de bainha, feita de papyro, revestida de uma camada de gesso, grosseiramente pintada. As pinturas tinham por assumpto principal os suppostos deveres da alma no outro mundo e a sua apresentação ás differentes divindades. Depois, uma quantidade de figuras humanas, provavelmente retratos de familia. Da cabeça aos pés, extendia-se uma inscripção vertical, em hieroglyphos phonicos, dizendo outra vez o nome e os titulos do defundo e os nomes e os titulos dos paes.

Tirámos o corpo da bainha. A' roda do pescoço tinha um collar formado por pedaços de vidro cylindricos, de differentes côres, figurando imagens de divindades, entre outras a imagem do Escaravelho com o globo alado. A cintura era adornada por um cinto semelhante.

As carnes estavam perfeitamente conservadas e sem cheiro sensivel. A côr era avermelhada; a pelle rija, lisa e brilhante. Os dentes e os cabellos pareciam em bom estado. Os olhos (pelo menos assim se nos afigurou) tinham sido tirados e substituidos por olhos de vidro muito bonitos, semelhando maravilhosamente a vida, salvo a

fixidez demasiado pronunciada. Os dedos e as unhas estavam brilhantemente dourados.

Da côr avermelhada da epiderme, M. Gliddon inferiu que o embalsamamento havia sido praticado unicamente com asphalto; mas tendo raspado a superficie com um instrumento de aço e lançado ao fogo o pó assim obtido, sentimos exhalar-se um perfume de camphora e de outras substancias aromaticas.

Examinámos cuidadosamente o corpo para descobrir as incisões habituaes, por onde se extráem as entranhas; mas, com grande surpresa nossa, não descobrimos vestigios de incisão. N'esse tempo, nenhum de nós sabia ainda que não é raro encontrar mumias inteiras e não incisadas.

Ordinariamente o cerebello despejava-se pelo nariz, os intestinos por uma incisão que se abria no flanco. O corpo era então raspado, lavado e salgado. Deixava-se assim durante algumas semanas, depois começava propriamente a operação do embalsamamento.

Como não se podia achar vestigio algum de abertura, o doutor Ponnonner preparava os instrumentos de dissecação, quando eu fiz observar que já passava das duas horas.

Sobre isto, concordámos em adiar o exame interior para a noite seguinte. Iamos já separar-nos, quando alguém teve a idéa de fazer uma ou duas experiencias com a pilha de Volta.

A applicação da electricidade a uma mumia de tres ou quatro mil annos, pelo menos, era uma idéa, senão muito sensata, em compensação assás original; apanhámol-a no ar.

A fim de executar esse bello projecto, no qual entrava um decimo de seriedade e nove bons decimos de brinca-

deira, dispuzemos uma bateria electrica no gabinete do doutor e transportámos para lá o egypcio.

Não foi sem grandes esforços que chegámos a pôr a nú uma parte do musculo temporal, que parecia estar um pouco menos rijo que o resto do corpo, mas que, naturalmente, como já esperavamos, não deu o menor indício de susceptibilidade galvanica, quando o puzemos em contacto com o fio. Esta primeira experiencia pareceu-nos decisiva. Rindo de boa vontade do nosso proprio absurdo, despedimo-nos e nos iamos retirar; mas olhando casualmente para a mumia, descobri nos seus olhos alguma cousa que me obrigou a consideral-a attentamente. Os globos que tinhamos julgado ser de vidro, e que primitivamente se distinguiam por uma fixidez singular, estavam agora tão bem fechados dentro das palpebras que apenas deixavam vêr uma pequena parte da tunica albuginia.

Áquella descoberta soltei um grito de espanto, que chamou a attenção dos meus collegas sobre o factó, agora evidente para todos.

Não direi que ficasse assustado com o phenomeno, porque a palavra « assustado » não era precisamente a palavra propria. Comtudo, póde ser que, sem a minha provisão de Brown Stout, talvez me tivesse sentido ligeiramente inquieto. Quanto ás outras pessoas da sociedade, nem mesmo pensaram em esconder o seu terror. O doutor Ponnonner mettia dó; M. Giddon, não sei por que processo particular, havia-se tornado invisivel; M. Silk Buckingham, esse, creio que não terá a audacia de negar que se metteu debaixo da mesa.

Passado o primeiro abalo de espanto, resolvemos tentar immediatamente nova experencia. As nossas operações foram então dirigidas ao artelho do pé direito. Fizemos um golpe acima da região do osso *sesamoideum*

pollicis pedis, até encontrarmos o musculo *abductor*. Applicámos de novo o fluido aos nervos descobertos, eis se não quando, a mumia, com um movimento mais vivo que a propria vida, levantou o joelho á altura do abdomen; depois, endireitando a perna com uma força inconcebível, atirou um pontapé ao doutor Ponnonner, que o despediu pela janella fôra, com a velocidade de um projectil de catapulta.

Precipitámo-nos em massa para a rua, a fim de recolher os rostos mutilados do desgraçado gentleman; mas tivemos a felicidade de o encontrar já na escada, subindo com uma ligeireza extraordinaria, fervendo em ardor philosophico, e mais que nunca convencido da necessidade de proseguirmos nas nossas experiencias com todo o zelo e rigor.

Foi pelo seu conselho e vontade que fizemos immediatamente ao egypcio uma profunda incisão na ponta do nariz. Então o doutor, deitando-lhe a mão com energia, esmurrou-o violentamente de encontro ao fio metallico.

Moral e physicamente, metaphorica e litteralmente, o effeito foi electrico. Primeiro, o cadaver abriu os olhos, piscando-os com magica celeridade; depois espirrou; em seguida, sentou-se; então cerrou os punhos e approximou-os do nariz de M. Ponnonner; emfim, voltando-se para M. Gliddon e Buckingham, dirigiu-lhes em puro egypcio o discurso seguinte :

— Devo dizer-vos, gentlemen, que estou tão maguado como surprehendido pela vossa conducta. Da parte do doutor Ponnonner, não havia mais que esperar. E' um pobre toleirão que nada sabe de cousa alguma; tenho dó d'elle, coitado, e por isso perdôo-lhe. Mas vós, Mister Gliddon! e principalmente vós, Silk, que residistes tanto tempo no Egypto, a ponto que pareceis ter nascido nas

nossas terras; que vivestes connosco e apprendestes a falar a nossa lingua como a vossa propria; vós, que eu me tinha habituado a considerar como o amigo mais fiel das mumias; de vós, digo, esperava uma conducta mais correcta. Que devo pensar da vossa impassivel tranquillidade, ao vêr-me tratado de semelhante modo? Que devo suppôr, quando permittis que Pedro e a Paulo me despojem dos meus esquifes e das minhas vestes, para me expôr a este inhospito clima de gelo? Debaxo de que ponto de vista, devo, emfim, considerar a vossa acção de ajudar e incitar este miseravel velhaco do doutor Ponnonner a puxar-me pelo nariz?

A maior parte da gente vae cuidar agora que, ao ouvir semelhante discurso, cada um de nós sahiu pela porta, ou que tivemos ataques de nervos, ou ainda que cahimos logo desmaiados. Todas essas tres cousas eram provaveis e todas tres bons caminhos a seguir, e, palavra de honra, não sei como não seguimos nenhum d'elles. Mas talvez que a verdadeira razão do contrario esteja no proprio espirito do seculo, que procede inteiramente segundo a lei dos contrarios, considerada como solução de todas as antinomias e como fusão de todas as contradictorias. Ou talvez, no fim de contas, fosse unicamente porque as maneiras naturaes e familiares da mumia tirassem ás suas pãlavras todo o poder atterrador. Fosse lá por que fosse, os factos são positivos: nem um dos membros da sociedade mostrou medo, ou pareceu acreditar que se tivesse passado alli cousa alguma fóra do ordinario.

Quanto a mim, convencido de que tudo aquillo era muito natural, não fiz mais do que me desviar um pouco do alcance da mão do egypcio. O doutor Ponnonner metteu as mãos nas algibeiras, olhou para a mumia com um ar de despeito e fez-se vermelho como um pimentão. M. Giddon, ora puxava o bigode, ora concertava o col-

larinho. M. Buckingham baixou a cabeça e começou a roer as unhas da mão direita.

O egypcio olhou para elle durante alguns minutos, com um rosto severo, e por fim disse-lhe, em ar de chacota :

— Então, Buckingham, ficaes calado? Não ouvistes a minha pergunta? Vamos, homem, tira os dedos da bocca!

A'quellas palavras, Buckingham estremeceu, tirou da bocca os dedos da mão direita, mas em compensação metteu os da esquerda na sobredita.

Não podendo obter resposta de Buckingham, a mumia voltou-se para M. Gliddon, com máo humor e perguntou-lhe n'um tom azedo o que queriam d'ella.

M. Gliddon respondeu em phonico, e, se não fosse a ausencia dos caracteres hieroglyphicos nas imprensas americanas, teria muito gosto de transcrever integralmente e em lingua original o seu excellente *speech*.

Cabe agora dizer que toda a conversação subsequente, na qual a mumia tomou parte, foi dita em egypcio primitivo. M. Gliddon e Buckingham, servindo de interpretes para mim e para as mais pessoas da sociedade que não tinham viajado. Aquelles senhores falavam a lingua da mumia com uma graça e uma fluencia admiraveis. Mas havia uma cousa notavel : os dois viajantes (sem duvida por causa da introdução das imagens modernas, perfeitamente novas para a mumia) viam-se ás vezes obrigados a empregar fórmulas sensiveis, para se fazerem entender por aquelle espirito de outro seculo. Por exemplo, uma vez M. Gliddon, não podendo fazer comprehender ao egypcio a palavra *politica*, lembrou-se, com muita felicidade, de desenhar na parede, com um pedaço de carvão, um homemzinho de nariz arrebitado e cotovellos rotos, trepado a um pedestal, com a perna esquerna

entendida para traz, o braço direito lançado para a frente, o punho cerrado, os olhos convulsivamente arregalados para o céu e a bocca aberta com um angulo da noventa grãos.

Da mesma fôrma, M. Buckingham nunca teria chegado a traduzir-lhe a palavra absolutamente moderna whig (chinó), se M. Ponnonner não lhe tivesse suggerido a idéa de tirar o seu, ao que elle annuiu, não sem alguma repugnancia.

Como era natural, o discurso de M. Gliddon versou principalmente sobre os beneficios enormes que a sciencia podia tirar das investigações sobre as mumias, meio subtil de nos justificar dos incommodos que lhe tinhamos causado a ella, mumia Allamistakeo; concluindo (isto foi só uma insinuação) que, visto que todas as questões estavam agora esclarecidas, podia proceder-se ao exame projectado. N'este ponto o doutor Ponnonner preparou os apparatus.

Mas sobre esta ultima suggestão do orador parece que Allamistakeo tinha os seus escrupulos de consciencia. Quanto ao resto, mostrou-se muito satisfeito com a nossa justificação, e, descendo da mesa, veiu dar um aperto de mão a cada um.

Acabada aquella cerimonia, tratámos immediatamente de reparar os damnos produzidos pelo escalpello na pelle de Allamistakeo. Cosemos-lhe a ferida da fonte, ligamos-lhe o pé e pregámos-lhe um quadradinho de taffeté preto na ponta do nariz.

Tendo reparado que o conde (tal era ao que parece o título de Allamistakeo) estremecia de vez em quando (por extranhar o clima, indubitavelmente), o doutor foi logo ao seu guarda roupa buscar um fato, feito no melhor alfaiate, umas calças de tasthan azul celeste, um collete branco de brocado magnifico, uma camisa de

bretanha finissima, uma botas de polimento, um chapéu alto, uma gravata, um par de luvas amarellas, uma bengala e um *lorgnon*. Vimo-nos algum tanto embarçados para adaptar os fatos do doutor ao corpo do egypcio, porque a differença entre as suas alturas estava na razão de um para dois; mas, afinal, quando acabámos de o arranjar, pôde-se dizer que estava bem vestido.

M. Gliddon deu-lhe então o braço, conduzindo-o para uma poltrona, junto ao fogão, enquanto o doutor mandava vir vinho e charutos.

A conversação animou-se. Primeiro, houve uma grande curiosidade relativamente ao facto algum tanto singular de Allamistakeo estar vivo.

— Cuidava, disse Buckingham, que tinheis morrido ha muito tempo!

— Como, replicou o conde muito admirado, tenho apenas setécentos annos. Meu pae quando morreu contava mil, e ainda era um homem valido.

Seguiu-se uma serie de perguntas e de calculos, pelos quaes se veiu a descobrir, que a antiguidade da mumia tinha sido muito erradamente avaliada. Havia cinco mil e cincoenta annos que ella jazia nas catacumbas de Eleittrias.

M. Buckingham continuou :

— Não me referia á idade que tinheis quando vos enterraram; (basta vêr-vos para saber que sois um rapaz) queria falar da immensidade do tempo durante o qual, segundo o vosso proprio testemunho, estivestes de conserva no asphalto.

— No que? perguntou o conde.

— No asphalto.

— Ah! sim, parece-me que sei o que quereis dizer. Com effeito, isso poderia talvez dar o mesmo resultado,

mas no meu tempo não se empregava senão o bichlorureto de mercurio.

— O que devêras nos custa a acreditar, — observou o doutor Ponnonner, é que, tendo morrido e sendo enterado ha cinco mil annos no Egypto, estejaes hoje perfeitamente vivo e com um ar de saúde admiravel.

— Se tivesse morrido n'essa epocha, como dizeis, replicou o conde, é provavel que morto me tivesse deixado ficar; porque vejo que estaes ainda muito atrasados no galvanismo, para poder executar, por meio d'esse agente, uma cousa que nos tempos antigos era absolutamente vulgar. Mas o facto é que eu tinha cahido em catalepsia, e que os meus amigos, julgando-me morto, mandaram-me embalsamar. Creio que conheceis o principio fundamental do embalsamamento...

— Não, não conhecemos.

— Ah! deploravel condição a da ignorancia!

Não posso agora entrar em pormenores sobre o assumpto; mas é indispensavel explicar-vos que, no Egypto, o que se chamava propriamente embalsamar era suspender indefinidamente todas as funcções animaes submettidas ao processo. Sirvo-me do termo animal no seu sentido mais vasto, comprehendendo tanto o ser moral e vital como o ser phísico. Repito que o principio fundamental do embalsamamento consistia, entre nós, em parar immediatamente e suspender para sempre todas as funcções animaes submettidas ao processo. Em resumo, o estado em que o individuo se achava, na occasião do embalsamamento, era o estado em que ficava perpetuamente. Agora, como gózo do privilegio de ter nas veias sangue de Escaravelho, é por isso que fui embalsamado vivo, tal como vêdes presentemente.

— Sangue de Escaravelho! exclamou o doutor Ponnonner

— Sim. O Escaravelho era o emblema, o braço de uma familia nobre, muito distincta e pouco numerosa. Ter nas veias sangue de Escaravelho é simplesmente pertencer á familia que tem por emblema o Escaravelho. Falo figuradamente.

— Mas que relação tem isso como o facto da vossa existencia actual ?

— Esperae. Era costume geral, no Egypto, tirar o cerebello e as entranhas ao cadaver, antes de o embalsamar ; só a raça dos Escaravelhos era isenta d'essa regra. Por conseguinte, se eu não fosse um Escaravelho, ter-me-iam privado do cerebro e dos intestinos, e então teria morrido, porque, sem estas duas visceras, não deve ser muito commodo viver.

— Compreendo, disse M. Buckingham. Então todas as mumias que nos chegam inteiras são provavelmente da raça dos Escaravelhos ?

— Sem duvida nenhuma.

— Julgava, declarou M. Gliddon, a medo, que o Escaravelho era um dos deuses egypcios.

— Um dos *que* egypcios ? exclamou a mumia, levantando-se n'um pulo.

— Um dos deuses, repetiu o viajante.

— Mister Gliddon, pasmo, realmente, de vos ouvir falar assim, disse o conde, tornando a sentar-se. Nunca nenhuma nação do mundo reconheceu mais de um Deus. O Escaravelho, a Ibis, etc., eram, entre nós, o que outras creaturas são entre as outras nações, isto é, intermediarios pelo meio dos quaes prestavamos culto ao Creador, muito augusto para communicar directamente com os homens.

Aqui houve uma pausa. Por fim, M. Ponnonner provocou outra vez a conversação.

— Não é pois improvavel, segundo as vossas explica-

ções, tornou elle, que existam nas catacumbas: proximas ao Nilo, outras mumias, da raça do Escaravelho, em semelhantes condições de vitalidade.

— Decerto, replicou o conde. Todos os Escaravelhos que por acaso fôram embalsamados vivos, estão ainda vivos. Talvez até que algum dos que fôram assim embalsamados de proposito, tenham sido esquecidos pelos seus herdeiros e estejam ainda encerrados nos tumulos.

— Tende a bondade de nos explicar, pedi-lhe eu, o que quer dizer *ambalsamados assim de proposito*?

— Com o maior prazer, respondeu a mumia, depois de ter olhado para mim attentamente, através do seu *lor-non*, porque era a primeira vez que me atrevia a dirigir-lhe a palavra, — com o maior prazer. A duração da vida humana, no meu tempo, regulavapor oito centos annos. Salvo algum accidente extraordinario, poucos homens morriam antes dos seiscentos annos, muito poucos viviam mais de dez seculos; oito seculos eram pois considerados como a vida natural. Depois da descoberta do embalsamamento, tal como vol-o expliquei, lembraram-se os nossos philosophos de que se poderia satisfazer uma curiosidade louvavel e ao mesmo tempo servir consideravelmente os interesses da sciencia, dividindo a duração da vida natural e vivendo-a por vezes. Relativamente á sciencia historica, esta idéa deu grandes resultados. Um historiador, por exemplo, aos cincoenta annos, escrevia um livro com o maior cuidado. Depois, mandava-se embalsamar convenientemente, deixando dito aos seus herdeiros, *pro tempore*, que o resuscitassem passado certo tempo (suppomos quinhentos ou seis centos annos). Quando voltava á vida, depois d'aquelle prazo, achava invariavelmente a sua grande obra convertiba n'uma especie de caderno de notas,

accumuladas ao acaso ; quero dizer n'uma especie de arena litteraria, aberta ás conjecturas contradictorias e ás disputas pessoas de innumerados bandos de commentadores desesperados. Essas conjecturas, esses enigmas, que vinham debaixo do nome de annotações ou correções, tinham tão completamente envolvido, torturado, esmagado o texto que o autor se via afflicto para descobrir o seu proprio livro, no meio de toda aquella confusão. Mas uma vez descoberto, o pobre livro não valia nunca o trabalho que o auctor tivera para o achar. Depois de o tornar a escrever do principio ao fim, havia ainda um trabalho para o historiador, um dever imperioso : era corrigir, segundo a sua sciencia e experiencia pessoas, as tradições do dia, com respeito á epocha em que tinha vivido primitivamente. Ora, este processo, continuado de tempos a tempos por diversos sabios, tinha como resultado impedir a historia de degenerar em pura fabula.

— Perdão, disse o doutor, pousando ligeiramente a mão no braço do egypcio, — perdão. Permittis que vos interrompa ?

— Pois não, senhor, replicou o conde afastando-se um pouco.

— N'esse caso, continuou o doutor, visto que ha pelo menos cinco mil annos que fostes enterrado, os vossos annaes ou tradições n'essa epocha deviam ser sufficientemente explicitos ácerca de um assumpto de interesse universal, a Creação, que teve logar como sabeis indubitavelmente, só dez seculos antes, ou pouco mais.

— Senhor ? perguntou Allamistakeo. O doutor repetiu a sua observação, mas, só depois de muitas explicações addicionaes, é que chegou a fazer-se entender pelo estrangeiro. Emfim, o conde disse :

— Confesso que essas idéas são inteiramente novas para mim. No meu tempo, nunca ninguém se lembrou de suppor que o universo pudesse jámais ter tido começo. Lembro-me de que uma vez, mas apenas uma vez, houve um homem de grande saber que me falou de uma tradição vaga, ácerca da origem da raça humana; esse homem servia-se tambem da palavra Adão ou barro. Mas empregava-a n'um sentido generico, significando a germinação espontanea de cinco grandes hordas de homens, brotando simultaneamente do lodo, (tal como um milheiro de animalculos) nas cinco partes distinctas de globo.

A'quellas palavras, encolhemos os hombros, acotovelando-nos simultaneamente uns aos outros, com um ar muito significativo. M. Silk Buckingham, volvendo os olhos primeiro para o occiput, depois para o sinciput de Allamistakeo, tomou a palavra n'estes termos :

— A longevidade humana, no vosso tempo, junta a esse systema de viver por vezes, que acabaes de nos explicar, deveria ter ajudado muito o desenvolvimento geral e a accumulção dos conhecimentos. Não podemos pois attribuir a inferioridade dos antigos egypcios, em todos os ramos da sciencia, quando os comparamos com os modernos e muito especialmente com os yankees, senão á espessura mais consideravel dos seus craneos.

— Confesso outra vez, replicou o conde, com uma perfeita urbanidade, que não vos entendo bem. Tende a bondade de me dizer de que ramos da sciencia quereis falar.

Com uma voz unanime, toda a sociedade citou, por exemplo, as affirmações da phrenologia e as maravilhas do magnetismo aminal.

Tendo-nos ouvido até ao fim, o conde começou a con-

tar algumas aneddotas que provavam evidentemente que os prototypos de Gall e de Spurzheim tinham florescido no Egypto, mas n'uma epocha da qual já não havia lembrança; e que os processos de Mesmer eram miseraveis charlatanerias em comparação com os milagres positivos, operados pelos sabios de Thebas, os quaes chevagam a fazer pulgas e muitos outros seres semelhantes.

Então perguntei-lhe se os seus compatriotas sabiam calcular os eclipses. O conde sorriu com ar desdenhoso, e respondeu-me que sim.

Fiquei um pouco atrapalhado. Comtudo, comecei a fazer-lhe varias perguntas ácerca dos seus conhecimentos astronomicos, quando alguém da sociedade, que ainda não tinha aberto a bocca, me assoprou ao ouvido que, se eu tinha duvidas áquelle respeito, era melhor consultar certo cavalheiro chamado Ptolomeo ou um tal conhecido pelo nome de Plutarcho, no artigo *De facie lunæ*.

Interroguei então a mumia sobre os espelhos ardentes e lenticulares, em geral sobre a fabricação do vidro. Mas ainda bem não tinha acabado as minhas perguntas, que já o camarada silencios ome acotovellava ligeiramente e me pedia, pelo amor de Deus, que dêsse uma vista de olhos a Diodoro da Sicilia. Quanto ao conde, em vez de responder, perguntou-me se possuamos microscopios que nos permittissem gravar o onyx com a perfeição dos Egypcios.

Emquanto eu procurava resposta para aquella pergunta, o pequeno doutor Ponnonner aventurou-se n'uma via devéras extraordinaria.

— Vêde a nossa architectura! exclamou com grandê indignação dos dois viajantes, que o belliscavam furiosamente sem conseguir fazel-o calar, Ide vêr, exclamou

mava no auge do enthusiasmo, a fonte do jogo da bola em New-York ! Ou, se achaes isso demasiado impo- nente, olhae um instante para o Capitolio em Washin- gton.

E o bom do doutor ia até referir minuciosamente as proporções do edificio, explicando que, só o portico não tinha menos de vinte e quatro columnas, cada uma com cinco pés de diametro; situadas a dez pés de distancia umas das outras.

Respondeu o condé que tinha pena de não se poder lembrar, n'aquelle momento, das dimensões precisas de nenhum dos edificios da cidade Aznac, cuja fundação se perdia na noite dos seculos, mas cujas ruinas se viam ainda, na epocha do seu enterro, n'uma vasta planicie de areia a oéste de Thebas. A proposito de porticos lembrava-se, comtudo, de ter visto o de um palacio secundario, n'uma especie do aldeia chamada Carnac, que era formado por cento e quarenta e quatro colum- nas, cada uma com trinta e sete pés de circumferencia, collocadas á distancia de vinte e cinco pés uma das outras. Esse portico communicava com o Nilo por uma avenida de duas milhas de comprimento, sustentada por esphinges, estatuas e obeliscos, de sessenta e cem pés de altura. O proprio palacio, se bem se lembrava, tinha, só n'uma direcção, duas milhas de comprido e podia ter ao todo sete milhas de circuito. As paredes eram rica- mente adornadas, tanto por fóra como por dentro, de pinturas hieroglyphicas. Elle não pretendia affirmar que n'aquelle palacio se pudessem construir cincoenta ou sessenta capitulios do doutor; mas não se lhe dava de apostar que era capaz de lá metter, bem arrumados, uns duzentos ou trezentos.

Emfim, terminou dizendo que o palacio de Carnac não passava de uma construcção insignificante e que,

não podendo deixar de fazer justiça ao estylo engenhoso, á magnificencia e superioridade da fonte do jogo da bola, tal como o doutor a descrevia, confessava que nunca tinha visto nada semelhante, nem no Egypto nem n'outra parte. •

Perguntei então ao conde o que pensava dos nossos caminhos de ferro.

— Não lhe vejo nada de particular, disse elle. Acho-os pequenos, fracos e assás mal imaginados. Não podem comparar-se de modo algum com os vastos comboios egypcios, horizontaes e directos, os quaes transportavam templos inteiros e obeliscos macissos de cento e cincoenta pés de altura.

Falando-lhe das nossas gigantescas forças mecánicas, concordou que não eramos de todo leigos na materia; mas perguntou-me ao mesmo tempo como nos teriamos arranjado para collocar as hobreiras no menor palacio de Carnac?

Julguei a proposito não ouvir aquella pergunta e interroguei-o a meu turno sobre os poços artesianos, ao que elle não fez mais do que alçar as sobrancelhos, emquanto M. Gliddon me piscava um olho, dizendo-me em voz baixa que os engenheiros encarregados de furar o terreno para levar agua ao Grande Oasis, tinham descoberto um recentemente.

Citei-lhe os nossos aços: o estrangeiro redarguiu, perguntando-me se o nosso aço teria podido executar esculpturas tão vivas e tão perfectas como as que adornam os obeliscos, as quas haviam sido trabalhadas com utensilios de cobre.

Para disfarçar o embaraço em que nos lançou aquella interrogação, julgámos a proposito variar para a metaphysica.

Mandámos buscar um exemplar do *Dial* e lêmos alguns

capítulos sobre um assumpto, assás obscuro, que os povos de Boston definem : O Grande Movimento ou Progresso.

O conde disse apenas que, no seu tempo, os grandes movimentos eram accidentes terrivelmente communs e que, quanto ao progresso, esse havia sido durante longos annos uma verdadeira calamidade, mas que felizmente nunca chegára a progredir.

Falámos-lhe então da grande belleza e da importancia da Democracia; mas ia-nos custando a fazer-lhe entender a natureza positiva das vantagens de que gosavamos n'um paiz onde não havia rei e onde o voto era *ad libitum*.

O conde escutou o nosso discurso até ao fim com um interesse visivel, parecendo realmente gostar de nos ouvir. Quando acabámos, disse que na sua terra, se havia passado, em' tempos muito remotos, uma cousa perfeitamente semelhante. Trezentas provincias egypcias resolveram de repente ser livres, dando assim um grande exemplo ao resto da humanidade. Reuniram os seus sabios e fabricaram a constituição mais engenhosa que se pôde imaginar. Durante algum tempo, tudo foi pelo melhor; por fim, a cousa acabou assim : os treze estados da sociedade, com umas quinze ou vinte outras provincias, consolidaram-se no despotimo mais odioso e mais insupportavel de que se tenha jámais ouvido falar na superficie da terra. Perguntei-lhe o nome do tyranno usurpador; respondeu-me o egypcio que, se a memoria lhe não falhava, esse tyranno era a *Canalha*.

Não sabendo já o que lhe havia de dizer, deplorei a ignorancia dos egypcios relativamente ao vapor. O conde poz-se a olhar para mim muito admirado, sem dizer palavra. O gentleman silencioso deu-me uma furiosa cotovellada nas costas, perguntando-me se eu

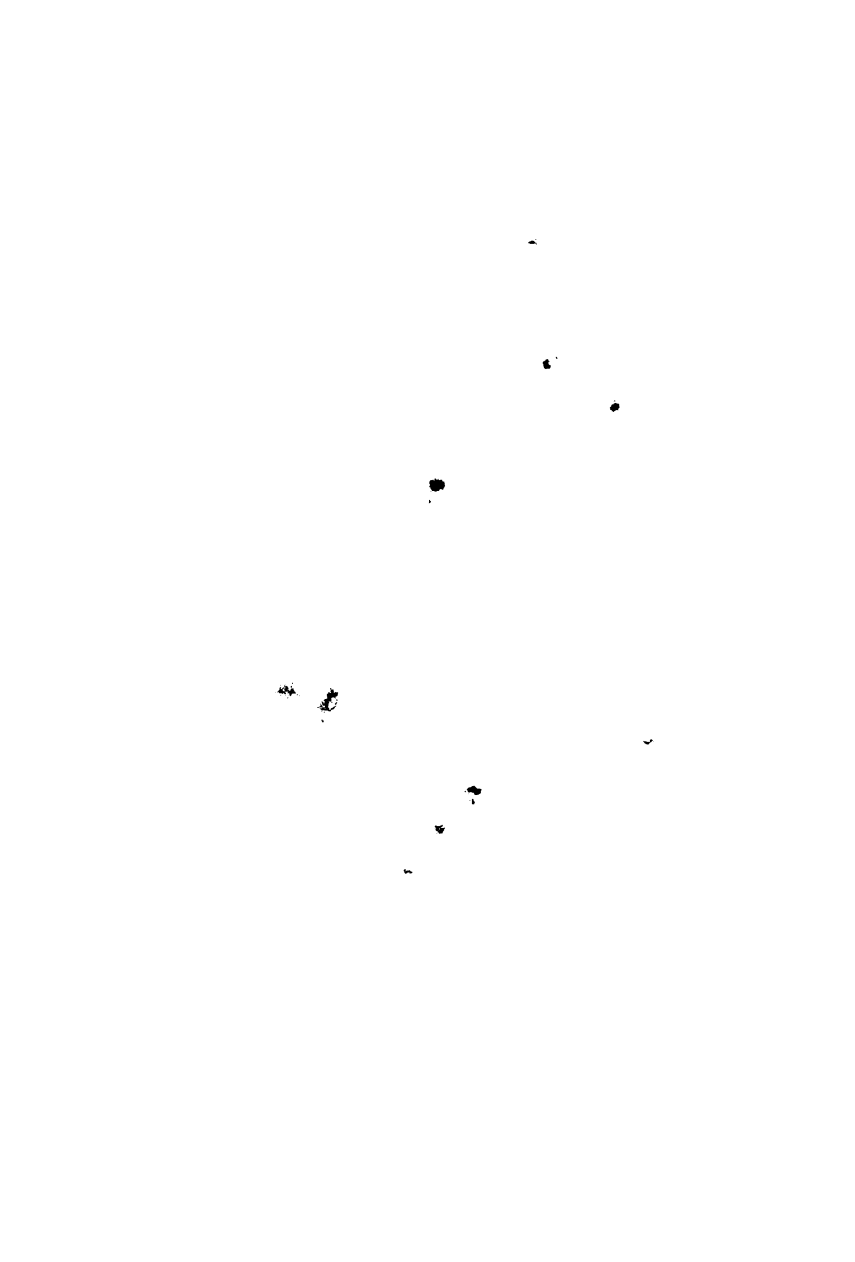
tinha realmente a ingenuidade de ignorar que a machina a vapor moderna descendia da invenção de Héro, sem falar em Salomon de Caus.

Estavamos decididamente em grande perigo de derrota, quando o doutor Ponnonner, approximando-se da mumia com um aspecto grave e profundamente digno, lhe pediu para dizer com toda a verdade, debaixo da sua palavra de cavalheiro, se os egypcios, de qualquer epocha, tinham jámais conhecido as pastilhas Ponnonner.

Esperámos a resposta com indizível anciedade, mas esperámos em vão. A resposta não veio! O egypcio corou até ás orelhas e baixou a cabeça. Nunca houve um triumpho mais completo, nem uma derrota soffrida com mais despeito.

Não podendo supportar o spectaculo da humilhação da pobre mumia, peguei no chapéo, cumprimentei-a com certo embaraço, e sahi.

Quando entrei em casa, vi que passava das quatro horas; metti-me immediatamente na cama. Agora são dez horas da manhã. Desde as sete que estou levantado, escrevendo estas notas para instrucção da minha familia e proveito de toda a humanidade. Quanto á primeira, jámais a tornarei a vêr. Minha mulher é uma megera. A verdade é que esta vida, e em geral todo o decimo nono seculo, fazem-me nojo. Estou convencido que tudo anda ás avessas. Além d'isso, tenho immensa curiosidade de saber quem será eleito presidente no anno de 2045. Por todas estas razões, assim que tiver feito a barba e tomado o meu café, parto para casa do doutor Ponnonner, a fim de me fazer embalsamar por alguns seculos.



O HOMEM DAS MULTIDÕES

Houve quem dissesse muito judiciosamente de certo livro allemão : *Es lässt sich nicht lesen* (não se deixa ler). Do mesmo modo ha segredos que não se deixam revelar.

Quantos homens morrem nos seus leitos torcendo convulsivamente as mãos dos espectros que os confessam e cravando n'elles olhos lastimaveis! Quantos morrem com o desespero na alma, convulsionados pelo horror dos mysterios que não querem ser revelados! Algumas vezes, ai! a consciencia humana geme sob o peso de um horror tão fundo, que só o tumulto póde allivial-a d'esse fardo. Assim, a essencia do crime não póde jámais ser explicada.

Ainda não ha muito tempo, ao cahir de uma tarde de outomno, estava eu sentado á janelã do hotel D... em Londres. Convalescia então de uma doença de alguns mezes, e á medida que ia recuperando as forças, sentia-me n'uma d'estas disposições felizes que são precisamente o contrario do aborrecimento; disposições em que a appetencia moral está vivamente estimulada pela desappareição das cataractas que cobriam a visão espirital; em que o espirito electrizado ultrapassa tão prodigiosamente as suas faculdades ordinarias, que a

ingenua e seductora divisa de Leibnitz vence a rhetorica louca e fraca de Gorgias. A simples acção de respirar era um goso para mim ; e mesmo de cousas muito plausiveis para desgosto, a minha sensibilidade tirava um prazer positivo. Tudo me inspirava interesse e curiosidade. Durante a maior parte da tarde, com um cigarro na bocca e um jornal em cima dos joelhos, diverti-me ora a vêr os annuncios, ora a observar a sociedade mixta do salão, ora a olhar para a rua através dos vidros embaciados pelo fumo.

A rua do hotel D..., uma das principaes arterias da cidade, estivera todo o dia cheia de gente. Com o cahir da noite, a multidão augmentára ainda, de sorte que, ao accender dos reverberos, duas correntes de povo, espessas e continuas, desfilavam por defronte da porta. Aquelle oceano tumultuoso de cabeças humanas, penetrava-me de uma emoção deliciosa e perfeitamente nova. Nunca me sentira n'uma situação semelhante áquella em que me achava n'esse momento particular da noite. Por fim, deixei de prestar attenção ao que se passava no hotel, absorto na contemplação da scena exterior.

As minhas primeiras observações fôram abstractas e geraes, olhando os transeuntes em massa e não os considerando senão na sua harmonia collectiva. Depois, descí aos pormenores, e examinei, com um interesse minucioso, as innumeraveis variedades de figuras, de *toilettes*, de aspectos, de andamentos, de rostos e de expressões physionomicas.

A maior parte dos que passavam tinham o ar decidido de quem vae em serviço e pareciam não pensar senão em abrir caminho através da chusma. O seu aspecto era carrancudo e os olhos moviam-se-lhes nas orbitas com extraordinaria vivacidade; quando eram

empurrados por algum transeunte vizinho, concertavam o fato e seguiam para deante, sem mostrarem o menor symptoma de impaciencia.

Outros (uma classe ainda muito numerosa), vermelhos, inquietos nos seus movimentos, falavam comsigo mesmos e gesticulavam, como que sentindo-se sós pelo proprio facto da multidão innumeravel que os cercava. Esses, quando alguém lhes impedia o caminho, deixavam logo de resmonear, mas redobravam de gesticulação e, com um sorriso exaggerado, esperavam a passagem da pessoa que lhes servia de obstaculo. Se os empurravam, cumprimentavam profusamente os empuxadores e pareciam ficar muito confusos. N'estas duas classes de homens, além das circumstancias que acabo de notar, não havia nada de caracteristico. O seu vestuario pertencia a esta ordem que está exactamente definida pela palavra : decente. Eram, sem duvida nenhuma, passeiantes, procuradores, negociantes, fornecedores, agiotas, emfim o ordinario banal da sociedade; homens ociosos e homens activamente occupados de negocios pessoases, conduzindo-os sob a sua propria responsabilidade. Esta gente não me mereceu grande attenção.

A raça dos caixeiros saltava aos olhos; ahi distingui duas divisões notaveis. Havia os caixeiros das lojas de modas, mancebos estrelicados dentro dos seus fraques, com botas brilhantes, cabelo perfumado e ar petulante. Pondo de parte certo não sei que de rococó nas maneiras, que cheirava a metro e a panninho a leguas de distancia, o genero d'estes individuos pareceu-me o exacto fac-simile do que fôra a perfeição do bom tom doze ou dezoito mezes atraz. Quero dizer que apresentavam o rebotalho das graças da *gentry*, e isto comprehendendo, a meu vêr, a melhor definição d'esta classe.

Quanto aos primeiros caixeiros das casas solidas, ou

steady old fellows, era impossivel confundil-os. Conheciam-se pelos seus fatos pretos ou escuros, de uma apparencia confortavel, pelas suas gravatas e colletes brancos, pelos sapatos largos e solidos com meias grossas ou polainas. Tinham todos a cabeça um pouco calva e a orelha direita singularmente derrubada pelo habito de trazer a penna. Observei que tiravam e tornavam a pôr o chapéo com as mãos ambas e que traziam os relogios presos por cadeias de ouro, de um feitio solido e antigo. A sua affectação era a respeitabilidade (não pôde haver affectação mais honrosa).

Havia tambem um bom numero de individuos de apparencia brilhante, que reconheci logo por pertencerem á raça dos gatunos de alta esphera, de que todas as cidades grandes estão infestadas. Estudei curiosamente esta especie de *gentry* e pareceu-me incrivel como chegam a passar por verdadeiros gentlemen, mesmo entre os proprios gentlemen. A exaggeração dos punhos e o seu ar de franqueza excessiva deviam trahil-os á primeira vista.

Os jagadores de profissão (e descobri uma quantidade d'elles) reconheciam-se ainda melhor. As suas *toilettes* eram variadissimas, desde a do perfeito proxeneta trapaceiro, de collete de velludo, gravata vistosa, corrente de chumbo dourado e botões de filigrana, até á *toilette* clerical escrupulosamente simples, incapaz de despertar a menor suspeita. Todos porém se distinguiam por uma côr baça e doentia, por não sei que obscuridade vaporoza do olhar, pela compressão e pallidez dos labios. Havia, ainda, outros dois signaes que me deixavam logo adivinhal-os: um tom baixo e reservado na conversação, e uma disposição mais que ordinaria a estender o dedo polegar, até formar um angulo recto com os outros dedos.

Muitas vezes, em companhia d'estes larapios, vinham outros um pouco differentes. Comtudo via-se que eram aves da mesma penna. Podemos definil-os assim : Gentlemen que vivem do seu espirito. Esta raça divide-se em dois batalhões para explorar o publico : genero dandy e genero militar. Na primeira classe, os caracteres principaes são : longos cabellos e sorrisos ; na segunda, longos casacos e franzimentos de sobrolho.

Descendo a escala do que se chama *gentility*, achei assumptos de meditação mais negro e mais profundos. Vi bufarinheiros judeus, com os olhos de falcão brilhantes, em physionomias cujo rasto não era senão abjecta humildade. Mendigos de profissão, empurrando pobres de melhor especie, a quem só o desespero lançára nas sombras da noite para implorar a caridade.

Invalidos fraquissimos, semelhantes a espectros, sobre os quaes a morte havia já pousado mão segura, que coxeavam ou vacillavam através da chusma, erguendo para todos olhos supplicantes, como que em busca de alguma consolação fortuita, de alguma esperança perdida ! Raparigas honestas, regressando de um labor prolongado a um lar sombrio, e tremendo, mais tristes que indignadas, deante das olhadellas dos atrevidos, cujo contacto directo não podiam mesmo evitar. Prostitutas de todas as especies e de todas as edades ; a belleza incontestavel no primor da sua feminidade, fazendo lembrar a estatua de Luciano, cuja superficie era marmore de Paros e o interior cheio de immundicies ; a leprosa em andrajos, repellente e absolutamente decahida ; a bruxa velha, rugosa, pintada, estucada, carregada de joias, fazendo uma ultima tentativa para a mocidade ; a creança pura, apenas formada, mas já experiente, por uma longa camaradagem, nas monstruosas provocações do seu commercio e ardendo em

desejos de ser classificada ao nível das suas primogénitas no vício. Bebados innumeráveis e indescritíveis; estes esfarrapados, cambaleantes, desarticulados, com o rosto pisado e os olhos turvos; aquelles com os fatos inteiros ainda, porém sujos, uma arrogancia irresoluta no olhar, labios grossos e sensuaes, rostos rubicundos e sinceros; outros, vestidos de panno, que n'outro tempo havia sido bom e ainda agora escrupulosamente escovados; alguns caminhando com passo firme e mais largo que o natural, mas cujas physionomias eram terrivelmente pallidas, os olhos atrozmente espantados e vermelhos e que, no seu andar extravagante através da multidão, agarravam com os dedos tremulos todos os objectos que se achavam ao seu alcance. Depois vinham os pasteleiros, os moços de recados, os carvoeiros, os limpa-chaminés, com os tocadores de órgão, os saltimbancos, os trovadores ambulantes. Emfim os artistas maltrapilhos e os operarios de todas as especies, esgotados pelo trabalho. E toda aquella turba ia com uma actividade ruidosa e desordenada cujas discordancias mortificavam o ouvido e produziam nos olhos uma sensação dolorosa.

A' medida que a noite se aprofundava, aprofundava-se tambem o meu interesse pela scena; porque não só se ia alterando o character geral da chusma (as suas feições mais nobres desvanecendo-se com a retirada gradual da melhor parte da povoação, e realçando-se as mais grosseiras á medida que o adeantamento da hora tirava da toca novas especies de infamia), mas os raios dos bicos de gaz, fracos primeiro, emquanto luctavam com o crepusculo da tarde, tinham agora vencido e derramavam sobre todos os objectos uma luz brilhante e agitada. Tudo era negro, mas resplandescente, como aquella ebano com o qual comparavam o estylo de Tertulliano.

Os estranhos effeitos da luz obrigaram-me a reparar nas physionomias dos individuos; e posto que a rapidez com que aquella multidão fugia deante da janella não me permittisse lançar sobre cada rosto senão uma vista de olhos, parecia-me, comtudo, que, graças á minha singular disposição moral, podia ler, muitas vezes, no breve intervallo de um olhar, a historia de longos annos.

Com a fronte encostada aos vidros, occupava-me assim em examinar a chusma, quando descobri, de repente, uma physionomia (a de um velho decrepito, de sessenta e cinco a setenta annos) uma physionomia que me attrahiu e absorveu logo a attenção pela sua absoluta indiosyncrasia. Nunca vira na minha vida expressão semelhante áquella. Lembro-me de que o meu primeiro pensamento, ao vê-lo, foi que Retzch, se o houvesse contemplado, tel-o-ia preferido grandemente ás figuras que lhe serviram de modelo para pintar o seu demonio.

Como eu procurava, durante o curto instante de um primeiro olhar, fazer uma analyse qualquer do sentimento geral que aquella creatura estranha me communicára, senti elevarem-se-me confusa e paradoxalmente no espirito as idéas da vasta intelligencia da circumspecção, da cupidez, da avareza sordida, do sangue frio, da perversidade, da sêde sanguinaria, do triumpho, da alegria, do excessivo terror, do desespero intenso e supremo. Senti-me singularmente estimulado, absorto, fascinado. Quão extraordinaria deve ser, disse eu commigo mesmo, a historia escripta n'aquelle peito! Veiu-me então um desejo ardente de não perder o homem de vista, sem saber alguma cousa a seu respeito.

Enfieei precipitadamente o meu *paletot*, peguei no chapéo e na bengala e fui para a rua, mettendo-me

no meio da chusma, na direcção que lhe tinha visto tomar, porque a singular creatura havia já desaparecido. Descobri-o, emfim, não sem alguma difficuldade; approximei-me e segui-o de muito perto, com grandes precauções, de fôrma a que elle não dêsse por mim.

Podia agora estudal-o á minha vontade. Era baixo, muito magro e aparentemente fraco. Trazia o fato sujo e rasgado; mas, quando passou defronte de um candelabro, reparei que a sua camisa, posto que suja, era de boa qualidade; e, se os olhos não me enganaram, através de um rasgão do capote, evidentemente comprado em segunda mão, que o envolvia todo, brilhavam um diamante e um punhal. Estas observações excitaram-me a tal ponto a curiosidade que resolvi seguir o desconhecido por toda a parte onde lhe aprouvesse ir.

Era já noite cerrada, e o nevoeiro espesso, que pairára sobre a cidade, ia-se convertendo em chuva grossa e continua. Aquella mudança de tempo produziu um effeito estranho sobre a chusma, que se agitou com um movimento novo, escondendo-se sob um mundo de chapéus de chuva.

A ondulação, os encontrões e o zunzum das vozes tornaram-se dez vezes mais fortes. Pela minha parte não fiz grande caso da chuva (ardia-me ainda no sangue um resto de febre antiga, de sorte que a humidade para mim, embora perigosa, era uma voluptuosidade). Atei um lenço á roda do pescoço e deixei-me ir. Durante mais de meia hora o velho luctou com difficuldades para abrir caminho através da grande arteria, e eu então quasi tinha de andar sobre elle para não o perder de vista; mas como nunca se voltára para traz, não podia dar por mim. D'ahi a pouco metteu-se por uma travessa, a qual, postó que cheia de gente,

não estava tão atulhada como a rua principal que acabamos de deixar. Quando chegou alli começou a andar lentamente, com certa hesitação. Atravessou e tornou a atravessar a turba diferentes vezes sem fim algum aparente; e a chusma era tão espessa que cada movimento novo me obrigava a segui-lo de mais perto. A rua era estreita e comprida. O homem passeiou-a perto de uma hora e n'esse meio tempo a multidão dos transeuntes redziu-se, pouco a pouco, á quantidade de gente que se vê de ordinario em Broadway, proximo do parque, tão grande é a differença entre a concurrencia de Londres e a da cidade americana mais populosa.

Segunda mudança de itinerario levou-me a uma praça brilhantemente illuminada, exuberante de vida. Então as maneiras do homem voltaram á primeira fórma; deixou pender a barba sobre o peito, ergueu os olhos debaixo das sobranceiras carregadas, olhou para todos os lados o apressou o passo regularmente, sem interrupção. Causou-me surpresa vê-lo tornar para traz depois de ter dado a volta á praça; e fiquei ainda mais admirado quando o vi recommençar aquelle passeio umas poucas de vezes; de uma vez, ao voltar-se subitamente, ia-me descobrindo. Este exercicio levou-lhe ainda uma hora, durante a qual a quantidade dos transeuntes havia diminuído consideravelmente. A chuva cahia grossa, o ar resfriava, cada um tratava de se recolher.

Com um movimento de impaciencia, o homem errante passou para uma rua obscura, relativamente deserta. Depois desatou a correr por ella fóra, (um quarto de milha pouco mais ou menos) com uma agilidade que eu não teria nunca suspeitado n'um individuo tão edoso; uma agilidade tal que me custava a segui-lo, Em alguns minutos desembocámos n'um bazar vasto e tumultuoso.

O desconhecido, que apresentava sempre um ar apropriado ás localidades, retomou o seu andar primitivo, furando por aqui e por alli, através da multidão dos compradores e dos vendedores.

Durante uma hora ou hora e meia, que divagámos n'aquelle logar, precisei de usar de toda a prudencia para não o perder de vista, sem ao mesmo tempo lhe attrahir a attenção. Felizmente, as minhas galochas de borracha não faziam no sólo o menor ruido ; por isso, o nosso homem nunca chegou a perceber que era seguido. Elle entrava successivamente em todas as lojas, não comprava nada, não dizia uma palavra e mirava tudo com um olhar vago e espantado. A sua conducta maravillhava-me cada vez mais, estimulando-me a não o largar enquanto não tivesse satisfeito a minha curiosidade.

Ao sôar das onze horas, toda a gente se deu pressa em sahir do bazar. Tendo sido empurrado por um logista, que fechava apressadamente os mostradores, o homem estremeceu violenta e convulsivamente, sahiu para a rua, olhou um instante com anciedade incrível, através de muitas travessas tortuosas e desertas, até chegarmos outra vez á grande rua do hotel D..., d'onde havíamos partido. Comtudo, o aspecto da rua tinha mudado. O gaz dos reverberos brilhava sempre ; mas a chuva cahia copiosamente, e apenas de vez em quando se viam alguns viandantes. O desconhecido empallideceu. Deu alguns passos, com um ar triste, na avenida, havia pouco, populosa, depois suspirou profundamente, tomou a direcção do rio, e, internando-se n'um labyrintho de travessas e beccos afastados, chegou enfim defronte de um dos theatros principaes, que estava prestes a fechar e cujo publico se precipitava na rua por todas as portas. O homem abriu a bocca, como para respirar, e mettu-se

no meio da chusma. Ao mesmo tempo pareceu-me vêr diminuir a tristeza profunda da sua physionomia. Deixou pender outra vez a cabeça sobre o peito e retomou a fôrma sob a qual me apparecêra pela primeira vez. Observei que se dirigia sempre para onde o apertão era maior; mas não poudo comprehender absolutamente nada no seu comportamento estranho.

Entretanto, o publico ia-se dispersando, e, na mesma proporção, voltaram ao velho a sua tristura e as suas hesitações. Segui de perto, durante muito tempo, um grupo de dez ou doze estroinas; mas pouco a pouco, um a um, o numero diminuiu, reduzindo-se a tres individuos, que ficaram todos n'uma rua estreita, obscura e pouco frequentada. Então o desconhecido fez uma pausa e pareceu ficar, durante um momento, immerso em profundas reflexões. Subito, com uma agitação evidente, enfiou a toda a pressa por um caminho que nos conduziu ao extremo da cidade, a regiões muito differentes das que havíamos atravessado até alli.

Estavamos agora no bairro mais insalubre de Londres, onde todos os objectos têm o estyigma horrivel da pobreza miserrima e do vicio incuravel. A' luz accidental de um reverbero sombrio, apercebiam-se as casas de páo, altas, antigas, carunchosas, ameaçando ruina e em direcções tão varias e tão numerosas, que mal se podia adivinhar, no meio d'ellas, a apparencia de uma passagem. As pedras da calçada, expulsas dos seus alveolos pela relva triumphante, andavam espalhadas ao acaso; as vallas das ruas estavam obstruidas pelas immundicies estagnadas. Toda a atmospherá regorgitava de desolação. Comtudo, á medida que avançavamos, sentiamos reavivarem-se gradualmente os ruidos da vida humana. Por fim appareceram, oscillantes aqui e alli, grandes bandos de homens dos mais infames

que compõem a povoação de Londres. O espirito do velho tornou a palpitar, como a luz de um candieiro prestes a extinguir-se. Avançou outra vez com um passo elastico. De repente, ao voltar de uma esquina, appareceu-nos a luz flammejante de um d'esses templos enormes suburbanos da intemperança, um palacio do demónio Gin.

Era quasi madrugada ; mas a chusma dos bebados miseraveis apertava-se ainda em torno da faustuosa porta. Ante aquelle espectaculo tumultuoso, o velho deu quasi um grito de alegria ; retomou logo a physionomia primitiva e começou a passar e repassar em todos os sentidos, pelo meio da multidão, sem fim algum apparente. Comtudo, não havia 'ainda muito tempo que elle se entregava áquelle exercicio, quando um movimento anormal na direcção das portas annunciou que o taberneiro achava horas de fechar. O que observei então na physionomia do individuo singular que me inspirava tanto interesse, foi alguma cousa mais intensa que o desespero. Todavia, sem um momento de hesitação e com uma energia louca, voltou immediatamente atrás, ao centro do poderoso Londres. Correu ligeiramente durante muito tempo (e eu sempre atrás d'elle, com um espanto crescente, que me incitava cada vez mais a não abandonar uma investigação, na qual o meu espirito se absorvia inteiramente).

Emquanto proseguíamos a nossa carreira, levantou-se o sol. Quando chegámos outra vez ao ponto de reunião commercial da populosa cidale, a rua do hotel D... apresentava um aspecto de actividade e de movimento humanos quasi igual ao que havíamos presenciado na noite precedente. E ainda alli, no meio da confusão sempre crescente, obstinei-me longo tempo a seguir o desconhecido.

Como de ordinario elle passeiava de um para o outro lado, e em todo o dia não sahio do turbilhão d'aquella rua. Approximavam-se já as sombras da segunda noite... Eu estava extenuado ! Então, estacando defronte do homem errante, olhei-o intrepidamente. Mas sem me prestar a menor attenção, continuou o seu passeio solemne ; emquanto que eu, tendo renunciado a perseguil-o mais tempo , ficava absorto e pasmado na sua contemplação !

Este velho, disse eu por fim commigo mesmo, é o typo e o genio do crime profundo : o homem que não pôde estar só : o homem das multidões. Seguil-o-ia em vão : nunca chegaria a saber cousa alguma, nem d'elle nem das suas acções !

Um coração perverso é um livro mais repellente que o *Hostulus animæ*; e é talvez uma das grandes misericordias de Deus que *es lässt sich nicht lesen* (que não se deixe lêr).

O SYSTEMA DO DOUTOR BREU

E DO PROFESSOR PENNA

Durante o outomno de 18... visitei as provincias do sul da França. Esta digressão conduziu-me a algumas milhas de certa casa de saude, ou hospicio particular de alienados, do qual ouvira falar muito, em Pariz, a alguns medicos, meus amigos.

Como nunca tinha visitado um estabelecimento d'aquelles julguei a occasião opportuna, e propuz ao meu companheiro de viagem (um cavalheiro com que travára relações havia alguns dias), fazermos um pequeno desvio no nosso caminho, para examinarmos o hospicio. Mas este rejeitou a minha idéa, dizendo primeiro que ia com muita pressa, e objectando depois o horror que inspira sempre a vista de um alienado. Pediu-me, comtudo, para não sacrificar a satisfação da minha curiosidade a um sentimento de cortezia para com elle, accrescentando que iria seguindo o caminho, cavalgando devagar, de sorte que eu pudesse apanhal-o no mesmo dia ou, quando muito, no dia seguinte.

Accordámos pois n'isto. Quando iamos, porém, a despedido-nos, lembrei-me da difficuldade que poderia ter em penetrar no estabelecimento, e participei estes receios ao

meu companheiro, o qual me respondeu que, effectivamente, se eu não conhecia pessoalmente o sr. Maillard, o director, nem levava carta alguma de recommendação, podia muito bem ser que tivesse difficuldades á entrada, porque os regulamentos d'aquellas casas particulares de doidos eram muito mais severos que os dos hospícios publicos. Entretanto, como elle conhecia um pouco M. Maillard, offereceu-se para me acompanhar até á porta do estabelecimento e apresentar-me; accrescentando que, depois, seguiria o seu caminho, porque a repugnancia que tinha pela loucura não lhe permittia entrar n'aquella casa.

Acceitei, agradecendo-lhe. Desviámo-nos pois da estrada real e tomámos por um atalho, coberto de relva, o qual, ao cabo de meia hora, se perdia quasi n'um bosque espesso, junto ao pé de uma montanha. Tínhamos andado cerca de duas milhas, através d'aquelle bosque humido e sombrio, quando avistámos emfim a casa de saúde. Era um castello phantastico, meio arruinado, que, a julgar pela deterioração e velhice exterior, devia ser quasi inhabitavel. O seu aspecto inspirou-me tal terror, que estive prestes a voltar para trás. Comtudo, tive vergonha da minha fraqueza e continuei.

A porta principal estava entreaberta. Através d'ella, vimos um homem que olhava cá para fóra e que, apenas nos descobriu, avançou, dirigindo-se muito cordealmente ao meu companheiro, e convidando-o a apear-se. Aquelle homem era o proprio sr. Maillard, um verdadeiro cavalleiro de outros tempos: bella presença, aspecto nobre, maneiras finissimas e certo ar de gravidade que captivava sympathia e infundia respeito.

Então o meu amigo apresentou-me; e, depois de ter explicado ao sr. Maillard o meu desejo de visitar o estabelecimento — desejo que este ultimo prometteu satisfa-

zer com todas as atenções possíveis — despediu-se de nós. Nunca mais o tornei a vêr.

Apenas elle sahiu, o director introduziu-me n'uma pequena sala elegantemente mobiliada, onde se viam, entre outros indicios de um gosto delicado, grande quantidade de livros, desenhos, vasos de flôres e instrumentos de musica. No fogão ardia um bom lume. Uma rapariga muito bonita, vestida de luto pesado, estava sentada ao piano, cantando uma aria de Bellini. A' minha entrada, levantou-se e veio receber-me, com uma cortezia cheia de graciosidade.

O tom baixo da sua voz, as suas maneiras e em geral toda a sua physionomia, cuja pallidez excessiva não deixava, pelo menos na minha opinião, de lhe dar certo encanto, tinham um ar de afflicção e de melancolia profunda, que me despertou na alma un sentimento combinado de respeito, interesse e admiração.

Tinham-me dito em Pariz que o estabelecimento do sr. Maillard era organizado, segundo o que se chama vulgarmente o *systema da brandura*, isto é, que se evitava alli o emprego de todos os castigos, que mesmo a reclusão era pouco empregada e que os doentes, vigiados secretamente, gosavam, na apparencia, de perfeita liberdade, podendo até, a maior parte d'elles, circular por toda a casa e pelo jardim, exactamente como se fossem pessoas de juizo.

Lembrando-me de todos estes pormenores, acautelei as minhas palavras na presença da senhora de luto, porque nada me garantia que ella tivesse o juizo perfeito. Pelo contrario, havia nos seus olhos certo brilho intermittente, que me induzia quasi a acreditar-a louca. Limitei pois as minhas observações a assumptos geraes ou áquelles que julguei incapazes de desagradar a uma doida ou de a excitar. A rapariga respondeu a tudo o que

lhe disse, de uma maneira inteiramente sensata; e as suas observações pessoais testemunhavam mesmo grande criterio. Comtudo, um longo estudo da physiologia da loucura havia-me ensinado a desconfiar de semelhantes provas de saúde moral. Continuei pois durante toda a conservação a praticar a prudencia de que usára a principio.

D'ahi a pouco tempo, um creado muito elegante, de libré, trouxe uma bandeja cheia de fructos, vinhos e outros refrescos, dos quaes me servi com prazer. Então a senhora retirou-se. Apenas ella deixou a sala, dirigi ao sr. Maillard um olhar interrogativo.

— Não, disse elle. Oh! não... é uma pessoa da minha familia... minha sobrinha, uma senhora perfeita.

— Oh! senhor, peço-lhe mil perdões da minha desconfiança, repliquei, mas deve desculpar-me. A excellente administração d'esta casa é muito conhecida em Pariz; assim, imaginei que não era impossivel... comprehende-me, não é verdade?...

— Sim! sim! não falemos mais n'isso; sou eu que tenho a agradecer-lhe a prudencia louvavel com que se portou. Essa previdencia é rara na gente moça; e, mais de uma vez, temos tido a lamentar aqui accidentes bem desagradaveis, causados pela irreflexão dos nossos visitantes. Na epocha em que applicavamos ainda o meu primeiro systema, e quando os doentes tinham o privilegio de passeiar por toda a parte, á sua vontade, acontecia algumas vezes cahirem em crises perigosas, por causa da irreflexão das pessoas convidadas a examinar o estabelecimento. Foi isso que me obrigou a adoptar um systema rigoroso de exclusão, em consequencia do qual só as pessoas cuja discreção nos seja conhecida, são admittidas a visitar o hospicio.

— Na epocha em que applicava o seu primeiro sys-

tema? disse eu, repetindo as proprias palavras de Maillard. Então o tal *systema de brandura* de que me falaram tanto, já não é applicado em sua casa?

— Não senhor, replicou elle. Ha algumas semanas que nos decidimos a abandonal-o para sempre.

— Sériamente? admira-me.

— E' verdade, disse elle suspirando. Foi absolutamente necessario voltarmos aos processos antigos. O *systema* da brandura era um perigo temivel, constante e as suas vantagens não eram tão grandes como pareciam. Não pôde haver uma experiencia mais leal do que a que se fez n'esta casa, onde se praticou tudo o que a humanidade pôde racionalmente suggerir. Lamento que não nos tenha visitado n'uma epocha anterior, para poder julgar a questão pessoalmente. Mas conhece todos os pormenores do tratamento pela brandura, não é assim?

— Não, senhor. O pouco que sei a esse respeito, é simplesmente por ouvir dizer.

— Vou pois definir-lhe o *systema* em termos geraes. A sua base principal era não contrariar o doente, deixal-o fazer a sua vontade. Assim, longe de nos oppôrmos ás phantasias que entravam no espirito do alienado, prestavamo-nos a ellas, favoreciamol-as até. D'este modo operámos grande numero de curas radicaes, porque não ha argumento algum que impressione tanto a razão enfraquecida de um doido como a redução ao absurdo.

Tivemos, por exemplo, homens que se imaginavam gallinhas. O tratamento consistia então em reconhecer, em acceitar o caso como positivo; accusar o doente de estupidez quando elle não reconhecia sufficientemente o seu caso como facto positivo, e, por conseguinte, recusar-lhe, durante uma semana, todo o alimento que não fosse propriamente o alimento de uma gallinha. Graças

a este methodo, bastava ás vezes um pouco de milho para operar milagres.

— E o systema consistia apenas n'essa especie de acquiescencia com a loucura ?

— Não. Tinhamos tambem bastante fé em certos divertimentos muito simples, taes como a musica, a dansa, os exercicios gymnasticos em geral, as cartas, mesmo alguns livros, etc., etc. Além d'isso, fingiamos tratar cada individuo de alguma affecção physica ordinaria ; a palavra loucura não era nunca pronunciada. Um ponto de grande importancia era incumbir cada louco de vigiar as acções de todos os outros ; depositar confiança na intelligencia ou na discreção de um louco é conquistal-o de corpo e alma. Este meio tinha ainda a vantagem de nos dispensar de uma classe muito dispendiosa, que é a classe dos guardas.

— E não havia castigos de qualidade nenhuma ?

— De qualidade nenhuma.

— Os seus doentes não eram tambem nunca encerrados ?

— Raras vezes. De tempos a tempos, quando a doença d'algum individuo se convertia em furor, transportavamos-o para uma cellula secreta, com medo que a desordem do seu espirito infectasse os outros, e alli o guardavamos até podermos mandal-o outra vez para os seus parentes ou amigos (de ordinario era transferido para os hospicios publicos), porque não tratavamos aqui doidos furiosos.

— E agora tudo isso mudou ; entendeu então que o tratamento contrario era melhor ?

— Entendi, sim. O systema tinha seus inconvenientes e perigos mesmo. Actualmente, graças a Deus, está condemnado em todas as casas de saúde de França.

— Isso, disse eu, admira-me. Estava convencido de

O SYSTEMA DO DOUTOR BREU E DO PROFESSOR PENNA SI
que não havia, hoje, em toda a extensão do paiz, outro
methodo de tratamento em vigor.

— O meu amigo é ainda muito joven, replicou o
sr. Maillard. Mas ha de chegar um tempo em que
apprenda a julgar pessoalmente o que se passa no mundo,
sem se fiar na tagarelice dos outros. Não acredite nada
do que ouvir dizer e acredite só metade d'aquillo que vir.
Relativamente ás nossas casas de saúde zombaram do
sr. Depois de jantar, quando estiver um pouco descansa-
sado da fadiga da jornada, mostrar-lhe-ei a casa e terei
o maior prazer em lhe fazer apreciar um systema que,
na minha opinião e na de todas as pessoas que conhecem
os seus resultados, é incomparavelmente o mais effizaz
de todos os imaginados até hoje.

— É systema da sua invenção? perguntei eu.

— Orgulho-me de confessar que sim, respondeu elle;
pelo menos até certo ponto.

Conversei assim com o sr. Maillard uma ou duas horas,
durante as quaes visitámos os jardins e as culturas do
estabelecimento.

— Não posso, disse elle, deixar-lhe vêr os meus
doentes immediatamente. Um espirito sensível impres-
siona-se sempre mais ou menos com esta especie de
exibições; e não quero privar-o do seu appetite ao jan-
tar. Porque desejo que jante commigo. Posso offerecer-
lhe vitella á la *Sainte-Menehould*, couve-flôr á la *sauce
veloutée* (1), com um bom copo de *vougeot*. Depois os
seus nervos estarão mais solidos.

Ás seis horas, vieram chamar-nos para a mesa. Então
o sr. Maillard conduziu-me a uma vasta sala de jantar,
onde estava reunida uma sociedade numerosa, vinte

(1) Como todos os auctores americanos e inglezes, Edgar Poe
tinha o habito de empregar termos francezes e de fazer ostenta-
ção de idéas francezas.

cinco ou trinta pessoas ao todo. Parecia ser gente fina e bem educada, posto que as suas *toilettes* ostentassem uma riqueza extravagante e uns requintes de fausto improprios da epocha.

Dois terços dos convivas, pelo menos, eram senhoras, algumas das quaes vestiam de uma maneira muito differente da que um Pariziense está habituado a considerar o bom gosto. Muitas, por exemplo, que não tinham menos de setenta annos, estavam decotadas e de manga curta, com uma profusão de joias extraordinaria. Observei egualmente que muito poucos d'aquelles fatos estavam bem feitos e que a maior parte d'elles não eram adaptados ás pessoas que os traziam. Olhando em torno de mim, descobri a interessante rapariga que o sr. Maillard me apresentára na sala; mas admirei-me de a vêr ataviada com um enorme vestido de anquinhas, uns sapatos de tacões altos e uma touca velha, de rendas de Bruxellas, tão excessivamente grande para ella, que dava á sua physionomia uma apparencia ridicula de pequenez. O vestido de luto pesado, com o qual eu a vira primeiro, ficava-lhe incomparavelmente melhor.

Em summa, havia nas *toilettes* de toda aquella gente tal singularidade que a minha primeira idéa do systema da brandura voltou-me outra vez ao espirito e comecei a pensar que o sr. Maillard quizera enganar-me até ao fim do jantar, talvez com medo de que eu sentisse alguma sensação desagradavel, durante a refeição, sabendo-me á mesa com lunaticos. Mas lembrando-me de ter ouvido dizer em Pariz que os provincianos do meio-dia eram um povo particularmente excentrico e afferrado ás modas antigas, e conversando, além d'isso, com alguns dos convivas, senti as minhas apprehensões dissiparem-se completamente.

A propria sala de jantar, posto que muito confortavel

e de grandes dimensões, não tinha elegancia alguma. Assim, o solo não era atapetado (é verdade que em França dispensam-se muito os tapetes). As janellas não tinham cortinas; as portas das janellas, quando fechadas, eram solidamente trancadas com barras de ferro, postas em diagonal, como se usa ordinariamente nas lojas. As janellas occupavam tres dos lados do parallelogrammo, a porta achando-se collocada no quarto; não havia menos de dez janellas ao todo.

A mesa estava splendidamente servida, cobertado-baixella de prata e sobrecarregada de manjares de toda a qualidade, com uma profusão verdadeiramente barbara. Havia por certo pratos de sobejo para regalar os Anakins. Nunca em dias de minha vida tinha contemplado um luxo tão monstruoso, uma dissipação tão extravagante de toda a especie de cousas boas. Os meus olhos, habituados a luzes fracas, achavam-se offuscados pelo esplendor prodigioso de uma multidão de velas, mettidas em candelabros de prata collocados sobre a mesa e espalhados pela casa, em toda a parte onde tinham podido encaixal-os. O serviço era feito por uma quantidade de creados muito activos. N'uma meza, no fundo da sala, viam-se sete ou oito pessoas com violas, flautas, trombones e um tambor. De tempos a tempos, aquelles patuscos atroavam os ares com uma variedade infinita de barulhos, que pretendiam ser musica, e que pareciam causar grande prazer a todos os circumstantes; excepto a mim, bem entendido.

Em summa, tudo o que eu via era tão notoriamente exquisito que não podia deixar de admirar; mas, no fim de contas, o mundo é composto de toda a qualidade de gente, cujas maneiras e modos de pensar são muito diversos e cujos costumes são perfeitamente convencionaes. Eu, de mais a mais, tinha viajado muito para não ser

um adepto perfeito do *nil admirari*. Tomei pois tranquilamente o meu lugar á direita do dono da casa, e, dotado de um appetite excellente, fiz perfeita honra áquelle optino jantar.

Comtudo, a conversação era animada e geral. As senhoras, conforme o seu costume, falavam muito; percebi logo que a sociedade era composta, quasi inteiramente, de pessoas bem educadas. O sr. Maillard era um thesouro de anedotas engraçadas. Falava com toda a liberdade da sua posição de director de uma casa de saúde. E, com grande surpresa minha, a loucura era o thema de conversação favorito de todos os convivas.

« — Tinhamos d'antes aqui um patusco, disse um homemzinho gordo, que estava sentado á minha direita, que se imaginava bule (e, seja dito de passagem, não é uma circumstancia notavel que esta mania particular entre tantas vezes no cerebro dos loucos? Não ha talvez em França um hospicio de alienados que não possa apresentar um bule humano). O nosso era um bule de fabrica ingleza. Todos os dias, pela manhã, elle mesmo tinha o cuidado de se polir com uma pelle de gamo impregnada em cré.

— Tivemos outro, contou um cavalheiro alto, que se achava em frente de mim, com a mania de ser burro (o que, metaphoricamente falando, não deixava de ser verdade). Era um doente aborrecido, que dava muito trabalho a vigiar. Durante muito tempo não quiz comer senão cardos; curámol-o d'esse capricho não lhe deixando comer outra cousa. Estava constantemente a bater com os calcanhares... assim, olhe... assim...

— Senhor Kock! interrompeu então uma senhora velha, que estava assentada ao lado do orador, faça o favor de estar quieto! Estragou-me o vestido, um rico vestido de brocado, com os seus pontapés. E' agora preciso

illustrar as suas observações de um modo tão material? Este senhor comprehende muito bem o que se lhe diz, sem demonstrações physicas. Palavra, o senhor é quasi tão burro como esse pobre insensato imaginava ser. A sua imitação é perfeitamente natural!

— Mil perdões, minha senhora! respondeu M. Kock, assim interpellado, mil perdões! A minha intenção não era de modo algum offendel-a. Permitta-me a honra de beber um copo de vinho commigo.

Então M. Kock inclinou-se, beijou cerimoniosamente a sua propria mão e bebeu um copo de vinho com Made-moiselle Laplace; assim se chamava a senhora velha.

— Meu amigo, disse o sr. Maillard, dirigindo-se a mim, coma um bocado d'esta vitella à la *Sainte-Menehould*; ha de achal-a excellente.

Tres creados vigorosos acabavam de collocar, sem incidente, em cima da mesa, um prato enorme, ou antes um barco, contendo uma cousa que imaginei primeiro ser o *monstrum horrendum, informe ingens cui lumen ademptum*; mas que um exame mais attento me confirmou ser apenas uma vitella assada, inteira, apoiada sobre os joelhos, com uma maçã entre os dentes, segundo a moda usada na Inglaterra para servir a lebre.

— Não, obrigado, repliquei eu. Para falar verdade, não tenho uma grande predilecção pela vitella à la *Sainte*... Como lhe chama o senhor? Peço-lhe a fineza de me mandar mudar este talher para eu provar antes um pouco de coelho.

Havia na mesa alguns pratos lateraes que me pareciam conter coelho ordinario, á franceza, um manjar que eu acho magnifico.

— Pedro! gritou o dono da casa, muda o talher d'este senhor e serve-lhe um bocado de coelho *au chat*.

— De... que?! exclamei eu.

— De coelho *au chat*.

— Está bom, obrigado. Pensando melhor, já não quero coelho. Vou comer um bocado d'este presunto.

Na verdade, pensava eu, esta gente da provincia é capaz de comer tudo! Não quero provar o seu coelho *au chat* pela mesma razão que não provaria o seu gato *au lapin*.

— Depois, disse um personagem de rosto *cadaverico*, collocado no fundo da mesa, reatando o fio da conversação antecedente, entre outras exquisitices, tivemos, em tempos, um doente que se julgava queijo de Cordova, e que andava sempre de faca na mão, convidando os seus amigos a cortar-lhe um bocado da coxa para provarem.

— Era um grande doido, sem duvida, interrompeu outro conviva, mas não se póde comparar com certo individuo, que todos nós conhecemos á excepção d'este senhor estrangeiro. Quero falar d'aquelle homem que dizia ser uma garrafa de Champagne e que começava todos os seus discursos com um pan... pan... e um pschi... i... i... i...! assim.

N'este ponto o orador metteu o dedo pollegar na bocca, sob a face esquerda, e retirou-o bruscamente com um ruido semelhante an estoiro de uma rolha que salta da garrafa; depois, com um dextro movimento da lingua sobre os dentes, produziu um assobio agudo, que durou alguns minutos, para imitar a fermentação do vinho de Champagne:

Aquelle modo de se explicar, que me pareceu assás grosseiro, tambem não foi precisamente do gosto do sr. Maillard; este, comtudo, teve a delicadeza de não dizer cousa alguma, e a conversação foi continuada por um homem muito pequeno e muito magro, que trazia grande cabelleira.

— Havia tambem, disse elle, um imbecil que se imaginava rã, animal com que, para dizer a verdade, se parecia immensamente. Gostava que o tivesse visto — era a mim que elle se dirigia. — A naturalidade da sua imitação era uma cousa extraordinaria! Chegava a fazer pena que aquelle homem não fosse effectivamente rã. O seu coaxar era assim, pouco mais ou menos : O... o... gh...! o... o... gh...! Era a nota mais bella do mundo! um si bemol! e quando elle punha os cotovellos em cima da mesa, assim, depois de ter bebido um ou dois copos de vinho, e dilatava a bocca, d'este modo, arregalando os olhos, exactamente como eu estou a fazer, e piscando-os depois com excessiva rapidez, assim, olhe : pois bem, senhor, posso affirmar-lhe da maneira mais positiva que teria cahido em extase deante do talento d'aquelle homem!

— Não duvido, respondi eu.

— Havia tambem, disse outro, Petit-Gaillard, o qual queria por força ser uma pitada de tabaco; e vivia n'uma desconsolação enorme por não poder tomar-se a si mesmo entre o index e o pollegar.

— Tivemos ainda Julio Deshoulières, que era um genio muito singular e endoideceu com a mania de ser abobora. Perseguia incessantemente o cozinheiro para lhe pedir que o fizesse em pasteis, pedido a que o cozinheiro se recusava com indignação. Pela minha parte, não affirmo que uma torta à *la Deshoulières* não pudesse ser um manjar dos mais delicados.

— E' espantoso o que o senhor diz! exclamei eu, dirigindo ao sr. Maillard um olhar interrogativo.

— Ha! ha! redarguiu este, hé! hé! hi! hi! ho! ho! hu! hu! Excellente, na verdade! Não se admire, meu caro; o nosso amigo é um original, um farcista; não se póde tomar á letra o que elle diz.

— Oh! lembrou outra pessoa da sociedade, conhecemos também Buffon-Legrand, um personagem muito extraordinario no seu genero. O amor o endoideceu. Esse imaginava ter duas cabeças. Uma, dizia elle, era a de Cicero; a outra era composta, sendo a de Demosthenes desde a testa até á bocca e a de Lord Brougham desde a bocca até ao fim do queixo. Não era impossivel que elle se enganasse, mas por certo que teria convencido todo o mundo com as suas palavras, porque era um homem de uma eloquencia rara. A sua paixão pela arte oratoria era levada a tal excesso que não podia conter-se sem a mostrar. Por exemplo, tinha o costume de saltar assim para cima da mesa, e depois...

Neste momento, um amigo do orador, assentado ao seu lado, carregou-lhe no hombro e murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido; o outro cessou repentinamente de falar, tornando a deixar-se cahir sobre a cadeira.

— Depois, disse o amigo, aquelle que falára baixo, houve Boulard, o pião. Chamo-lhe pião porque a sua mania singular, mas não absolutamente desarrazoada, era que o tinham metamorphoseado em pião. O senhor teria morrido de riso se o tivesse visto girar. Piruetava horas e horas sobre um calcanhar, d'este modo, veja...

Então o amigo que elle tinha interrompido, pagou-lhe com um conselho dado em segredo, o serviço que recebera momentos antes.

— Mas então, gritou uma senhora velha, com uma voz atoadora : M. Boulard era um louco, e um louco muito estúpido. Ora digam-me : quem ouviu nunca falar d'um pião humano? não ha nada mais absurdo! Madame Joyeuse, como todos sabemos, era uma pes-

soa mais sensata. E' verdade que tinha tambem a sua mania; mas era uma mania inspirada pelo senso commum e dava prazer ás pessoas que tinham a honra de a conhecer. Aquella senhora descobrira, depois de maduras reflexões, que havia sido, por accidente, mudada em gallo; mas, na sua qualidade de gallo, comportava-se normalmente. Batia as azas; assim, assim, com um esforço prodigioso; e quanto ao seu canto, esse era divino! Co... o... o... queri... co... o... o... o...! Co... o... o... o... que... ri... co... co... co... o... o... o... o...!

— Madame Joyeuse, peço-lhe que esteja com socego, interrompeu o dono da casa, com aspereza, se não quer porta-se decentemente, como convem a uma senhora, saia immediatamente da mesa. Tome sentido!

A senhora (que eu fiquei espantado de ouvir chamar Madame Joyeuse, depois da descripção que ella mesma acabava de fazer de Madame Joyeuse) corou até ás orelhas, parecendo profundamente humilhada com a reprehensão. Abaixou a cabeça e não respondeu nem uma syllaba.

Então, outra senhora, a minha rapariga bonita da sala, continuou a conversação.

— Oh! exclamou ella, Madame Joyeuse era uma doida! Mas Eugenia Salsaffette não deixava de mostrar bom senso na sua opinião. Era uma senhora moça e formosa, de ar modesto e melancolico, que achava indecente o modo ordinario de vestir, e, então, queria sempre vestir-se mettendo-se por fóra do fato em lugar de se metter por dentro. Era uma cousa facillima, no fim de tudo. Vêde, bastava fazer assim... depois assim... em seguida assim... e emfim...

— Meu Deus! Mademoiselle Salsaffette! exclamaram umas doze vozes ao mesmo tempo, que está a fazer?

Prompto! é o bastante! Já vimos como isso se pôde fazer! basta! basta!

E algumas pessoas levantaram-se das cadeiras para evitar que Mademoiselle Salsaffette se puzesse no trage da Venus de Médicis, quando o resultado desejado foi rapido e efficazmente trazido por uma porção de gritos ou de urros, que vinham de alguma parte da corpo principal do edificio.

Aquelles urros atacaram-me os nervos de uma maneira horrorosa; mas os outros convivas ainda soffreram mais. Nunca na minha vida vi uma sociedade de pessoas sensatas tão horrorisada. Fizeram-se todos pallidos como cadaveres, encolhendo-se sobre as cadeiras, tremendo, titubeando de terror, e parecendo esperar com um ouvido ancioso a repetição do mesmo ruido, que effectivamente se repetiu, mais alto e como que approximando-se; depois ouviu-se terceira vez muito forte, muito forte; emfim, uma quarta, mas com um vigor evidentemente decrescente. A esta quietação apparente da tempestade, toda a sociedade recuperou a presença de espirito e as anedotas recommçaram com mais força. Atrevi-me então a perguntar a causa de semelhante barulho.

— Uma bagatella, disse o sr. Maillard, á qual estamos tão habituados que não lhe damos já grande importancia. Os doidos, de vez em quando, começam a berrar em côro, excitando-se uns aos outros, como acontece frequentemente, de noite, n'um grupo de cães. A's vezes, este concerto de urros é seguido de um esforço simultaneo de todos para se evadirem: n'este caso ha sempre a fazer algumas prisões.

— Quanto presos tem agora?

— Actualmente não temos mais de dez.

— Mulheres principalmente, não?

— Oh! não. São todos homens, e homens muito vigorosos.

— Sim?! Pois eu sempre tinha ouvido dizer que a maioria dos loucos pertencia ao bello sexo.

— Em geral é assim; mas não sempre. Ha tempos, tinhamos aqui pouco mais ou menos vinte e sete doidos, dos quaes talvez dezoito eram mulheres; mas ultimamente as cousas mudaram muito, como vê.

— Sim... mudaram muito, como vê, interrompeu o cavalheiro, que havia quebrado as tibias de Mademoiselle Laplace.

— Sim... mudaram muito, como vê, repetiu em côro toda a sociedade.

— Segurem-me essas linguas! ouviram! gritou o meu amphytrião, n'um accesso de colera.

A'quellas palavras toda a assembléa observou, durante cerca de um minuto, um silencio de morte. Houve uma senhora que obedeceu á lettra ao sr. Maillard, deitando a lingua de fóra, uma lingua excessivamente comprida, agarrando-a com as duas mãos, e conservando-se assim, com muita resignação, até ao fim do jantar.

— Aquella senhora, disse eu ao sr. Maillard, inclinandome para elle e falando-lhe ao ouvido, aquella excellente senhora, que falava ainda agora, fazendo-nos ouvir o seu coquerico, é inoffensiva, não é verdade, perfeitamente inoffensiva?

— Inoffensiva? exclamou elle com uma surpresa verdadeira. Como? que quer o senhor dizer?

— Quero dizer que está só ligeiramente atacada, disse eu, apontando para a testa; que não está affectada perigosamente...

— Meu Deus! que imagina o senhor? Aquella senhora. minha velha e particular amiga, Madame Joyeuse,

tem o espirito tão são como eu. Tem as suas excentricidades, sem duvida; mas, sabe perfeitamente que todas as mulheres muito velhas são mais ou menos excentricas.

— Sem duvida, disse eu, sem duvida! E o resto d'essas senhoras e d'estes cavalheiros...

— São todos meus amigos e meus guardas, interrompeu o sr. Maillard, endireitando-se com altivez, meus excellentes amigos e meus ajudantes.

— Que! todos? perguntei eu, e as mulheres tambem, sem excepção?

— Certamente, disse elle. Nós não poderíamos fazer nada sem as mulheres; são os melhores enfermeiros do mundo para doidos. As mulheres têm uma maneira sua de tratar, sabe? Os seus olhos produzem effeitos maravilhosos; é uma especie da fascinação da serpente, sabe?

— Certamente, disse eu, certamente! Estas senhoras têm comtudo uns modos algum tanto exquisitos, não é assim? São levemente originaes, não acha?

— Exquisitas! originaes!... Que! seriamente? acha? A dizer a verdade, nós, os povos do sul, não somos nada pretenciosos; fazemos sempre o que nos parece; desfructamos a vida; e todos estes habitos que o sr. acha extraordinarios, comprehende...

— Perfeitamente, disse eu, perfeitamente.

— E depois este Vougeot é talvez um pouco generoso, comprehende? um pouco quente de mais...

— Certamente, disse eu, certamente. E depois não me disse já que o systema adoptado em logar do famoso systema da brandura, era de uma severidade rigorosa?

— Não, eu não disse isso. A reclusão é necessariamente rigorosa; mas o tratamento (o tratamento medico, quero dizer) é antes agradavel para os doentes.

— E é da sua invenção, esse systema?

— Não, absolutamente. Algumas partes do systema devem ser attribuidas ao professor Breu de quem tenho ouvido falar necessariamente; ha tambem no meu plano algumas modificações, que pertencem de direito ao celebre doutor Penna, que deve ter conhecido intimamente.

— E' vergonha dizel-o, meu caro amigo, repliquei eu, mas é a primeira vez na minha vida que ouço pronunciar os nomes d'esses senhores.

— Bondade divina! exclamou o sr. Maillard, retirando bruscamente a sua cadeira do pé da minha e levantando as mãos ao céu. E' impossivel que eu tenha entendido bem! Pois o senhor disse que não tinha nunca ouvido falar do erudito doutor Breu nem do famoso doutor Penna?

— Sou obrigado a confessar a minha ignorancia. respondi eu, para não faltar ao respeito devido á verdade. Sinto-me o mais humilhado possivel por não conhecer ás obras d'esses dois homens, sem duvida extraordinarias. Mas vou tratar de obter os seus escriptos e de os ler com o mais estudioso cuidado. Sr. Maillard, o senhor fez-me realmente corar de mim mesmo!

E era a pura verdade.

— Não falemos mais n'isso, meu joven e excellente amigo, disse elle com bondade, apertando-me a mão, vamos beber cordealmente um copo d'este Sauterne.

Bebemos; e toda a sociedade seguiu o nosso exemplo, sem descontinuar. Entretanto, falavam, riam, folgavam, commettendo mil absurdos. As rabecas rangiam, o tambor multiplicava os seus rantamplans, os trombones mugiam como outros tantos touros de Phalaris, e a scena, exasperando-se cada vez mais, á medida que os vinhos augmentavam o seu imperio, converteu-se n'uma

especie de Pandemonium *in petto*. Comtudo, o sr. Maillard e eu, com algumas garrafas de Vougeot e de Sauterne, por nossa conta, continuavamos o dialogo com toda a força dos nossos pulmões. Uma palavra pronunciada n'um diapasão ordinario não tinha mais probabilidade de ser ouvida do que a voz de um peixe no fundo do Niagara.

— Sr. Maillard, gritei-lhe eu ao ouvido, qual é então o perigo principal implicado no systema da brandura ?

— Eu lhe digo, respondeu elle. Não é possível conhecer bem e prever todos os caprichos de um louco; e na minha opinião, assim como na do doutor Breu e na do professor Penna, não é nunca prudente deixal-os andar livremente, sem guardas. Um doido pôde ser *abrandado*, como se costuma dizer, por certo tempo, mas, por fim, acaba sempre por fazer disturbios. A sua manha é proverbial e verdadeiramente notavel. A hypocrisia que elles empregam para esconder os seus projectos, é maravilhosa, e a dextreza com que imitam a sanidade, offerece ao estudo do philosopho um dos problemas psychologicos mais singulares. Quando um doido apparece perfeitamente razoavel, cumpre metter-lhe logo a camisa de forças.

— Mas o perigo, meu caro senhor, o tal perigo de que falava ? Já teve alguma vez a experiencia propria, desde que esta casa está debaixo da sua direcção ? Já teve uma razão material, positiva, para considerar a liberdade como perigosa, n'um caso de loucura ?

— Experiencia propria ? aqui, desde que esta casa está debaixo da minha direcção ? Certamente que sim ! Olhe, ainda não ha muito tempo, deu-se aqui uma circumstancia singular. Como sabe, o *systema de brandura* estava então em vigor, e os doentes andavam

em perfeita liberdade. O seu comportamento era tão notavelmente bom, que uma pessoa experimentada teria podido colligir de uma tão bella sensatez; que aquelles patuscos tramavam algum plano demoniaco. Com effeito, uma bella manhã, os guardas acharam-se nãas prisões, de pés e mãos ligadas, vigiados como loucos, pelos proprios loucos, que haviam usurpado as funcções dos guardas.

— Homem! essa é a melhor partida que eu tenho ouvido contar, na minha vida!

— E' verdade. Tudo isto foi obra de um animal, um doido, que tinha a mania de haver inventado o melhor systema de governo que se podia imaginar (governo de doidos, bem entendido). Desejando pois fazer a experiencia da sua invenção, persuadiu os outros doentes a juntarem-se a elle, n'uma conspiração, para deitar por terra o poder reinante-

— E conseguiu?

— Perfeitamente. Os guardas e os guardados tiveram de trocar os seus logares respectivos, com a differença importante que os loucos tinham sido livres e os guardas fôram immediatamente sequestrados nas prisões e tratados; é preciso confessal-o, de uma maneira muito inconveniente.

— Mas a contra-revolução deve ter-se effectuado depressa, porque uma situação d'essas não podia durar muito tempo. Os camponios da vizinhança e os visitantes do estabelecimento devem ter logo dado o alarme.

— Ahi está o senhor enganado! O chefe dos rebeldes era muito manhoso para não ter evitado semelhante contra-tempo. O seu primeiro cuidado foi prohibir a entrada a todos os visitantes; só uma vez é que fez uma excepção, em favor de um joven gentleman, cuja physionomia de asno chapado não podia inspirar-

lhe desconfiança alguma. A este, deixou-o visitar a casa, como para introduzir n'ella um pouco de variedade e para se divertir á custa d'elle. Mas depois de o ter desfructado sufficientemente, pol-o na rua e mandou-o passeiar.

— Quanto tempo durou então esse reinado de doidos?

— Oh! muito tempo! um mez ou mais! Entretanto, os doidos divertiam-se; póde fazer idéa. Puzeram logo de parte os seus fatos coçados e vestiram á vontade do guarda roupa da familia; nem as joias lhe escaparam; Depois fôram ás adegas do edificio, e os diabos d'estes doidos são entendedores que sabem beber bem. Emfim, viveram á grande, posso-lhe affirmar!

— E o tratamento? Que especie particular de tratamento era então o que o chefe dos rebeldes mandava applicar?

— Ah! quanto a isso, meu caro amigo, um doido não é necessariamente um tolo, como já tive a honra de lhe fazer observar; e, na minha humilde opinião, o seu systema de tratamento era bem melhor do que o nosso. Era um tratamento verdadeiramente capital, simples, acciado, sem embaraços, realmente delicioso; era...

Aqui, as observações do dono da casa fôram bruscamente cortadas por uma nova serie de gritos, da mesma especie que os que tinhamos já ouvido. D'esta vez, porém, as vozes pareciam approximar-se rapidamente.

— Bondade divina! exclamei eu os doidos soltaram-se, sem duvida alguma.

— Parecc-me que sim, respondeu o sr. Maillard, fazendo-se excessivamente pallido.

Apenas elle acabava aquella phrase, ouvimos grandes clamores e imprecações por baixo das janellas; immediatamente depois batiam á porta com qualquer cousa que parecia ser uma especie de vae-vem, ou um

martello enorme, e as portas das janellas eram sacudidas e empurradas com uma violencia prodigiosa, produzida evidentemente pelos esforços d'alguns individuos que tentavam entrar á força na sala.

Seguiu-se uma scena de horrivel confusão. O sr. Mailard, com grande espanto meu, metteu-se debaixo do aparador. Os membros da orchestra que, havia um quarto de hora, pareciam muito bebados para executar as suas funcções, escalaram a mesa junto da qual estavam assentados e agarraram-se aos instrumentos, começando de commum accordo um *Yankee Dodge* (1) que elles tocaram, senão com justeza, pelo menos com uma energia sobrehumana, durante todo o tempo que reinou a desordem.

Entretanto, o cavalheiro a quem tinham impedido de saltar para cima da mesa, saltou n'ella d'aquella vez, no meio das garrafas e dos copos, e começou logo um discurso, que teria parecido decerto de primeira ordem, se alguém tivesse podido ouvil-o. No mesmo instante, o homem que nos havia desenvolvido a sua predilecção pelo pião, desatou a piruetar em roda da sala, de braços abertos, fazendo angulo recto com o corpo, e com uma energia tão extraordinaria que se teria dito um pião verdadeiro, empurrando e deitando por terra tudo o que se achava na sua passagem. Então, ouvi estalos incriveis, assobios inauditos de champagne, e não tardei a descobrir que aquelle barulho provinha do individuo, que, durante o jantar, representára tão bem o seu papel de garrafa. Ao mesmo tempo, o homem rã coaxava com toda a força, como se a salvação da sua alma dependesse de cada nota que proferia. No meio de tudo aquillo elevava-se, dominando todos os outros ruidos, o

(1) Aria popular americana

zurrar continuo de um burro. Quanto á minha velha amiga, Madame Joyeuse, em pé a um canto da casa, junto do fogão, contentava-se em cantar, o mais alto que podia, o seu coquericooooo !...

Emfim, chegou a crise suprêmea, a catastrophe do drama. Como os gritos, os urros e os coquericos eram as unicas fórmãs de resistencia, os unicos obstaculos oppostos aos esforços dos sitiantes; as janellas fôram rapida e simultaneamente arrombadas.

Nunca esquecerei as minhas sensações de espanto e horror, ao vêr saltar pela janella e arrojarse para o meio de nós, manejando os pés, as mãos e as garras, um verdadeiro exercito de monstros uivadores, que á primeira vista me pareceram chimpanzés, orango-tangos ou grandes mandris negros do Cabo da Boa-Esperança.

Depois de ter apanhado uma sova temivel, enrosquei-me debaixo de um canapé e deixei-me ficar muito quieto. Passados cerca de quinze minutos, durante os quaes escutei com toda a attenção o que se passava na sala, obtive emfim, com o desfecho, uma explicação satisfactoria d'aquella tragedia.

O sr. Maillard, segundo me pareceu, contando-me a historia do louco que havia excitado os seus camaradas á rebellião, não fizera senão relatar-me as suas proprias proezas. Aquelle senhor havia sido, com effeito, director do estabelecimento; depois, a sua razão tendo-se perturbado, passára ao numero dos doentes. Este facto não era conhecido do companheiro de viagem que me apresentára a elle.

Os guardas, em numero de dez, haviam sido repentinamente atacados e deitados por terra, depois bem untados com breu e cobertos de pennas, depois emfim sequestrados nos subterraneos. Elles tinham ficado pre-

sos assim mais de um mez, durante o qual o sr. Maillard lhes havia concedido generosamente, não só o breu e as pennas, (o que constituia o seu systema) mas tambem um pouco de pão e agua em abundancia. Todos os dias recebiam por meio de uma bomba a sua ração de duches. Por fim, um d'elles, tendo-se escapado por um cano, restituiu a liberdade a todos os outros.

O *systema da brandura*, com importantes modificações, voltou a vigorar no hospicio ; mas eu não posso deixar de reconhecer, com o sr. Maillard, que o seu systema de tratamento era um tratamento capital. Como elle proprio observára, mui justamente, era um tratamento simples, aceiado e que não apresentava o menor embaraço.

Não tenho senão poucas palavras a accrescentar. Procurei em todas as bibliothecas da Europa as obras do doutor Breu e do professor Penna ; mas, apesar de todos os meus esforços, ainda não pude, até ao dia de hoje, obter um exemplar.

COLLOQUIO ENTRE MONOS E UNA

UNA. — *Resuscitado?*

MONOS. — Sim, bella e adorada Una, *resuscitado*. Tal era a palavra sobre cujo sentido mystico meditei tanto tempo, desprezando as explicações da padrallhada, até que a morte veiu, ella propria, trazer-me a chave do enigma.

UNA. — A Morte!

MONOS. — Como as tuas palavras fazem echo ás minhas, doce Una! Os teus passos vacillam e brilha-te nos olhos um alvoroço anormal! Vê-se que estás ainda perturbada, opprimida pela novidade magestosa da Vida Eterna! Sim, era da Morte que eu falava. Mas como esta palavra parece estranha agora, esta palavra que, n'outro tempo, communicava a tristeza a todos os corações e desluzia todos os prazeres!

UNA. — Ah! a Morte, o espectro terrivel, que se assentava a todas as mesas! Quantas vezes, eu e tu, Monos, nos perdemos em conjecturas a seu respeito! Como ella se erguia, auctoridade suprema e mysteriosa, ante a ventura humana, dizendo : D'aqui não se passa! Lembras-te, meu Monos, como, ao principio, o amor nos fazia felizes e como nos lisongeavamos, em vão, de vêr progredir com elle a nossa ventura? Ai! esse amor progrediu, mas com

elle progredia, nos nossos corações, o terror da hora fatal que devia separar-nos para sempre! E assim, com o tempo, o amor tornou-se-nos um supplicio; o odio ter-nos-ia sido uma misericordia!

MONOS. — Não te lembres mais d'essas penas, querida Una, minha agora, **minha para sempre!**

UNA. — Meu amigo, não é na lembrança das maguas passadas que consiste a alegria do presente? Deixa-me falar muito tempo. muito tempo ainda das penas que já não existem, Conta-me os incidentes da tua viagem através da Sombra e do negro Valle. Tenho immenso desejo de os conhecer!

MONOS. — Jámais a radiante Una pedirá em vão, seja o que fôr, ao seu Monos! Contar-te-ei tudo minuciosamente; mas, dize-me, em que ponto devo começar a narrativa mysteriosa?

UNA. — Em que ponto?

MONOS. — Sim, em que ponto?

UNA. — Comprehendo, Monos. A morte revelou-nos, a ambos, a tendencia do homem a definir o indefinivel. Não direi pois : começa no ponto em que a vida pára ; mas sim : começa n'esse momento de tristeza infinda em que, a febre tendo desaparecido, cahiste n'um torpôr sem respiração nem movimento; quando os meus dedos tremulos de amor cerravam as tuas palpebras lividas.

MONOS. — Deixa-me dizer-te primeiro, minha Una, duas palavras ácerca da condição geral do homem n'essa epocha. Deves lembrar-te de que um ou dois sabios de entre os nossos antepassados (sabios verdadeiros, embora a opinião do mundo não os considerasse assim) tinham ousado duvidar da propriedade da palavra Progresso, applicada á marcha da nossa civilização. Durante os cinco ou seis ultimos seculos que precederam a nossa

morte, apparecia sempre, de vez em quando, uma ou outra intelligencia vigorosa, luctando corajosamente por esses principios cuja evidencia illumina agora a nossa razão, emancipada, emfim, dos preconceitos terrestres; principios que deveriam ter ensinado á raça humana, a deixar-se guiar pelas leis naturaes, sem querer submettel-as á sua critica. De tempos a tempos, apresentavam-se pois alguns espiritos soberanos, para os quaes todos os progressos nas sciencias praticas não eram senão um resumo na ordem da verdadeira utilidade. A's vezes, o espirito poetico (que nós sabemos agora a mais sublime de todas as faculdades; visto que as verdades mais importantes só podiam ser-nos reveladas por essa analogia, cuja eloquencia, irresistivel para a imaginação, não tinha poder algum sobre a razão enferma e solitaria), ás vezes, digo, o espirito poetico passou além da philosophia cega, inferindo da parabola mystica da arvore da sciencia e do seu fructo prohibido, gerador de morte, uma advertencia clara, a saber : que a sciencia não convinha ao homem, durante a menoridade da sua alma. E esses homens, os poetas, que viviam e morriam desprezados pelos *utilitarios*, pedantes rudes que usurpavam um titulo, do qual só os desprezados eram dignos, os poetas referiram os seus devaneios e as suas justas saudades a estes dias primitivos, em que os desejos do homem eram tão simples, como penetrantes os seus gosos; em que a palavra *alegria* era desconhecida, tão profunda e invariavel era a felicidade humana! Dias santos, augustos e abençoados, quando os rios azulados corriam a transbordar das collinas invioladas, prolongando-se ao longe nas florestas primitivas, odoríferas e virgens!

Comtudo, essas nobres excepções ao absurdo em geral, só serviam para o avigorar pela opposição. Ai! os piores

de todos os nossos dias máos eram chegados. O *Grande impulso* (tal era a linguagem da época), perturbarção morbida, moral e physica, caminhava sempre! A arte — as artes, quero dizer, foram elevadas á dignidade suprema, e uma vez installadas sobre o throno, subjugarão a intelligencia que as havia elevado. O homem, que não podia deixar de reconhecer a magestade da natureza, cantou nesciamente victoria pelas suas conquistas progressivas sobre os elementos da mesma natureza. Mas enquanto elle se pavoneava, fingindo-se Deus, accommettia-o uma imbecilidade infantil. Como se poderia ter previsto, desde a origem da doença, infectaram-no logo uma quantidade de systemas e de abstracções; embaraçaram-no as generalidades.

Entre outras idéas estranhas, predominava a da egualdade universal. E á face de Deus e da analogia (a despeito dos brados das leis da gradação, que tão intimamente penetram todos os objectos do céu e da terra) fizeram-se esforços insensatos para estabelecer uma democracia universal. Este mal era a consequencia necessaria do primeiro : a sciencia. O homem não podia, ao mesmo tempo, submeter-se e saber.

Entretanto, edificaram-se innumeradas cidades enormes e famosas. As folhas verdes torceram-se sob o halito ardente dos fornos. O formoso rosto da natureza parecia desfigurado pelos estragos de alguma doença repugnante. O sentimento do forçado e do investigar demasiado teria devido deter-nos n'aquelle ponto. Mas parece que pervertendo o *gosto*, ou antes esquecendo-nos de o cultivar nas escolas, tinhamos concluido loucamente a propria destruição. Porque, na verdade, em semelhante crise, só o gosto (esta faculdade, que, sendo o intermedio entre a pura intelligencia e o senso moral, não pode nunca ser desprezada impunemente) só o

gosto haveria então tido o poder de nos fazer voltar ao bello, á natureza é á vida! Mas, ai! puro espirito contemplativo e magestosa intuição de Platão! Ai! Mousikè comprehensiva, que elle considerava, com justiça, como educação sufficiente para a alma! Ai! onde estaveis? Era exactamente quando havieis desaparecido no esquecimento e no desprezo universaes, que o mundo vos chamava com desespero.

Pascal, um philosopho a quem ambos amavamos, cara Una, disse (com que verdade!) que *todo o raciocinio se reduz a ceder ao sentimento*. Assim, se a epocha o tivesse permitido, talvez que o sentimento do natural tivesse retomado o seu antigo ascendente sobre a selvagem razão mathematica das escolas. Mas não podia ser. A decrepitude do mundo approximava-se, prematuramente trazida pelas orgias da sciencia. E' o que a massa da humanidade não via, ou o que affectava não vêr, vivendo com sofreguidão, posto que sem felicidade.

Quanto a mim, a historia da terra me havia ensinado a esperar a ruina mais completa, como premio inevitavel da mais alta civilisação. A comparação da China, simples e robusta, com a Assyria architecta, o Egypto astrologo e a Nubia ainda mais subtil, mãe turbulenta de todas as artes, tinha-me dado a presciencia do nosso destino. Os annaes d'esses paizes haviam-me mostrado um reflexo do futuro. As especialidades industriaes d'estes tres ultimos reinos eram doencas loeas da terra, e a ruina de cada uma foi a applicação do remedio local; mas para o mundo infectado em globo, não havia regeneração possivel senão na morte. Ora, o homem, não podendo, como raça, ser destruido, conclui que lhe era preciso renascer.

E era então, bella e querida Una, que os nossos espiritos divagavam quotidianamente pelo paiz dos sonhos.

Era então que discorriamos á hora do crepusculo sobre os dias futuros; quando a epiderme da terra cicatrizada, tendo soffrido esta purificação, unica cousa que podia fazer desaparecer as suas abominações rectangulares, tornaria a ostentar as verduras, as collinas e as aguas risonhas do paraizo, e voltaria a ser uma habitação apropriada ao homem, ao homem purificado pela morte, ao homem, cuja intelligencia ennobrecida, não acharia mais um veneno na sciencia; ao homem resgatado, regenerado, beatificado, desde então immortal, comtudo revestido ainda da materia?

UNA. — Lembro-me perfeitamente d'essas conversações, querido Monos; mas a epocha do fogo destruidor, não estava tão proxima como imaginavamos e como a corrupção de que falas nos dava certamente razão de acreditar. Os homens viveram e morreram individualmente. Tu mesmo, vencido pela doença, desceste ao tunulo, onde a tua constante Una não tardou a seguir-te; e bem que os nossos sentidos adormecidos não tenham sido torturados pela impaciencia, nem tenham sequer percebido a longa duração do seculo que se passou depois e cuja revolução final nos restituiu um ao outro, comtudo, caro Monos, passou-se ainda um seculo!

MONOS. — Dize antes um ponto no vago infinito. A minha morte realisou-se incontestavelmente durante a decrepitude da terra. Fatigado de maguas, provenientes da desordem e da decadencia geral, succumbi á febre cruel que me atacou. Depois de poucos dias de soffrimento e de muitos dias cheios de delirios, de sonhos, de extasis (cuja expressão tomavas pela da dôr enquanto que o meu unico soffrimento era não poder desenganar-te), depois de alguns dias fui, como dizes, accommettido por uma lethargia, sem respiração nem movimento, e as pessoas que me rodeavam disseram

que era a morte. As palavras são cousas vagas; o meu espirito não me privava do sentimento, era pouco mais ou menos a extrema quietação de uma pessoa que, tendo dormido muito tempo profundamente, immovel, prostrada sob a calmaria do solsticio ardente, começa a voltar lenta e furtivamente a si, sem attentar no movimento exterior.

Não respirava. O pulso estava immovel. O coração havia cessado de bater. A volição não tinha desaparecido, mas era inefficaz. Os meus sentidos gosavam de uma actividade insolita, posto que a exorcendo de um modo irregular e usurpando reciprocamente as suas funções, ao acaso. O sabor e o olfacto misturavam-se n'uma confusão inextricavel, não formando já senão um sentido anormal e intenso. A agua de rosas com que me humedeceste ternamente os labios, no momento supremo, dulcificava-me o espirito com idéas de flôres, flôres phantasticas, infinitamente mais bellas que flôr alguma da terra antiga, semelhantes ás que vêmos hoje florescer em torno de nós. As palpebras, transparentes e exangues, não oppunham o menor obstaculo á visão. Como a vontade estava suspensa, os globos não podiam mover-se nas orbitas; mas todos os objectos situados ao alcance do hemispherio visual, eram percebidos, mais ou menos distinctamente, os raios que cahiam sobre a retina externa, ou no canto do olho, produzindo um effeito mais vivo do que os que batiam na superficie interna ou a atacavam de frente. Comtudo, no primeiro caso esse effeito era tão anormal que me parecia mais um som; som doce ou discordante, conforme os objectos, que se apresentavam ao meu lado; eram luminosos ou sombrios, arredondados ou angulosos. Ao mesmo tempo, o ouvido, embora sobre-excitado, não tinha nada de irregular na sua acção, apreciando os sons reaes com

uma precisão não menos hyperbolica que a sua sensibilidade. O tacto, esse soffrêra uma mudança mais notavel. As suas impressões vinham lentamente ; mas conservavam-se e produziam sempre um prazer physico dos mais pronunciados.

Assim, a pressão dulcissima dos teus dedos sobre as minhas palpebras, não foi, ao principio, percebida senão pelo orgão da visão ; mas por fim, e longo tempo depois de os teres retirado, embriagou-me com um prazer sensual inapreciavel. Digo : um prazer sensual. Todas as minhas percepções eram puramente sensuaes. Quanto aos materiaes fornecidos pelos sentidos ao cerebro passivo, a intelligencia morta, incapaz de os trabalhar, não lhes dava forma alguma. Havia, em todas aquellas sensações, um pouco de dôr, muita voluptuosidade ; mas nem a sombra de um prazer ou de um desgosto moral. Os teus soluços impetuosos fluctuavam-me no ouvido com todas as suas cadencias doridas, apreciados em todas as variações dos seus tons melancolicos ; mas eram notas musicaes e nada mais, não trazendo á razão extincta a menor noção das dôres que os causavam, enquanto a copiosa e incessante chuva de lagrimas que cahia sobre o meu rosto penetrava-me simplesmente de extase. E, na verdade, era realmente a Morte, de que todos os assistentes falavam respeitosa-mente e em voz baixa ; e tu, minha doce Una, com voz convulsiva, entrecortada de soluços e de gritos !

Tres ou quatro figuras sombrias, que passavam e repassavam de um paro o ouro lado, com ar azafamado, vestiram-me para o tumulo. Quando estas figuras atravçssavam a linha directa da minha visão, affectavam-me como *fôrmas* ; mas quando passavam ao meu lado, as suas imagens traduziam-se-me no cerebro por gritos, gemidos e outras expressões lugubres, de terror, de repu-

gnancia ou de soffrimento. Só as ondulações do teu vestido branco, em qualquer direcção que te agistasses, vibravam sempre musicalmente em redor de mim.

O dia baixava, e á medida que a luz se esvaecia, accommettia-me uma inquietação vaga (uma anciedade semelhante á de um homem que dorme ao som de ruidos tristes e reaes; sons de sinos longinquos, solennnes e periodicos, acompanhando-lhe algum sonho melancolico). A noite veiu; e com as suas sombras, uma desolação profunda que me opprimia todo com um peso enorme, palpavel! Havia tambem um som lugubre, assaz semelhante ao echo longiquo da ressaca, porém mais moderado, que começára ao crepusculo e augmentára com as trevas. De repente, illuminaram o aposento; e, no mesmo instante, interrompeu-se o tal echo prolongado, transformádo-se em explosões frequentes, deseguaes, com o mesmo som, menos lugubres e menos distinctas. A oppressão esmagadora diminuiu em grande parte. Senti brotar da chamma de cada lampada (eram muitas) um canto de uma monotonia melodiosa. E quando, approximando-te do leito em que eu jazia, vieste graciosamente sentar-te ao meu lado, exhalando o perfume d'esses labios deliciosos e pousando-os sobre a minha frente, ergueu-se-me no peito uma perturbação tremula, confusa, semelhante ás sensações puramente physicas, produzidas pelas circumstancias; alguma cousa analoga á propria sensibilidade; um sentimento que apreciava em parte o teu amor ardente e a tua dôr e lhes correspondia quasi. Mas esse sentimento não se implantava no coração paralyzado; parecia mais uma sombra que uma realidade e esvaeceu-se rapidamente, primeiro, com uma quietação extrema, depois, com um prazer puramente material, como primitivamente.

E então, do naufragio, do chaos de todos os sentidos, pareceu elevar-se em mim um sexto sentido, absolutamente perfeito. A sua acção era um deleite exquisito, deleite physico, comtudo; a intelligencia não se lhe associando de modo algum. O movimento no ser animal havia cessado completamente. Nenhuma fibra tremia, não vibrava um unico nervo, nem uma arteria palpitava. Mas parecia que, no meu cerebro, tinha nascido *este não sei que*, do qual palavra alguma pôde dar uma concepção, mesmo confusa, a uma intelligencia puramente humana. Deixa-me definil-o assim : vibração do pendulo mental. Era a personificação moral da idéa abstracta do Tempo. E' pela egualação absoluta d'esse movimento, ou de algum outro analogo, que são regidos os cyclos dos globos celestes. Foi assim que medi as irregularidades do pendulo do fogão e as dos relogios das pessoas presentes, cujos tic-tacs me soavani harmoniosamente ao ouvido. Os seus desvios mais ligeiros (e esses desvios eram frequentes) affectavam-me exactamente como, entre os vivos, a violação da verdade abstracta affecta as faculdades moraes. Posto que não houvesse, em todo o aposento, dois movimentos que marcassem os segundos exactamente, não me custava nada a reter imperturbavelmente no espirito o timbre de cada uma das suas diferenças relativas. E este sentimento da *duração*, vivo, perfeito, existindo propriamente, sem dependencia de uma serie qualquer de factos (modo de existencia talvez incomprehensivel para o homem) essa idéa, esse sexto sentido, surgindo das minhas ruinas, era o primeiro passo sensível, decisivo, da alma intemporal para os humbraes da Eternidade.

Era meia-noite. Tu continuavas sentada ao meu lado; os outros, depois de me haverem mettido no caixão, tinham deixado o quarto da Morte. As vacilla-

ções das luzes traduziam-se em mim pelos trinados dos cantos monotonos. Mas, de repente, esses cantos diminuíram de clareza e de volume e por fim cessaram. Extinguiram-se os perfumes; desapareceram da visão todas as imagens. O meu peito foi alliviado da oppressão das Trevas. Percorreu-me o corpo uma commoção surda, seguida do desaparecimento total da idéa do tacto.

Tudo o que restava dos chamados sentidos do homem fundiu-se na simples consciencia da entidade e no sentimento unico e immutavel do *Tempo*. A Destruição irremediavel havia emfim anniquilado o corpo mortal.

E, entretanto, a sensibilidade não havia desaparecido de todo, porque a consciencia e o sentimento substituíam algumas das suas funcções por meio de uma intuição lethargica. Eu percebia a mudança horrorosa que começava a operar-se na carne; comtudo, assim como o homem, em sonhos, tem ás vezes a consciencia da presença corporal de alguém, assim eu sentia sempre vagamente a minha doce Una assentada junto a mim.

Do mesmo modo, quando chegaram as doze horas do outro dia, a minha quasi inconsciencia poude ainda apreciar os movimentos que se seguiram. Tu desapareceste! Fecharam-me no caixão, collocaram-me no carro mortuario e conduziram-me ao tumulo. Depois, metteram-me lá dentro, carregaram-me de terra e deixaram-me, só com os vermes, no escuro e na podridão, entregue ao meu somno triste e solemne!

E alli, n'aquella prisão, que tão poucos segredos tem a revelar, passaram-se os dias, as semanas, os mezes e a alma contava escrupulosamente cada segundo, que corria, e registrava a sua fuga sem esforço e sem objecto.

Passou-se um anno. A consciencia do *ser* tornára-se gradualmente mais confusa, dominada, em grande

parte, pela da localidade. A idéa da identidade afogára-se na idéa do logar. O pequeno espaço que confinava o que outr'ora havia sido corpo, constituia agora o proprio corpo. Por fim, como acontecia ás vezes sobre a terra ao homem profundamente adormecido, (o somno e o mundo do somno são as unicas imagens da morte) quando um raio de luz o fazia estremecer, deixando-o meio desperto, meio engolfado nos sonhos; assim surgiu para mim, nas profundezas da *Sombra*, a unica luz que podia talvez fazer-me estremecer: a luz do Amor immortal! Levantaram a terra humida, que me encerrava na fria noite do tumulo; e sobre os meus ossos descarnados, desceu o caixão de *Una*! E depois, tudo voltou ao Nada. Aquella luz nebulosa extinguiu-se. Aquelle tremor imperceptivel, desvaneceu-se outra vez na immobilidade. Decorreram lustros e lustros. A poeira voltou a ser poeira. Acabára-se o pasto dos vermes. O sentimento do *ser* havia por fim desaparecido inteiramente. Em seu logar, em logar de tudo mais, reinavam, autocratas supremos e eternos, o Logar e o Tempo. Para *o que não era nada*; para o que não tinha fórma, nem pensar, nem sentimento; para o que estava sem alma e não possuia já um atomo de materia; para aquelle nada e para aquella immortalidade, o tumulo era ainda um habitaculo: as horas corrosivas uma sociedade.

COLLOQUIO ENTRE EIROS E CHARMION

EIROS. — Porque me chamas Eiros?

CHARMION. — Porque assim te chamarás de hoje para o futuro. Esquece igualmente o meu nome terrestre e chama-me Charmion.

EIROS. — Não será isto um sonho?

CHARMION. — Não ha sonhos onde agora estamos; mas deixemos por enquanto esses mysterios. Alegro-me por vêr em ti o aspecto da vida e a lucidez da razão. As cataractas da sombra desapareceram já dos teus olhos. Anima-te e não temas nada; os dias da estupefacção passaram para ti. A'manhã, eu proprio quero introduzir-te nas alegrias perfectas e nas maravillas da tua nova existencia.

EIROS. — Effectivamente, não sinto a menor estupefacção. A vertigem e as trevas deixaram-me de todo; já não ouço aquelle barulho insensato, precipitado, terrivel, semelhante ao rugido do mar. Comtudo, Charmion, sobressalta-me a percepção do novo.

CHARMION. — Isso ha de te passar depressa; comprehendendo a commoção que sentes; por tudo isso eu passei ha de haver uns dez annos terrestres; e ainda não pude perder a lembrança d'esse alvoroço intraduzivel!. Mas é

o teu ultimo transe, o unico pelo qual hajas de passar no céo.

EIROS. — No céo ?

CHARMIOM. — Sim, no céo.

EIROS. — Oh! meu Deus, tende piedade de mim! Sinto-me esmagada pela magestade de tudo o que me rodeia, pela revélação do desconhecido; pelo Futuro, hontem vaga conjectura, convertido hoje no Presente augusto e certo.

CHARMIOM. — Não te entregues por ora a semelhantes pensamentos; amanhã falaremos n'isso. As recordações do passado acalmarão melhor a agitação do teu espirito vacillante. Não olhes em redor de ti, nem tão pouco para a frente: olha para traz. Estou anciosa por ouvir a narrativa do acontecimento prodigioso que te trouxe aqui; conta-me isso. Conversemos sobre cousas familiares e falemos a antiga linguagem d'esse mundo, que acaba de perecer de um modo tão espantoso.

EIROS. — Espantoso, sim, e real! não é sonho.

CHARMIOM. — Os sonhos acabaram para nós. Mas conversemos, minha Eiros. Primeiro que tudo, dize-me, quando eu morri, chorou-se muito por mim lá na terra?

EIROS. — Oh! profundamente, Charmion. A tua familia nunca mais teve alegria. Até á hora da destruição, pesou sempre sobre nós uma nuvem intensa de saudade e de melancolia.

CHARMIOM. — Fala-me d'essa ultima hora. Além do simples factó da catastrophe, nada sei. Na epocha em que sahi da fila dos humanos, para entrar nos dominios da noite, parece-me que não se presentia ainda a catastrophe que vos submergiu. Mas é verdade que eu estava poucco ao corrente da philosophia especulativa do tempo.

EIROS. — Dizes bem. Aquella catastrophe era absolu-

tamente inesperada; entretanto, accidentes analogos haviam desde muito suscitado discussões entre os nossos astrônomos. Não preciso de te dizer, minha amiga, que mesmo na epocha em que nos deixaste, já os homens interpretavam as passagens da escriptura sagrada, que falam da destruição de todas as cousas pelo fogo, como referindo-se ao globo terrestre. Mas, com respeito ao agente immediato da ruina, o pensamento humano perdia-se em conjecturas, desde a epocha em que a sciencia astronomica despojára os cometas do seu terrivel caracter incendiario. A insignificante densidade d'esses corpos havia sido evidentemente demonstrada. Tinhamol-os visto atravessar os satellites de Jupiter sem causar a menor alteração nas orbitas d'esses planetas secundarios. Havia muito tempo que os olhavam como viajantes inoffensivos, creações vaporosas, de uma ténuidade inconcebivel, incapazes de prejudicar o nosso globo massivo, mesmo no caso de um contacto. Portanto, a idéa de procurar na classe dos cometas o agente igneo da destruição prophetisada era desde longos annos considerada como inadmissivel.

Mas ultimamente o espirito de maravilhoso e as imaginações estranhas, predominavam singularmente na humanidade e, posto que o receio verdadeiro não pudesse atacar senão os ignorantes, todavia, quando os astrônomos annunciaram um cometa novo, esse annuncio foi geralmente recebido com uma especie de agitação e desconfiança.

Os elementos do astro estrangeiro tendo sido logo examinados, todos os observadores reconheceram, de commum accordo, que a sua marcha devia trazel-o, no perihelio, a uma proximidade quasi immediata da Terra. Houve dois ou tres astrônomos de reputação secundaria que sustentaram resolutamente que o contacto era certo.

Não te posso descrever o effeito que aquella noticia produziu no mundo. Durante alguns dias recusámo-nos a acreditar n'uma asserção que a intelligencia humana, materialisada nas considerações mundanas, não podia comprehender. Mas a verdade, quando se trata de um factó de importancia vital, penetra depressa nos espiritos, por mais espessos que sejam. Por fim, toda a gente viu que a sciencia astronomica não mentia.

Esperámos o cometa. Primeiro, a approximação não foi sensivelmente rapida, nem o seu aspecto apresentou nada de notavel. Era de um vermelho escuro, e tinha uma cauda regular. Durante sete ou oito dias o seu diametro apparente não soffreu augmento sensivel; a côr é que variou um pouco. Entretanto, todos os negocios e occupações ordinarias foram abandonados, absorvidos por uma discussão immensa, que se travou entre os sabios relativamente á natureza dos cometas. Os homens mais grosseiros e mais ignorantes elevaram as suas faculdades mesquinhas até áquellas altas considerações. Os sabios empregaram *então* toda a sua intelligencia, todo o seu saber, toda a sua energia, não para diminuir o receio, não já para sustentar uma theoria predilecta, mas para procurar a verdade; a verdade e nada mais! Consumiram-se a procural-a! Chamaram em altos brados a sciencia perfeita! A verdade ergueu-se na pureza da sua força e da sua excessiva magestade! Os sabios inclinaram-se e adoraram-na.

A opinião de que pudesse resultar do contacto temido um prejuizo real para o nosso globo ou para os seus habitantes, todos os dias perdia terreno entre os sabios. Fôra demonstrado que a densidade do nucleo do cometa era muito inferior á das camadas mais altas da nossa atmosphaera. A passagem inoffensiva de um visitante semelhante através dos satellites de Jupiter, era um

ponto sobre o qual se insistia constantemente e que não serviu de pouco para diminuir o terror. Os theologos, com um zelo animado pelo medo, persistiam nas prophcias biblicas, explicando-as ao povo com uma rectidão e uma simplicidade, da qual até alli nunca haviam dado exemplo. A destruição final da terra devia operar-se pelo fogo, diziam elles com uma eloquencia que impunha por toda a parte a convicção, — mas os cometas não eram de natureza ignea. Essa verdade, que ninguem ignorava já, punha-nos ao abrigo de receiar, por agora, a grande catastrophe prophetisada.

E' notavel que os erros e os preconceitos populares relativos ás pestes e ás guerras, preconceitos que resuscitavam de cada vez que apparecia um cometa novo, não tivessem figurado então. Parece que o bom senso, fazendo um esforço supremo, derrubára, de repente, do throno a superstição. O excesso do interesse actual havia dado energia até ás intelligencias mais fracas.

Os desastres de pequena gravidade, que podiam resultar do contacto, foram assumpto de laboriosas discussões. Os sabios falavam de ligeiras perturbações geologicas, de alterações provaveis nos climas e por conseguinte na vegetação, da possibilidade de influencias magneticas e electricas. Muitos sustentavam que não se produziria effeito algum visivel.

Emquanto estas discussões continuavam, o objecto d'ellas avançava progressivamente, dilatando-se de um modo visivel e augmentando de esplendor. Á sua aproximação toda a humanidade empallideceu. Suspenderam-se todos os trabalhos terrestres.

Houve uma phase assinalada no curso do sentimento geral: foi quando o cometa attingiu emfim uma grandeza que ultrapassava a de nenhuma apparição de que houvesse memoria. O mundo então, privado da ultima

esperança (de que os astrónomos podiam ter-se enganado) sentiu toda a certeza da desgraça. O terror tinha perdido o seu character chimerico: os corações mais valentes da nossa raça palpitavam de medo, e poucos dias bastaram para converter essas primeiras provações em receios mais intoleraveis ainda.

Não podiamos já applicar ao meteoro estrangeiro as noções ordinarias. Os seus attributos historicos haviam desaparecido; o seu aspecto terrivel opprimia-nos pela *novidade* da emoção. Viamol-o, não já como um phenomeno astronomico no céu, mas como um pesadello que nos esmagava o coração; como uma sombra medonha, pairando sobre as nossas cabeças. A sua fórma agora era a de um manto gigantesco de chammias vermelhas, sempre estendido sobre a terra em todas as direcções.

Passou mais um dia; os homens respiraram melhor. Era evidente que estavamos já sob a influencia do cometa, e viviamos ainda! Gosavamos até de uma elasticidade de membros e de uma vivacidade de espirito anormaes. A excessiva tenuidade do objecto terrivel era manifesta, porque através d'elle viamos distinctamente todos os corpos celestes. Ao mesmo tempo, a vegetação, prodigiosamente alterada, augmentava a nossa fé nas palavras dos sabios, que haviam predito aquella circumstancia. Os vegetaes ostentavam repentinamente uma superabundancia de folhagem desconhecida até então.

Passou-se outro dia. O flagello não estava absolutamente sobre nós; mas já se conhecia que o nucleo era a primeira parte do cometa que devia nos tocar. Os homens soffreram então uma alteração nova; a primeira sensação de *dôr* foi o rebate terrivel das lamentações e do horror geral. Esse primeiro sentimento de *dôr* con-

sistia n'uma constricção cruel do peito e dos pulmões e n'uma seccura de pelle insupportavel. Não se podia negar que a nossa atmosphaera estava radicalmente atacada; a composição da atmosphaera e as modificações a que podia estar sujeita, foram desde logo os pontos de discussão. O resultado do exame foi um estremecimento electrico de terror intraduzivel, através do coração universal do homem.

Sabia-se, desde longo tempo, que o ar que nos envolvia era composto de vinte e uma partes de oxygenio e setenta e nove de azote. O oxygenio, principio da combustão e vehiculo do calor, era absolutamente necessario á manutenção da vida animal e representava o agente mais poderoso e mais energico da natureza. O azote, ao contrario, era improprio para sustentar a vida ou a combustão animal. Do augmento anormal do oxygenio devia resultar a elevação da vitalidade, que nós tínhamos já experimentado. Era a idéa d'essa ampliação, continuada e levada ao extremo, que creava o terror. Que devia resultar da extracção total do azote? Uma combustão irresistivel, devoradora, omnipotente, immediata! O cumprimento terrivel e exacto das prophecias flammejantes do Livro Santo.

Preciso de te pintar, Charmion, o desespero phrenetico que se apoderou então dos homens? A tenuidade da materia do cometa, que fôra primeiro a nossa esperança, era agora a nossa desesperação. Na sua natureza impalpavel e gazosa, percebiamos claramente a consummação do destino.

Passou-se ainda um dia; mas esse dia levou comsigo a ultima sombra de esperança! A rapida modificação do ar suffocava-nos; o sangue revolvia-se-nos tumultuosamente nas veias. Os homens, arrebatados n'um delirio

furioso, erguiam os braços inteiriçados para o céu ameaçador, soltando gritos lancinantes.

Comtudo, o nucleo exterminador estava agora sobre nós! Mesmo aqui, no céu, não posso falar d'isso sem tremer! Serei breve; breve como a catastrophe. Durante um momento, não se viu mais que uma luz extranha, lugubre, que nos envolvia por todos os lados. Depois (prostremo-nos, Charmion, ante a suprema magestade de Deus todo poderoso!) depois ouviu-se um som estrepitoso, que ecoou por toda a terra, tremendo, penetrante, como se houvesse sahido da propria bocca do Creador! E toda a massa de ether que nos cercava, flammejou, de repente, n'uma labareda intensa, cuja luz maravilhosa e devorante calor não têm nome, nem mesmo entre os anjos, no céu, onde a sciencia é pura!

Assim acabou o mundo.

PODER DA PALAVRA

OINOS. — Perdôa, Agathos, a fraqueza de um espirito revestido ainda ha pouco da immortalidade.

AGATHOS. — Não tenho nada que te perdôar, meu caro Oinos. O conhecimento não é instinctivo, nem mesmo aqui. Quanto ao saber, pede-o aos anjos com confiança!

OINOS. — Mas na existencia passada, imaginava eu que o conhecimento de todos os objectos me viria de uma só vez e com elle a felicidade absoluta.

AGATHOS. — Ah! não é na sciencia que está a felicidade; mas sim na aquisição da sciencia! Saber para sempre é a beatitude eterna: mas saber tudo seria uma condemnação de demonio!

OINOS. — Mas visto que os nossos conhecimentos augmentam a cada minuto, não é inevitavel que cheguemos por fim a conhecer tudo?

AGATHOS. — Contempla o abysmo immenso do Universo. Deixa cansarem-se-te os olhos a penetrar as innumeraveis perspectivas de estrellas, através das quaes deslisamos serenamente e sem fim! Não şentes estacar a propria visão espirital, ante as aureas muralhas circulares dos céos, muralhas feitas de myriades

de corpos brilhantes, que se fundem n'uma unidade incommensuravel?

OINOS. — Concebo agora claramente que o infinito da materia não é um sonho.

AGATHOS. — Não ha sonhos no céu; mas revela-se-nos aqui que o unico objecto do infinito da materia é crear fontes infinitas, onde a alma possa cevar esta sêde de conhecer, que lhe é ingenita, e que ella não poderia extinguir sem se anniquilar a si propria. Interroga-me pois, meu Oinos, com liberdade e sem receio. Vem! Dexaremos á esquerda o grupo brilhante das Pleiades e iremos pousar lá ao longe, nas planicies estrelladas, para além de Orion, onde acharemos, em vez de amores perfectos, violetas e jaceas selvagens, vastas regiões de sóes triplos e de sóes tricolores.

OINOS. — E agora, Agathos, emquanto adejamos através do espaço, instrue-me. Mas fala-me a linguagem familiar de terra. Ainda agora não comprehendi bem o que me davas a entender sobre os modos e os processos da criação, isto é, do que chamavamos criação no tempo em que eramos mortaes. Queres dizer que o Creador não é Deus?

AGATHOS. — Quero dizer que a Divindade não cria cousa alguma.

OINOS. — Explica-te.

AGATHOS. — A Divindade não creou senão ao principio. As creaturas que emergem agora infatigavelmente á existencia, por todo Universo, podem apenas ser consideradas como resultados immediatos ou indirectos e nunca como directos ou immediatos do Divino Poder Creador.

OINOS. — Essa idéa, meu Agathos, teria sido considerada entre os homens como o ultimo gráo da heresia.

AGATHOS. — Entre os anjos, meu Oinos, é simplesmente admittida como uma verdade.

OINOS. — A minha razão comprehende-te; mas só com relação a certas operações do ser a que chamamos Natureza, ou leis naturaes, produzindo, em determinadas condições, objectos que têm a perfeita apparencia da criação. Recordo-me de que, pouco tempo antes da destruição final da terra, fizeram-se, com o melhor exito, grande numero de experiencias, que alguns philosophos designaram, emphaticamente, sob o nome de criação de animalculos.

AGATHOS. — Esses casos não eram senão exemplos de criação secundaria, da unica especie de criação que não se tornou mais a effectuar, desde que a primeira palavra proferiu a primeira lei.

OINOS. — E os mundos estrellados, que brotam incessantemente das profundezas do Nada e que a toda a hora e a todo o instante fazem explosão nos céos; esses astros, Agathos, tambem não são a obra immediata do Creador?

AGATHOS. — Vou tentar, meu Oinos, conduzir-te gradualmente á concepção que tenho em vista. Sabes perfeitamente que, assim como nenhum pensamento póde perder-se, assim não ha uma unica acção que não tenha um resultado infinito. As nossas mãos agitando-se no ar, quando eramos habitantes da terra, causavam certa vibração na atmosphaera ambiente. Essa vibração prolongava-se indefinidamente, communicando-se a cada mollecula da atmosphaera terrestre, que, a partir d'esse momento e para sempre, era posta em actividade por aquelle simples movimento da mão. Os mathematicos do nosso planeta conheceram perfeitamente esse facto. Os effeitos particulares creados no fluido por impulsos particulares serviram-lhes de base a um calculo

exacto; de sorte que se tornou facil determinar em que periodo preciso o impulso de uma força dada poderia fazer o giro do globo e influenciar, para sempre, cada atomo da atmosphaera ambiente. Por um calculo retrogrado, determinaram egualmente (sendo dado um effeito em condições conhecidas) o valor do impulso original. Então os mesmos sabios, que viram que os resultados de um impulso dado eram absolutamente sem fim e que uma parte d'esses resultados podia ser rigorosamente seguida no espaço e no tempo, por meio da analyse algebraica; que comprehenderam tambem a facilidade do calculo retrogrado; esses homens, digo, conheceram ao mesmo tempo que esta especie de analyse continha, ella propria, um poder de progresso indefinido: que não existiam limites concebiveis á sua marcha progressiva, nem á sua applicabilidade, excepto os do espirito que a havia conduzido ou applicado. Mas tendo chegado a este ponto, os nossos mathematicos estacaram.

OINOS. — E para que haveriam de ter ido mais longe, Agathos?

AGATHOS. — Porque havia mais longe considerações de um interesse profundo. Do que sabiam, os nossos philosophos podiam ter inferido que um ser de uma intelligencia infinita (um ser para quem a analyse algebraica não teria limitação) não acharia a menor difficuldade em seguir qualquer movimento impresso ao ar e transmittido ao ether pelo ar, até ás suas repercussões mais longinquas, mesmo n'uma epocha infinitamente remota. Demonstra-se, effectivamente, que cada movimento impresso ao ar deve, por fim, actuar sobre todos os seres individuaes, comprehendidos nos limites do universo. Ora, o ser dotado de uma intelligencia infinita (o ser que imaginámos)

poderia seguir as ondulações longinquoas do movimento, seguil-as ao longe e incessantemente mais longe, nas suas influencias sobre todas as particulas da materia; ao longe e incessantemente mais longe, nas modificações que ellas impõem ás fórmãs primitivas (ou, n'outros termos, nas creações novas que ellas produzem), até vê-las, enfim, quebrarem-se e desde então inefficazes, de encontro ao throno da Divindade. Tal ser poderia fazer não só isto, mas ainda, se n'uma epocha qualquer lhe fosse apresentado certo resultado (se um d'estes cometas innumeraveis, por exemplo, fosse submettido ao seu exame) elle poderia, sem trabalho algum, determinar, pela analyse retrograda, a que impulso primitivo o mesmo cometa devia a sua existencia. O poder de analyse retrogrado, na sua plenitude e absoluta perfeição, é exclusivamente a prerogativa da Divindade; mas este poder é a perfeição absoluta, pela povoação total das intelligencias angelicas.

OINOS. — Mas tu não falas senão dos movimentos irpressos ao ar.

AGATHOS. — Falando do ar, o meu pensamento abraçava apenas o mundo terrestre; mas a proposição generalisada comprehende os impulsos creados no ether, os quaes, penetrando e atravessando todo o espaço, vêm a ser o grande *medium* da criação.

OINOS. — Então todo o movimento, de qualquer especie que seja, é creador?

AGATHOS. — Certamente que sim; mas ha muito tempo que uma philosophia verdadeira nos ensinou, que a fonte de todos os movimentos é o pensamento e que a fonte de todos os pensamentos é...

OINOS. — Deus.

AGATHOS. — Falei-te, Oinos, (como devia falar a um filho d'essa bella terra que morreu recentemente)

dos movimentos produzidos na atmospherá da terra.

OINOS. — Sim, caro Agathos.

AGATHOS. — E enquanto eu assim falava, não te atravessou o espirito algum pensamento relativo ao *poder material das palavras*? Não é verdade que cada palavra é um movimento creado no ar?

OINOS. — Mas, porque choras, Agathos? e porque, oh! porque as tuas azas enfraquecem ao pairar sobre esta bella estrella, a mais virente e comtudo a mais terrivel de todas as que havemos encontrado no nosso vôo? As suas brilhantes flôres parecem um sonho maravilhoso; mas os seus vulcões ferozes lembram as paixões de um coração tumultuoso!

AGATHOS. — Não parecem, são; são sonhos e paixões! Esta estrella extraordinaria, fui eu que a criei, deve haver uns tres seculos, proferindo algumas phrases apaixonadas, com os punhos cerrados e os olhos arrasados de lagrimas, aos pés da minha bem amada. As suas flôres brilhantes são os mais caros de todos os sonhos não realisados, e os seus vulcões furiosos são as paixões do mais tumultuoso e do mais insultado dos corações!

A CARTA ROUBADA

Era no anno de 18... Uma tarde de outomno, sombria e tempestuosa, eu e o meu amigo Dupin deleitavamos na dupla voluptuosidade do fumo e da meditação, na sua pequena bibliotheca da rua Dunot, n.º 33, 3º andar, no bairro de S. Germano, em Pariz.

Havia uma boa meia hora que não dirigiamos palavra um ao outro. Dir-se-ia que estavamos absortos nos turbilhões de fumo, que carregavam a atmospheria do quarto.

Pela minha parte, discutia commigo mesmo certos pontos que haviam sido, durante a primeira parte da noite, o assumpto da nossa conversação : o crime da rua Morgue e o mysterio relativo ao assassinio de Marie Roget. (1)

Meditava pois na especie de analogia que ligava estes dois acontecimentos, quando a porta do gabinete se abriu, para dar entrada ao nosso antigo conhecido M. G..., commissario da policia de Pariz, que não viamos havia annos.

Alegrámo-nos de o vêr, porque, não obstante as suas

(1) O duplo assassinio da rua Morgue, O mysterio de Maria Roget e A carta roubada constituem uma especie de trilogia de crimes mysteriosos revelados por Dupin.

impertinencias, o homem não deixava de ter qualidades amáveis.

Como estávamos ás escuras, Dupin levantou-se para accender um candieiro; mas dizendo G... que vinha consultar-nos, ou antes ouvir a opinião do meu amigo sobre um caso algum tanto complicado, Dupin absteve-se de accender a luz e tornou a assentar-se observando:

— Se o caso pede reflexão, é melhor examinarmol-o nas trevas.

— Você sempre tem exquisitices! disse o commissario, que tinha a mania de alcunhar de exquisito tudo o que a sua comprehensão não podia alcançar e que vivia portanto no meio de uma legião de exquisitices.

— E' verdade! respondeu Dupin, offerecendo um cachimbo á nossa visita e chegando-lhe uma cadeira.

— Vejamos agora o tal caso complicado, disse eu; espero que não se trate ainda d'algum outro assassinio.

— Oh! não, nem cousa que com isso se pareça. O negocio agora é muito simples e nós podíamos perfeitamente resolvel-o sósinhos; mas imaginei que Dupin gostaria de conhecer as minucias d'esta intriga, devéras extraordinaria.

— Simples e extraordinaria, murmurou Dupin.

— Sim. A expressão não é lá muito exacta. O facto é que nos vemos fortemente atrapalhados, lá em baixo, com este negocio; porque, apesar de muito simples, não sabemos como o havemos de resolver.

— Provavelmente é a propria simplicidade da questão que os induz no erro, disse o meu amigo.

— Está zombando de mim! replicou o commissario, rindo de boa vontade.

— Quero dizer que talvez o mysterio seja claro de mais, accrescentou Dupin.

— Oh! senhor do céu! Que extraordinarias idéas você tem!

— Um pouco evidente de mais...

Aqui o commissario desatou a rir ruidosamente, parecendo divertir-se muito com as palavras de Dupin.

— Enfim, perguntei eu, de que se trata?

— Vou explicar-lhes a questão, replicou o commissario, soltando uma baforada de fumo, longa e contemplativa, e estabelecendo-se na sua poltrona; vou explicar-lhes a questão em poucas palavras. Mas antes de começar, devo advertil-os de que se trata de um negocio do maior segredo e que eu perderia, provavelmente, o meu lugar, se se viesse a saber que o revelei a alguém.

— Comece, pedi eu.

— Ou não comece, disse Dupin.

— Pois bem. Acaba de me ser confiado que desapareceu dos aposentos regios um documento importantissimo. Conhece-se o individuo que o subtrahiu. Houve quem o visse apoderar-se d'elle. Sabe-se tambem que o documento está ainda em poder do ladrão.

— Como é que tudo isso se sabe?

— Tudo isto se deduz claramente da natureza do documento e da não appareção de certos resultados, que surgiriam immediatamente se o documento sahisse das mãos de quem o tirou; ou n'outros termos, se o documento fosse empregado com o fim que o seu roubador decerto tem em vista.

— Explique-se um pouco mais, pedi ainda.

— Emfim, este papel confere ao seu usurpador um certo poder, n'um certo lugar; e esse poder tem um valor inapreciavel.

O commissario tinha a paixão do *cant* diplomatico.

— Continuo a não comprehender nada, declarou Dupin.

— O que! nada, mesmo nada! Vamos! Esse documento, revelado a um terceiro personagem, cujo nome não posso dizer, comprometteria a honra de uma pessoa da mais alta jeraróhia; cuja segurança se acha assim á mercê do usurpador; o que dá a este ultimo um ascendente illimitado sobre a pessoa em questão.

— Mas esse ascendente, interrompi eu, só pôde existir se o ladrão se sabe conhecido pela pessoa roubada. Quem ousaria...?

— O ladrão, tornou o commissario, é D... um homem capaz de tudo. O acto do roubo foi tão engenhoso como atrevido. O documento em questão (uma carta, para ser franco) foi entregue á pessoa roubada, no momento em que esta se achava sósinha no camarim real. Subitamente interrompida na leitura pela entrada do outro personagem illustre, a quem desejava particularmente esconder a carta, a pessoa em questão não teve tempo de a arrecadar e foi obrigada a atiral-a aberta para cima da mesa. Comtudo, a carta, voltada com o endereço para cima e o conteúdo para baixo, não attraheu a attenção. N'isto chegou o ministro D... Os seus olhos de lynce apercebem logo o papel. Reconhece a letra do endereço, nota o embaraço da pessoa a quem era dirigido e descobre o segredo.

Depois de ter expedido, ás pressas, alguns negocios, o ministro tira da algibeira uma carta quasi semelhante á que estava em cima da mesa, finge lê-la e põe-na ao lado da outra. Depois, fala ainda durante um quarto de hora, pouco mais ou menos, sobre os negocios do estado. Por fim, despede-se e sáe, levando a carta que não lhe pertence e deixando a sua, que era um papel sem importancia. A pessoa roubada viu a manobra; mas não se atreveu a fazer a menor observação na presença do terceiro personagem, que estava assentado ao lado d'ella

— Agora, disse Dupin, voltando-se para mim, compreendendo o tal ascendente temível. O ladrão sabe que a pessoa roubada não ignora onde está o seu papel.

— Sim, replicou o commissario. E ha mezes que o ministro usa e abusa do imperio adquirido por este estratagemas, para um fim politico e até certo ponto perigoso. A pessoa roubada está decidida a empregar todos os meios para reaver a carta. Mas não podendo, de modo algum, proceder ella propria, encarregou-me a mim d'esta commissão delicada.

— Não era possivel,olveu Dupin, envolto n'uma aureola de fumo, escolher, ou mesmo imaginar, um agente mais sagaz.

— Isso é lisonja, meu amigo, redarguiu o commissario, mas provavelmente a pessoa que assim se confia em mim honra-me com uma opinião semelhante.

— Visto isso, disse eu, está claro que o ministro tem ainda a carta em seu poder. E' esse facto que lhe cria o ascendente. Desde o momento em que fizesse uso d'ella, o ascendente estava perdido.

— E' verdade, observou G... Tambem o meu primeiro cuidado foi fazer uma pesquisa minuciosa no palacio do ministro, sem elle saber, já se vê; porque convinha evitar, antes de tudo, que o homem suspeitasse os nossos designios.

— Esse genero de investigações, lembrei eu, é muito conhecido da policia pariziense.

— Oh! muitissimo! Era ahi que se fundavam as minhas melhores esperanças. Além disso, os habitos do ministro, geralmente fóra de casa todas as noites, davam-nos uma grande vantagem. Os creados, pouco numerosos, dormem a uma certa distancia dos aposentos do amo. Depois, são napolitanos, sempre promptos a deixar-se embriagar. As minhas chaves, como sabem,

abrem todos os quartos e todos os gabinetes de Pariz. Durante tres mezes, não se passou uma noite em que eu não fosse, pessoalmente, visitar.o palacio D... Era um negocio de honra para mim; e depois, para lhes confiar toda a verdade, a recompensa é enorme! Mas no fim de ter esquadrinhado todos os cantos e recantos da casa, onde imaginei que havia possibilidade de metter um papel, fui obrigado a abandonnar as minhas pesquisas, plenamente convencido de que o ladrão era mais fino que eu.

— Não seria possível, insinuei eu, que o ministro tivesse escondido a carta fóra de casa?

— Isso não é provavel, disse Dupin. Na situação actual dos negocios da côrte, e particularmente dos negocios em que D... anda envolvido, como se sabe, a effi-cacia immediata do documento, quero dizer, a facilidade de o apresentar de um momento para o outro, é um ponto de importancia capital para quem o possui.

— A facilidade de o apresentar? perguntei eu.

— Ou, n'outros termos, de o anniquilar, corrigiu Dupin.

— Sim, disse eu, o papel deve effectivamente estar no palacio, a menos que o ministro não o traga constantemente consigo.

— Essa hypothese, replicou o commissario, já está fóra de discussão. O homem foi duas vezes agarrado por suppostos ladrões e escrupulosamente revistado á minha vista, sem resultado algum.

— Trabalho inutil! exclamou Dupin; D... não é absolutamente doido, supponho eu, por conseguinte devia andar prevenido para essas ciladas.

— Absolutamente doido, não, disse G... mas poeta; o que é quasi a mesma cousa, na minha opinião.

— Lá isso é verdade, concordou Dupin, depois de ter

aspirado uma fumaça do seu cachimbo de espuma, com um ar pensativo, embora a consciencia me accuse de certa rapsodia..

— Então, conte-nos os pormenores exactos das suas pesquisas.

— Eu sei, homem! Procurámos por toda a parte. A minha experiencia, n'esta especie de negocios, não é de hoje nem de hontem. Revolvemos a casa toda, quarto por quarto; examinámos os moveis, abrimos todas as gavetas possiveis e imaginaveis; porque, para nós, agentes da policia, não ha gavetas secretas. Todo o homem que deixa escapar uma gaveta secreta, n'uma investigação d'estas, é tolo. A cousa é tão facil! Imagine que temos regras exactas para apreciar a quantidade de volumes e de superficies de cada casa. A quinquagesima parte da uma linha não pôde passar-nos despercebida. As cadeiras, as almofadas, os sophás fôram sondados com umas agulhas finas e compridas, que costumamos empregar em semelhantes casos. Lavantámos as tampas das mesas...

— Para que?

— A's vezes, debaixo das tampas das mesas, ou d'outros quaesquer moveis, ha pequenas cavidades de proposito para servir de esconderijo a algum objecto.

— Mas essas cavidades podem adivinhar-se pela auscultação.

— Não podem, não senhor, porque a pessoa que esconde o objecto, tem ordinariamente o cuidado de acabar de encher a cavidade com algodão, afim de tornar impossivel a sua descoberta por esse meio.

— Mas não é possivel que os senhores tivessem desmanchado todos os moveis, onde pudesse esconder-se um objecto do tamanho daquelle que procuravam! Uma carta, enrolada em espiral, pôde metter-se inclusiva-

mente na columna de uma cadeira. Os senhores desar-
maram as cadeiras?

— Não, decerto; mas fizemos mais que isso. Exami-
námos as columnas de cada cadeira e as juntas de todos
os moveis. O menor indício de um desarranjo recente
teria sido logo descoberto. Um grão de poeira produzido
pela verruma, por exemplo, ter-nos-ia saltado aos olhos
como uma maçã. A menor alteração na colla, uma fen-
jasinha nas juntas, bastaria para nos revelar o escon-
derijo.

— E examinaram tambem os espelhos entre o vidro e
o caixilho, os leitos, as cortinas dos leitos, as bambinel-
las e os tapetes?

— Certamente que sim; e quando acabámos de re-
visitar todos os artigos d'esse genero, passámos a exami-
nar a casa. Primeiro dividimos a totalidade da sua su-
perficie em compartimentos numerados, para termos a
certeza de não esquecer nenhum. Depois examinámos
a microscopio cada pollegada quadrada. Esquecia-me
dizer que n'este exame incluímos as duas casas adja-
centes.

— As duas casas adjacentes! exclamei eu. Mas que
trabalho os senhores tiveram!

— Ah! tivemos! Mas tambem a recompensa promet-
tida é enorme.

— E o solo das casas foi comprehendido n'essa inves-
tigação?

— Foi; mas, comparativamente, não nos deu muito
trabalho. Como o solo é feito de ladrilhos, contentámo-
nos em verificar que o musgo de entre os ladrilhos esta-
va intacto.

— Visitaram tambem, já se vê, os papeis de D.. e os
livros da bibliotheca?

— Tudo. Abrimos os massos de papeis e revistámo-

os um por um. Os livros, não nos contentámos de os sacudir, como fazem a maior parte dos nossos empregados; mas examinámol-os folha por folha, medimos a espessura das encadernações com a mais exacta minuciosidade e applicámos o microscopio a cada uma. D'este modo qualquer inserção recente, feita n'uma das encadernações, teria sido percebida immediatamente. Emfim, cinco ou seis volumes, que achámos encadernados de fresco, sondámol-os longitudinalmente com as agulhas.

— E os sobrados, por baixo dos tapetes?

— Tambem os explorámos. Os tapetes foram todos levantados, e o soalho todo examinado a microscopio.

— E as paredes?

— Tambem.

— Visitaram os subterraneos?

— Visitámos.

— Então, disse eu, parece-lhe que a carta não está no palacio?

— Tenho a certeza, respondeu o commissario. E agora, Dupin, que me aconselha você que faça?

— Que faça uma pesquisa completa.

— É escusado, senhor! replicou G. A carta não está no palacio. Tão certo como dois e tres serem cinco.

— Pois não tenho melhor conselho a dar-lhe,olveu Dupin. Você tem os signaes exactos da carta?

— Tenho.

Então o commissario tirou uma carteira do bolso e começou a lêr, em voz alta, a descripção minuciosa do documento perdido, do seu aspecto interior e especialmente do exterior. Depois despediu-se de nós e sahiu, ainda mais desanimado e mais abatido do que tinha entrado.

D'ahi a um mez, estavamos nós occupados pouco

mais ou menos da mesma fôrma que no dia da sua primeira visita, tornou o homem a apparecer-nos. Fizemol-o assentar, offerecemos-lhe um cachimbo, como da outra vez, e depois de termos conversado sobre diferentes cousas, perguntei-lhe:

— Então, G... e a celebre carta roubada? Afinal parece-me que acabou por comprehender que essa questão de derrotar um ministro não é tão facil como pensava?

— Os diabos o levem! Pois ainda fiz outra pesquisa, conforme o conselho de Dupin; mas estava visto, foi trabalho perdido!

— De quanto é a recompensa? perguntou D. Disse-me no outro dia que era de...?

— É enorme! uma recompensa verdadeiramente magnifica. Não quero dizer-lhes ao certo quanto é; mas uma cousa lhes direi eu, é que estava prompto a pagar do meu bolso cincoenta mil francos a quem me achasse a tal carta. A cousa torna-se mais urgente de dia para dia. A recompensa já foi dobrada. Mas, palavra, ainda que a triplicassem, não poderia fazer mais do que aquillo que tenho feito.

— Não sei, G... , disse Dupin, arrastando as palavras por entre as baforadas de fumo. Parece-me que o meu amigo não fez todo o possivel, que não entrou bem no amago da questão. Realmente... não seria possivel fazer um pouco mais?

— Como? Em que sentido?

— Ora... consulte... Diga-me, lembra-se da historia do dr. Albernethy?

— Não, homem! Quero que o Albernethy vá para o diabo!

— Pois sim, mas ouça sempre. Uma vez, um 'ricaço qualquer, muito avarento, lembrou-se de apanhar a

Albertainy uma consulta de graça. Entabou conversa com elle no meio de uma sociedade e, através do discurso, insinuou-lhe a sua doença, attribuindo-a a um individuo imaginario.

“Supponhamos, disse o avaro, que os symptomas são estes e aquelles. Que lhe aconselharia, doutor?,”

— Eu, que lhe aconselharia? Que consultasse um medico, com toda certeza.

— Pois bem, disse o commissario, um pouco atrapalhado: Estou perfeitamente disposto a consultar e a pagar a consulta. Já disse que dava cincoenta mil francos a quem me tirasse d'esta difficuldade

— N'esse caso, replicou Dupin, abrindo uma gaveta e tirando um papel. Escreva-me aqui uma ordem de pagamento d'essa somma, assigne-a e entregar-lhe-ei logo a carta.

Fiquei attonito! Quanto ao commissario, parecia fulminado, mudo e immovel, a olhar para Dupin, de bocca aberta, com um ar meio de incredulidade. Por fim pegou n'uma penna, não sem algumas hesitações, encheu a ordem dos cincoenta mil francos e entregou-a a Dupin. Este examinou-a attentamente e metteu-a na carteira. Depois abriu uma escrevaninha, tirou de lá uma carta e deu-a ao commissario.

O nosso homem agarrou a carta, convulso de alegria, abriu-a a tremer, percorreu-a com a vista, não disse uma palavra, e sahiu pela porta fóra, sem mais cerimonia.

Então Dupin entrou em explicações commigo.

— A policia pariziense, disse elle, é muito habil. Tem perseverança, engenho, e possui a fundo os segredos do seu officio. Tambem, quando G... nos relatou a pesquisa no palacio D., não duvidei dos talentos da poli-

cia, nem da sufficiencia da investigação ; isto é, no circulo da sua especialidade.

— No circulo da sua especialidade ? perguntei eu.

— Sim, respondeu Dupin, as medidas que a policia adoptou, não só eram as melhores da especie, mas foram executadas com uma perfeição absoluta. N'uma palavra, se a carta estivesse escondida no seio das suas investigações, os marotos a teriam achado com toda a certeza.

Ri. Mas Dupin parecia falar muito sério.

— Portanto, continuou elle, as medidas eram boas na especie e foram admiravelmente bem executadas. Tinham apenas um defeito : não serem applicaveis ao caso e ao homem em questão. Ha uma quantidade de meios, singularmente engenhosos, que são para o commissario uma especie de leito de Procusto, sobre o qual elle adapta e amarra todos os seus planos. Por isso, coitado, pecca constantemente, ou por demasiada profundeza, ou por demasiada superfluidade. Às vezes, uma creança reflectiria melhor que elle.

Conheci um pequeno de oito annos, cuja infallibilidade no jogo *par ou nunes* fazia a admiração de toda a gente.

Este jogo é muito simples, e joga-se com bolas. Um dos jogadores fecha na mão certo numero de bolas e pergunta ao outro : *par ou nunes* ? Se este adivinha, ganha uma bola ; se não adivinha, perde-a. O tal pequeno ganhava todas as bolas do collegio. O seu systema de adivinhar consistia simplesmente na observação e na apreciação da esperteza dos seus adversarios.

Por exemplo, se jogava com um pateta e perdia por ter tido *nunes*, tinha a certeza de ganhar a outra por-

tida tornando a dizer nunes, porque fazia a seguinte reflexão: o palerma agora não imagina que eu vá repetir a palavra com que perdi, e portanto tem lá um numero impar. Dizia, pois, nunes e ganhava.

Com um adversario um pouco menos tolo, a reflexão era outra.

Este rapaz não é tolo de todo. Uma simples variação de par a nunes, é a primeira idéa que se lhe ha de apresentar. Comtudo, uma segunda reflexão dir-lhe-á que a mudança é simples de mais e afinal vae decidir-se por um numero par, como da primeira vez. Effectivamente, dizia par e ganhava.

Agora, este modo de raciocinar do nosso collegial, a que os outros rapazes chamavam sorte, como o defines tu?

— É a identificação do espirito do raciocinador com o do seu adversario.

— É isso, respondeu Dupin. Uma vez perguntei ao rapaz como elle effectuava esta identificação perfeita, que lhe ganhava tantos triumphos. Respondeu-me assim:

— Quando quero saber até que ponto alguém é intelligente ou estúpido, bom ou máo, ou quaes são, n'um certo momento, os seus pensamentos, trato primeiro de compôr o meu rosto á imitação do da pessoa que quero conhecer. Depois concentro-me commigo mesmo, para saber que pensamentos ou que sentimentos correspondem no meu espirito ou no meu coração á expressão actual da minha physionomia.

Esta resposta do collegial leva a palma á profundeza sophistica de La Rochefoucauld, de La Bruyère, de Machiavel e Campanella.

— Essa identificação do espirito do raciocinador com o do adversario deve depender absolutamente da

exactidão com a qual o espirito d'este ultimo é apreciado.

— Na pratica é com effeito assim, disse Dupim. Se o commissario e toda a sua gente se enganam tantas vezes, é, primeiro, pela negligencia absoluta da identificação, depois, por uma apreciação inexacta ou antes por não apreciarem de todo a intelligencia com que se medem. Elles não vê m senão as suas proprias idéas; e quando procuram algum objecto escondido, só pensam nos meios que teriam empregado, em casos identicos, para o esconder. Isto é até certo ponto razoavel, considerando que o engenho d'elles é uma representação fiel do engenho do vulgo; mas todas as vezes que apparece um malfetor particular, cuja esper-teza seja d'outra especie, engana-os necessariamente, ainda que a sua astucia não seja superior. A policia não varia nunca o seu systema de investigação; o mais que faz, quando incitada por algum caso insolito (alguma recompensa extraordinaria) é exaggerar e levar ao extremo as rotinas sabidas; mas nunca são capazes de mudar os seus principios.

No caso de D. . . . , por exemplo, que fizeram elles para mudar o systema da operação? Aquellas perfurações, aquellas sondagens, aquelle exame a microscopio, aquella divisão das superficie sem pollegadas quadradas numeradas, que foi tudo aquillo senão o exaggero d'um ou de muitos principios de investigação, baseados sobre uma ordem de conjecturas relativas á intelligencia humana, cuja experiencia o commissario adquirira na longa pratica das suas funcções?

O commissario considera como um axioma que todo o homem que quer esconder uma carta, ha de servir-se, se não precisamente d'um buraco feito á verruma; no pé d'una cadeia, ao menos d'algum buraco, d'algum

canto perfeitamente singular, e por qualquer fórma analogo ao buraco feito á verruma.

Ora, estes esconderijos *originaes* não se empregam senão em occasiões ordinarias; e só as intelligencias ordinarias é que os adoptam. Em todos os casos de objectos escondidos, esta maneira forçada e laboriosa de esconder o objecto é sempre presumivel e presumida; e a descoberta não depende da perspicacia, mas unicamente do cuidado, da paciencia e da resolução dos buscadores. Mas quando o caso é importante, ou, o que quer dizer a mesma cousa aos olhos da policia, quando a recompensa é consideravel, todas essas bellas qualidades são frustradas infallivelmente. Comprehendes agora porque eu dizia que, se a carta roubada tivesse sido escondida no raio da pesquisa do nosso commissario (n'outros termos, se o principio inspirador do esconderijo estivesse comprehendido nos principios do commissario), o negocio não lhe teria escapado. Assim, o commissario foi completamente mystificado. A causa primaria e original da sua derrota jaz na supposição de que o ministro é doido porque faz versos nas horas vagas. Na opinião do commissario todos os poetas são doidos; d'ahi a inferir que todos os doidos são poetas, não vae senão uma mudança na distribuição do termo médio.

— Mas tens a certeza que é do poeta que se trata? perguntei eu. Sei que ha dois irmãos e ambos elles têm nome nas letras. O ministro, creio eu, é o auctor d'um livro muito notavel sobre calculo differencial e integral. É pois do mathematico e não do poeta que se trata.

— Estás enganado. Conheço o ministro perfeitamente, é poeta e mathematico. Como poeta e mathematico, tinha obrigação de raciocinar bem; como simples mathematico, não teria raciocinado absolutamente e teria cahido no laço do commissario.

— Meu caro amigo, disse eu, essa opinião é desmentida pela bocca do mundo inteiro. Ha muitos seculos que a razão mathematica é considerada como a razão por excellencia.

— Na opinião de Chamfort, continuou Dupin, todas as idéas publicas, todas as convenções estabelecidas são asneiras, por isso mesmo que convieram á maior parte da gente.

Os mathematicos têm feito todo o possivel para propagar que a razão mathematica é a razão por excellencia; mas apesar de o terem conseguido, em parte, a opinião popular não deixa de ser um perfeito erro. Elles habituaram-nos, por exemplo, com uma arte digna de melhor causa, a applicar ás operações algebraicas o termo analyse. Quem tem a culpa d'estas confusões scientificas são os francezes; mas se os termos da lingua têm uma importancia real, se as palavras valem segundo a sua applicação, oh! então concordo que analyse quer dizer algebra, tal e qual como a palavra latina *ambitio* significa ambição; *religio*, religião; ou *homines honesti*, gente de bem.

— D'aqui a pouco, disse eu, tens contra ti todos os algebristas de Pariz.

— Eu contesto a validade, e por conseguinte os resultados de todo o raciocinio apoiado sobre qualquer processo especial que não seja a logica abstracta. E, particularmente, contesto o raciocinio tirado dos estudos mathematicos. A mathematica é a sciencia das fórmulas e das quantidades: o raciocinio mathematico não é mais que a simples logica applicada á fórmula e á quantidade. O grande erro consiste em suppôr que as verdades chamadas puramente algebraicas são verdades abstractas ou geraes. E este erro é tão grande que eu pasmo de o vêr acolhido por unanimidade. Os axiomas mathema-

ticos encarados por certos lados não são axiomas verdadeiros; o que elles têm de verdadeiro quanto á forma e á quantidade é muitas vezes um erro grosseiro relativamente á moral, por exemplo. Na moral é muito commum que a somma das fracções não seja egual ao todo. Do mesmo modo na chimica o axioma erra. E erra tambem na apreciação d'uma força motora; porque, sendo dados dois motores, cada um com certa força, a reunião dos dois não dá, necessariamente, uma força egual á somma das duas forças, tomadas em separado. Ha ainda uma quantidade de verdades mathematicas que não são verdadeiras senão no tocante propriamente á mathematica. Mas o mathematico considera, incorrigivelmente, as suas verdades finitas como geraes e absolutas (valor que aliás o mundo lhes attribue). Bryant, na sua notabilissima Mythologia, menciona uma nascente analogia de erros. Diz elle que, embora ninguém preste fé ás fabulas do paganismo, todos nos surprehendemos incessantemente a consideral-as como se fossem realidades vivas. Ha, entre os nossos algebristas (que não passam de pagãos) certas fabulas pagãs em que se acredita, e das quaes se tiram consequencias, não tanto pela ausencia da memoria, como por uma incomprehensivel perturbação do cerebro. Em resumo, nunca encontrei um mathematico puro em quem a gente se pudesse fiar, fóra das suas raizes e das suas equações; nunca conheci um só que não tivesse clandestinamente por artigo de fé que $x^2 + p x$ é absoluta e incondicionalmente egual a q . Experimenta dizer a um d'esses senhores que não te parece impossivel que haja um caso em que $x^2 + p x$ não seja absolutamente egual a q ; mas quando lhe tiveres feito comprehender a blasphemia, vae-te o mais depressa que puderes, sob pena de seres corrido a pau.

Quero dizer, proseguiu Dupin, emquanto eu ria das suas ultimas observações, que se o ministro fosse só mathematico, o commissario não se teria visto na necessidade de me subscrever este bilhete. Mas eu, que conheci o nosso homem como mathematico e como poeta, tomei as minhas medidas á proporção da sua capacidade, e attendendo ás circumstancias em que elle se achava collocado. Estava claro que um homem da sua especie, um cortezão e um intriguista consumado, não podia ignorar os processos da policia. Todas essas embaixadas e pesquisas secretas no palacio, elle devia prevêr; e as ausencias nocturnas, que inspiravam tão grandes esperanças ao bom do commissario, quanto a mim não eram senão manhas para dar plena liberdade ás pesquisas e persuadir mais facilmente a policia de que a carta não estava no palacio. Emfim, imaginei, e parece-me que não me enganei, que elle adoptava exactamente as minhas idéas a respeito dos principios invariaveis da policia nos casos de pesquisas. Portanto, devia repellir todos os esconderijos vulgares, sabendo de antemão que o esconderijo mais complicado e mais profundo do palacio seria tão pouco secreto como uma antecamara ou um armario, para os olhos, as sondas, as verrumas e os microscopios do commissario. Por todos os motivos, até mesmo pelo horror das complicações, o homem não podia deixar de tender para a simplicidade.

Lembras-te das gargalhadas com que o commissario acolheu a idéa que lhe exprimi na nossa primeira entrevista, a saber que o mysterio era talvez simples de mais para elle ?

— Lembro-me, respondi eu. Cheguei até a receiar que elle tivesse algum ataque de nervos á força de tanto r.r.

— O mundo material, continuou Dupin, está cheio de analogias exactas com o immaterial ; e por isso é verdadeiro o dogma de rhetorica que diz que uma comparação ou uma metaphora serve tanto para fortificar um argumento, como para embellezar uma descripção.

O principio da força da inercia, por exemplo, parece identico nas duas naturezas, physica e metaphysica ; um corpo grande move-se com mais difficuldade que um pequeno, e a sua quantidade de movimento está na proporção d'essa difficuldade. Eis agora uma proposição analogá igualmente positiva : os pensamentos d'uma capacidade vasta, os quaes são ao mesmo tempo mais impetuosos, mais constantes e mais accidentados no seu movimento que os d'uma capacidade inferior, são os que se movem com menos facilidade e os que soffrem mais hesitações para se pôrem em marcha. Outro exemplo : já reparaste alguma vez quaes são as taboletas dos estabelecimentos que attráem mais a attenção ?

— Não, respondi eu, nunca pensei n'isso.

— Ha um jogo de adivinhação, tornou Dupin, que se joga com uma carta geographica, no qual um dos jogadores convida alguém a adivinhar uma palavra dada : o nome d'uma cidade, d'um rio, d'um estado ou d'um imperio, emfim uma palavra qualquer comprehendida na extensão colorida e complicada da carta. Uma pessoa inexperiente ao jogo procura geralmente embarçar os adversarios, dando-lhes a adivinhar nomes escriptos em caracteres imperceptiveis ; mas os adeptos do jogo, escolhem as palavras escriptas em caracteres grandes, que se estendem d'um ao outro lado da carta. Essas palavras, como as taboletas de lettras enormes, escapam ao observador justamente pelo facto da sua excessiva evidencia. Este descuido material é precisamente analogo á inadvertencia moral d'um espirito que

deixa escapar as considerações demasiado claras, por causa da banalidade da sua evidencia. Mas este caso está, ao que parece, um pouco acima ou um pouco abaixo da intelligencia do commissario. Assim, nunca lhe pode passar pela idéa que o ministro tivesse collocado a sua carta exactamente debaixo dos olhos de todo o mundo, para evitar que qualquer individuo a apercebesse.

Eu, ao contrario, quanto mais reflectia no espirito audacioso, brilhante e distincto de D... ; no facto que o documento lhe devia estar sempre á mão, para servir immediatamente se fosse preciso ; e no outro facto do documento não estar, segundo a demonstração decisiva fornecida pelo commissario, escondido nos limites d'uma pesquisa ordinaria e em regra, mais me sentia disposto a acreditar que o ministro tinha recorrido, para esconder a carta, ao expediente mais engenhoso e mais vasto ; isto é, que não a tinha escondido absolutamente.

Compenetrado de semelhantes idéas, um bello dia pela manhã, puz uns oculos verdes no nariz e apresentei-me, como que por acaso, no palacio do ministro. Encontrei-o a passeiar d'um para o outro lado, bocejando, pretendendo-se atacado de *spleen*. D... é talvez o homem mais energico do mundo, mas isto é só quando tem a certeza de que ninguem o vê.

Pela minha parte, queixei-me de fraqueza nos olhos e da necessidade de trazer oculos. Mas os oculos, verdadeiramente, não me serviam senão para inspeccionar, á minha vontade, o gabinete todo, sem parecer desviar uma migalha de attenção da nossa conversa.

Examinei especialmente uma grande secretaria, junto da qual elle estava assentado, onde jaziam de misturada uma quantidade de cartas e outros papeis, com um ou dois instrumentos de musica e alguns livros. Mas ahi

não vi nada que se parecesse com o que eu procurava.

Por fim, percorrendo o aposento todo com os olhos, apercebi uma carteira insignificante, bordada a lentejoilas, e suspensa por um velho laço azul, a um preguinho de metal, por cima do fogão. Esta carteira, dividida em tres ou quatro compartimentos, continha seis ou sete bilhetes de visita e uma unica carta enxovalhada, amarrotada, quasi rasgada ao meio, como se tivesse estado para a destruir completamente, como se faz ordinariamente a um papel sem valor. Tinha um grande sello negro com a cifra de D..., muito em evidencia e era dirigida á pessoa do ministro. O sobrescripto era com letra de mulher, muito fina. A carta parecia ter sido atirada, para um dos compartimentos superiores da carteira, quasi com desprezo.

Mal lhe deitei os olhos, conclui que era a propria de que se tratava. O seu aspecto differia completamente da descripção minuciosa que o commissario nos lêra. N'esta, o sello era grande e negro, com a cifra de D...; na outra, era pequeno e vermelho, com as armas ducaes da familia S... N'esta, a letra do sobrescripto era miuda e feminina; na outra, o sobrescripto, dirigido a uma pessoa real, estava escripto com uma letra firme e caracterizada; as duas cartas tinham apenas um ponto commum, a dimensão. Mas o character excessivo d'estas differenças fundamentaes; o enxovalhado, o estado deploravel do papel, amarrotado e rasgado, que contradizia completamente os habitos elegantes de D... e que trahia a intenção de desnortear um indiscreto, apresentando-lhe todas as apparencias d'um objecto sem importancia; tudo isto, junto com a situação impudente do documento, exposto aos olhos de todos os visitantes, exactamente como eu tinha previsto; tudo isto, digo, era bastante para confirmar plenamente as minhas suspeitas. -

Prolonguei a visita o mais possível, e, enquanto sustentava uma discussão muito animada com o ministro, sobre um assumpto que eu sabia ser-lhe immensamente interessante, a minha attenção não deixava a carta nem um momento. A' força de a examinar e de reflectir sobre o seu aspecto exterior, acabei por fazer uma descoberta, que destruiu a ultima duvida que ainda me podia restar. Analysando as extremidades do papel, observei que estavam ligeiramente escarpeladas. O seu aspecto era pouco mais ou menos o d'um papel duro, dobrado no sentido inverso, pelas mesmas dobras que constituíam a primeira forma. Não precisei de vêr mais nada. Estava claro que o sobrescripto da carta tinha sido virado. Despedi-me do ministro e sahi, esquecendo uma tabaqueira de ouro em cima da secretaria.

Na manhã seguinte, voltei á casa do ministro para a procurar, e a conversação da vespera tornou a vir a proposito. Mas, enquanto discutiamos com vivacidade, ouviu-se uma detonação muito forte, como um tiro de pistola, debaixo das janellas do palacio, seguida de gritos e de vociferações da chusma espavorida. D... precipitou-se para uma janella, abriu-a e olhou para a rua. N'este meio tempo fui direito á carteira, tirei a carta, metti-a na algibeira, e substitui-a por outra ; uma especie de *fac-simile* (pelo lado exterior) que eu tinha preparado cuidadosamente em casa, imitando a cifra de D... com um sinete feito de miolo de pão.

O tumulto da rua havia sido causado pelo capricho insensato d'um homem que se lembrára de descarregar a espingarda que trazia, no meio d'uma chusma de mulheres e de creanças. Mas como a arma não estava carregada com balla, tomaram-no por um doido ou por um bebado e deixaram-o seguir o seu caminho. Acabada aquella scena, D... retirou-se da janella, onde

eu o seguira immediatamente depois de me ter apoderado da preciosa carta. D'ahi a instantes, cumprimentei-o e vim-me embora. O pretendido louco era um homem pago por mim.

— Mas para que é que substituíste a carta ? perguntei eu. Não teria sido muito mais simples tiral-a, sem essas precauções, logo na primeira visita ?

— D..., replicou Dupin, é um homem firme e capaz de tudo. Além d'isso tem criados fieis. Se eu tivesse feito a extravagancia que tu dizes, é provavel que não tivesse sahido vivo de casa d'elle. Mas, á parte essas considerações, eu tinha ainda outro fim. As minhas sympathias politicas constituem-me o campeão da dama roubada. Ha dezoito mezes que o ministro a tem em seu poder. Agora é ella que o tem a elle, que, imaginando sempre possuir a carta, ha de continuar o *chantage* habitual e operar infallivelmente, na primeira occasião, a ruina da sua politica. A queda do ministro pôde ser tão rapida como ridicula. Toda a gente falla do *facilis descensus Avernoi*; mas em materia de escandalos, pôde-se dizer o que a Catalini dizia do canto : E' mais facil subir que descer. No caso actual, o homem que vae descer, não me inspira a menor piedade. D... é o verdareiro *monstrum horrendum*; um homem intelligente sem principios. Confesso-te mesmo que não desgostaria de poder observar os seus pensamentos, quando, levado ao extremo por aquella a quem o commissario chama *uma certa pessoa*, elle fôr obrigado a ler a carta que lhe deixei na carteira.

— Que ! Pois escreveste alguma cousa !

— Pudera ! Então havia de deixar em branco o interior da carta ? Isso era quasi uma insolencia !

Uma vez, em Vienna, D... fez-me uma partida ; e eu disse-lhe que havia de m'a pagar. Por isso, como era

provavel que elle tivesse certa curiosidade de saber quem lhe tinha feito ésta, entendi que era mal feito não lhe deixar um indício qualquer. Escrevi, pois, com a minha lettra natural, que elle conhece perfeitamente, no meio da folha de papel, estes dois versos da *Astrée* de Crébillon.

. Un dessein si funeste,
S'il n'est digne d'Astrée, est digne de Thyeste.

DUPLO ASSASSINIO NA RUA MORGUE

As faculdades de espirito chamadas analyticas, são em si mesmas tão pouco susceptiveis de analyse que não podemos apreciar-as senão pelos seus resultados. O que sabemos, entre outras cousas, é que, para quem as possui n'um gráo extraordinario, essas faculdades são fontes de gozos intensissimos. Assim como o homem forte se compraz no exercicio dos musculos, que põem em acção a sua capacidade physica, assim o analysta tira os seus melhores prazeres da actividade espirital, que tem por funcção particular a investigação do desconhecido. Adora os mysterios, os enygmas e os hieroglyphos ; e todas as occasiões, mesmo as mais triviaes, de exercer os seus talentos lhe são agradaveis. O poder de perspicacia que emprega em cada solução é tão superior ao vulgar, que chega a parecer sobrenatural ; emquanto que os resultados deduzidos pela essencia do seu methodo, podem passar por uma intuição secreta. Esta faculdade de resolução é devida, á maior parte das vezes, ao estudo profundo da mathematica e em particular ao ramo mais alto d'esta sciencia que, muito imprpropriamente e talvez só por causa das suas operações retrogradadas, foi definida de analyse, como se ella fosse a analyse por excellencia.

Não pretendo formular aqui um tratado de analyse, mas simplesmente pôr á frente de um conto assás singular algumas observações perfeitamente lançadas ao acaso, que lhe servirão de prefacio.

Aproveito pois o ensejo para proclamar que o poder da reflexão é muito mais activa e proveitosamente explorado no modesto jogo das damas, que em toda a complicação laboriosa do xadrez.

N'este ultimo jogo, como as peças são dotadas de movimentos diversos e estranhos e representam diferentes e variados valores, a complexidade é tomada (erro muito vulgar) pela profundeza. A attenção energeticamente despertada não deve affrouxar um instante, sob pena de erro immediato ou derrota. Os movimentos possiveis sendo, não só variados, mas deseguaes em poder, as probabilidades de semelhantes erros são muito multiplicadas; de sorte que, em nove casos por dez, é o jogador mais attento que ganha e não o mais habil. Nas damas, ao contrario, o movimento é simples e soffre poucas variações; as probabilidades da inadvertencia são muito menores e a attenção, não supplantando as outras faculdades, o jogador só pôde dever a vantagem á sua perspicacia superior.

Para deixarmos abstracções, supponhamos um jogo de damas onde a totalidade das peças seja reduzida a quatro. As distracções sendo menos provaveis e as duas partes perfeitamente eguaes, é evidente que a victoria não pôde resultar senão de uma tactica habil e de um profundo esforço de intelligencia. Privado dos recursos ordinarios, o analysta penetra no espirito do seu adversario, identifica-se com elle e descobre muitas vezes, com um simples olhar, o meio de o attrahir a uma falta ou de o precipitar n'um calculo errado.

Podemos egualmente citar o whist pela sua acção

poderosa sobre as faculdades do calculo. Têm-se visto homens de grande intelligencia desprezar o xadrez como uma frivolidade, e entregarem-se ao jogo do whist com um prazer incomprehensivel. Com effeito, não ha nenhum jogo analogo que desenvolva mais a faculdade da analyse. O melhor jogador de xadrez do globó não passa de ser o melhor jogador de xadrez; enquanto que a força ao whist envolve capacidade para todas as outras especulações, muito mais importantes, em que o espirito tem de lutar com o espirito.

Quando digo força, quero falar d'esta perfeição no jogo que comprehende a intelligencia de todos os casos dos quaes se póde tirar partido legitimamente, casos diversos, complexos, que se escondem muitas vezes nas profundezas do pensamento, absolutamente inacessiveis a uma intelligencia ordinaria.

Observar com attenção é lembrar-se distinctamente; por conseguinte, debaixo d'este ponto de vista, o jogador de xadrez, capaz de uma attenção intensissima, jogará muito bem o whist, visto que as regras de Hoyle, só baseadas no mecanismo simples do jogo, são faceis e geralmente intelligiveis.

Por isso, ter uma memoria fiel e proceder segundo o livro são pontos que, para o vulgar, constituem o *summum* do jogar bem. Mas é nos casos situados além das regras que se manifesta o talento do analysta, cujo trabalho de observações e deducções é feito em silencio. Os seus adversarios, provavelmente, fazem o mesmo; e a differença de extensão dos resultados assim colhidos não está tanto na validade da deducção como na qualidade da observação. O importante, o principal é saber o que se deve observar. O bom jogador não se limita ao seu jogo. Embora este seja o objecto actual da sua attenção, não lhe escapam tambem as deducções que nascem dos

objectos estranhos ao jogo. Examina a physionomia do parceiro, compara-a cuidadosamente com a dos adversarios. Considera o modo como cada um dá as cartas. Conta, muitas vezes, os triumphos um por um, nos olhares satisfeitos dos outros jogadores. Nota as differentes expressões dos rostos na marcha do jogo e segue-as em todas as suas phases de surpresa, de segurança, de triumpho ou de mau humor. Pela maneira como qualquer pessoa recolhe uma vasa, adivinha se ella pôde fazer outra. Reconhece se uma carta é jogada por manha, pelo ar com que é atirada para cima da mesa. Uma palavra accidental, involuntaria; uma carta que cáe ou que se vira por acaso, que se apanha com anciedade ou negligencia; o contar das vasa e o modo como estão dispostas; o embaraço, a hesitação, a vivacidade, a trepidação, tudo lhe são symptomas e diagnosticos, tudo esclarece a sua percepção (apparentemente intuitiva) sobre o verdadeiro estado das cousas. Depois das duas ou tres primeiras jogadas, possui a fundo o jogo que está em todas as mãos e pôde desde então jogar as suas cartas com conhecimento de causa, como se os outros jogadores lhe houvessem mostrado as d'elles.

A faculdade da analyse não deve confundir-se com o simples engenho. O homem engenhoso nem sempre é analysta; emquanto que o analysta é necessariamente engenhoso. Esta faculdade, que se revela pelo dom da combinação ou constructividade e á qual os phrenologos (a meu vêr sem razão) determinam um órgão á parte, suppondo-a uma faculdade primordial, manifesta-se bastantes vezes em seres cuja intelligencia é vizinha do idiotismo, para attrahir a attenção dos escriptores psychologistas. Entre o engenho e a aptidão analytica ha uma differença muito maior que entre a imaginativa e a imaginação, mas de um character rigorosamente analogo. Em

summa, o homem engenhoso é sempre cheio de imaginativa e o homem verdadeiramente imaginativo é sempre analysta.

A historia seguinte será para o leitor um commentario luminoso das proposições que acabo de formular.

Quando estive em Pariz (durante a primavera e uma parte do verão de 18...) travei conhecimento com um certo C. Augusto Dupin, cavalheiro muito distincto, filho de uma familia illustre, que uma serie de desgraças tinha reduzido á ultima pobreza.

Sem energia para lutar com os revezes da sorte, Dupin renunciára á esperanza de readquirir a sua fortuna e abandonára o mundo. Um pequeno rendimento que lhe deixára a generosidade dos credores, permittia-lhe viver modestamente, porém com decencia. O seu unico luxo consistia em livros. Em Pariz não é difficil obtel-os.

As minhas relações com elle começaram n'um obscuro gabinete de leitura, onde procuravamos ambos o mesmo livro, muito notavel e muito raro. Os nossos gostos de bibliophilos approximaram-nos dentro em pouco tempo. Elle contou-me a sua historia de familia, com a candura e o abandono natural aos francezes quando falam dos seus negocios. E eu ouvi-o com um interesse que se transformou depressa em sympathia.

Surprehendeu-me a prodigiosa extensão das suas leituras, mas o que me encantou sobretudo foi o entusiasmo singular e a frescura vital da sua imaginação. Como eu procurava em Pariz certos objectos de estudo, a sociedade de tal homem pareceu-me um thesouro inapreciavel, e desde então liguei-me intimamente com elle. Por fim, resolvemos viver juntos, durante o tempo da minha residencia n'aquella cidade. Como eu era algum tanto mais rico, encarreguei-me de alugar e mobilhar, n'um estylo

apropriado á melancolia phantastica dos nossos dois caracteres, uma casa antiga, quasi em ruinas, sita n'uma rua afastada do bairro de São Germano e que qualquer lenda supersticiosa, que nem tratámos de inquirir, fizera desertar.

Se a rotina da vida que levavamos e a nossa reclusão completa tivessem sido conhecidas no bairro, por certo que teríamos passado por doidos (doidos inoffensivos, comtudo). Eu tinha escondido com cuidado a nossa morada aos meus antigos camaradas; pela sua parte, Dupin rompera com o mundo havia muito tempo. D'esta sorte, vivíamos absolutamente só um com o outro, sem receber uma unica visita.

O meu amigo tinha extravagancias singulares. Uma d'ellas era amar a noite pelo amor da noite; a noite era a sua paixão! Quanto a mim, não tardei a imital-o n'essa, como em todas as outras originalidades que o distinguiam.

Mas a divindade negra não podia estar sempre conosco. Para satisfazer o nosso amor pela escuridão, tivemos pois de imaginar uma noite artificial. Apenas luzia a madrugada, fechavamos todas as janellas de casa e accendiamos um par de vélas, aromatisadas, que mal derramavam uma claridade pallida e fraca. No seio d'esta especie de penumbra, cada um abandonava a sua alma aos sonhos. Outras vezes liamos, escreviamos ou conversavamos, até que o pendulo nos advertisse da volta da obscuridade verdadeira. Então sahiamos, passeiavamos ao acaso, de braço dado, continuando a conversa do dia e pedindo ás luzes desordonadas e ás trevas da populosa cidade, as excitações cerebraes, que o estudo e o silencio não podiam dar-nos.

N'estes passeios é que eu não podia deixar de notar com admiração (posto que a rica idealidade do meu amigo

devesse fazer-m'o esperar) a prodigiosa força *analytica* de que Dupin era dotado; força que elle exercia (ostentava mesmo, talvez) com um prazer que não procurava dissimular. « Ha homens, dizia-me elle ás vezes com um sorriso de triumpho — que têm para mim uma janellinha aberta do lado do coração. » E de ordinario, como prova immediata e devéras surprehendente, acompanhava a sua asserção de uma *analyse* exacta e profunda da minha pessoa. N'esses momentos, tomava uns ares glaciaes e distrahidos, volviam-se-lhe os olhos no vacuo e a voz (uma esplendida voz de tenor, ordinariamente) elevava-se de um modo singular. Mas a deliberação do seu falar era absoluta e perfeitamente segura. Muitas vezes, ao observá-lo assim, passava-me pela idéa a velha philosophia da alma dupla e divertia-me a imaginar um Dupin duplo: um Dupin creador e um Dupin *analysta*.

Mas de tudo o que acabo de dizer, não se imagine que vou revelar algum grande mysterio ou escrever um romance. O que havia de singular n'aquelle Francez extraordinario, era apenas o resultado de uma imaginação exaltada (doentia, talvez).

Um exemplo dará melhor idéa da qualidade das suas observações, na epocha de que se trata.

Certa noite que vagabundeavamos n'uma rua comprida e suja, proxima do Palais-Royal, cada um engolphado nos proprios pensamentos (pelos menos apparentemente, porque havia perto de um quarto d'hora que não davamos palavra um ao outro) Dupin soltou de repente estas palavras;

— E' pequeno de mais, é. O theatro das Variedades era muito mais proprio para elle.

— Sem duvida nenhuma, respondi eu distrahidamente, sem notar primeiro o que havia de extraordinario n'aquella adaptação das palavras de Dupin aos meus

pensamentos intimos. Mas um minuto depois entrando em mim, o meu espanto foi immenso.

— Dupin, disse-lhe com gravidade, isto agora ultrapassa a minha intelligencia! Como pudeste adivinhar que eu pensava em...? E parei, sem pronunciar o nome, afim de adquirir a certeza de que elle adivinhára realmente os meus pensamentos.

— Em Chantilly? rêdarguiu elle, continua os teus racionios... Dizias contigo mesmo que um homem tão baixo não é proprio para a tragedia.

Era precisamente aquelle o assumpto das minhas reflexões. Chantilly era um ex-sapateiro da rua de S. Diniz, que tinha a mania do theatro e que representára, de um modo absolutamente irrisorio, o papel de Xerxes na tragedia de Crébillon.

— Pelo amor de Deus! dize-me por que methodo (se é que tens algum) pudeste penetrar as minhas reflexões?

Na realidade, eu estava ainda mais espantado do que queria parecel-o.

— Quem te trouxe, replicou o meu amigo, á conclusão de que o sapateiro não podia representar Xerxes nem personagem algum semelhante, foi o fructeiro.

— O fructeiro! que estás tu a dizer! Eu não conheço fructeiro de qualidade nenhuma.

— Aquelle homem que te empurrou ainda agora, á entrada da rua; ha de haver talvez um quarto de hora.

Lembrei-me então de que, effectivamente, ao voltar a esquina da rua C... para aquella onde agora estavamos, tinha vindo de encontro a mim um fructeiro, com um grande cesto de maçãs á cabeça, o qual quasi me ia atirando por terra com um empurrão. Mas que relação podia haver entre aquelle accidente e Chantilly? Isso é que eu não podia entender.

No entanto, no meu amigo Dupin não havia um atomo de charlatanismo.

— Vou explicar-te isso, disse elle; mas para comprehenderes tudo claramente, é melhor reconstruirmos a serie das tuas reflexões, desde o momento em que te falo até ao encontro do fructeiro em questão. Formaremos assim uma cadeia cujos anneis successivos são : Chantilly, Orion, o dr. Nichols, Epicuro, a estereotomia, as calçadas, o fructeiro.

Creio que haverá pouca gente que não se tenha entretido, alguma vez na vida, a retrogradar no curso das suas idéas para procurar os caminhos que conduziram o espirito a uma certa conclusão. Este entretenimento é quasi sempre interessantissimo, e quem o experimenta pela primeira vez admira-se da incoherencia e da distancia (apparentemente immensa) entre o ponto de partida e o ponto de chegada.

Imagine-se, pois, a minha surpresa, ao ouvir o Francez discorrer d'aquella sorte e reconhecendo a pura veracidade das suas palavras.

— Se não me engano, continuou elle, a nossa conversação versava sobre cavallos, no momento em que deixámos a rua C... Foi esse o ultimo assumpto de que falámos. Quando vinhamos a entrar n'esta rua, passou por nós um fructeiro, com um grande cesto á cabeça, que, na precipitação de sua andadura, atirou contigo para cima de um monte de calhãos accumulados n'um lugar onde a rua está em reparação; escorregando sobre uma pedra mal segura, maguaste ligeiramente um pé. Então, aborrecido e arrenegado, resmungaste algumas palavras, voltaste-te para reparar melhor no montão dos calhãos, e continuaste a andar silenciosamente.

Como a observação é, desde longo tempo, para mim, quasi uma necessidade, notei que os teus olhos perscrui-

tavam o solo com uma especie de irritação, contando os buracos e as escabrosidades da calçada. Era evidente que pensavas ainda nas pedras. Quando chegámos á *passagem* (1) Lamartine, onde se anda a fazer a experiencia das ruas de madeira (um systema de pedaços de pau solidamente unidos) alegraram-se-te os olhos e os teus labios agitaram-se n'um murmurio, que não podia ser senão a palavra estéreotomia, termo applicado, assaz pretenciosamente, a este modo de calcetar. A palavra estéreotomia devia necessariamente levar-te a pensar nos atomos; e estes não podiam deixar de te conduzir ás theorias de Epicuro. E como na discussão que tivemos, ainda não ha muito tempo, sobre este assumpto, eu te fizera notar que as vagas conjecturas do illustre Grego haviam sido exactamente confirmadas pelas ultimas theorias sobre as nebulosas e pelas recentes descobertas cosmogonicas, calculei que, a esta idéa, os teus olhos haviam de se voltar forçosamente para a grande nebulosa Orion. Assim o fizeste, e desde então, adquiri a certeza de haver seguido estrictamente o fio da tua meditação. Ora, na critica amarga que o Museu publicava hontem de Chantilly, o escriptor satirico, fazendo allusão á mudança de nome do sapateiro, quando calçára os cothurnos, citava um verso latino muito nosso conhecido :

Perdidit antiquam littera prima sonum,

o qual eu te dissera referir-se a Orion, que se escrevia primitivamente Urion; e por causa da discussão, algum tanto acre, que tivemos a este respeito (e que eu estava certo que não havias esquecido), era claro que as duas idéas Orion e Chantilly deviam associar-se fatalmente

(1) Nome que se dá em Paris e em outras cidades a uma especie de ruas cobertas por onde só passam peões.

no teu espirito. Essa associação vi-a distinctamente no sorriso particular que te pairou nos labios. Era pois infallivel que pensavas na execução do desgraçado sapa-teiro; e tanto assim, que endireitaste logo o corpo, até alli dobrado em dois, protestação muda, porém eloquente, contra a pequenez de Chantilly. Foi então que interrompi o curso das tuas reflexões, para te fazer notar que aquelle aborto de Chantilly estava muito mais proprio para o theatro das Variedades.

Pouco tempo depois d'esta conversa, percorrendo uma noite a Gazeta dos tribunaes, encontrámos os paragra-phos seguintes, que nos mereceram toda a attenção :

DUPLO ASSASSINIO DEVÉRAS EXTRAORDINARIO

« Esta manhã, ás tres horas, os habitantes do bairro de S. Roque accordaram em sobresalto, ao ruido de gritos horriveis, os quaes partiam do quarto andar de uma casa da rua Morgue, onde habitava madame d'Espanaye, com sua filha, mademoiselle Camilla d'Espanaye. Depois de alguns esforços infructuosos para obter que abrissem de dentro, a porta foi arrombada e entraram oito ou dez vizinhos acompanhados por dois gendarmes.

« Entretanto, os gritos haviam cessado; mas no momento em que toda aquella gente chegava ao primeiro andar, distinguiam-se duas vozes fortes, ou talvez mais, que pareciam argumentar violentamente na parte superior da casa. Quando chegaram ao segundo patamar, aquellas vozes tinham egualmente cessado. Os vizinhos com os gendarmes visitaram todos os compartimentos. Emfim, n'um vasto aposento, situado nas trazeiras do quarto andar, cuja porta, estando fechada por dentro, teve tambem de ser arrombada, acharam-se em presença de um spectaculo espantosamente horrivel.

« O quarto estava na maior desordem ; os moveis quebrados cobriam o solo, de mistura com os colchões e as roupas do unico leito, completamente desmanchado. Sobre uma cadeira via-se uma navalha de barba, toda ensanguentada, e no fogão tres grossas madeixas de cabellos grisalhos, que parecia terem sido arrancados pela raiz. No meio do chão jaziam quatro napoleões, um brinco de topazios, tres colheres de prata grandes, tres menores, de metal de Alger, e dois saccos, contendo pouco mais ou menos quatro mil francos em ouro. A um canto, havia uma commoda, cujas gavetas abertas tinham sido, provavelmente, saqueadas, bem que conservassem muitos artigos intactos. Debaixo da cama encontrou-se um pequeno cofre de ferro, aberto, com a chave na fechadura, contendo cartas velhas e papeis sem importancia.

« De mesdames d'Espanaye não se acharam os menores vestigios. Notando-se, porém, pelo meio da casa uma grande quantidade de fuligem, procuraram na chaminé, e (cousa horrivel!) acharam o cadaver da rapariga, com a cabeça para baixo, que devia ter sido alli introduzido e empurrado com força, pela fenda estreita, até uma altura consideravel. O corpo estava ainda quente; todo contundido e cheio de escoriações, provenientes da violencia com que fôra mettido no cano da chaminé e d'aquella que foi necessario empregar para o tirar de lá. A cara estava coberta de arranhaduras; numerosas nodoas negras e estygmas de unhas profundas, em volta da garganta, attestavam que a morte havia sido produzida por estrangulação.

« Depois de novas pesquisas minuciosas, descobriu-se enfim o cadaver da senhora velha n'um pequeno pateo de pedra situado por detraz da casa. Este tinha a garganta tão cortada, que no momento em que a levam-

taram do chão, a cabeça separou-se do tronco. Tanto o corpo como a cabeça, horrorosamente mutilados, conservavam apenas uma fôrma humana.

« Sobre este crime paira por enquanto um mysterio tenebroso. Até á hora em que escrevemos, a policia não poudé ainda descobrir o menor indicio revelador. »

No numero seguinte vinham estes pormenores addicionaes :

O DRAMA DA RUA MORGUE

« Fôram já interrogados bastantes individuos ácerca d'esse espantoso acontecimento; mas os seus depoimentos não derramam luz sobre o assumpto, como se póde vêr pelo processo verbal seguinte.

« Paulina Dubourg, lavadeira, depõe que conhecia as duas victimas, cuja roupa lavava havia mais de tres annos. Diz que a mãe e a filha pareciam viver na melhor harmonia, mostrando-se até muito affectuosas uma para a outra. Pagavam bem. Quanto ao seu modo de vida ou meios de subsistencia, não póde affirmar nada. Suppõe, comtudo, que madame d'Espanaye lia a buena-dicha para viver, e que tinha além d'isso alguma cousa de seu.

« Não viu nunca pessoa alguma de fóra em casa d'aquellas senhoras, que viviam muito retiradas e não tinham creado nem creada. Parece-lhe que a casa não estava mobiliada senão no quarto andar.

« Pedro Moreau, estanqueiro, depõe que fornecia de rapé madame d'Espanaye, vendendo-lhe ás pequenas quantidades. Este homem, que nasceu no bairro e residiu sempre alli, affirma que as mortas habitavam ha mais de seis annos a casa onde fôram achados os seus cadaveres. O predio era propriedade de madame d'Espanaye. Primitivamente estivera alugado a um joalheiro, que sub-arrendava os andares superiores a dif-

ferentes pessoas; mas depois madame d'Espanaye, descontente com o modo por que lhe tratavam a casa, decidiu-se a vir habital-a e nunca mais quiz alugar nenhum dos andares. A boa senhora já estava alguma cousa apatetada. O estaqueiro diz não ter visto a filha mais de cinco ou seis vezes, no intervallo d'aquelles seis annos. Levavam ambas uma vida excessivamente retirada e passavam por ter algum dinheiro. Dizia-se na vizinhança que madame d'Espanaye lia a buena-dicha, mas a testemunha crê que é mentira. Nunca vira pessoa alguma entrar aquellas portas para dentro, excepto os donos da casa, um moço de recados duas ou tres vezes e o medico umas oito ou dez.

« Os depoimentos dos outros vizinhos são analogos. Não consta que pessoa alguma frequentasse aquella casa. As janellas da frente abriam-se raras vezes. As detraz estavam sempre fechadas, excepto as do quarto andar. A casa era boa e não estava muito velha. Ignora-se se as duas senhoras tinham algum parente.

« Isidoro Muset, gendarme, depõe que o vieram requisitar ás tres horas da madrugada e que achou a casa já cercada por umas vinte ou trinta pessoas, que se esforçavam por entrar lá dentro. Foi elle que arrombou a porta, com a bayoneta, o que não lhe custou muito, porque esta era de dois batentes e não estava aferrolhada nem por cima nem por baixo. Os gritos continuavam sempre, emquanto se arrombava a porta; depois cessaram repentinamente. Eram gritos altos e prolongados, como que de uma ou de muitas pessoas atormentadas por grandes dôres. Ao chegar ao primeiro patamar, a testemunha ouviu duas vozes que disputavam muito alto e acremente; uma era grossa, a outra, mais aguda, tinha entoações singulares. A primeira voz era de homem, com toda a certeza e pertencia a um francez, a julgar

pelas palavras *sacré* e *diable* que elle poude distinguir. A outra era a de um estrangeiro; mas não sabe dizer precisamente se homem ou mulher, nem tão pouco adivinhar o que dizia; só presume que falava hespanhol. Esta testemunha descreve o estado do aposento e dos cadaveres nos mesmos termos que hontem dissemos.

« Henrique Duval, um vizinho, ourives, depõe que fazia parte do grupo dos que primeiro entraram na casa do crime. Confirma geralmente o testemunho de Muset. Acrescenta que, apenas penetraram na habitação, fecharam a porta, afim de impedir a entrada da chusma, que se amontoára consideravelmente, não obstante a hora matinal. Segundo a sua opinião, a voz aguda era italiana; franceza de certo não. Pareceu-lhe voz de mulher, mas não tem bem certeza. Como conhece mal a lingua italiana, não poude distinguir as palavras; mas pela entoação está convencido que o individuo que falava era italiano. A testemunha conhece madame d'Españaye e sua filha, falou com ellas frequentes vezes e tem certeza de que a voz aguda não era a de nenhuma das victimas.

« Odenheimer, natural de Amsterdam, dono d'uma casa de pasto. Esta testemunha veio offerecer-se de moto proprio, e como não sabe francez foi interrogado por um interprete. Diz que passava por defronte da casa quando ouviu gritos, uns gritos dolorosos e afflictivos, que duraram proximamente dez minutos. Odenheimer, que pertencia ao numero dos que penetraram na casa, confirma o testemunho precedente, excepto n'um ponto. Bem que não tivesse podido distinguir as palavras articuladas, assegura que a voz aguda era de homem (d'um francez), e diz que não era precisamente uma voz aguda, mas antes aspera. A voz grossa repetia muitas vezes: *sacré diable* e uma vez disse *mon Dieu!* O tom em que falava,

alto e desigual podia igualmente exprimir o receio e a colera.

« Jules Mignaud, banqueiro da casa Mignaud e filho, depõe que madame d'Esplanaye possuia uma fortuna razoavel. Havia oito annos que tinha conta aberta na sua casa, onde viera por differentes vezes depositar pequenas sommas. Nunca retirára de lá quantia alguma, a não ser tres dias antes do assassinio, em que viera pessoalmente pedir-lhe quatro mil francos, os quaes elle lhe contára em ouro e mandára levar ao seu domicilio por um caixeiro.

« Adolpho Lebon, caixeiro da casa Mignaud e filho, depõe que no dia em questão, ao meio-dia, acompanhou madame d'Esplanaye á sua casa, levando os quatro mil francos em dois saccos. Quando a porta se abriu, appareceu mademoiselle d'Esplanaye, que pegou n'um dos saccos, enquanto a senhora velha o alliviava do outro. Então cumprimentou-as e foi-se embora. N'aquelle momento não passava ninguem na rua, que lhe pareceu tristonha e muito solitaria.

« William Bird, inglez, residente em Pariz ha dois annos e alfaiate de profissão, depõe que pertence ao numero dos que revistaram a casa e que foi dos primeiros a subir a escada. Ouviu as vozes que altercavam. Da voz grossa (de certo franceza) distinguio algumas palavras, de que não se lembra, e ouviu distinctamente *sacré* e *mon Dieu*. No momento em que subia, sentia-se um grande barulho lá em cima, como o estrepito d'uma lucta de muitas pessoas e de objectos que se quebram. A voz aguda era ainda mais forte que a grossa. Tem a certeza que não era uma voz de inglez, antes de allemão; talvez de mulher. A testemuha não sabe allemão.

Quatro das testemunhas mencionadas foram interrogadas de novo e depuzeram que a porta do quarto onde

se achou o corpo de mademoiselle d'Españaye, estava fechada por dentro quando elles chegaram; que reinava no aposento um profundo silencio e que depois de terem arrombado a porta, não viram ninguem. As janellas, tanto as da frente como as da retaguarda, estavam solidamente fechadas por dentro. A porta que serve de comunicação para o corredor, estava fechada á chave e esta pelo lado de dentro. Um compartimento pequeno cheio de trastes velhos, malas, etc., situado á frente da casa, no quarto andar, achou-se aberto. Todos os objectos d'esse quarto foram cuidadosamente revistados. Não ha uma pollegada da casa que não tenha sido escrupulosamente pesquisada, inclusive as chaminés. A casa tem quatro andares, fóra as mansardas. No tecto d'estas ha um alçapão solidamente fechado com pregos, o qual parece condemnado desde muitos annos. As testemunhas discordam sobre a duração do tempo decorrido, entre o momento em que se ouvia a altercação das vozes e aquelle em que se arrombou a porta do quarto. Uns contam dois ou tres minutos, outros fallam de cinco. A porta do quarto custou muito a abrir.

« O hespanhol Affonso Garcia, agente de funeraes, morador na rua Morgue, foi um dos que entraram na casa. Depõe que não passou da escada, porque, sendo excessivamente nervoso, receia as commoções fortes. Comtudo, ouviu as duas vozes, cujas palavras não pode distinguir. Pela entoação pareceu-lhe que a voz grossa era d'um francez e a aguda d'um inglez.

« Alberto Montani, confeiteiro, depõe que foi dos primeiros a subir a escada. Ouviu as vozes em questão; a voz grossa, da qual distinguio apenas algumas palavras, era d'um francez e parecia fazer admoestações. Quanto á voz aguda, essa falava tão depressa e d'um modo tão sacudido que não se lhe entendia uma palavra. Entre-

tanto, presume que era a voz d'um russo. A testemunha é italiana e confessa que nunca na sua vida conversou com um russo.

Algumas testemunhas certificam que as chaminés são todas muito estreitas para dar passagem a um ser humano. Para as revistar serviram-se d'estas escovas cylindricas, proprias para a limpeza das chaminés, fazendo-as passar de alto a baixo em todos os tubos da casa. Não ha uma unica passagem que tenha podido favorecer a fuga dos assassinos, enquanto as testemunhas subiam a escada.

« O corpo de mademoiselle d'Espanaye estava por tal fórma comprimido na chaminé que, para o retirar de lá, foram precisas quatro ou cinco pessoas.

« Paulo Dumas, medico, depõe que foi chamado de madrugada para examinar os cadaveres, os quaes jaziam ambos sobre o leito, no quarto onde mademoiselle d'Espanaye fôra encontrada.

« O corpo da rapariga estava todo machucado, o que se explica perfeitamente pelo facto da sua intrusão na chaminé. A garganta, horrorosamente esfolada, tinha por baixo do queixo muitos arranhões profundos, com uma fileira de manchas lividas, produzidas evidentemente pela pressão dos dedos. O rosto estava espantosamente desmaiado e os olhos sahiam-lhe das orbitas. Uma grande nodoa negra no estomago parecia indicar a pressão d'um joelho. Na opinião de M. Dumas mademoiselle d'Espanaye havia sido estrangulada por um ou por muitos individuos.

« O corpo de sua mãe era uma pura chaga. Os ossos da perna e do braço esquerdo estavam todos mais ou menos quebrados; a tibia esquerda feita em migalhas, assim como as costellas do mesmo lado. Era impossivel dizer como aquelle corpo fôra assim triturado. Só um malho ou

uma massa de ferro pesada e contundente teria podido produzir semelhantes resultados, e ainda assim haveria de ter sido manejada pela mão d'um Hercules. Nenhuma mulher seria capaz de descarregar taes golpes. A cabeça da defunta, quando o medico a viu, estava completamente separada do tronco e esmagada, como o resto dos membros. A garganta devia ter sido cortada com uma navalha de barba.

« Alexandre Etienne, cirurgião, foi chamado ao mesmo tempo que M. Dumas para inspecionar os cadáveres; confirma o testemunho de M. Dumas.

« Foram ainda consultadas muitas outras pessoas, mas não se pode obter esclarecimento algum importante. Nunca se commetteu em Pariz um assassinio tão secreto e tão complicado, se é que realmente houve assassinio.

« A policia absolutamente desnorteada procura em vão o fio d'este mysterio. »

Os jornaes da noite diziam que reinava no bairro de S. Roque uma agitação permanente. A casa fôra outra vez examinada, as testemunhas novamente interrogadas, mas tudo isso sem resultado. Comtudo, um *post-scriptum* annunciava que Adolpho Lebon havia sido preso, posto que nenlhum dos factos conhecidos pudesse incriminal-o.

Dupin seguia a marcha d'aquelle processso com um interesse singular; mas até certa altura absteve-se de fazer commentarios. Só depois dos jornaes terem noticiado a prisão de Lebon é que me perguntou o que eu pensava do duplo assassinato.

Confessei-lhe que a minha opinião era a de Pariz inteiro; isto é, que considerava aquillo como um mysterio insolúvel, não vendo meio algum de descobrir a pista do criminosó.

— Por estes esclarecimentos embryonnarios, disse Dupin, não devemos procurar meios possiveis. A policia pariziense, tão gabada pela sua penetração, não passa de ser manhosa. Os seus processos são absolutamente faltos de methodo; e as suas precauções, as mais das vezes tão intempestivas como pouco apropriadas ao fim, fazem-me lembrar M. Jourdain a pedir o roupão para ouvir melhor a musica. Effectivamente, ás vezes obtem resultados surprehendentes, mas a maior parte d'elles são devidos á diligencia e á actividade. Quando estas faculdades não bastam, os planos falham. Vidocq, por exemplo, tinha geito para adivinhar, mas o seu pensamento, sem educação, triumphava só pela paciencia. Tambem o ardor que empregava nas suas investigações conduzia-o de continuo a erros. A força de considerar os objectos de muito perto acabára por não os ver; ou antes, via um ou dois pontos com uma clareza maravilhosa, mas o conjuncto passava-lhe despercebido. Talvez que a isto possa chamar-se ser profundo de mais. A verdade nem sempre está no fundo d'um poço. Creio mesmo que, nas questões que nos interessam de mais perto, a verdade está invariavelmente á superficie. Procuramol-a nas profundezas dos valles, quando é do cume dos montes que podemos descobril-a.

A contemplação dos corpos celestes dá-nos um excellento exemplo d'este genero de erros. Lançae um olhar rapido e obliquo sobre uma estrella, voltando para ella a parte lateral da retina (muito mais sensivel á luz fraca que a parte central), vereis a estrella distinctamente em todo o seu esplendor : olhae-a de frente, vêl-a-eis obscurecer. No ultimo caso o olho recebe muito maior numero de raios; mas no primeiro ha uma receptibilidade mais completa, uma sensibilidade muito mais viva. A

profundeza demasiada enfraquece o pensamento e fallo vacillar. Uma attenção concentrada, constante e directa, acabaria por fazer desapparecer do firmamento a propria Venus.

Examinemos esse assassinio antes de formular sobre elle a nossa opinião. Uma investigação é sempre interessante. Além d'isso, Lebon prestou-me um serviço pelo qual não me quero mostrar ingrato. Vamos ao logar do crime, examinemol-o com os nossos proprios olhos. O commissario da policia é meu conhecido, e não porá difficuldade em conceder-nos a auctorisação necessaria. »

Com effeito, tento obtido a auctorisação, dirigimo-nos á rua Morgue, uma travessa miseravel, que liga a rua de Richelieu com a rua de S. Roque. Quando lá chegámos, era já tarde, porque aquelle bairro fica a uma grande distancia do de S. Germano. Reconhecemos logo a casa pela multidão de basbaques que pasmavam defronte das janellas fechadas. Era uma casa vulgar, com um portão largo, e um nicho envidraçado a um dos lados, representando o cubiculo do porteiro. Antes de entrar, examinámol-a por fóra, de todos os lados. Dupin empregava n'esse exame uma attenção minuciosa, que eu não podia comprehender.

Depois, batemos á porta, mostramos os nossos poderes aos agentes da policia, que nos franquearam logo a entrada, e subimos ao quarto onde mademoiselle de Espanaye fóra encontrada e onde jaziam ainda os dois cadaveres. A desordem do quarto havia sido respeitada, como é costume praticar-se em semelhantes casos. Achámos tudo tal como a *Gazeta dos Tribunaes* tinha descripto.

Dupin examinou todas as cousas com cuidado, inclusivamente os corpos das victimas. Em seguida, passámos

aos outros quartos e descemos ao pateo, sempre acompanhados por um gendarme. O exame durou immenso tempo; quando deixámos a rua Morgue, era noite. Ao voltar á casa, Dupin demorou-se alguns minutos nos escriptorios de um jornal quotidiano.

Entretanto o meu amigo, por uma das suas manias singulares, recusou-se a falar do assassinio até ao dia seguinte ao meio-dia. Então perguntou-me inesperadamente se eu não tinha notado nada de particular no theatro do crime.

Havia o que quer que era no seu modo de pronunciar a palavra *particular*, que me fez estremecer.

— Não, nada de particular, disse eu, além do que tínhamos lido no jornal.

— Parece-me que a *Gazeta*, replicou elle, está longe de ter penetrado o horror insolito do crime. Mas ponhamos de parte as opiniões estupidas do jornal. Quanto a mim, penso que o mysterio é considerado insolúvel, exactamente pela razão que o torna mais facil de resolver; isto é, pelo character excessivo sob o qual nos apparece. O que confunde a policia, não é o assassinio em si, mas a atrocidade do assassinio e a ausencia apparente de motivos que justifiquem tal atrocidade. Além d'isso, é-lhe impossivel conciliar a altercação das vozes com o facto de não se ter achado ninguem lá em cima senão mademoiselle de Espanaye assassinada, e a certeza de que os assassinos não teriam podido descer, sem serem vistos pelas pessoas que subiam a escada. A desordem do quarto, o cadaver encaixado na chaminé, de cabeça para baixo, a horrorosa mutilação do corpo da velha, todas estas considerações alliadas ás que já mencionei e a outras que não é preciso dizer, bastaram para paralyzar a acção dos agentes da justiça, apesar da sua perspicacia tão gabada. Elles com-

metteram a falta grave, mas commum, de confundir o extraordinario com o obscuro. E' justamente afastando-nos dos caminhos ordinarios que a razão poderá talvez caminhar para a verdade. Nas investigações do genero da que nos occupa, o mais importante não é saber como os acontecimentos se passaram, mas distinguir em que elles differem dos casos analogos antecedentes. N'uma palavra, a facilidade com que eu hei de chegar, se é que não cheguei já á solução do mysterio, está na razão directa da sua insolubilidade aos olhos da policia.

Olhei estupefacto para Dupin.

- Estou á espera de um individuo, continuou elle,volvendo um olhar para a porta do quarto, de um individuo, o qual, bem que não tenha sido provavelmente o auctor d'aquella carnificina, deve de algum modo achar-se envolvido na sua perpetração. Creio comtudo que está innocente no crime, e desejo muito não me enganar n'esta hypothese, porque é sobre ella que se fundam as minhas esperanças de descobrir o enigma por inteiro. Espero esse homem de um momento para o outro. Póde ser que não venha, mas é mais provavel que venha. Se vier, é preciso não o deixarmos sahir. Aqui estão duas pistolas; talvez tenhamos necessidade d'ellas.

Peguei machinalmente nas pistolas, mal podendo dar credito aos meus ouvidos, enquanto Dupin continuava a falar como em monologo, com o ar distrahido e o olhar vago, que o caracterisavam em certos momentos. As suas palavras dirigiam-se a mim, mas a sua voz, posto que elevada a uma altura ordinaria, tinha a entoação de quem fala para uma grande distancia.

— Está provado até á evidencia, disse elle, que as vozes ouvidas pelas testemunhas não eram as vozes das

pobres mulheres. Não temos pois necessidade de admitir a supposição da velha ter assassinado a filha para se suicidar depois.

Não falo d'este caso senão por amor do methodo, porque madame de Espanaye não poderia ter força para introduzir na chaminé o cadaver da filha do modo que alli foi encontrado; e a natureza dos seus proprios fermentos exclue absolutamente a idéa do suicidio. A morte foi pois commettida por outras pessoas, de quem devem ser as vozes que se ouviram altercar.

Vamos agora a considerar, não os depoimentos relativos ás vozes, mas sómente o que ha de particular n'esses depoimentos. Dize-me, não notaste n'elles nada de particular?

— Sim, notei que emquanto todas as testemunhas concordavam em que a voz grossa era d'um francez, havia desaccordo completo relativamente á voz aguda, ou, como a definiu um individuo, á voz aspera.

— Isso constitue a evidencia, disse Dupin, mas não a particularidade da evidencia. Ha ainda alguma coisa de mais distincto a observar. As testemunhas, nota bem, estão de accordo sobre a voz grossa; sobre isto ha unanimidade! Mas com relação á voz aguda, ha uma circumstancia muito notavel, que não consiste só no desaccordo; e vem a ser que as testemunhas das diferentes nações, italiano, inglez, hollandez, hespanhol, etc., todos a attribuem a um estrangeiro; cada um parece estar certo de que aquella voz não era a de um seu compatriota.

· Cada um a compara com a voz de algum individuo cuja lingua lhe seja absolutamente estranha. O francez presume que a voz era de hespanhol; e diz que não pode distinguir as palavras, porque a lingua hespanhola não lhe é familiar. O hollandez affirma que a voz per-

tencia a um francez; mas está provado que esta testemunha não sabe uma palavra da nossa lingua, visto que teve de ser interrogado por um interprete. Para o inglez, a voz era de allemão, lingua que não conhece. O hespanhol tem certeza de que a voz era de inglez, mas julga unicamente pela entoação, porque não conhece absolutamente o inglez. Quanto ao italiano, esse pensa que a voz pertencia a um russo, cuja lingua não ouviu nunca pronunciar. Um outro francez, comtudo, differe do primeiro e está certo de que a voz era italiana; mas não tendo o minimo conhecimento d'esta lingua, faz como o hespanhol, tira a sua certeza da entoação.

A tal voz era pois bem estranha e bem rara para ter dado logar a semelhantes testemunhas! Uma voz em cujas entoações os habitantes das cinco grandes partes da Europa não puderam reconhecer parentesco algum! Comtudo, para dizermos que a voz era de um asiatico ou de um africano, além de que os asiaticos e os africanos não abundam em Pariz, temos a observar tres pontos.

Uma testemunha descreve a voz assim : mais aspera que aguda. Duas outras a definem como uma voz breve e sacudida. Estas testemunhas não distinguiram uma palavra (pois os sons não pareciam palavras).

Não sei, continuou Dupin, que impressão estas reflexões podem fazer no teu entendimento. Mas na minha opinião, da parte relativa ás duas vozes, a voz grossa e a voz aguda, podem-se tirar deducções legitimas e muito sufficientes para crear uma suspeita, que indicaria o caminho em qualquer investigação ulterior do mysterio.

Digo deducções legitimas, mas esta expressão não explica completamente o meu pensamento. O que eu quero dar a entender é que estas deducções são as uni-

cas acceitaveis e que o seu unico resultado possivel é a suspeita em questão. Mas de que natureza é esta suspeita? Não t'o direi por enquanto. Desejo sómente demonstrar-te que basta ella para dar um character decidido, uma tendencia positiva á inquirição que eu queria fazer no quarto do crime.

Transportemo-nos lá pela imaginação. O nosso primeiro cuidado será procurar os meios de evasão empregados pelos criminosos. Nenhum de nós póde suppôr, creio eu, que mesdames de Espanaye foram assassinadas por espiritos. Os auctores da morte eram pois seres materiaes, que devem ter fugido materialmente. .

Por onde e como? Felizmente, não ha senão um modo de encarar a questão, e este modo conduzir-nos-á a uma conclusão positiva. Examinemos pois, um por um, os meios possiveis de evasão. E' claro que os assassinos estavam no quarto onde se achou mademoiselle de Espanaye ou no compartimento adjacente, quando a chusma subiu a escada. Não precisamos portanto procurar sahidias senão n'estes dois quartos. A policia levantou os sobrados, abriu os tectos, sondou as paredes, sem descobrir cousa alguma. Eu mesmo, não me fiando na sua perpiscacia, examinei com os meus proprios olhos e não pude achar nenhuma sahida secreta. As duas portas que conduzem dos quartos para o corredor, estavam solidamente fechadas e as chaves mettidas por dentro. Quanto ás chaminés, essas são tão estreitas que um gato grande não poderia passar por ellas.

Visto a impossibilidade da fuga pelos meios acima indicados, ficamos reduzidos ás janellas. Ora, pelas da rente ninguem podia ter sahido, sem dar nas vistas da gente que rodeava a casa. Portanto, é pelas trazeiras que os assassinos devem ter fugido. .

Agora, chegados que estamos a esta conclusão por

deducções tão infallíveis, não temos direito, como bons racionadores, de a repellir por causa da sua aparente impossibilidade. Não nos resta pois senão demonstrar que tal impossibilidade não existe.

O quarto tem duas janellas para traz. Uma vê-se toda perfeitamente : a outra é escondida em parte pela cabeceira do leito, que está encostado a ella. A primeira estava tão solidamente fechada que todos os esforços para a levantar foram baldados. O caixilho do lado esquerdo estava seguro por um prégo enorme, enterrado quasi até á cabeça. Examinandoa outra janella, achou-se um prégo semelhante, que a tornava igualmente impossivel de abrir. A policia, convencido de que a fuga não podia ter-se effectuado por alli, considerou superfluo retirar os prégos e abrir a janella.

O meu exame foi um pouco mais minucioso, por isso que para mim era absolutamente necessario demonstrar que a impossibilidade era apparente.

Continuei a raciocinar assim (*a posteriori*). Os assassinos tinham fugido por uma das janellas. Mas não podiam de modo algum ter tornado a pregar os caixilhos por dentro, como haviam sido encontrados (consideração que, pela sua evidencia, limitou as pesquisas da policia n'aquelle sentido). Era pois forçoso que as janellas pudessem assim fechar-se por si. Não havia meio de escapar a esta conclusão. Fui direito á janella desempeida, tirei o prégo, não sem difficuldade, e experimentei levantar o caixilho, o qual, como eu esperava, resistiu a todos os meus esforços. Evidentemente, havia uma mola secreta, e este facto, fortalecendo a minha idéa, convenceu-me logo da justeza das minhas premissas, por mysteriosos que me parecessem sempre os dois prégos. Continuando a procurar, achei a mola secreta, empur-

rei-a e, satisfeito com a minha descoberta, absteve-me de levantar o caixilho.

Então tornei a pôr o prégo no seu logar e examinei-o com attenção. Uma pessoa que tivesse passado pela janella, podia tel-a tornado a fechar e a mola teria feito o seu officio; mas o prégo é que não teria voltado para o seu logar. Esta conclusão era clara e restringia ainda o campo das minhas investigações. Os assassinos deviam ter fugido pela outra janella. Suppondo mesmo que as molas das duas janellas fossem eguaes, como era provavel, tornava-se absolutamente necessario achar uma differença qualquer nos prégos ou ao menos na maneira por que estavam pregados. Subi acima do leito e esquadrinhei attentamente a outra janella. Passei a mão por detraz da cabeceira, descobri a mola e fil-a jogar; como eu conjecturara, era identica á primeira. Então examinei o prégo, que era do mesmo tamanho que o outro e estava pregado da mesma fôrma, enterrado quasi até á cabeça.

Não imagines que fiquei embaraçado; a natureza das minhas inducções não admittia embaraços. Além d'isso, para me servir de um termo de jogo, eu não tinha commettido uma unica falta, nem perdido a pista um só instante; não havia a lacuna de um annel na cadeia das minhas idéas. O segredo fôra seguido até á sua ultima phase, e essa phase era o prégo. Aquelle prégo era igual ao seu vizinho; mas por concludente que parecesse este facto, tornava-se absolutamente nullo em face da consideração dominante, a saber que alli, n'aquelle prégo, acabava o fio conductor.

Aquelle prégo devia ter por força algum defeito. Effectivamente, apenas lhe toquei, a cabeça e um pouco do pé ficaram-me na mão. O resto estava dentro do buraco onde se havia quebrado. A fractura era muito

antiga, porque as extremidades estavam cobertas de ferrugem; e fôra produzida por uma martellada, que enterrára em parte a cabeça do prégo no fundo do caixilho. Tornei a ajustal-a cuidadosamente com o bocado que a continuava, e o todo figurou um prégo intacto. Então carreguei na mola e levantei a janella algumas pollegadas; a cabeça do prégo veio com ella. Tornei a fechar a janellá, e o prégo tomou outra vez o aspecto de estar completo.

Até este ponto estava o enigma explicado. O assassino fugira pela janella proxima do leito. Quer esta se tivesse fechado por si, quer alguém a tivesse fechado, a mola segurava-a. A policia, attribuindo ao prégo aquella resistencia, julgára dever parar alli as suas inquirições. Restava agora estabelecer por que modo o assassino havia descido. Sobre isto já o meu espirito se havia informado durante o nosso passeio em torno da casa. Pouco mais ou menos a cinco pés e meio da janella em questão, ha um conductor de para-raios. Attingir a janella d'aquella distancia teria sido impossivel a quem quer que fosse.

Comtudo, as portas das janellas do quarto andar são d'um feitió especial, a que os marceneiros parizienses chamam *ferrader*, feitió pouco usado hoje, mas que se encontra ainda frequentes vezes nas casas antigas de Lyon e de Bordeaux. Essas portas constam de um só battente como as portas ordinarias, com a differença de que a parte inferior é gradeada, o que dá ás mãos uma excellente pega.

Ora, as portas das janellas em questão têm bem tres pés e meio de largura. Quando as examinámos de fóra, estavam meio abertas, formando angulo recto com a parede. A policia, que as examinou como eu, não fez reparo na sua largura, ou pelo menos não ligou a esta

circunstancia a devida attenção. Imaginando que a fuga não poderia ter-se effectuado por alli, não lhes applicou senão um exame succinto.

Suppondo-a totalmente aberta e encostada á parede, a porta da janella proxima do leito não ficaria a mais de dois pés do conductor do para-raios. Parece pois que, com o auxilio da porta e do conductor de para-raios, uma invasão pela janella não seria impossivel. Colocado assim á distancia de dois pés, um individuo dotado de uma energia e de uma coragem insolita, teria podido deitar as mãos ás grades, e firmando bem os pés na parede, precipitar-se com um pulo para dentro do quarto, puxando a porta sobre si, de modo a fechal-a.

Indubitavelmente, para executar semelhante proeza, era preciso dispôr de uma energia e de uma destreza nada vulgares. Tambem o meu fim é, primeiro, provar-te que a empreza, embora difficil e arriscada, não era impossivel, depois chamar a tua attenção para o character extraordinario, quasi sobrenatural, da agilidade necessaria para a praticar. O que eu desejo sobretudo é induzir-te a estabelecer alguma relação entre essa agilidade, perfeitamente anormal, e aquella voz tão particular, aquella voz aguda ou asperá, aquella voz sacudida, cuja nacionalidade não poude ser averiguada e na qual nenhuma testemunha poude distinguir a minima syllaba humana articulada...

A taes palavras atravessou-me o espirito uma concepção vaga e embryonaria do pensamento de Dupin. Mas, como alguém que sente palpitar no espirito uma lembrança e comtudo não pôde lembrar-se, a minha intelligencia sentia a comprehensão, sem chegar a comprehender. Dupin continuou assim a sua argumentação: Se passei da questão da sahida para a questão da en-

trada, foi sómente para te dizer que, entrada e sahida, ambas se effectuaram pela mesma fórma.

Agora voltemos ao interior do quarto. Examinemos primeiro as gavetas da commoda, postas a saque, segundo a versão das testemunhas, mas onde se acharam intactos muitos artigos de *toilette*; versão absurda, baseada n'uma conjectura assaz estúpida, porque, não podemos saber se os artigos encontrados nas gavetas representavam tudo quanto ellas continham. Não é provavel que madame d'Espanaye e sua filha, sahindo rarissimas vezes e não recebendo visitas, tivessem numerosas e ricas *toilettes*; por conseguinte, os objectos encontrados valiam certamente tanto com os que lhes poderiam ter roubado. Ora, se o ladrão tivesse levado alguns, por que razão não os teria levado todos ou pelo menos os melhores? Emfim, como teria elle abandonado os quatro mil francos em ouro, para se carregar com uma trouxa de roupa? O dinheiro designado pelo banqueiro Mignaud foi quasi todo encontrado no meio do chão, dentro dos saccos. Devemos pois afastar do pensamento toda e qualquer idéa de interesse associada a esse assassinato, idéa gerada no espirito da policia pela coincidencia dos quatro mil francos recebidos tres dias antes da perpetração do crime. Coincencias dez vezes mais notaveis que esta, apresentam-se todos os dias no correr da vida, sem attrahirem um momento de attenção. Em geral, as coincidencias são os grandes obstaculos no caminho dos imbecis, que ignoram a primeira palavra da theoria das probabilidades, theoria a que a sabedoria humana deve as suas conquistas mais gloriosas e as suas descobertas mais bellas. No caso actual, se o ouro tivesse desaparecido, o facto de haver sido entregue tres dias antes fortificaria a idéa do interesse.

Mas nas circumstancias em que nos achamos, para

suppôrmos que o ouro foi o movel do crime, devemos igualmente suppôr um criminoso assaz idioto para esquecer o movel que o impelliu.

Reflecte bem nos tres pontos mais notaveis, sobre os quaes chamei a tua attenção : a voz particular, a agilidade prodigiosa, e a ausencia frisante de todo o interesse n'uma morte tão singularmente atroz.

Passando agôra propriamente ao assassinio, vemos uma mulher estrangulada á força de pulso e mettida por uma chaminé acima, de cabeça para baixo. Os assassinos ordinarios não matam por semelhantes meios, nem escondem d'aquella maneira os cadaveres das suas victimas. E' preciso confessar que, n'aquelle modo de introduzir o corpo na chaminé, ha o que quer que seja de excêssivo, de estranho ; o que quer que seja de absolutamente inconciliavel com tudo o que se conhece em geral das acções humanas. O mais perverso de todos os homens não inventaria tal monstruosidade. Calcula tambem a immensidade da força necessaria para metter o corpo por uma fenda tão estreita e empurrallo com tamanha energia, que fôram precisas muitas pessoas para o tirar de lá.

Mas não ficam por aqui os individuos d'esse vigor espantoso. As espessas madeixas de cabellos grisalhos, encontradas sobre o fogão, trazendo ainda agarrados alguns boccados de pelle do craneo, manifestam um poder não menos prodigioso. Não ignoras o esforço enorme que é preciso fazer para arrancar, de uma vez, vinte ou trinta cabellos da cabeça. Imagina pois a força espantosa que foi preciso desenvolver para desarraigar quinhentos ou seiscentos cabellos de uma vez !

A cabeça da velha completamente separada do corpo, por meio de uma simples navalha de barba, é um fac

egualmente digno de observação. E que bestial ferocidade!

Não falo das contusões do corpo de madame d'Españay, que M. Dumas e o seu digno collega M. Etienne declaram terem sido produzidas por um instrumento contundente. Estes senhores não se enganam, mas o instrumento contundente foi, sem duvida alguma, as lages do pateo, sobre o qual a victima cahiu, da janella proxima do leito. Esta idéa, por simples que nos pareça agora, escapou á policia pela mesma razão que a impediu de notar a largura das portas das janellas, porque, graças á circumstancia dos pregos, a sua percepção estava hermeticamente tapada pela certeza de que as janellas não se podiam abrir.

Parece-me que agora, se comtudo reflectiste bem sobre o que acabo de dizer, estamos assás adeantados para poder ligar entre si ellas idéas de uma agilidade maravilhosa, de uma ferocidade bestial, de um assassinio sem motivo, de um grotesco no horrivel, absolutamente deshumano; e de uma voz cujo timbre é desconhecido ao ouvido de homens de muitas nações, de uma voz destituida de articulação distincta e intelligivel. Que pensas de tudo isto? Vamos, dize-me a tua opinião?

A'quella pergunta percorreu-me o corpo um tremor gelado. O assassino, disse eu, foi talvez um doido, um maniaco furioso, fugido d'algum hospital da vizinhança.

— A tua idéa, replicou elle, não é de todo absurda. Mas a voz de um doido, mesmo nos seus paroxismos mais selvagens, não póde nunca condizer com as indicações da voz extraordinaria que se ouviu na escada. Todos os doidos fazem parte de uma nação qualquer e a sua linguagem, por incoherente que seja, é sempre articulada. Além d'isso, os cabellos de um doido, não se

parecem nada com estes que encontrei nas mãos crispadas de madame d'Esplanaye. Que te parece isto?

— Dupin, exclamei, examinando o pequeno molho de cabellos que elle me mostrava, estes cabellos são realmente extraordinarios! Isto não é cabello humano!

— É possível, replicou, mas antes de concluirmos alguma cousa sobre o assumpto, vê o desenho que tracei n'este papel: é um *fac-simile* d'aquillo que algumas testemunhas definem de *nodoas negras e estygmata profundos de unhas*, encontrados na garganta de madame d'Esplanaye e ás quaes M. M. Dumas e Etienne chamam: *uma serie de manchas lividas, evidentemente causadas pela pressão dos dedos*.

— Como vêes, continuou Dupin, desenrolando o papel sobre a mesa, o desenho dá a idéa de um pulso solido e seguro, cuja mão conservou a firmeza talvez até á morte da victima, onde os dedos se imprimiram sem a menor vacillação. Experimenta agora pôr os teus dedos, todos ao mesmo tempo, sobre as marcas analogas do desenho.

Experimentei inutilmente.

— Talvez a experiencia, continuou Dupin, não seja bem feita assim, porque a garganta humana é cylindrica, enquanto que o meu desenho está assente sobre a mesa, que é uma superficie plana. Enrolemos o papel em volta d'este rolo de pau, cuja circumferencia é pouco mais ou menos a de um pescoço e experimentemos outra vez.

Obedeci, mas a difficuldade tornou-se ainda mais evidente. — Isto, disse eu, não é o vestigio de uma mão humana.

— Agora, continuou elle, lê este trecho de Cuvier.

Era a historia minuciosa, anatomica e descriptiva, do grande orangotango selvagem das ilhas da India

Oriental. Não ha quem não conheça a estatura gigantesca, a força e a agilidade surprehendentes, a ferocidade espantosa e a admiravel faculdade de imitação que caracterizam esse mammifero. Compreendi immediatamente todo o horror do assassinio.

O teu desenho, exclamei, concorda exactamente com a descripção dos dedos. Nenhum animal, excepto o orangotango da raça de que falamos, poderia ter produzido marcas semelhantes a estas. O molho de pellos russos que me mostraste, é perfeitamente o pello do animal descripto por Cuvier. Mas, apezar de tudo isso, não posso comprehender os pormenores horriveis do mysterio. Como explicar essa altercação de duas vozes, uma das quaes pertencia incontestavelmente a um Francez?

— Lembras-te que a expressão *mon Dieu!* quasi unanimemente attribuida ao Francez, foi interpretada por uma das testemunhas (Montoni, o confeiteiro, como exprimindo uma reprehensão ou uma advertencia. Pois bem, é sobre estas duas palavras que se fundam as minhas esperanças de vir a decifrar completamente o enigma. As minhas supposições são estas : o crime foi presenciado por um Francez, o qual provavelmente, muito provavelmente mesmo, não participou de modo algum na perpetração das mortes. As cousas se podem ter passado assim : o orangotango fugiu a alguém, que lhe seguiu a pista até ao quarto das victimas, mas que não pôde impedir a sua feroz carnificina, nem talvez mesmo apoderar-se d'elle depois do assassinio. O animal ter-se-á evadido e deve estar ainda em liberdade. Estas idéas são apenas conjecturas, nem tenho direito de as chamar d'outro modo, visto que as sombras de reflexões, que lhes servem de base, mal pôde a minha razão apreciar-as. Tambem não pretendo de fór-

ma alguma fazel-as adoptar por outra intelligencia. Dar-lhes-emos pois o nome de conjecturas e provisoriamente como taes as trataremos. Se o Francez em questão está, como supponho, completamente innocente na atrocidade commettida, este annuncio, que deixei hontem na redacção do jornal o *Mundo* (folha consagrada aos interesses maritimos e muito lida pelos marinheiros) tral-o-á á nossa casa.

Então Dupin mostrou-me um papel que dizia isto :

“*Aviso.* Na madrugada de... do corrente, achou-se, no bosque de Bolonha, um esplendido orangotango russo, da especie de Bornéo. O dono (que se sabe pertencer á equipagem d’um navio maltez) póde procural-o na rua..., n.º..., bairro de S. Germano, 3º andar, onde lhe será entregue, depois de ter dado os signaes do animal e de ter indemnizado de algumas despezas a pessoa que o agarrou.”

— Como soubeste tu, perguntei eu a Dupin, que o homem era maritimo e pertencia a um navio maltez?

— Eu não o sei, disse elle, ou antes não tenho a certeza. Comtudo, este laço, que encontrei junto do conductor do para-raios e que, pelo seu aspecto, parece ter servido para atar uma d’estas caudas de cabellos, de que os marujos tiram tanto orgulho, faz-me desconfiar. Além d’isso, poucas pessoas sabem dar este nó, a não serem os marinheiros maltezes. Depois, ainda que eu me engane induzindo d’estes laço que o Francez pertence á tripulação d’um navio maltez, o meu annuncio não póde prejudicar ninguem; e o homem supporá apenas que alguma circumstancia, que nem mesmo valerá a pena indagar, deu logar ao meu equivoco. Emquanto que se o acaso me fez acertar, temos ganho um ponto importante. Agora o Francez, que tem conhecimento do assassinio, mas que não está culpado, vae provavelmente

raciocinar assim : “ Eu estou innocente, sou pobre; o meu orangotango, que vale muito dinheiro, representa para mim quasi uma fortuna. Para que hei de perdello por um receio afinal estúpido? O animal foi encontrado no bosque de Bolonha, isto é, a uma distancia enorme do theatro do crime. A policia está completamente desnor-teada. E’ quasi impossivel que se lembrem de desconfiar d’um bruto. E mesmo suppondo que alguém tivesse seguido a pista do animal, como poderiam provar que assisti ao crime ou incriminar-me por causa d’isso? Emfim (e isto é o mais importante) sabe-se quem eu sou. O redactor do annuncio designa-mé como dono do bicho. Ora, não reclamar uma propriedade de tamanho valor é arriscar-me muito a attrahir suspeitas perigosas sobre o animal; e, n’estas alturas, chamar a attenção para elle ou para mim não seria conveniente. Nada, está decidido; irei reclamar o meu orangotango e prendel-o-ei depois solidamente em casa, até que todo este negocio esteja esquecido. ”

Mal elle acabava de pronunciar aquellas palavras, sentimos passos a subir a escada.

Como a porta da rua estava aberta, o visitante tinha entrado sem tocar a campainha. Já havia subido muitos degráos; mas de repente pareceu hesitar, porque o sentimos descer. Dupin ia já dirigir-se para a porta, quando sentimos que subia outra vez e então deliberadamente. Emfim bateu-nos á porta.

— Entre, disse Dupin com uma voz alegre e cordeal.

O homem entrou. Era um individuo alto e robusto, marinheiro indubitavelmente, com uma expressão ao mesmo tempo energica e agradável. Tinha o rosto crestado e quasi todo escondido pelas barbas e pelo bigode. Trazia na mão um grande pau de carvalho, mas não parecia trazer outras armas. Cumprimentou-nos des-

pretenciosamente e deu-nos ás boas tardes em francez, com uma ligeira accentuação suissa na pronuncia.

— Assente-se meu amigo, disse Dupin. Vem buscar seu orangotango, não é assim? E' um bello animal e deve ter-lhe custado muito caro. Palavra de honra que lh'o invejo! Que idade tem elle?

O marujo respirou ruidosamente, como um homem que se acha descarregado d'um pezo enorme, e replicou com voz segura :

— Não sei bem; mas não pode ter mais de quatro ou cinco annos. E' aqui que o senhor o tem?

— Não. Está n'um picadeiro aqui ao pé, que alugámos para o encerrar, porque aqui não tinhamos onde o metter. Amanhã de manhã póde ir vê-lo e leval-o, desde o momento em que prove os seus direitos de propriedade.

— Sim senhor, posso dar-lhe todas as provas.

— Estou com pena de me separar d'elle, disse Dupin.

— Quanto ás despesas que fez, estou prompto a pagal-as todas, assim como a dar-lhe uma recompensa por ter apanhado o animal, uma recompensa razoavel, já se vê.

— Muito bem, replicou o meu amigo. Tudo isso é muito justo, na verdade. Mas eu não quero senão uma recompensa. Sabe qual é? Ha de contar-me o que sabe acerca dos assassinios da rua Morgue.

Depois de dizer aquellas palavras, Dupin dirigiu-se tranquillamente para a porta, fechou-a á chave, mettu a chave na algibeira, tirou do seio uma pistola e collocou-a em cima da mesa.

O marujo ergueu-se, convulso de terror, e agarrou o pau; mas um minuto depois, tornou a cahir sobre a cadeira sem poder articular uma palavra. Quanto a mim, o pobre homem inspirava-me a mais profunda compaixão.

— Meu amigo, disse Dupin com voz bondosa. Não tenha medo, não queremos fazer-lhe mal. Dou-lhe a minha palavra de cavalheiro e de francez que não temos nenhum designio máo. Sei muito bem que está innocente nos horrores da rua Morgue; o que não quer dizer que não esteja de algum modo envolvido no crime. O pouco que lhe tenho dito, deve provar-lhe que sei bastantes cousas que julgava ignoradas. O sr. não commetteu nenhum crime. Pelo contrario, podia ter roubado e não roubou. Assim, não tem nada a esconder, nada que lhe esteja mal. Mas todos os principios da honra lhe impõem o dever de revelar o que sabe para salvar um innocente, actualmente preso e accusado do crime cujo auctor ambos conhecemos.

— Emquanto Dupin falava, o marujo havia recobrado, em grande parte, a presença de espirito. Comtudo, ainda lhe restava um pouco de terror.

— Valha-me Deus! disse elle, depois d'uma pequena pausa. Vou contar-lhes tudo o que sei a respeito do crime, mas seria toleima da minha parte imaginar que acreditam na metade do que vão ouvir. Comtudo, juro-lhes que vou dizer a pura verdade.

Então contou-nos, em poucas palavras, que n'uma viagem que fizera recentemente ao archipelago indio, havia desembarcado em Bornéo com um bando de marujos e penetrado, por curiosidade, até ao interior da ilha, onde elle e um dos seus camarades tinham agarrado o orangotango. O seu camarada morrêra, e desde então o animal ficara-lhe pertencendo exclusivamente. Depois de uma viagem cheia de embaraços, causados pela ferocidade indomavel do captivo, chegára finalmente a Pariz, onde o alojára na sua propria casa; e para evitar a insupportavel curiosidade dos vizinhos, decidira conserval-o cuidadosamente encerrado, até estar curado de um ferri-

mento, que fizera a bordo, para depois o vender.

Uma noite, ou antes uma madrugada (na madrugada do assassinio), ao voltar de uma pequena orgia de marujos, achou o animal, que se tinha soltado do gabinete contiguo onde elle o julgava solidamente preso, installado no seu quarto de dormir. Estava sentado defronte de um espelho, com a cara toda besuntada de sabonete; e com uma navalha de barba na mão experimentava raspar a barba, como provavelmente tinha visto fazer ao dono espreitando-o pelo buraco da fechadura.

Aterrado por vêr uma arma d'aquellas na mão d'um animal tão feroz e perfeitamente capaz de se servir d'ella, o homem tinha ficado alguns instantes sem saber que partido tomar. Comtudo, como estava costumado a domar o animal á chicotada, mesmo no seus accessos mais furiosos, ia tentar ainda aquelle meio. Mas o orangotango, mal viu o chicote, deu um pulo para a porta do quarto, galgou a escada e precipitou-se na rua. O Francez, desesperado, perseguiu o macaco, que parava de vez em quando para lhe fazer caretas, empunhando sempre a terrivel navalha; quando o homem chegava ao pé d'elle, o bicho dava um pulo e continuava a correr. Esta caçada durou ainda algum tempo através das ruas silenciosas e tranquillias. Eram, mais ou menos, tres horas da manhã quando o fugitivo, ao passar por detraz da rua Morgue, apercebeu uma luz que brilhava no quarto andar da casa de madame de Espanaye. Immediatamente correu para a parede e, agarrando-se ao conductor do para-raios, trepou por elle acima, com uma velocidade incrivel, deitou a mão á porta da janella, totalmente encostada á parede, e atirou-se para cima da cabeceira do leito. Toda esta gymnastica foi obra de um minuto. A porta da janella encostára-se outra

vez à parede com o impulso que o orangotango lhe dera ao saltar para dentro do quarto..

Entretanto o marujo estava ao mesmo tempo alegre e inquieto : alegre pela esperança de agarrar o animal n'aquella trapa, d'onde difficilmente poderia escapar-lhe : inquieto pelo mal que elle podia fazer lá dentro. Esta ultimo reflexão decidiu-o a subir até lá acima. Para um marinheiro não é difficil trepar por um conductor de para-raios; mas quando chegou á altura da janella, situada a bastante distancia á sua esquerda, o marujo achou-se sériamente embaraçado e, o mais que poude fazer, foi collocar-se de maneira a observar o que se passava no interior do quarto. O que então viu, gelou-o de terror. Foi n'esse momento que retumbaram pela rua Morgue os gritos horriveis que accordaram em sobresalto todos os seus habitantes.

Madame de Espanaye e sua filha estavam sem duvida entretidas a arranjar alguns papeis no cofre de ferro, mencionado pelas testemunhas. O cofre estava no meio da casa e o seu conteúdo todo espalhado pelo chão. Provavelmente as victimas estavam de costas voltadas para a janella e não deram logo pela presença do orangotango, porque se passou ainda certo tempo entre a invasão do bicho e os primeiros gritos. Quando o marujo olhou para dentro do quarto, o temivel animal segurava madame de Espanaye pelos cabellos e agitava a navalha de barba em torno da cabeça da pobre senhora, imitando o gesto de um barbeiro. A filha, desmaiada, jazia por terra.

As disposições do orangotango eram provavelmente pacificas, mas os gritos e a resistencia desesperada de madame de Espanaye acabaram por enfurecel-o. Depois de lhe ter arrancado grandes madeixas de cabelo, sem duvida com o intuito de a segurar, o animal enco-

lerisou-se e cortou-lhe o pescoço de um só golpe. A vista do sangue transformou o seu furor em phrenesi : os olhos injectaram-se-lhe de fogo, arreganhou os dentes e lançou-se sobre a rapariga, enterrando-lhe na garganta as garras temiveis até a deixar morta. Então percorreu o aposento com um olhar espantado e, olhando para a janella do leito, descobriu a cara do dono, paralyzado de horror. A furia do animal mudou-se immediatamente em medo, á lembrança do terrivel chicote. Conhecendo que merecia castigo, parecia querer esconder todos os vestigios do seu crime. Saltando no quarto com uma especie de agitação nervosa, quebrou os moveis, desmanchou o leito, poz tudo em desordem. Depois agarrou o corpo da rapariga e metteu-o pela chaminé a dentro, na posição em que foi encontrado. Enfim pegou na velha e atirou-a pela janella fóra, de cabeça para baixo.

Ao vêr o macaco approximar-se da janella com o seu fardo ensanguentado, o marujo, espavorido, deixou-se escorregar ao longo do conductor do pára-raios e fugiu para casa, temendo as consequencias d'aquella carnificina atroz, e não curando mais do destino do seu orango-tango. As vozes ouvidas na escada pelas testemunhas eram as suas exclamações de horror misturadas com os gritos diabolicos do animal.

Agora pouco mais tenho a acrescentar. O orango-tango fugiu, provavelmente, do quarto, como tinha entrado, fechando a janella atraz de si. Mais tarde o dono, tornando a apanhal-o, vendeu-o por bom preço para o Jardim das Plantas.

Lebon foi immediatamente posto em liberdade, depois da narração que Dupin fez no commissariado da policia. O commissario, embora amigo de Dupin, não ponde disfarçar o seu despeito, e disse ainda um ou

dois sarcasmos a proposito das pessoas que têm a mania de se metter nas attribuições dos outros.

— Deixal-o falar, disse Dupin, que julgára a proposito não replicar, deixal-o falar, se isso póde alliviar-lhe a consciencia. Quanto a mim, basta-me a gloria de ter ensinado o padre-nosso ao vigario.

Mas não admira que o commissario não tenha podido desembrulhar este mysterio, porque em verdade o nosso amigo é fino de mais para ser profuudo. A sua sciencia não tem base. É como os retratos da deusa Laverna, que não têm senão cabeça, ou antes como o bacalháu que é todo hombros e cabeça. No fim de contas é um bom homem e eu gosto muito d'elle, sobretudo pelo maravilhoso *cantismo* que lhe vale a sua reputação de homem esperto. Refiro-me á sua mania de *negar o que existe e de explicar o que não existe* (1).

(1) Rousseau, Nova Heloisa.

O ESCARAVELHO DE OURO

Oh! oh! o que vem a ser isto.
Este rapaz tem desarranjo nas pernas!
Foi mordido pela tarantula.

(Tudo ás avessas.)

Ha de haver alguns annos, travei amizade com um rapaz chamado William Legrand, filho de uma familia antiga protestante. Esse rapaz fôra rico n'outro tempo; mas uma série de desventuras tinham-no reduzido á miseria. Para fugir ás humilhações, que seguem sempre esta especie de desastres, William Legrand deixára a Nova-Orleans, patria de seus avós, e viera estabelecer-se na ilha de Sullivan, perto de Charleston, na Carolina do Sul.

Esta ilha singular, composta unicamente de areia, tem pouco mais ou menos tres milhas de comprimento por um quarto de milha de largo, apenas. Separa-a do continente uma angra quasi imperceptivel, que filtra através d'um cannavial, plantado no lôdo, ponto de reunião ordinario das aves aquaticas. A vegetação allí é pobre, ou, para assim dizer, anã; as arvores mesmo não attingem senão dimensões insignificantes. Na extremidade occidental, e perto do forte de Moultrie, no meio de algumas barracas miseraveis, habitadas durante

o verão pelas pessoas que fogem da poeira e das febres de Charleston, encontra-se a palmeira anã setigera. Todo o resto da ilha, porém, á excepção d'um espaço triste e alvacento que costeia o mar, é coberto de espessas mattas de murta odorifera, estimadissima pelos horticultores inglezes. Os arbustos elevam-se, ás vezes, a uma altura de quinze ou vinte pés, formando um bosque quasi impenetravel, que perfuma a atmospherá com os seus aromas suaves.

Na epocha em que o vi pela primeira vez, habitava Legrand uma pequena cabana, edificada por elle nas profundezas do bosque, não longe da extremidade oriental da ilha ; isto é, no ponto mais retirado. O nosso conhecimento converteu-se depressa em amizade, porque o sympathico recluso tinha qualidades de sobejo para attrahir o interesse e captivar a estima. A sua educação era solida e profunda, ajudada por facultades intellectuaes nada vulgares ; mas uma misanthropia incuravel tornava-o o homem mais versatil do mundo, alternativamente sujeito a ataques de enthusiasmo e de melancolia. Bem que possuísse uma bibliotheca excellente, os livros entretinham-no pouco. Os seus principaes divertimentos consistiam em caçar, pescar e passear pela praia, ou pelo meio da matta, em procura das conchas e dos especimens entomologicos, dos quaes possuía uma collecção digna d'um Swammerdam. Acompanhava-o, de ordinario, nas suas excursões, um velho preto, chamado Jupiter, que havia sido resgatado antes dos revezes da familia, mas a quem nem promessas nem ameaças tinham podido decidir a abandonar o seu joven *massa Will*, cuja sombra o negro se constituirá voluntariamente. Talvez que os paes de Legrand, julgando-o um pouco alienado, tivessem influido na teimosa obstinação de Jupiter, com o fim de collocar junto do

fugitivo uma especie de guardião fiel e dedicado.

Na latitude da ilha de Sullivan, os invernos são quasi sempre suaves ; é um acontecimento raro quando, nos fins do anno, chega a ser preciso accender o fogo. Contudo, no meiado de outubro de 18... houve um dia de grande frio. Apesar d'isso, resolvi-me a ir vêr o meu amigo, de quem não tinha noticias havia algumas semanas. Morava eu então em Charleston, a uma distancia de nove milhas da ilha, e as facilidades de ida e volta não eram tão grandes como são hoje. Quando cheguei á cabana de Legrand, bati á porta, conforme o meu costume ; e como não recebesse resposta, procurei a chave, no lugar onde eu sabia que elle costumava escondel-a, abri a porta e entrei. Esperava-me uma surpresa das mais agradaveis : uma bella fogueira acesa no lar. Despi o meu paletot, puxei uma cadeira para junto do lume e esperei pacientemente a chegada dos donos da casa.

Vieram ao cahir da noite e fizeram-me um acolhimento devéras cordial. Jupiter, rindo de orelha a orelha, dava-se pressa em preparar duas gallinhas para a ceia. Legrand estava n'uma das suas *crises* de enthusiasmo. Tinha achado um bivalve desconhecido, d'um genero inteiramente novo. Além d'isso, agarrára, com o auxilio de Jupiter, um escaravelho devéras extraordinario, sobre o qual desejava ouvir a minha opinião no dia seguinte pela manhã.

— E porque não esta noite ? — perguntei, esfregando as mãos deante do lume e mandando mentalmente para o diabo toda a raça dos escaravelhos.

— Ah ! se soubesse que estavas cá ! disse Legrand. Mas como podia adivinhar a tua visita ? Ha tanto tempo que não te via ! Encontrei G... o governador do forte e emprestei-lhe o escaravelho ; de sorte que não t'o

posso mostrar senão amanhã pela manhã. Fica aqui esta noite e amanhã, ao nascer do sol, mandarei Jupiter buscal-o. E'a cousa mais bella da creação!

— O que? o nascer do sol?

— Não, homem! o escaravelho! Imagina que tem o tamanho d'uma noz, pouco mais ou menos, côr de ouro, com duas malhas negras como azeviche n'uma extremidade das costas e uma terceira mais alongada na outra. As antennas são...

— De ouro, Massa Will, interrompeu Jupiter. O escaravelho é todo de ouro, por dentro e por fóra, excepto nas azas; é de ouro massiço. Nunca na minha vida vi um escaravelho tão pesado!

— Está bom, Jupiter, replicou Legrand com certa acrimonia. Trata de não deixar queimar as gallinhas e cala-te. Depois voltando-se para mim, accrescentou.

— A côr do insecto effectivamente quasi que torna plausivel a idéa de Jupiter. Não pôde haver um metal mais brilhante que os seus elytros. Verás amanhã. Entretanto, vou dar-te uma idéa da sua fórmula.

Assim falando, assentou-se a uma pequena banca, sobre a qual estavam pennas e tinta. Procurou papel n'uma gaveta, mas, não o achando, tirou da algibeira um bocado de velino antigo, muito sujo.

— Não importa, disse elle por fim, isto faz o mesmo effeito. E começou a desenhar uma especie deesboço á penna.

Durante esse tempo, conservára-me sentado ao pé do lume, porque o frio era sempre intensissimo. Quando acabou o desenho, Legrand passou-m'o, sem se levantar. No mesmo instante ouviu-se um grunhido lá de fóra, seguido de arranhadelas á porta. Jupiter abriu, e um enorme cão da Terra Nova, pertencente a Legrand,

precipitou-se no quarto, saltou-me aos hombros e fez-me muitas festas, porque eu costumava sempre acaricial-o nas minhas visitas a Sullivan. Quando o animal acabou as suas demonstrações de alegria, olhei para o papel e, para dizer a verdade, fiquei de véras intrigado com o desenho do meu amigo.

— Sim, disse eu, depois de o ter contemplado alguns instantes, confesso que é o escaravelho mais exquizado que tenho visto na minha vida! Posso mesmo dizer que nunca vi nada semelhante, a não ser um craneo ou uma caveira, o que o teu desenho representa exactamente.

— Uma caveira! repetiu Legrand. Ah! sim, compreendendo. O desenho faz lembrar um pouco... As duas malhas negras superiores fazem os olhos e a mais alongada, que está um pouco abaixo, figura uma bocca. Além d'isso, a fórmula geral é oval.

— E' talvez isso, disse eu. Mas parece-me que não és lá um grande artista, Legrand. O melhor é esperarmos que venha o proprio escaravelho, para eu então fazer idéa da sua physionomia.

— Pois, sim, tornou elle levemente despeitado. Mas não sei como isso possa ser. Creio que desenho bem, o u pelo menos devia desenhar, porque tive bons mestres e lisonjeio-me de não ser nenhum bruto.

— Mas então, meu caro amigo, volvi eu, estás a zombar de mim; o que aqui está pintado é um craneo, e um craneo muito bem feito, perfeitamente em regra com todos os preceitos da osteologia. Quanto a escaravelho, não vejo aqui nada que se pareça com isso. Provavelmente chamas ao teu insecto *scarabæus caput hominis* ou cousa que o valha; nos livros de historia natural encontram-se muitas denominações n'este

genero. Mas dize-me : onde estão as taes antennas de que falavas ?

— As antennas! repetiu Legrand, que se zangava d'um modo inexplicavel, as antennas é impossivel que não as vejas ! Pintei-as tão distinctas como estão no original, creio que é o sufficiente.

— Está bem, declarei eu. Supponhamos que as pintaste ; o certo é que eu não as vejo.

E tornei a entregar-lhe o papel sem mais observações, não querendo exasperal-o. Comtudo, o seu mau humor intrigava-me. Quanto ao esboço do insecto, não havia nem sombras de antennas visiveis e o conjuncto era tal e qual a imagem ordinaria de uma caveira.

Legrand pegou no papel com um ar aborrecido, mas no momento de o amarrotar, sem duvida para o lançar ao fogo, olhou para o desenho e a sua physionomia fez-se primeiro vermelha como um pimentão, depois excessivamente pallida. Durante alguns minutos contemplou-o immovel ; por fim, pegou n'um candieiro e foi-se assentar em cima de um cofre, na outra extremidade da sala. Alli continuou a examinar curiosamente o papel, virando-o em todos os sentidos, sem dizer uma palavra. As suas maneiras causavam-me um espanto immenso ; comtudo absterive-me de fazer commentarios, com medo de exasperar o seu máo humor crescente. Emfim, Legrand tirou uma carteira da algibeira, metteu-lhe dentro o papel, e arrecadou-a n'uma escrevaninha que fechou á chave. Então socegou um pouco mais, mas o seu primeiro enthusiasmo havia desaparecido totalmente. O seu aspecto agora era mais concentrado que descontente. A' medida que a noite avançava, parecia mais engolfado em profundas meditações, das quaes nenhuma das minhas perguntas poude arrancar-o.

Ao principio a minha intenção tinha sido passar a

noite na cabana, como fizera mais de uma vez; mas vendo o máu humor do dono da casa, julguei conveniente despedir-me. Legrand não fez a menor diligencia para me obrigar a ficar; mas, quando parti, apertou-me a mão com uma cordialidade ainda mais viva que de costume.

Um mez depois d'esta aventura, durante a qual não tornára a saber noticias de Legrand, recebi em Charleston uma visita de Jupiter. A apparencia triste e acabrunhada do bom negro fez-me receiar que tivesse acontecido ao meu amigo algum desastre sério.

— Que ha de novo, Jupiter, perguntei eu: como está o teu senhor?

— Valha-me Deus: Massa, o meu senhor, não está bom, não.

— Não está bom! Que pena que tenho! Então de que se queixa elle?

— Não se queixa de cousa nenhuma; mas eu é que vejo que elle está muito doente!

— Muito doente, Jupiter! E eu que não sabia nada. Está de cama?

— De cama? Isso sim! Elle póde lá parar em parte nenhuma! Pobre Massa Will! Tenho bastante cuidado n'elle!

— Não percebo nada do que dizes, Jupiter. O teu senhor está doente; mas que tem elle? de que soffre?

— Eu não sei. Massa Will diz que não tem absolutamente nada. Mas porque é que elle anda sempre pensativo, de cabeça baixa, corcovado e pallido como a morte? E depois para que anda elle sempre a fazer contas?

— A fazer o que, Jupiter?

— Contas n'uma pedra, com um uns signaes muito

exquisitos, que ninguem é capaz de entender! Depois sae e ás vezes anda por lá até á noite. Ha dias fugiu-me antes do nascer do sol. Eu até tinha idéa de lhe administrar uma correcção valente, com um pau que havia cortado de proposito; mas não tive coragem. Elle trazia um ar tão infeliz!

— Fizeste bem, Jupiter. Isso era muito mal feito bater no pobre rapaz. Quem sabe mesmo se elle estaria em estado de supportar o castigo! Mas dize-me: não fazes idéa alguma do motivo que occasionou essa doença, ou antes essa mudança de conducta? Aconteceu-lhe algum desastre desde a ultima vez que o vi?

— Não, Massa, desde então não aconteceu mais nada. Agora n'esse dia tenho bem medo de que...

— Como? Que queres dizer?

— Ora, Massa, quero falar do escavavelho, ahi esta!

— Do escavavelho?

— Sim, Massa, estou persuadido que Massa Will foi mordido na cabeça pelo escaravelho de ouro.

— E que razões tens tu para acreditar em semelhante cousa?

— O bicho tem unhas, Massa, e bocca. Nunca vi na minha vida um escaravelho tão endiabrado; agarra e morde tudo o que se lhe aproxima. Foi ao caçal-o que Massa Will recebeu a mordedura. Lembro-me perfeitamente da rapidez com que elle o tornou a largar. Depois fui eu que o agarrei, mas não com as mãos, porque o aspecto d'aquelle escaravelho nunca me agradou. Envolvi-o primeiro n'um bocado de papel e assim é que o apanhei.

— Isso é sério, Jupiter? Pensas realmente que o teu senhor foi mordido pelo escaravelho e que foi essa mordedura que o fez adoecer?

— Não penso, Massa; sei-o. Desde então Massa Will

não sonha senão com ouro, mais uma prova de que foi mordido pelo escaravelho de ouro. Já não é a primeira vez que ouço falar em escaravelhos de ouro.

— Como sabes que elle sonha com ouro ?

— Como sei? Porque toda a noite eu o ouço a falar n'isso.

— Emfim, talvez tenhas razão, Jupiter. Mas a que afortunado acaso devo hoje a honra da tua visita ?

— Trago-vos uma carta de Massa Legrand.

— Assim dizendo, Jupiter entregou-me a seguinte carta :

Meu caro,

« Porque não tens vindo á minha casa ha tanto tempo? Quero acreditar que não seja por te teres formalizado com a minha incivilidade do outro dia ; mas não, isso não é possível !

Desde a ultima vez que te vi, tenho tido grandes preocupações. Desejo confiar-te um segredo ; mas não sei como t'o hei de dizer ; nem sei mesmo se t'o chegarei a dizer.

Não tenho passado bem estes ultimos dias, e o pobre Jupiter maça-me horrorosamente com todas as suas boas intenções e atenções. Queres saber uma cousa ? Outro dia, o bom velho tinha preparado um cacete para me castigar, por eu ter passado um dia inteiro sósinho no meio das collinas, sobre o continente. Não sei o que me salvou da sova. Creio que foi a má cara que lhe mostrei.

Na minha collecção não ha nada de novo. *

Se puédes, sem grandes inconvenientes, vem com Jupiter. Desejo muito vêr-te esta noite, para falar-te de negocio de muito grave. Vem, vem ! Asseguro-te que é um negocio da mais alta importancia. »

Do teu amigo

WILLIAM LEGRAND.

Esta carta causou-me grande inquietação. Legrand não escrevia assim habitualmente. Em que diabo pensava elle? Que nova phantasia lhe germinava no cerebro? Que seria o tal negocio de tão alta importancia? A narrativa de Jupiter não presagiava nada de bom. Comecei a receiar que a pressão continua do infortunio tivesse, por fim, desarranjado a razão do meu amigo. Sem hesitar um instante, preparei-me a acompanhar o negro.

Quando chegámos ao cáes, vi uma fouce e duas enxadas novas, no fundo do barco que devia transportar-nos.

— Que é isto, Jupiter? perguntei eu.

— Isto são duas enxadas e uma fouce.

— Bem vejo; mas para que são?

— Massa Will mandou-me comprar na cidade duas enxadas e uma fouce. Não sei para que elle as quer; mas diabos me levem se aqui não anda ainda a questão do escaravelho!

Vendo que não podia tirar outros esclarecimentos de Jupiter, cujo entendimento parecia inteiramente absorto no escaravelho, metti-me no barco e soltei a véla. O vento estava magnifico; em pouco tempo achavamo-nos no forte de Moultric, e depois de um passeio de duas milhas, pouco mais ou menos, chegámos á cabana; eram proxivamente tres horas da tarde.

Legrand esperava-nos com uma impaciencia febril. A effusão nervosa com que me apertou a mão, augmentou as minhas suspeitas. Legrand estava horrorosamente pallido, e os seus olhos, naturalmente fundos, tinham um brilho sobrenatural. Depois de algumas perguntas relativas á sua saúde, não achando mais nada que lhe dizer, perguntei-lhe se o commandante G... lhe tinha restituído o escaravelho.

Oh! decerto! replicou elle, corando muito, restitui-

m'o logo no outro dia de manhã. Nem eu desistiria d'elle por cousa nenhuma d'este mundo. Sabes que Jupiter tinha perfeitamente razão ?

— Em que? perguntei eu, com um presentimento triste.

— Dizendo que o escaravelho era todo de ouro, de ouro verdadeiro.

Estas palavras fôram pronunciadas com uma seriedade profunda, que me entristeceu ainda mais.

— Este escaravelho, continuou elle, com um sorriso de triumpho, está destinado a fazer a minha fortuna, a restituir-me a posse dos bens da minha familia. Não é pois para admirar que eu o tenha em tamanho apreço. Já que a Fortuna houve por bem outorgar-m'ò, não me resta senão o empregar convenientemente, para chegar ao ouro do qual elle é o indício. Jupiter, vae buscal-o.

— Quem? o escaravelho? disse o negro com espanto. Nunca! Massa sabe muito bem ir buscal-o, se quizer.

Legrand levantou-se então com um ar grave e imponente e foi buscar o insecto, que estava debaixo de um globo de vidro. Era um escaravelho soberbo, desconhecido pelos naturalistas e que devia ter um grande valor debaixo do ponto de vista scientifico. Tinha duas malhas negras e redondas n'uma das extremidades das costas e uma malha mais alongada na outra. Os elytros, excessivamente rijos e lustrosos, tinham o perfeito aspecto do ouro brunido. O insecto era prodigiosamente pesado. Emfim, considerando tudo bem, não me admirava muito a opinião de Jupiter; mas que Legrand a participasse, isso me parecia phantastico e incrível!

— Mandei-te chamar, disse elle, em tom solemne, quando acabei do examinar o insecto, mandei-te chamar para te pedir conselho e assistencia no cumpri-

mento das vistas do Destino e do escaravelho...

— Meu caro Legrand, exclamei eu interrompendo-o, tu não estás bom; é preciso que tomes algumas precauções. Vae metter-te na cama; prometto ficar ao pé de ti até ficares restabelecido. Tens febre e...

— Toma-me o pulso, disse elle.

Tomei-lhe o pulso e effectivamente não achei o menor symptoma de febre.

— Mas, meu amigo, pôde-se estar doente sem ter febre. Dá-me licença de fazer de medico por um momento. Antes de tudo vae metter-te na cama. Depois...

— Enganas-te, interrompeu elle. Estou bem, tão bem como se pôde estar no estado de excitação em que me acho. Se queres vêr-me completamente bom, ajuda-me a acalmar esta excitação.

— E que é preciso fazer para isso?

— Ouve. Jupiter e eu vamos partir para uma expedição ás collinas, no continente, e temos necessidade do auxilio de uma pessoa de absoluta confiança. Essa pessoa não pôde ser senão tu. Vem, pois; quer a nossa empresa tenha bom ou mau resultado, a excitação em que me vês agora passará immediatamente.

— O meu desejo é servir-te em tudo, repliquei eu; mas dize-me. Este infernal escaravelho tem alguma relação com a tua viagem ás collinas?

— Sim, decerto.

— Então, Legrand, é-me impossivel cooperar n'uma empresa tão absurda.

— Tenho pena, muita pena. Mas visto isso, faremos sósinhos o que temos a fazer.

— Sósinhos! Ah! o desgraçado está doido, com toda a certeza! Mas, vejamos, quanto tempo andarás por fóra?

— Provavelmente toda a noite. Partiremos immediatamente e estaremos de volta ao nascer do sol.

— E dás-me a tua palavra de honra que, depois d'este capricho passado, e o negocio do escaravelho resolvido conforme os teus desejos, voltarás para casa e seguirás á risca as minhas prescripções, como se fossem ordenadas pelo medico ?

— Dou ; mas agora partamos, porque não ha tempo a perder.

A's quatro horas puzemo-nos a caminho, Legrand, Jupiter, o cão e eu. Jupiter levava a fouce e as enxadas, não por excesso de zelo ou de complacencia, mas para evitar que taes instrumentos cahissem nas mãos do seu senhor. Ia desesperado. Durante toda a viagem não lhe ouvi senão estas palavras repetidas a miudo : *maldito escaravelho!*

Eu tinha-me encarregado de levar duas lanternas de furta-fogo.

Quanto a Legrand, levava o escaravelho, pendurado á uma guita, e de vez em quando fazia-o andar á roda com ares cabalisticos.

Quando observei este *symptoma* supremo de demencia no meu pobre amigo, custou-me a suster as lagrimas. Todavia, pensei que era melhor seguir a sua phantasia, pelo menos provisoriamente, até poder tomar algumas providencias energicas. Tentei ainda sondal-o relativamente ao fim da expedição, mas foi inutil. Desde o momento em que tinha conseguido que eu o acompanhasse, parecia não estar disposto a grandes conversas. A todas as minhas perguntas, dignava-se apenas responder com um : Veremos !

Tomámos um batel para atravessar a angra, na extremidade da ilha, depois, trepando pelos terrenos montanhosos da margem opposta, dirigimo-nos para o noro-este, através d'uma região horripelmente selvagem e desolada, onde não se descobriam vestigios de pégadas

humanas. Legrand caminhava na frente, parando apenas, de tempos a tempos, para consultar certas indicações que elle parecia ter precedentemente tomado.

Caminhámos assim cerca de duas horas ; era sol posto quando entrámos n'uma região ainda mais sinistra que todas as que até então havíamos atravessado. Era uma especie de planalto, no cume d'uma montanha horrivelmente escarpada, coberta de arvoredos desde baixo até acima, e semeiada de enormes massas de pedra, que teriam infallivelmente rebolado para os valles inferiores sem o soccorro das arvores que as seguravam. Regueiras profundas irradiavam em diversas direcções, dando á scena um character da solemnidade mais lugubre.

Aquella especie de planato era por tal fórma coberto de espinheiros que, sem a foice, nos teria sido impossivel atravessal-o. Jupiter, por ordem do seu senhor, preparou-nos o caminho até proximo d'um tulipeiro gigantesco, que se erguia no meio de oito ou dez carvalhos, sobre a plantaforma, ultrapassando-os, bem como todas as arvores que eu tinha visto até então, na belleza da fórma e da folhagem, no desenvolvimento immenso da sua ramagem e na magestade geral do seu aspecto. Ao chegarmos alli, Legrand voltou-se para Jupiter perguntando-lhe se era capaz de trepar áquella arvore. Atordoado com a pergunta, o pobre velho ficou alguns instantes sem responder. Comtudo, approximando-se da arvore, começou a andar em torno d'ella, como quem a examinava com minuciosa attenção. Por fim respondeu :

— Sim, Massa: não ha arvore alguma á qual Jupiter não seja capaz de trepar.

— Então, sóbe; vamos, depressa ! porque dentro em pouco fará escuro de mais para podermos trabalhar.

— Até aonde é preciso subir, Massa? perguntou Jupiter.

— Trepas primeiro ao tronco, depois eu te direi o caminho que has de seguir. Ah! espera, leva o escaravelho contigo.

— O escaravelho, Massa Will! o escaravelho de ouro! exclamou o negro recuando de espanto. — Diabos me levem se eu n'elle pegar!

— Como, Jupiter! Tens medo do escaravelho? Um negro grande e forte como tu com medo de tocar n'um pequeno insecto morto e inoffensivo! Pois bem, leva-o prêso a esta guita, se queres; mas se não o levas, d'uma maneira ou d'outra, vêr-me-ei na cruel necessidade de te abrir a cabeça com esta enxada.

— Valha-me Deus, Massa! disse Jupiter a quem os ultimos argumentos de Legrand tornavam evidentemente mais complacente. Não se zangue com o pobre negro. Era brincadeira. Eu ter medo do escaravelho! Importo-me lá com o escaravelho!

Disse, e pegando na extremidade da guita, com todas as precauções, começou a trepar á arvore, afastando sempre o mais possivel o escaravelho da sua pessoa.

Enquanto novo, o tulipeiro ou *Liriodendron Tulipifcrum*, a mais bella das arvores florestaes americanas, tem um tronco muito liso, e eleva-se á maior parte das vezes a uma altura enorme, sem lançar ramadas lateraes; mas quando chega á madureza, a casca torna-se rugosa, desigual, e pequenos rudimentos de ramos manifestam-se em grande numero sobre o tronco. Por isso a escalada, n'este caso, era muito mais difficil em apparencia que na realidade. O negro abraçou o enorme cylindro com os braços e com os joelhos, e deitando as mãos a alguns dos rebentos que cresciam em tórno da arvore, firmando os pés nos outros, chegou finalmente, depois

de ter escorregado uma ou duas vezes, ao primeire ramo grande. Então Jupiter pareceu olhar a tarefa como virtualmente terminada. Com effeito, o principal perigo da empreza estava passado, bem que o valente negro se achasse a uns sessenta ou setenta pés do solo.

— Para que lado vou agora, Massa Will? perguntou elle.

— Segue o ramo mais grosso, o d'este lado, ordenou Legrand.

O negro obedeceu logo, aparentemente sem grande difficuldade, e foi subindo, cada vez mais alto, até que acabou por desaparecer na espessura da folhagem. Então a sua voz longinqua chegou até nós, dizendo :

— E' preciso subir mais?

— A que altura estás? indagou Legrand.

— Estou tão alto, tão alto, replicou o negro, que posso vêr o céu através do cume da arvore.

— Deixa lá o céu e repara no que te vou dizer. Olha para o tronco, e conta os ramos que estão abaixo de ti, d'este lado. Quantos passaste já?

— Um, dois, tres, quatro, cinco. Passei cinco ramos, senhor.

— Então sóbe mais um.

Ao cabo de alguns minutos, tornámos a ouvir-lhe a voz annunciando que havia attingido o setimo ramo.

— Agora, Jupiter, gritou Legrand, muito agitado, avança sobre o ramo, o mais longe que puderes. Em vendo alguma cousa extraordinaria, dize-me.

Decididamente Legrand estava doido.

As poucas duvidas que eu podia conservar ainda relativamente á demencia do meu pobre amigo, desapareceram n'aquelle momento. Comecei a pensar seriamente nos meios de o levar para casa; mas a empreza não havia de ser facil. Emquanto assim discorria com-

migo mesmo, tornou a ouvir-se a voz de Jupiter.

— Tenho bem medo de me aventurar mais longe n'este ramo, senhor. E' um ramo morto!

— Um ramo morto, Jupiter!? exclamou Legrand, com a voz tremula de commoção.

— Sim, Massa, morto como um prego. Não pôde haver duvida.

— Em nome do céu! exclamou Legrand, que parecia atormentado por um verdadeiro desespero. Que havemos de fazer?

— Que havemos de fazer? disse eu, contente por poder enfim intrometter uma palavra assisada, voltar para casa e deitarmo-nos. Vamos, meu amigo. Está-se a fazer tardissimo, e depois lembra-te da tua promessa.

— Jupiter, gritou elle, sem me dar attenção, ouves-me?

— Ouço, sim, Massa, perfeitamente.

— Faze uma incisão no pau com a tua navalha, e dizeme se o achas muito podre.

— Podre, Massa? replicou o negro. Algum tanto; mas podia estar mais. A dizer a verdade, talvez me aventurasse um pouco mais longe no ramo, mas havia de ser eu só.

— Tu só! Quo querer dizer com isso?

— Quero falar do escaravelho, que é pesadissimo. Se eu o largasse, o ramo aguentaria bem com o peso de um negro só.

— Maroto! gritou Legrand; se largas o escaravelho, torço-te o pescoço. Toma bem sentido! Ouves o que te estou a dizer?

— Sim, Massa. Mas não era preciso tratar assim um pobre negro.

— Está bom. Ouve agora! se te aventurases no ramo o mais longe que o puderes fazer sem perigo, e sem

largar o escaravelho, dar-te-ei um dollar em prata, apenas desceres.

— Lá vou, Massa Will, replicou promptamente o negro. Cá estou, já cheguei quasi ao fim.

— Ao fim! exclamou Legrand. Já estás no fim do ramo?

— Quasi, Massa, quasi... Oh! Meu Deus! misericordia! que vejo eu em cima da arvore!

— Que é? exclamou Legrand radiante de alegria: que vês tu?

— Ah! não era nada! Era apenas uma caveira que alguém deixou sobre a arvore, e cuja carne os corvos comeram toda.

— Uma caveira, dizes tu? muito bem! e como está elle presa á arvore? que é que a segura?

— Está pregada com um prego.

— Bem! agora, Jupiter, faze exactamente o que te vou dizer; ouves?

— Sim, Massa.

— Toma sentido! procura o olho esquerdo da caveira.

— Oh! oh! extraordinaria cousa! a caveira não tem olho esquerdo.

— Estupido maldito, sabes distinguir a tua mão esquerda da direita?

— Sei, sim Massa. A minha mão esquerda é aquella com que eu racho a lenha.

— Por certo tu és canhoto! Pois bem, o teu olho esquerdo é do mesmo lado que a tua mão esquerda. Agora supponho que podes achar o olho esquerdo da caveira, o logar que elle devia occupar. Achaste?

Aqui houve uma pausa. Emfim o negro perguntou:

— O olho esquerdo da caveira é tambem do mesmo lado que a mão esquerda da caveira? Mas..... a caveira não tem mãos! Não importa; já achei. Cá está

o olho esquerdo! Agora, que mais é preciso fazer?

— Agora mette o escaravelho pelo buraco do olho e vae dando toda a guita para elle descer; mas toma cuidado em não largar a extremidade da corda.

— Prompto, Massa Will. Isso era o mais facil de tudo. Ahi vae elle a descer.

Durante todo este dialogo, a pessoa de Jupiter continuava invisivel; mas o insecto apparecia agora pendurado á guita, e brilhava como uma bola de ouro polido aos ultimos raios do sol, que esclarecia ainda fracamente a imminencia em que nos achavamos: Quando o escaravelho chegou quasi á nossa altura, Legrand pegou na fouce e desobstruiu um espaço circular de tres ou quatro jardas de diametro, justamente por baixo do insecto. Tendo terminado este trabalho, ordenou a Jupiter que largasse a corda e descesse da arvore.

O escaravelho cabiu. Immediatamente o meu amigo, com um cuidado escrupuloso, enterrou na terra uma cavilha exactamente no logar em que o escaravelho cahira. Depois tirou da algibeira uma fita metrica, prendeu uma das suas extremidades ao tronco da arvore, desenrolou-a até á cavilha e continuou assim a desenrolal-a na direcção dada por estes dois pontos (a cavilha e o tronco) até á distancia de cinco pés. No ponto assim achado, enterrou uma segunda cavilha, e, tomando-a como centro, descreveu um circulo de quatro pés de diametro, pouco mais ou menos. Então pegou n'uma enxada, deu-me outra a mim e outra a Jupiter, e mandou-nos cavar com a maior celeridade possivel.

Para falar francamente, o divertimento não era muito do meu gosto, principalmente cansado como estava do exercicio que tinha feito para chegar até alli; mas, ao mesmo tempo, não me atrevia a resistir, com medo de perturbar com uma recusa a prodigiosa sere-

nidade do meu pobre amigo. Se tivesse podido contar com o auxilio de Jupiter, não teria hesitado em obrigar o nosso louco a voltar para casa ; mas eu conhecia muito bem o character do velho negro, para esperar a sua assistência, no caso de uma lucta com Legrand, em qualquer circumstancia que fosse. A minha opinião agora era que o pobre rapaz tinha o cerebro infectado com algumas innumeraveis superstições do sul, relativas a thesouros enterrados, e que esta imaginação fôra confirmada pelo achado do escaravelho de ouro, ou talvez pela obstinação de Jupiter em sustentar que o escaravelho era de ouro verdadeiro. Um espirito varrido podia bem deixar-se arrastar por semelhantes suggestões, sobretudo concordando ellas com as suas idéas favoritas ; depois lembrei-me do discurso do pobre rapaz ácerca do escaravelho, *indicio da sua fortuna !* Emfim, no embaraço extremo em que me achava, pensei que o melhor que tinha a fazer era cavar com todo o cuidado, afim de convencer o nosso visionario, o mais cedo possível, com uma demonstração ocular, da inanidade dos seus devaneios.

Accendemos as lanternas e começámos a trabalhar com um zelo digno de melhor causa. Assim azafamados, no socego da noite, á luz das lanternas, as nossas pessoas e os nossos utensilios compunham um grupo devéras pittoresco : um intruso que tivesse cahido por acaso no meio de nós, teria dado a semelhante espectáculo uma interpretação estranha e suspeita.

Cavámos corajosamente durante duas horas, sem quasi darmos uma palavra, interrompidos apenas pelos latidos do cão que tomava um interesse excessivo pelo nosso trabalho. Os latidos do animal tornaram-se tão turbulentos que chegámos a ter medo de que elle desse o alarme a algum vagabundo da vizinhança ; ou antes,

este receio era só de Legrand, porque, quanto a mim, qualquer interrupção que me tivesse fornecido um pretexto para conduzir á casa o meu visionario, teria sido bemvinda. Mas o barulho foi abalado, graças a Jupiter, que saltou fóra do fôssô, com um ar furiosamente decidido, açamou a guella do animal servindo-se para isso d'um dos seus suspensorios e voltou depois ao trabalho, com um ar de triumpho muito grave.

N'aquellas duas horas tínhamos attingido uma profundidade de cinco pés, sem que nenhum indício de thesouro se apresentasse. Fizemos uma pausa geral, e eu comecei a esperar que a farça estivesse terminada. Comtudo, Legrand, bem que evidentemente muito desapontado, limpou a frente com ar pensativo e tornou a pegar na enxada. O nosso buraco occupava já toda a extensão do circulo de quatro pés de diametro; rompemos ligeiramente aquelles limites e cavámos ainda dois pés. Não appareceu cousa alguma. O nosso buscador de ouro, que devéras me inspirava piedade, saltou emfim para fóra do buraco, com o mais horroroso desespero escripto no semblante, e decidiu-se lentamente, e como com saudades, a tornar a vestir o casaco, que tirára antes de começar o trabalho. Eu absteve-me de dizer uma unica palavra; e Jupiter, a um signal do seu senhor, começou a juntar os utensilios. Isto feito e o cão tendo sido desaçamado, puzemo-nos a caminho em profundo silencio.

Ainda não tínhamos talvez dado doze passos, quando Legrand, proferindo uma jura terrivel, agarrou Jupiter pela golla do casaco. O negro, estupefacto, escancarou os olhos e a bocca, largou as enxadas e cahiu de joelhos.

— Scelerado ! bradava Legrand, rangendo os dentes, negro infernal ! infame negro !

E accrescentou :

— Foste tu que nos enganaste ! responde immediatamente ! Qual é o teu olho esquerdo ?

— Ah ! misericórdia ! Massa Will ! rugia Jupiter espavorido collocando a mão sobre o olho direito e tapando-o com ella, como se tivesse medo que o seu senhor quizesse arrancar-lh'o. Pois na verdade não é este o meu olho esquerdo ?

— Bem dizia eu ! Eu bem o sabia ! *hurrah !* vociferou Legrand, largando o negro e executando uma série de saltos e de cabriolas, com grande espanto do creado, que passeava os olhos, sem dizer palavra, do seu senhor para mim e de mim para o seu senhor.

— Vamos, vamos outra vez, disse este ; a partida não está perdida.

E retrocedeu para o tulipeiro.

— Jupiter, ordenou elle, ao chegar ao pé da arvore ; vem aqui ! o craneo está pregado ao ramo com a cara voltada para fóra ou encostada ao ramo ?

— A cara está voltada para fóra, Massa ; foi por isso que os corvos puderam comer-lhe os olhos com tanta facilidade.

— Bem. Então foi por este olho ou por aquelle que tu metteste o escaravelho ? E Legrand tocava alternativamente nos dois olhos de Jupiter.

— Foi por este, Massa ; pelo olho esquerdo, exactamente como havieis mandado.

Era ainda o olho direito que o pobre negro indicava.

— Vamos, vamos ! temos de recommençar.

Então o meu amigo, em cuja loucura eu começava a notar certo methodo, removeu a cavilha, que marcava o logar onde o escaravelho tinha cahido, para tres polegadas ao occidente da sua primeira posição, desdobrando novamente o cordel desde o ponto mais proximo

do tronco, como havia feito da outra vez, e continuando a estendel-o em linha recta a uma distancia de cinquenta pés, marcou outro ponto, afastado muitas jardas do logar onde tinhamos precedentemente cavado.

Um outro circulo, um pouco mais vasto que o primeiro, foi traçado em torno d'este novo centro, e o trabalho da enxada recommçou immediatamente. Eu estava immensamente fatigado; mas, sem poder explicar a mim mesmo o que occasionava semelhante mudança no meu pensamento, sentia menos aversão por aquelle trabalho. Inexplicavelmente interessava-me por elle: direi mais, sentia-me excitado! Havia na conducta extravagante de Legrand certo ar deliberado, certos modos propheticos que me impressionavam vivamente. Cheguei a cavar com enthusiasmo, e de tempos a tempos surprehendia-me a procurar, por assim dizer, com os olhos, com um sentimento a que podia chamar-se esperança, o thesouro imaginario cuja visão tinha enlouquecido o meu desgraçado camarada. N'um dos momentos em que estes devaneios se tinham apoderado de mim com mais vigor, depois de hora e meia de trabalho, pouco mais ou menos, fomos de novo interrompidos por violentos latidos do cão. Mas agora a sua inquietação não era, como da outra vez, resultado d'um capricho ou d'uma alegria louca: o tom dos seus bramidos era muito mais violento e muito mais caracterizado. E como Jupiter se esforçava para tornal-o a açamar, o animal fez uma resistencia furiosa, e saltando dentro do buraco, começou a arranhar a terra com um phrenesi espantoso. Em alguns segundos poz a descoberto uma massa de ossos humanos, formando dois esqueletos completos, misturados com alguns botões de metal e qualquer cousa que nos pareceu ser lâ podre e esfarelada. Uma ou duas enxadadas fizeram saltar a lamina

d'um grande cutello hespanhol ; cavámos ainda e descobrimos tres ou quatro peças de moeda de ouro e de prata.

A'quella descoberta Jupiter poude apenas conter a sua alegria. Mas a physionomia de Legrand exprimiu um desapontamento horroroso ! Comtudo, pediu-nos que continuassemos a trabalhar. N'este comenos, tropecei no que quer que fôsse e caí para a frente. O bico da minha bota havia-se entalado n'um grande anel de ferro, que jazia quasi enterrado debaixo d'um monte de terra fresca.

Voltámos ao trabalho com um ardor novo (nunca passei dez minutos em semelhante exaltação !). Emfim, desenterrámos completamente um cofre de pau, de fôrma alongada, o qual, a julgar pela sua perfeita conservaçã e extraordinaria dureza, havia sido evidentemente sujeito a algum processo de mineralisação ; talvez ao bichloreto de mercurio. Este cofre, todo chapeado de ferro, tinha tres pés e meio de comprido, tres de largo e dois e meio de profundidade. De cada lado do cofre junto á tampa, havia tres argolas de ferro, por meio das quaes seis pessoas podiam transportal-o. Todos os nossos esforços reunidos só chegaram para deslocal-o ligeiramente do seu leito. Vimos logo que não era possivel carregarmos sósinhos com semelhante peso. Por felicidade, a tampa era apenas segura por dois ferrolhos, que corremos, convulsos e trémulos de anciedade. No mesmo instante, um thesouro d'um valor incalculavel appareceu á nossa vista. As luzes da lanterna reflectiam sobre o fôssco e faziam scintillar um montão confuso de ouro e de joias, cujos esplendores nos deslumbravam positivamente os olhos.

Não tentarei descrever os sentimentos que me assaltaram ao contemplar aquelle thesouro. A estupefacção, como se pôde calcular, dominava todos os outros.

Legrand, extenuado pela excitação, disse apenas algumas palavras. Quanto a Jupiter, a sua physionomia empallideceu, o mais que a physionomia de um negro pôde empallidecer. Estupefacto, fulminado pelo espanto, cahiu de joelhos dentro do fôso, mergulhando no ouro os braços nús até ao cotovello, e deixando-se assim ficar longo tempo, como se gosasse das voluptuosidades d'um banho. Emfim, deu um suspiro e exclamou :

— E tudo isto é o escaravelho de ouro que nol-o dá ! o pobre escaravelhinho de ouro, que eu tive a infamia de injuriar, de calumniar ! Ah ! negro villão, não tens vergonha do que disseste ?

Entretanto fazia-se tarde ; se quizessemos transportar tudo, com segurança, antes do dia, precisaríamos de desenvolver alguma actividade. Accordei, por assim dizer, o amo e o creado, para lhes fazer comprehender que era urgente tirar d'alli o thesouro. Depois de termos perdido muito tempo em deliberações (tão desordenadas estavam as nossas idéas !) acabámos por alliviar o cofre de dois terços do seu conteúdo e pudemos emfim, mas não ainda sem custo, arrancar-o do buraco.

Os objectos que tirámos, depositámol-os entre os espinheiros, depois confiámol-os á guarda do cão, a quem Jupiter prescreveu estrictamente não se mover d'alli por caso nenhum, e não abrir a bocca até ao nosso regresso. Então puzemo-nos depressa a caminho, com o cofre, e chegámos á cabana sem accidente, mas horrosamente cansados, a uma hora da manhã. Exhaustos como estávamos, era de todo impossivel tornarmos a partir immediatamente. Repousámos pois até ás duas horas, ceámos e em seguida encaminhámo-nos outra vez para as montanhas, munidos de tres grandes saccoes. A's quatro horas da manhã, chegavamos ao nosso fôso. Dividimos o resto do espolio, com a maior egualdade

possivel e, sem nos darmos ao trabalho de tornar a encher o buraco, voltámos para casa, onde depositámos pela segunda vez os nossos fardos preciosos.

Era madrugada. Apesar da extrema fadiga do corpo, a excitação do espirito não nos deixava repousar. Depois de um somno inquieto de tres ou quatro horas, levantámo-nos todos, como se estivessemos combinados, para proceder ao exame do nosso thesouro.

Passámos o dia e a maior parte da noite seguinte a inventariar o conteúdo do cofre, cheio até ás bordas. As joias e ouro haviam sido alli lançados confusamente, sem ordem alguma. Quando fizemos uma classificação geral, achámo-nos de posse de uma fortuna que ultrapassava tudo o que tínhamos imaginado. Havia em metal (avaliando as peças o mais rigorosamente possivel, segundo as tabellas da epocha) mais de 450:000 dollars; tudo em ouro antigo e de uma grande variedade: moedas francezas, hespanholas e allemãs, algumas inglezas, e varios tentos de modêlo desconhecido. Moeda americana, nenhuma. Encontrámos muitas peças grandes e pesadas, mas tão gastas que nos foi de todo impossivel decifrar-lhes as inscripções.

Quanto á avaliação das joias, foi trabalho um pouco mais difficil. Achámos cento e dez diamantes lindissimos, de um brilho notavel, tresentas e dez esmeraldas esplendidas, vinte e uma saphiras, e uma opala. Todas as pedras haviam sido arrancadas dos seus encaixes, e estes, que classificámos á parte do outro ouro, pareciam ter sido machucados á martellada, como que para os tornar irreconheciveis, e lançados confusamente para dentro do cofre. Enfim, encontrámos ainda uma quantidade enorme de ornamentos de ouro massiço: perto de duzentos anneis e outros tantos brincos: trinta correntes, se bem me lembro; oitenta e tres crucifixos,

muito grandes e muito pesados ; cinco incensórios de um grande valor ; um gigantesco bule de ouro, ornado de parras e de bacchantes, artisticamente cinzeladas ; dois copos de espadas maravilhosamente trabalhados e uma chusma d'outros artigos menóres, de que não me lembro. O pêso de todos estes valores ultrapassava 350 libras. N'esta avaliação omitti cento e noventa e sete relogios de ouro soberbos, dos quaes tres valiam bem 500 dollars cada um. Muitos eram immensamente velhos e não tinham já valor como objectos de relojoaria ; os movimentos estavam mais ou menos estragados pela acção corrosiva da terra ; mas todos eram magnificamente adornados de pedrarias.

N'aquella noite avaliámos o conteúdo total do cofre em um milhão e meio de dollars ; mas, quando mais tarde nos desfizemos das joias e das pedrarias (depois de termos tirado algumas para o nosso uso pessoal) reconhecemos a modestia d'aquella primeira avaliação.

O nosso inventario terminado e a exaltação terrível em que nos achavamos algum tanto acalmada, Legrand, que me via morrer de impaciencia deante do segredo d'aquelle enigma prodigioso, explicou-me a questão com todos os pormenores.

— Lembra-te, disse elle, da noite em que te mostrei um esboço grosseiro que tinha feito do escaravelho? Lembra-te tambem de que fiquei bastante despeitado com a tua insistencia em sustentar que o meu desenho parecia a cabeça de um morto? A' primeira vez que disseste aquillo, julguei que estavas a brincar ; depois, pensando nas malhas particulares que o insecto tinha nas costas, reconheci intimamente que a tua observação tinha um certo fundamento. Comtudo, a tua ironia ácerca das minhas faculdades graphicas irritava-me ; porque estou habituado a ser considerado como um

artista muito razoavel. Quando me tornaste a entregar o pedaço de pergaminho, estive quasi a amarrotal-o e a deital-o ao lume.

— Queres dizer o papel, repliquei eu.

— Não. Parecia papel, e eu mesmo tinha supposto que era papel, mas quando comecei a desenhar-lhe em cima, descobri logo que era um bocado de pergaminho, muito fino e muito sujo; não sei se reparaste. Quando ia amarrotal-o, olhei por acaso para o desenho, e qual foi a minha admiração ao vêr a imagem positiva de uma caveira, justamente no logar onde julgára desenhar um escaravelho! Durante um momento, o espanto impediu-me de pensar. Bem que houvesse certa analogia nos contornos geraes dos dois desenhos, o meu esboço differia d'aquelle em todas as particularidades. Peguei n'um candelieiro, e assentando-me na outra extremidade do quarto, procedi a uma analyse mais attenta do pergaminho. Então voltei-o e descobri o meu proprio esboço no avesso, exactamente como eu o havia feito. Fiquei surprehendido. Effectivamente, era uma coincidencia de véras singular o facto de haver do outro lado do pergaminho, immediatamente por baixo do esboço do escaravelho, a imagem de um craneo, cujos contornos e dimensões condiziam tão exactamente com o meu desenho. O extraordinario d'esta coincidencia encheu-me positivamente de pasmo durante um instante. E' o effeito natural de semelhantes coincidencias. O espirito esforça-se por estabelecer uma analogia, uma ligação de causa e de effeito, e, achando-se impotente, soffre uma especie de paralyisia momentanea.

Quando sahi d'este torpor moral, senti nascer gradualmente em mim uma convicção, que me impressionou ainda mais que esta coincidencia. Comecei a lembrar-me distinctamente, positivamente, de que não havia

desenho algum sobre o pergaminho, no momento em que traçara o esboço do escaravelho. Recordava-me de o ter virado e revirado, procurando o lugar mais próprio para o desenho : se o craneo estivesse visível, era impossível que eu não o tivesse notado. Indubitavelmente havia allí algum mysterio, que me sentia incapaz de sondar ; mas desde esse instante, pareceu-me vêr despontar, prematuramente, uma luz fraca nas regiões mais profundas e secretas do pensamento, uma especie de pyrilampo intellectual ; uma concepção, embryonaria, da verdade que a aventura d'aquella noite nos demonstrou tão esplendidamente. Então levantei-me e fechei cuidadosamente o pergaminho, adiando todas as reflexões ulteriores para quando pudesse estar só.

Depois de te retirares e apenas Jupiter adormeceu, entreguei-me a uma investigação um pouco mais methodica. Primeiro, tratei de comprehender como aquelle pergaminho se achava nas minhas mãos. Lembrava-me de que tinhamos descoberto o escaravelho sobre a costa do continente, uma milha, pouco mais ou menos, ao oriente da ilha, proximo do nivel da maré cheia. Quando me apoderei d'elle, o bicho mordeu-me com tal força que tive de o largar. Jupiter, com a sua prudencia habitual, procurou, antes de apanhar o insecto, que voára para o seu lado, uma folha ou qualquer cousa semelhante, com que pudesse agarrar. Foi n'esse momento que vimos, meio enterrado na areia, o bocado do pergaminho, o qual imaginámos então ser papel. Proximo do lugar em que o achámos, observei alguns restos da carcassa de um grande navio, destroços de naufragio, tão deteriorados, que pareciam fazer allí havia muitos annos.

Jupiter apanhou o pergaminho, envolveu n'elle o insecto e entregou-m'o. Pouco tempo depois, voltámos para casa. No caminho encontrámos o commandante G..., a

quem mostrei o insecto e que me pediu para lh'o emprestar até ao dia seguinte, afim de o estudar mais á sua vontade. Emprestei-lh'o; o homem, que é doido por historia natural e por tudo o que diz respeito a esta sciencia, netteu-o logo na algibeira do collete, sem pergaminho nem nada, provavelmente com medo que eu mudasse de tenção. E' evidente que então, sem mesmo pensar no que fazia, tornei a metter o pergaminho na algibeira.

Deves lembrar-te de que, n'aquelle dia, quando quiz fazer o desenho, não achei papel, nem sobre a mesa, nem na gaveta. Ia procurar nas algibeiras alguma carta velha, quando dei com o bocado do pergaminho. Detalho-te minuciosamente todas estas circumstancias, porque todas ellas me impressionaram immensamente.

Agora, vaes-me considerar como um visionario, quando te dissér que já aqui o meu espirito via uma especie de conexão. Já tinha unido dois anneis de uma grande cadeia : um navio, um pergaminho, *não um papel*, com o desenho de um craneo; o emblema bem conhecido dos piratas.

Este caso de ser um pergaminho e não um papel é muito importante. O pergaminho é uma cousa duravel, quasi immorredoura. Ordinariamente não se confiam ao pergaminho senão documentos importantes, porque é muito mais difficil desenhar ou escrever no pergaminho do que no papel. Esta reflexão, assim como a fórma oblonga do pergaminho (era uma d'estas listas onde é costume consignar um documento importante; uma nota que se quer conservar muito tempo com cuidado) induziram-me logo a pensar que aquella caveira devia ter alguma significação importante.

— Mas, interrompi eu, se dizes que o craneo não estava no pergaminho no momento em que alli desenhaste o escaravelho, como pudeste estabelecer relação

entre o navio e o craneo? Se assim era, parece que o craneo foi desenhado (Deus sabe como e por quem), posteriormente ao teu esboço do escaravelho.

— Ah! ahí está o mysterio, embora esta parte do enigma não me tenha dado, comparativamente, grande trabalho a resolver. As minhas reflexões caminharam assim: quando desenhei o escaravelho, não havia vestígios de craneo sobre o pergaminho; depois passei-te o meu esboço e não te perdi de vista enquanto não tornaste a entregar-m'o. Por conseguinte, não eras tu que tinhas desenhado o craneo e não estava alli mais ninguem capaz de o fazer. Comtudo, elle lá estava evidente aos meus olhos!

Então comecei a vêr se me lembrava, e com effeito lembrei-me exactamente de todos os incidentes d'esse dia memoravel. A temperatura estava fria (oh! feliz acaso!) e uma boa fogueira accesa na chaminé. Sufficientemente aquecido pelo exercicio, quando cheguei, sentei-me ao pé da mesa, enquanto que tu tinhas collocado a tua cadeira junto á chaminé. No momento em que te passei o pergaminho para a mão, appareceu Wolf, o meu cão da Terra Nova, que te saltou aos hombros, sem te deixar vêr o desenho. Acariciaste-o e procuraste desvial-o com a mão esquerda, deixando pender a direita entre os joelhos, tão proximo do fogo que a chamma esteve quasi a attingir o pergaminho. Ia mesmo a avisar-te d'isso, quando ergueste a mão e começaste a vêr o desenho.

Considerando todas estas circumstancias, não me restou duvida de que fôra o calor o agente que havia feito apparecer, sobre o pergaminho, a imagem do craneo. Como sabes, existem certos preparados chimicos, por meio dos quaes se podem escrever, em papel ou em velino, caracteres que não apparecem senão quando submettidos á

acção do fogo. Algumas vezes emprega-se o açafraão dissolvido em agua régia e diluido em tres vezes o seu peso de agua, o que produz uma tinta verde. O colbato puro dissolvido em acido nitrico dá uma côr vermelhã. Estas côres desaparecem quando a substancia sobre a qual se escreve, arrefece: mas tornam a apparecer com uma nova applicação do calor.

Examinei então a caveira com o maior cuidado. Os contornos exteriores, isto é, os mais proximos das extremidades do velino, eram muito mais distinctos que os outros. Evidentemente, a acção do calor tinha sido imperfeita ou desigual. Accendi logo o lume e submetti todas as partes do pergaminho a um calor ardente. Primeiro, este processo deu apenas em resultado o reforço das linhas um pouco pallidas do craneo; mas, continuando a experiencia, vi apparecer no canto da tira diagonalmente opposto áquelle em que estava traçada a caveira, outra figura que representava a cabeça de um cabrito.

— Ah! ah! disse eu. O nosso milhão e meio de dollars tira-me todo o direito de zombar de ti, mas parece-me que d'esta vez não tens terceiro anel a juntar á tuã cadeia. Que relação especial pôde haver entre as cabras e os taes piratas que imaginaste? Confessa que os piratas não têm nada que vêr com as cabras; isso diz antes respeito aos pastores.

— Eu não falei em cabras, replicou elle.

— Bem! cabras ou cabritos é tudo a mesma cousa.

— Não é tanto assim,olveu Legrand. Talvez tivesses ouvido falar alguma vez do celebre capitão Kidd. Pois bem, como *Kid* significa cabrito, veiu-me logo á lembrança que a figura d'aquelle animal representava uma assignatura logogryphica ou jéroglyphica. Demais a mais, o logar que occupava no velino, suggeria natural-

mente essa idéa. Quanto á caveira, collocada no canto diagonalmente opposto, parecia uma especie de sello. Mas a ausencia do resto, isto é, do corpo do meu documento sônhado, do texto do meu contexto, embaraçava-me cruelmente.

— Esperavas então achar uma carta entre o timbre e a assignatura?

— E' verdade, meu amigo. O facto é que me sentia irresistivelmente comprehendido do presentimento de uma immensa fortuna imminente. Porque? nem o sei. Por fim de contas, talvez fosse mais um desejo que uma crença positiva. Mas queres acreditar que o absurdo dizer de Jupiter, que o escaravelho era de ouro massiço, teve uma influencia notavel sobre a minha imaginação? E depois esta serie de accidentes e de coincidencias era verdadeiramente tão extraordinaria! Já reflectiste bem em tudo o que ha de fortuito n'esta successão de acontecimentos? Era preciso que todos estes casos se dêssem no unico dia do anno em que fez bastante frio para valer a pena accender o lume; porque sem aquelle lume, e sem a intervenção de Wolf, no momento preciso em que appareceu, nunca eu teria conhecimento da caveira e nunca teria portanto possuido o thesouro.

— Continua, continua, meu caro Legrand! Estou em braza por saber o resto!

— Conheces a quantidade de historias e de boatos vagos que circulam ácerca dos thesouros enterrados em qualquer parte, nas costas do Atlantico, por Kidd e pelos associados? Estes boatos deviam ter algum fundamento; e a persistencia com que continuavam, era para mim a prova de que taes thesouros jaziam ainda enterrados. Se Kidd tivesse escondido o seu espolio durante certo tempo, e o tivesse recolhido depois, a lenda não teria

chegado até nós sob a sua fôrma actual e invariavel. Nota que as alludidas historias versam sempre sobre indagadores e nunca sobre descobridores de thesouros. Na minha opinião, o pirata foi privado do seu thesouro por qualquer accidente, por exemplo a perda da nota que indicava o logar preciso onde o tinha enterrado. Este accidente poude depois ter chegado ao conhecimento dos companheiros de Kidd, os quaes, com as suas pesquisas, deram origem a este rumor universal e a estas lendas hoje tão communs. Já ouviste falar de algum thesouro importante descoberto sobre a costa?

— Nunca!

— Era notorio que Kidd tinha enterrado grandes riquezas; e para mim era certo que a terra as conservava ainda. Quando reflecti no pergaminho achado na costa e nos signaes mysteriosos que o caracterisavam, senti nascer em mim uma esperanza, uma quasi certeza de que aquelle documento continha a indicação do logar onde o pirata depositára as suas riquezas.

Tornei a expôr o velino ao fogo, depois de ter augmentado o calor: mas não appareceu cousa alguma. Como elle estava muito sujo, attribui o meu máo exito áquella circumstancia. Lavei pois o pergaminho bem lavado com um pouco de agua quente, depois metti-o dentro de uma caçarola de lata, com o craneo voltado para baixo, e puz a cassarola sobre um monte de carvões accesos. Ao cabo de alguns instantes, a caçarola estava perfeitamente aquecida; retirei a tira do velino e observei, com uma alegria inexprimivel, que estava em muitos logares salpicada de signaes, semelhantes a a'garismos, dispostos em linhas. Tornei a pôr a lista na caçarola, onde a deixei ficar mais um minuto; quando a retirei, estava como vaes vêr.

Então Legrand aqueceu de novo o velino e apresen-

tou-m'o. Os caracteres seguintes appareciam em vermelho, grosseiramente traçados entre a caveira e a cabeça de cabrito.

53 $\frac{\perp}{\perp} \frac{\perp}{\perp} + 305$) 6^* ; 4826) 4 $\frac{\perp}{\perp}$ 4 $\frac{\perp}{\perp}$); 806; $48 + 8460$) 85; 1 $\frac{\perp}{\perp}$ (; $\frac{\perp}{\perp}^* 8 + 83 (88) 5^* +$; 46 (; $88^* 96^* ?$; 8) $^* \frac{\perp}{\perp}$ (; 485); $5^* 2 : ^* \frac{\perp}{\perp}$ (; 4956*2 ($5^* - 4$), 848 * ; 4069285); (6+8) 4 $\frac{\perp}{\perp} \frac{\perp}{\perp}$; 1 ($\frac{\perp}{\perp} 9$; 48081; 8:8 $\frac{\perp}{\perp} 1$; 48+85; 4) 485+528806 b 81 ($\frac{\perp}{\perp} 9$; 48; (88; 4 ($\frac{\perp}{\perp} ? 34$; 48) 4 $\frac{\perp}{\perp}$; 161; : 188; $\frac{\perp}{\perp} ?$;

— Meu amigo, disse-lhe eu, restituindo-lhe a lista do velino, cada vez percebo menos. Se todos os thesouros de Golconda devessem ser para mim o premio da solução de semelhante problema, tinha perfeitamente a certeza de não os ganhar.

— Comtudo, disse Legrand, a solução não é tão difficil como parece á primeira vista. Estes caracteres, está claro, formam uma cifra. Ora, segundoque sabemos de Kidd, não podiamos suppô-lo capaz de fabricar um modelo de cryptographia muito complicado. Era provavel, ao contrario, que a cifra fosse das mais simples; tal, comtudo, que á intelligencia grosseira do maritimo devesse parecer absolutamente insolvel.

— E resolveste-a, sériamente?

— Com toda a facilidade; tenho resolvido outras dez mil vezes mais complicadas. As circumstancias e certa inclinação de espirito levaram-me a tomar interesse por esta especie de enigmas; e duvido que o engenho

humano possa crear um enigma n'este genero, que não se chegue a resolver á força de applicação.

No caso actual, e, em summa, em todos os casos de escriptos secretos, a primeira questão a resolver é a lingua da cifra; porque os principios da solução, principalmente quando se trata de cifras simples, dependem do espirito de cada idioma e podem ser modificados por elle. Em geral, o unico meio é ensaiar successivamente, dirigindo-se, segundo as probabilidades, a todas as linguas conhecidas, até se achar a propria. Mas na cifra que nos occupa, todas as difficuldades a este respeito estavam resolvidas pela assignatura; o enigma sobre a palavra *Kidd* não era possivel senão na lingua ingleza. Sem esta circumstancia as minhas experiencias teriam começado pelo hespanhol e pelo francez, como sendo as linguas mais proprias para um pirata dos mares hespanhóes confiar um segredo d'esta natureza. Mas n'este caso o cryptogramma era indubitavelmente inglez.

Como viste, não ha espaços entre as palavras. Se houvesse, espaços o trabalho teria sido muito mais facil; porque então a primeira cousa teria sido fazer uma collação e uma analyse das palavras mais curtas; e desde o momento em que tivesse achado, como é sempre provavel, uma palavra de uma só lettra, *a* ou *I* (um, eu) por exemplo, a solução estava certa. Mas como não ha espaços, o meu primeiro dever era distinguir as letras predominantes, assim como as que se acham menos vezes. Contei pois todas e organizei a tabella seguinte:

O caracter	8	acha-se	33	vezes
»	;	»	26	»
»	4	»	19	»
»	† e)	»	16	»

O character	*	acha-se	13	vezes
»	5	»	12	»
»	6	»	11	»
»	+ c 1	»	8	»
»	0	»	6	»
»	9 e 2	»	5	»
»	: e 3	»	4	»
»	?	»	3	»
»	1	»	2	»
»	— e.	»	7	»

Ora, a letra que se encontra mais vezes em inglez é *e*. As outras succedem-se n'esta ordem : *a o i d h n r s t u y c f g l m w b k p q x z*. *E* predomina tão singularmente que é raro achar uma phrase algum tanto grande onde esta letra não seja o character principal.

Temos, pois, logo ao principio, uma base de operações que dá mais alguma cousa que uma conjectura. O uso geral que se pôde fazer, d'esta tabella é evidente, mas n'este caso particular, servir-nos-á de pouco. Visto que o nosso character predominante é 8, tomal-o-emos pelo *c* do alphabeto natural. Para verificar esta supposição, vejamos se 8 se encontra muitas vezes dobrado; porque o *e* dobra-se frequentemente em ingieze, como por exemplo nas palavras : *meet, fleet, speed, been, agree, etc.* Ora, no caso presente, vemos que o 8 dobra cinco vezes, bem que o cryptogramma seja muito curto.

Portanto, 8 representará *e*. Agora, de todas as palavras da lingua a mais usada é *the*; por conseguinte, vamos a procurar a combinação, muitas vezes repetida de tres characteres, dos quaes o ultimo seja 8. Se encontrarmos repetições d'este genero, ellas representarão muito provavelmente a palavra *the*. Feita a experiencia, encontrámos est combinação nada menos que 7 vezes; e os carac-

teres componentes são : ; 48. Podemos pois suppôr que; representa *t*, que 4 representa *h* e que 8 representa *e*; o que confirma ainda o valor d'este ultimo. E temos dado um grande passo.

Ainda não determinamos senão uma palavra, mas esta simples palavra permite-nos já estabelecer um ponto muito mais importante, que vem a ser os principios e as terminações d'outras palavras. Vejamos, por exemplo, o penultimo caso em que se apresenta a combinação ; 48, quasi no fim da cifra. Sabemos que o; que vem immediatamente depois é o principio de uma palavra, e, dos seis caracteres que seguem este *the*, não conhecemos menos de cinco. Substituamos pois estes caracteres pelas letras que representam, deixando um espaço para a desconhecida :

t eth

Devemos primeiro que tudo separar o *th* como não podendo fazer parte da palavra que começa pelo primeiro *t*, pois que vemos, experimentando successivamente todas as letras do alphabeto para preencher a lacuna, que é impossivel formar uma palavra da qual este *th* possa fazer parte. Reduzamos pois os nossos caracteres a

t ec

e recomeçando a experimentar o alphabeto todo, se fôr preciso, adoptamos a palavra *tree* (arvore), como a unica versão possivel; e ganhamos assim uma letra nova, *r*, representada por (,) mais as duas palavras juxtapostas, *the tree* (a arvore).

Um pouco mais adeante, encontramos outra vez a combinação ; 48 e aproveitamol-a já para servir de termina-

ção ao que precede imediatamente. Isto fornece-nos a composição seguinte :

the tree; 4 ($\begin{array}{c} \vdash \\ \vdash \\ \vdash \end{array} ? 3 h the$.

ou, substituindo as letras naturaes aos caracteres conhecidos,

the tree thr $\begin{array}{c} \vdash \\ \vdash \\ \vdash \end{array} ? 3 h the$.

Agora, se substituirmos por pontos os caracteres desconhecidos, teremos

the tree thr . . . h the,

d'onde se releva por assim dizer a palavra *through* (através); descoberta que nos dá mais tres letras, *o*, *u* e *g* representadas por $\begin{array}{c} \vdash \\ \vdash \\ \vdash \end{array} ?$ e 3.

Procurando attentamente no cryptogramma combinações de caracteres conhecidos, achamos, não longe do principio, a composição seguinte :

83 (88, ou *egree*,

que é evidentemente a terminação da palavra *degree* (grau) e que nos entrega ainda uma letra *d* representada por \vdash .

Quatro letras adeante da palavra *degree*, achamos a combinação

; 46 (; 88*

da qual traduziremos os caracteres conhecidos, representando por um ponto o desconhecido; o que nos dá

th. rtee,

composição que nos suggere immediatamente a palavra *thirteen* (treze) e nos fornece duas letras novas, *i* e *n*, representadas por 6 e*.

Voltaremos agora ao começo do cryptogramma :

53 † † †
‡ ‡ †.

Traduzindo pelo mesmo systema, e com os elementos já conhecidos, obtemos

.good.

o que mostra que a primeira letra é um *a*, e que as duas primeiras palavras são *a good* (um bom ou uma boa).

Para evitar qualquer confusão, vamos dispôr em forma de tabella todas as nossas descobertas; o que nos dará um principio de chave :

5	representa	a
†	»	d
3	»	e
3	»	g
4	»	h
6	»	i
*	»	n
†	»	o
‡	»	r
(»	t
;	»	

Temos pois dez letras das mais importantes; agora é inutil proseguirmos a solução em todos os seus porme-

nores. Disse-te o bastante para te convencer de que cifras d'esta qualidade são faceis de resolver, e para te dar uma idéa da analyse raciocinada que se emprega para as interpretar. Acredita que o especimen que temos á vista pertence á categoria mais simples da cryptographia. Não me resta já senão dar-te a traducção completa do documento, como se tivéssemos decifrado successivamente todos os seus caracteres. Eil-a :

A good glass in the bishop's hostel in the devil's seat forty one degrees and thirteen minutes northeast and by north main branch seventh limb east side shoot from the left eye of the death's-head a bee line from the tree through the shot fifty feet out.

(Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo quarenta e um gráus e treze minutos nordéste quarto de norte principal tronco setimo ramo lado oriental largae do olho esquerdo da caveira uma linha de abelha da arvore através da bala cincoenta pés ao largo.)

— Mas, disse eu, o enigma parece-me agora tão difficil como d'antes. Que sentido se pôde tirar de toda essa algaravia *cadeira do diabo, caveira e hotel do bispo*?

— E' verdade, replicou Legrand, o negocio estava ainda bastante sério á primeira vista. O meu primeiro cuidado foi vêr se descobria, na phrase, as divisões naturaes que estavam no espirito de quem a escreveu.

— Se a pontuavas, não?

— Isso mesmo.

— E como pudeste fazer isso?

— Estava claro que este aggregado de palavras sem divisão alguma não tinha outro fim senão tornar mais difficil a solução da cifra. Ora, um homem que não fôr excessi-

vamente habil, será quasi sempre levado, em semelhantes tentativas, a exaggerar. Assim quando no curso da sua composição chegar a um sentido que peça naturalmente um ponto ou uma virgula, ha de ser fatalmente impellido a apertar os caracteres ainda mais que nos outros logares. Examina este manuscrito e verás que ha pontos onde os caracteres se emmaranham, por assim dizer, uns nos outros. Dirigindo-me segundo este indicio, estabeleci a divisão seguinte :

A good glass in the bishop's hostel in the devil's seat — forty-one degrees and thirteen minutes — northeas and by north — main branch seventh limb east side — shoot from the left eye of the death's head — a beeline from the tree through the shot fifty feet out.

(Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo — quarenta e um gráus e treze minutos — nordéste quarto de norte — principal tronco setimo ramo lado oriental — largae do olho esquerdo da caveira — uma linha de abelha da árvore através da bala cincoenta pés ao largo.)

Apesar da tua divisão, disse-lhe eu, fico ainda nas trevas.

— Tambem eu não percebi durante muitos dias, replicou Legrand. Durante esse tempo procurei por toda a parte, na vizinhança da ilha de Sullivan, alguma edificação com o nome de Hotel do Bispo (a questão do *s* na palavra *hostel* não me embaraçou de modo algum; era a orthographia antiga de *hotel*.) Não tendo colhido nenhuma informação a este respeito, estava quasi a estender a esphera das minhas pesquisas e a proceder de um modo mais systematico, quando, uma manhã, me occorreu de repente que aquelle *Bishop's hostel* podia

referir-se a uma familia antiga chamada Bessop, que outr'ora possuira um castello a quatro milhas, pouco mais ou menos, ao norte da ilha. Emfim, uma mulher muito velha disse-me conhecer um logar, que não era castello nem hospedaria, mas simplesmente um rochedo, chamado *Bessop's castle* (castello de Bessop.)

Mediante certo salario, a velha annuiu a conduzir-me ao tal rochedo, que não nos custou muito a descobrir. Depois de a ter mandado embora, comecei a examinar a localidade. O *castello* consistia n'um aggregado de picos e de rochedos, dos quaes um era tão notavel pela sua altura como pelo isolamento e configuração quasi artificial. Trepei até lá acima; depois fiquei um bom boccaldo sem saber o que havia de fazer para continuar as minhas investigações.

Enquanto assim meditava, percebi uma pequena saliencia na face oriental do rochedo, uma jarida, pouco mais ou menos, abaixo do ponto em que me achava. Esta saliencia projectava-se talvez a umas dezoito pollegadas de altura e não tinha mais d'um pé de largo; um nicho aberto exactamente no cume dava-lhe certa semelhança com as cadeiras de costas concavas, usadas pelos nossos antepassados. Evidentemente, era aquella a tal *cadeira do diabo*, de que o manuscripto falava. Então dei o enigma como quasi resolvido.

O *bom vidro* sabia eu que não podia significar senão um oculo, porque os nossos maritimos empregam raras vezes a palavra *glass* n'outro sentido. Compreendi logo que precisava servir-me d'um oculo collocando-me n'um ponto de vista perfeitamente definido e apontando o oculo n'uma direcção que as phrases *quarenta e um graus e treze minutos*, e *nordéste quarto de norte* deviam indicar. Violentamente agitado por todas estas descobertas, corri á casa, busquei um oculo, e voltei ao rochedo.

Deixei-me escorregar sobre a cornija, onde não consegui assentar-me senão n'uma certa posição, o que confirmou a minha conjectura. Depois pensei em me servir do oculo. Naturalmente os quarenta e um gráus e treze minutos só podiam referir-se á elevação acima do horizonte sensível, visto que a direcção horizontal estava claramente indicada pelas palavras *nordéste quarto de norte*. Fixei esta direcção por meio d'uma bussola de algebeira, depois, apontando o mais exactamente possível, por approximação, o oculo a um angulo de quarenta e um gráus de elevação, fil-o mover com cuidado de cima para baixo e de baixo para cima, até que a minha attenção foi attrahida por uma especie de buráco circular ou de clareira na folhagem d'uma arvore, que dominava todas as que d'alli se avistavam. No centro d'aquelle buraco, havia um ponto branco; mas ao principio não pude distinguir o que era. Ajustei de novo o fóco do oculo e, tornando a olhar, vi enfim que era um craneo humano.

Esta nova descoberta encheu-me de confiança. Decididamente o enigma estava resolvido! A phrase: *tronco principal, setimo ramo, lado oriental* não podia referirse senão á posição do craneo sobre a arvore, e esta: *largae do olho esquerdo da caveira*, só admittia uma interpretação, visto que se tratava de procurar um thesouro enterrado. Compreendi que era preciso deixar cahir uma bala do olho esquerdo da caveira, e que uma linha de abelha, ou n'outros termos, uma linha recta, partindo do ponto mais proximo do tronco da arvore e estendendo-se *através da bala*, isto é, através do ponto onde a bala cahisse, indicaria o logar exacto, onde eu tinha por certo que um thesouro precioso estava enterrado.

— Tudo isso, disse eu, está admiravelmente bem combinado; é ao mesmo tempo engenhoso e explicito.

— E o que fizeste depois de ter sahido do *Hotel do Bispo*?

— Voltei para casa, depois de ter rigorosamente tomado nota da minha arvore, da sua fórma e posição. Apenas deixei a *cadeira do diabo*, o buraco circular desapareceu; de qualquer lado que me voltasse, não pude mais tornalo a descobrir. Isto é que foi, na minha opinião, a obra prima do engenho do pirata: a invenção d'aquella abertura circular, visivel de um unico ponto, e o facto d'esse ponto unico ser a estreita cornija, na face do rochedo.

N'esta expedição ao *Hotel do Bispo*, fui seguido por Jupiter, o qual observava, havia semanas, a minha preocupação e parecia ter um cuidado particular em não me deixar só. Mas, no dia seguinte, consegui escapar-lhe, evantando-me muito cedo e correndo logo para as montanhas, em busca da minha arvore, que me deu muito trabalho a encontrar. Quando voltei á casa, á noite, o meu creado dispunha-se a applicar-me uma sova. Do resto da aventura creio que sabes tanto como eu.

— As nossas primeiras pesquisas, disse eu, iam sendo frustradas pela patetice de Jupiter, que deixou calir o escaravelho pelo olho direito do craneo em vez de o metter pelo olho esquerdo.

— E' verdade. Esse engano dava uma differença de duas pollegadas e meia relativamente á *bala*, isto é, á posição da cavilha proxima da arvore. Se o thesouro estivesse no logar marcado pela *bala*, o erro teria sido de pouca importancia; mas a *bala* e o ponto mais proximo da arvore eram dois pontos que serviam apenas para estabelecer uma linha de direcção; assim, o erro, muito pequeno ao principio, augmentava na proporção do comprimento da linha, de sorte que a uina distancia de cincoenta pés, achavamo-nos totalmente extraviados. Sem a certeza que me domiava, de que havia por

alli proximo um thesouro enterrado, talvez tivéssemos perdido o nosso trabalho.

— Mas a tua emphase, as tuas attitudes solemnes, balançando o escaravelho, que exquisitices! Cheguei-me a convencer de que estavas positivamente doido. E que razões te levaram a empregar o insecto em logar de uma bala?

— Francamente, as tuas suspeitas ácerca do meu estado mental vexavam-me um pouco. O balanceamento do escaravelho e todos aquelles ares de alienado eram uma pequena mystificação que te quiz fazer para me vingar das tuas desconfianças. A observação que fizeste sobre o' pêsso do escaravelho suggeriu-me a idéa de o empregar em vez de bala.

— Sim, comprehendo. Agora só resta um ponto a explicar. Que significavam aquelles esqueletos encontrados debaixo da terra, junto do thesouro?

— Essa circumstancia, meu amigo, é que eu não comprehendo melhor que tu. Não vejo senão um modo plausivel de a explicar; mas a minha hypothese implica uma atrocidade tal que repugna admittil-a. Está claro que Kidd (se é que foi Kidd quem enterrou o thesouro, o que para mim é ponto de fé) teve de chamar alguém para o ajudar n'aquelle trabalho. Mas depois do trabalho prompto, quem sabe se elle não julgou conveniente fazer desaparecer os confidentes do seu segredo? Duas ou tres enxadadas, enquanto os seus camaradas estavam ainda occupados no fosso, teriam feito a obra... E em vez de duas, talvez tenha sido uma duzia d'ella... Quem nol-o dirá?

O POÇO E O PENDULO

... Estava extenuado, completamente extenuado por aquella lenta agonia... Quando me desligaram, enfim, e me deixaram sentar, conheci que ia perder os sentidos. A sentença a terrivel sentença de morte, foi a ultima phrase que me vibrou aos ouvidos distinctamente. Depois, pareceu-me que as vozes dos inquisidores se perdiam no sussurro indefinido de um sonho. Esse ruido despertava-me na alma como uma idéa de rotação (talvez porque o confundia no pensamento com a roda de um moinho). E não ouvi mais nada.

Comtudo, durante algum tempo ainda tive a visão de um espectáculo terrivel! Via os juizes vestidos de negro, pronunciando os decretos do que para mim representava o destino. Os seus labios (que se me afiguravam mais brancos que esta folha de papel) finos até ao grotesco, afilados por uma expressão energica de crueldade, de resolução firme e de rigoroso desprezo pelas dôres humanas, agitavam-se n'uma phrase de morte, figurando as syllabas do meu nome; mas aquelle movimento não era seguido de nenhum som! Vi, tambem, durante um momento de horroroso delirio, as ondulações brandas quasi imperceptiveis dos cortinados negros, que revestiam as paredes da sala; e sete grandes archi-

tes que estavam collocados em cima da mesa. Estes appareceram-me primeiramente sob o aspecto da caridade, semelhantes a anjos esbeltos e brancos que deviam salvar-me, depois, de repente as fórmas angelicas converteram-se em espectros insignificantes, com cabeças de lume. Compreendi que não tinha protecção alguma a esperar d'elles, e todo o meu corpo estremeceu como se houvesse tocado os fios de uma pilha voltaica.

Então, a idéa do repouso delicioso que nos espera no tumulto, passou-me pela imaginação como uma harmonia divina. Essa idéa veio lenta, furtivamente. Demorei-me muito tempo a perceber-a; e no momento em que começava a senti-la perfeitamente no espirito e a acariciar-a, as figuras dos juizes desvaneceram-se, como por magia, os grandes archotes apagaram-se, sobreveiu a escuridão das trevas. . . Todas as sensações pareceram submergir-se, como se de um mergulho louco a minha alma se houvesse precipitado no Hadés. E o universo não foi mais senão noite, silencio e immobilidade!

Estava desmaiado. Comtudo, não direi que tivesse de todo perdido os sentidos. Não tentarei definir nem mesmo descrever a pouca consciencia que me restava; mas ainda tinha alguma.

No somno mais profundo, no delirio, no desmaio, na morte. . . sim! até no tumulto, ha sempre um resto de consciencia! D'outro modo não haveria immortalidade para o homem. Quando accordamos de um somno profundo, rasgamos a teia de aranha de algum sonho, e, um segundo depois (tão franzino era talvez aquelle tecido) não nos lembramos de ter sonhado. Na passagem do desmaio á vida ha dois grãos: o primeiro é o sentimento da existencia moral ou espirital, o segundo o sentimento da existencia physica. E' provavel que se quando chegamos ao segundo grão pudessemos evocar as in-

pressões do primeiro, achassemos n'ellas todas as lembranças eloquentes do abysmo transmundano. E que é esse abysmo? Como poderemos ao menos distinguir as suas sombras das do tumulo?

Mas se as impressões d'aquillo a que chamei primeiro gráo não acodem ao mando da vontade, todavia, depois de um intervallo, muitas vezes grande, não apparecem ellas sem ser chamadas; então que já não sabemos de todo d'onde nos possam vir. Quem nunca perdeu os sentidos, não pôde descobrir palacios estranhos e physionomias curiosamente familiares nas brazas ardentes, não pôde contemplar, fluctantes no meio dos ares, visões melancolicas, que o vulgo não percebe; não medita sobre o perfume de uma flôr desconhecida, nem pôde o seu ouvido deleitar-se na audição longinqua de uma melodia mysteriosa!

No meio de esforços repetidos e intensos, para recolher alguns vestigios d'essa especie de morte transitoria, pela qual a minha alma passou, tem havido momentos em que a minha energica applicação parece triumphar; instantes, pequeninos instantes, em que tenho conjurado lembranças que a razão me demonstra não poderem referir-se senão a esse estado de aniquilamento aparente. Estas lembranças confusas apresentam-me, muito indistinctamente, grandes figuras transportando-me silenciosamente e descendo, descendo sempre até ao momento em que me assaltou uma vertigem horrivel, á idéa do infinito na descida. Depois vem o sentimento de uma paragem repentina como se as pessoas que me levavam (um cortejo de espectros) houvessem ultrapassado n'aquella marcha os limites do illimitado e tivessem estacado, vencidos pelo infinito da jornada. Em seguida, encontro a lembrança de uma sensação de humidade, de mal-estar; depois, nada mais senão loucura, a

loucura de uma memoria que se debate no abominavel...

Emfim, voltcu-me a consciencia do som e o movimento; o movimento tumultuoso no coração e no ouvido, o ruido das suas palpitações. Depois, a simples consciencia da existencia, sem nenhum outro pensamento (situação que durou muito tempo). De repente veiu a intelligencia, e com ella um terror gélido e um esforço violento para comprehender a realidade do meu estado. Depois, um grande desejo de recahir na insensibilidade. Depois, brusco renascimento da alma, a sensação do tacto e a faculdade da locomoção. E então, a lembrança clara, precisa do processo, dos cortinados negros, da sentença, do desmaio. Mas d'ahi por deante o completo esquecimento. Foi só muito mais tarde, á força de perseverança, que cheguei a descortinar vagamente as lembranças confusas d'esse periodo de inanimação quasi absoluta.

Ainda não tinha aberto os olhos; sentia-me deitado da costas e sem algemas. Estendi a mão, que cahiu pesadamente sobre o solo humido e duro. Deixei-me ficar assim durante alguns minutos, esforçando-me por adivinhar onde estava e o que tinha sido feito de mim. Tinha vontade de abrir os olhos; mas não ousava fazelo, tanto terror me infundia o primeiro olhar que ia lançar sobre os objectos que me rodeavam!

Não era que tivesse medo de vêr cousas horriveis; o que me aterrava era a idéa de não vêr nada. Por fim, com uma agonia indescrível, abri os olhos. A minha horrorosa apprehensão achava-se confirmada. Envolvia-me a escuridão da noite eterna. Fiz um esforço para respirar; parecia que me suffocava a intensidade das trevas; a atmosphaera era intoleravelmente pesada! Deixei-me ficar pacificamente deitado, diligenciando sempre por exercitar o entendimento. Lembrei-me dos

processos da Inquisição, e, partindo d'esse principio, appliquei-me a deduzir a minha posição real. A sentença fôra pronunciada. Afigurava-se-me que um seculo havia decorrido depois d'isso. (Comtudo, não cheguei a julgár-me já morto: tal idéa, não obstante todas as ficções litterarias, é inteiramente incompativel com a existencia real). Mas onde estava eu, e em que estado? Sabia que os condemnados morriam ordinariamente nos autos de fé. Tinham-se celebrado uma d'essas solemniidades, mesmo na vespera do meu julgamento. Acaso me teriam reconduzido á masmorra para esperar o proximo sacrificio, o qual só teria logar d'ahi a alguns mezes? Vi logo que aquella solução não podia ser a verdadeira. O contingente das victimas havia sido immediatamente requisitado. Além d'isso, a minha antiga masmorra, como todas as cellulas dos condemnados em Toledo, era calçada e tinha alguma luz.

De repente, a uma idéa terrivel, todo o sangue me affluu ao coração, e, durante alguns instantes, recai na insensibilidade. Quando voltei a mim, ergui-me n'um pulo, tremendo convulsamente dos pés até á cabeça. Estendi loucamente os braços em todas as direcções. As minhas mãos não encontraram nada; comtudo, tremia de dar um passo, com medo de esbarrar nas paredes do tumulo. O suor manava-me da fronte em bagas grossas e geladas. Por fim a agonia da incerteza tornou-se intoleravel; avancei com precaução, estendendo os braços, e esbogalhando os olhos para fôra das orbitas, na esperança de surprehender algum raiosinho de luz. Dei muitos passos; tudo era negro e vacuo. Respirei melhor. Emfim, pareceu-me evidente que o mais horroso dos supplicios não era o que me estava reservado.

Emquanto continuava a avançar cautelosamente, todos os rumores vagos que corriam sobre os horrores de To-

ledo, atravessaram de tropel a minha imaginação. Contavam-se cousas extraordinarias d'aquellas masmorras (cousas que eu considerára sempre como fabulas) tão estranhas e tão espantosas, que não se diziam senão em voz baixa. Seria acaso a minha sorte morrer á fome n'aquelle mundo de trevas? Ou que destino ainda mais cruel me estaria reservado? Que o resultado havia de ser a morte, e uma morte barbaramente escolhida, d'isso não me restava a menor duvida, a mim que conhecia bem o character dos meus juizes. O que me preocupava era a fôrma e a hora.

D'ahi a pouco as minhas mãos estendidas encontraram um obstaculo solido. Era uma parede que parecia de pedra, muito lisa, humida e fria. Caminhei ao longo d'ella com a cautelosa desconfiança que me inspiravam certas historias antigas. Comtudo, por aquelle processo, nunca chegaria a verificar as dimensões da masmorra; porque podia percorrel-a toda em redor, e voltar ao ponto d'onde tinha partido, sem dar por isso, tão perfeitamente uniforme parecia a parede. Procurei a navalha que trazia na algibeira na occasião de entrar para o tribunal; mas não a achei, porque o meu fato fôra trocado por uma tunica de sarja grosseira. Tinha-me lembrado enterralla n'alguma fendasinha, para servir de signal ao ponto de partida. A dificuldade, comtudo, não era grande; mas a principio, com a desordem que me ia no pensamento, pareceu-me invencivel. Rasguei um pedaço da orla da tunica e estendi-o ao comprido, no chão, perpendicularmente á parede. Agora, seguindo o meu caminho, ás apalpadelas, em torno da masmorra, não podia deixar de encontrar o trapo, quando tivesse completado a volta. Pelo menos assim pensava eu; mas não tinha feito conta nem da extensão da masmorra, nem da minha propria fraqueza. O terrco era humido e escorregadio.

Fui cambaleando durante algum tempo, depois tropecei e caí. O canção decidiu-me a ficar deitado, e insensivelmente adormeci.

Quando acordei, tinha ao meu lado um pão e uma bilha d'agua. O meu cerebro estava muito fraco para reflectir sobre aquella circumstancia, mas comi e bebi com avidéz. Pouco tempo depois, recomecei a minha viagem á roda da prisão, e, com muito custo, cheguei ao boccado de sarja. No momento em que caí, tinha já contado cincoenta e dois passos; recomeçando o meu passeio, contei ainda quarenta e oito, antes de chegar ao trapo. Portanto, ao todo, tinha andado cem passos. Suppondo cada dois passos eguaes a uma jarda, calculei o circuito da masmorra em cincoenta jardas. Todavia, como encontrára muitos angulos na parede, continuava a não fazer idéa nenhuma da fórma do subterraneo, porque não podia deixar de crêr que estava n'um subterraneo.

A dizer a verdade, aquellas investigações não me inspiravam grande interesse, e esperanza absolutamente nenhuma; mas uma curiosidade vaga impelliu-me a continual-as. Resolvi pois atravessar a superficie circumscripta. Afastando-me da parede, comecei a andar com toda a precaução; porque o solo, embora parecesse feito de uma materia dura, era traidor e viscoso. Por fim, ganhei coragem, e entrei a caminhar afoitamente, diligenciando por ir o mais possivel em linha recta. Tinha avançado assim uns dez ou doze passos, quando o resto da orla que ficára pendurada ás roupas se me embaraçou nas pernas, fazendo-me cair para a frente.

Na atrapalhação da queda, não notei logo uma circumstancia algum tanto extraordinaria, que, comtudo, passado um momento, e emquanto estava ainda por terra, me fixou toda a attenção. Eil-a: a minha barba pousava no solo da prisão, mas os labios e a parte superior

da cabeça estavam em falso e como situados a maior elevação que a barba. Ao mesmo tempo, pareceu-me sentir a fronte banhada por um vapor glutinoso, e veio-me ao nariz um cheiro exquisito, particular aos cogumellos podres. Estendi o braço, e estremeci ao descobrir que tinha cahido mesmo á borda de um poço circular, cuja extensão não podia, n'aquelle momento, medir de maneira nenhuma. Apalpando-o á roda do boccal, consegui arrancar uma pedrinha que deixei cair lá dentro. Durante alguns instantes ouvi-lhe os ricochetos nos muros do abysmo, depois o choque lugubre na agua, seguidos de echos estridentes. N'aquelle momento senti por cima da cabeça como o ruido de abrir e fechar uma porta, e ao mesmo tempo, um raiosinho de luz atravessou subitamente a escuridão, desvanecendo-se quasi logo.

Vi claramente o destino que me fôra preparado e dei parabens á minha fortuna pelo accidente opportuno que me salvára. Um passo mais e o mundo estava acabado para mim. Aquella morte, evitada a tempo, tinha perfeitamente o character terrivel e mysterioso das historias que se contavam da Inquisição, historias que eu tivera sempre por fabulosas e absurdas. Para as victimas d'aquella tyrannica instituição, não havia outra alternativa: ou a morte com as suas mais crueis agonias physicas, ou a morte com as suas abominaveis torturas moraes. Eu estava reservado para a segunda. Os meus nervos, excitados ao ultimo gráo pelo soffrimento moral, tornavam-me um magnifico exemplar para o genero de tortura que me esperava.

Convulso e trémulo de terror, recuei ás apalpadelas até á parede, resolvido a deixar-me antes alli morrer do que a affrontar novamente o horror dos poços (a minha imaginação multiplicava-os agora por toda a parte nas

trevas da masmorra). N'outra disposição de espirito, teria tido coragem de acabar por uma vez com as minhas miserias, precipitando-me de mergulho n'um d'esses abysmos; mas então, o espanto tornara-me o mais cobarde de todos os homens. Além d'isso, não podia esquecer o que tinha lido a respeito d'aquelles poços (que a morte instantanea era uma possibilidade cuidadosamente excluida pelo genio infernal do seu inventor).

A agitação do espirito conservou-me accordado durante algumas horas; mas por fim tornei a pègar no somno. Ao despertar, achei ao meu lado, como da primeira vez, um pão e uma bilha d'agua. Consumido por uma sêde devoradora, despejei a bilha de um só trago. Aquella agua continha por força qualquer droga soporifera, porque apenas a bebi, senti um somno irresistivel e adormeci profundamente; parecia o somno da morte! Não posso dizer quanto tempo assim dormi; mas quando tornei a abrir os olhos, os objectos que me cercavam já não estavam immersos nas trevas. Graças a uma clari-dade singular, sulfurosa, cuja origem não soube primeiro interpretar, podia vêr o tamanho e o aspecto da prisão.

Tinha-me enganado muito sobre as suas dimensões. As paredes não podiam ter mais de vinte e cinco jardas de circuito. Durante alguns minutos aquella descoberta produziu em mim grande perturbação; perturbação pueril na verdade, porque, no meio das circumstancias terriveis que me ameaçavam, que me importavam as dimensões da prisão? Entretanto, a minha alma interessava-se caprichosamente por aquellas bagatellas. Appliquei-me sériamente a perceber o erro que havia commettido na medição, até que a verdade me appareceu como um relampago. Na minha primeira tentativa de exploração tinha contado cincoenta e dois passos, até ao

momento de cahir. Devia estar então a um ou dois passos do trapo de sarja, isto é, quasi que tinha dado a volta ao subterraneo. Adormecera então; quando acordei, devo ter necessariamente voltado para traz, creando assim um circuito duplo do circuito real. Na confusão de idéas em que me achava, não reparei que tinha começado o meu giro com a parede á direita e que o acabava com a parede á esquerda.

Tambem me havia enganado com relação á fórma. Sondando o meu caminho, tinha achado muitos angulos, e d'ahi deduzido a idéa d'uma grande irregularidade (tão poderoso é o effeito da escuridão total sobre quem sáe d'um lethargo ou d'um somno!) Aquelles angulos eram simplesmente produzidos por ligeiras depressões, a intervallos deseguaes. A fórma geral da prisão era um quadrado. O que eu tinha tomado por alvenaria, parecia ferro ou qualquer outro metal, em chapas enormes, cujas juntas produziam as taes depressões. Toda a superficie d'aquella construcção metallica era grosseira e toscamente pintada com os differentes emblemas medonhos e repellentes que a superstição sepulcral dos frades tinha inventado. Figuras de demonios com ares ameaçadores, esqueletos, e outras imagens ainda mais horrorosas, manchavam as paredes em toda a sua extensão. Os contornos d'essas monstruosidades distinguiam-se bem, mas as côres estavam desbotadas e gastas, como que pelo effeito d'uma atmosphaera humida. Reparei então no solo, que era de pedra. No centro abria-se o poço circular, ás guelias do qual eu tinha escapado. Não havia senão aquelle na masmorra.

Vi tudo isso indistinctamente e não sem esforço, porque a minha situação physica tinha mudado singularmente durante o somno. Agora estava deitado de costas, ao comprido, sobre uma especie de tarima, muito baixa,

e solidamente ligado a ella por uma faixa comprida, que parecia uma cilha. Aquella faixa enrolava-se-me ao corpo em muitas voltas, não deixando livres senão a cabeça e o braço esquerdo; ainda assim, precisava fazer um grande esforço para chegar ao alimento, contido n'um prato de barro, collocado no chão, ao meu lado. Vi com terror que a bilha d'agua tinha desaparecido; digo com terror, porque sentia uma sêde intoleravel. Além d'isso, parecia-me que entrava nos projectos dos meus carrascos o exasperar-m'a, porque o alimento contido no prato era carne cruelmente picante.

Levantei os olhos e examinei o tecto da prisão. Tinha trinta ou quarenta pés de altura, e pela construcção era semelhante ás paredes lateraes. Attrahiu-me a attenção uma figura singular, pintada lá em cima. Era a imagem do tempo, tal como se costuma representar, com uma differença só: em vez da foice, tinha na mão um objecto, que á primera vista me pareceu um pendulo enorme, como aquelles que se vêem nos relogios antigos.

Havia comtudo n'aquella machina alguma cousa que me obrigou a consideral-a com mais cuidado. Como eu a observasse directamente, com os olhos erguidos (porque estava collocada exactamente por cima de mim) pareceu-me vê-la agitar-se. Bastou um momento para confirmar a minha idéa. As oscillações do pendulo eram curtas e por conseguinte muito lentas. Observei-o durante algum tempo, não sem uma certa desconfiança, mas sobretudo com espanto. Aborrecido, emfim, de vigiar o seu movimento monotono, voltei os olhos para os outros objectos da cellula. D'ahi a pouco ouvi um ruido ligeiro e vi um bando de ratos enormes, que sahiam do poço ao cheiro da carne, precipitando-se sobre o prato com olhos vorazes. Tive de empregar esforços violentos para os enxotar.

Haveria decorrido meia hora ou uma hora, talvez (porque não tinha meio de medir o tempo precisamente) quando tornei a levantar os olhos para o tecto. O que então vigelou-me de pavor! O percurso do pendulo tinha avançado quasi uma jarda; a sua descida era evidente e a sua velocidade muito maior.

Notei então (não preciso dizer com que espantoso terror!) que a sua extremidade inferior tinha a fórma de um crescente de aço scintillante, tendo pouco mais ou menos um pé de comprimento, d'um ao outro bico. Estes estavam voltados para cima; e o gume inferior, afiado como uma navalha de barba, dilatava-se a partir do fio, n'uma fórma larga e solida. Estava preso a uma grossa vara de cobre, e tudo aquillo sibilava balouçando-se no espaço.

Adivinhei immediatamente a sorte que me tinha preperado a atroz imaginativa monacal. Os agentes da inquisição tinham-me visto descobrir o poço (o poço cujos horrores eram reservados aos hereges temerarios como eu! o poço symbolo do inferno, considerado pela opinião como *Ultimo Thule* de todos os castigos!) Ora, como a arte de fazer do supplicio uma surpresa, formava um ramo importante de todo aquelle phantastico systema de execuções secretas, desde o momento em que eu tinha, pelo mais fortuito dos accidentes, escapado ao abysmo, não entrava no plano demoniaco precipitar-me n'elle. Estava pois votado (e d'esta vez sem alternativa possivel) a um novo modo de destruição.

Para que hei de relatar as longas, longas horas de agonia mais que mortal, durante as quaes contei as oscillações vibrantes do aço?

Pollegada por pollegada, linha por linha, a machina terrivel operava uma descida graduada, só apreciavel a intervallos, que me pareciam seculos! E descia sempre,

sempre! cada vez estava mais baixa! Decorreram dias, muitos dias talvez antes de chegar a balançar-se assaz perto de mim para me ventilar com o seu sopro medonho.

O cheiro do aço afiado mettia-se-me já pelo nariz. Pedi a Deus (fatiquei-o com as minhas preces!) para que o fizesse descer com mais rapidez! Enlouqueci; debati-me em esforços freneticos e inuteis para ir ao encontro da terrivel cimitarra movediça. Depois, subitamente, cahi n'um grande abatimento e fiquei immovel, sorrindo áquella morte scintillante, como uma creança sorri a um brinquedo precioso.

Houve um novo intervallo de completa insensibilidade; intervallo muito curto, porque ao recuperar os sentidos não achei que o pendulo tivesse descido extensão apreciavel. Mas talvez que o meu desmaio tivesse sido longo e que os demonios, que me espionavam, tivessem parado a vibração durante a minha insensibilidade.

Quando voltei a mim, senti necessidade de comer, tão certo é que a natureza humana reclama sempre os seus direitos, mesmo no meio das agonias mais terriveis. Estendi o braço esquerdo com um esforço penoso e agarrei um resto de carne, que os ratos se tinham dignado deixar-me. No momento de o levar á bocca, atravessou-me o espirito um pensamento informe de alegria, de esperança. Mas que podia haver de commum entre mim e a esperança? Era, digo, um pensamento informe (o homem tem muitas vezes pensamentos semelhantes, que nunca chegam a completar-se). Senti que aquelle era um pensamento de alegria, de esperança; mas senti tambem que morrera ao nascer. Em vão me esforcei por o recobrar, por completal-o.

O soffrimento quasi que me havia anniquilado as fa-

culdades ordinarias do espirito; estava imbecil, idiota!

A vibração do pendulo se effectuava n'um plano perpendicular ao meu comprimento. O crescente estava disposto de modo a atravessar-me a região do coração. Escarpelar-me-ia primeiro a sarja da tunica, em seguida voltaria a repetir a mesma operação, depois outra vez, e ainda outra vez. Apesar da enorme dimensão da curva percorrida (alguns trinta pés ou mais), e da energia sibilante da sua descida, que teria cortado juntas todas aquellas paredes de ferro, o mais que podia fazer, durante alguns minutos, era escarpelar-me a tunica. N'este pensamento fiz uma pausa, não ousando levar mais longe a reflexão. Insisti n'elle com pertinaz attenção, como se aquella insistencia pudesse parar a descida do aço. Appliquei-me a meditar sobre o som que produziria o crescente ao atravessar o meu vestuario; sobre a sensação particular e penetrante que produz nos nervos a fricção do ferro. Cogitando sobre taes futilidades, os meus dentes batiam uns nos outros.

Mais baixo! cada vez mais baixo!... o pendulo escorregava sempre! o meu espirito comprazia-se, n'uma especie de voluptuosidade feroz, a comparar a sua velocidade longitudinal com a sua velocidade lateral. Para a direita! para a esquerda! e depois fugia, fugia! e depois voltava, com o rugido d'um espirito damnado e o andamento furtivo d'um tigre, direito ao meu coração! Eu ria e urrava alternativamente, conforme os pensamentos que me assaltavam o cerebro.

Mais baixo! invariavelmente mais baixo, impiamente mais baixo!... O aço vibrava agora a tres pollegadas do meu peito! Fiz um esforço violento, furioso para desembaraçar o braço esquerdo; foi em vão. Livre só do cotovello para baixo, mal podia levar a mão desde o prato, collocado ao meu lado, até á bocca: e nada mais! Se

houvesse conseguido desamarral-o, teria agarrado o pendulo, tentando detel-o. Teria sido o mesmo que querer parar uma avalanche.

Cada vez mais baixo! incessante, inevitavelmente mais baixo! Suspirava dolorosamente e estremezia a cada vibração do medonho pendulo. Encolhia-me convulsivamente a cada um dos seus balanços. Os meus olhos, loucos de desespero, seguiam-lhe os movimentos ascendentes, fechando-se espasmodicamente no momento da descida. Posto que a morte tivesse sido uma consolação (oh! que indizível consolação!) todo eu tremia ao pensar que bastava a machina descer mais um furo, para me enterrar no peito aquelle gume amolado e scintillante. Era a *esperança* que me fazia assim tremer, que me me levava a querer ainda demorar. Era a *esperança!* a *esperança* que triumpho do homem, até no cavallete; que fala ao ouvido do condemnado, até nas masmorras da Inquisição!!

Bastavam mais dez ou doze vibrações para pôr o aço em contacto immediato com o meu vestuario! Com esta observação, entrou-me no espirito o socêgo pungente do desespero. Pela primeira vez, desde bastantes horas (desde dias, talvez), *pensei*. Pensei que se a faixa que me cingia, fosse feita d'uma só tira, a primeira mordedura do crescente devia deslaçal-a bastante para permittir á minha mão esquerda o movimento preciso para a desenrolar toda. Mas quão terrível se tornaria então a proximidade do aço! E o resultado do mais pequeno tremor, mortal! Além d'isso, era verosimil que os meus graciosos carrascos não houvessem previsto e impedido aquella possibilidade? Era possível que a ligadura me atravessasse o peito no caminho do pendulo? Tremendo de vêr frustrada a minha fraca, a minha unica *esperança*, levantei um pouco a cabeça, para vêr distincta-

mente o peito : a faixa envolvia-me escrupulosamente o corpo e os membros em todos os sentidos, *excepto no caminho do crescente homicida.*

Apenas deixei recahir a cabeça na primeira posição, senti que me brilhava no espirito uma idéa que eu não saberia definir sinão como a metade não formada d'aquelle pensamento de libertação, de que acima falei, e do qual só metade me tinha vagamente fluctuado no cerebro, no momento em que levava o alimento aos labios. A idéa inteira apparecia agora; fraca, mal definida, viavel apenas, mas enfim completa; comecei immediatamente a pô-la em execução, com a energia do desespero.

A vizinhança immediata da tarima onde eu jazia, re-gorgitava de ratos. Tumultuosos, vorazes, atrevidos, com os olhos vermelhos cravados em mim, pareciam não esperar senão a immobildade da morte para tomar conta da sua prêsa. A que especie de alimento, pensei eu, estão elles habituados n'este poço ?

Apesar dos meus esforços, aquella bicharia voraz havia devorado quasi todo o conteúdo do prato, e os seus dentes agudos tinham-se, por mais de uma vez, ferrado na mão, que eu estendia constantemente para defender o meu alimento. Agarrei o resto da carne gordurosa e esfreguei com ella a atadura, por toda a parte onde pude chegar-lhe. Depois, deixei-me ficar immovel e sem respirar, fingindo-me morto.

Intimidados primeiro com a minha inercia repentina, os ratos alvoroçaram-se, voltaram as costas e tornaram a entrar no poço. Mas vendo que eu continuava sem movimento, voltaram atraz. Um ou dois dos mais atrevidos treparam á tarimba e começaram a cheirar a faixa. Foi o signal de uma invasão geral. Sahiram tropas frescas

do poço, agarraram-se todos ás taboas, escalaram nas e saltaram aos centos em cima de mim.

O movimento regular do pendulo não os perturbava absolutamente nada. Evitavam-lhe a passagem e trabalhavam activamente sobre a ligadura engordurada. Apertavam-se, formigavam, empilhavam-se em cima de mim. Enroscavam-se-me na garganta; os seus labios frios procuravam os meus; suffocava-me o seu peso multiplicado. Uma repugnancia, que não tem nome, revolvia-me o estomago em nauseas intoleraveis! Mas com uma resolução sobrehumana, deixei-me ficar immovel. Conhecia que a ligadura devia já estar cortada em mais de um ponto; senti-a positivamente alargar. Ainda um momento e a horrivel operação estava terminada! Não me tinha enganado nos meus calculos, não soffrera em vão! Emfim, senti que estava livre; a faixa cahiu em farrapos á roda do meu corpo. Era tempo! o movimento do pendulo atacava-me já o peito. A sarja da tunica estava rota; a camisa cortada... Fez ainda duas oscillações, e a sensação de uma dôr aguda arripiou-me o corpo todo. Felizmente, o instante da salvação estava chegado! Fiz um gesto, e os meus libertadores fugiram tumultuosamente. Então, com um movimento tranquillo, prudente e obliquo, lentamente, encolhendo-me todo, escorreguei para fóra da ligadura e para longe dos golpes da cimitarra. Estava livre!

Livre! e nas garras da inquisição! Mal tinha sahido do meu leito de horror, dera apenas alguns passos no solo da prisão, quando a machina infernal parou e tornou a subir ao tecto, attrahida por uma força invisivel. Aquella manobra foi uma lição terrivel para mim. Indubitavelmente todos os meus movimentos eram espiados.

Livre! Escapo á morte sob uma fórmula de agonia; mas

para recahir n'ella sob outra talvez ainda peor. A este pensamento, percorri a masmorra com um olhar desvaivado. Um phenomeno singular, que a principio não pude apreciar distinctamente, tinha mudado o aspecto da prisão. Durante alguns momentos de distracção, de sonhos e de terrores, perdi-me em conjecturas vagas e incoherentes. N'esse meio tempo percebi pela primeira vez a origem da luz sulfurosa, que esclarecia a cellula. Procedia de uma fenda, da largura de meia pollegada pouco mais ou menos, alongando-se em redor da prisão, junto á base das paredes, e separando-as completamente do solo. Abaixei-me e tentei em vão espreitar por aquella abertura. No momento em que me levantava, desanimado, o mysterio da metamorphose do quarto revelou-se subitamente á minha intelligencia. Os contornos e as côres das figuras muraes, d'antes desvanecidas, acabaram de ganhar um brilho surpreliendente e intenso, que augmentava a cada instante, dando áquellas imagens phantasticas e diabolicas um aspecto que teria feito arripiar nervos mais solidos que os meus. De todos os lados surgiam olhos de demonios, dardejando sobre mim com uma ferocidade sinistra e brilhando com o esplendor lugubre de um fogo, que eu me esforçava em vão por julgar imaginario.

Imaginario! Bastava-me respirar para sentir no pulmão o vapor do ferro aquecido e no nariz o cheiro suffocante que se derramava por toda a prisão! Os olhos diabolicos, que contemplavam a minha agonia, brilhavam com ardor cada vez mais fundo, emquanto as pinturas horriveis das paredes vermelhas purpureavam-se de um modo progressivo e terrivel! O designio dos meus algozes era evidente. Oh! impios entre os impios, oh! homens demoniacos!

Offegante, podendo apenas respirar, fugi do metal ar-

dente para o centro da masmorra, onde a frescura do poço se me apresentava como um balsamo, em face d'aquella destruição pelo fogo. Corri para elle; sondei-o com a vista. A claridade da abobada inflammada illuminava-lhe todos os recantos. Comtudo, durante um momento de delirio, o espirito negou-se-me a comprehender o que viam os olhos. Mas a evidencia entrou, enfim, na minha alma, a força, victoriosamente, imprimindo-se no cerebro em caracteres de fogo. Oh! horror! Oh! todos os horrores excepto aquelle! Com um grito de terror, fugi para longe do poço e, escondendo o rosto entre as mãos, chorei amargamente.

O calor augmentava de um modo atroz. Levantei outra vez os olhos, tremendo, como n'um accesso de febre. A cellula tinha soffrido nova mudança, e agora essa mudança era evidentemente na fórma. Como das outras vezes, comecei por não entender o que se passava. Mas não me deixaram muito tempo em duvida. A vingança da Inquisição caminhava a passos largos. Duas vezes a minha felicidade a tinha derrotado; não se brincava muito tempo com o rei do Terror!

O quarto tinha sido quadrado. Agora dois dos seus angulos tinham-se tornado agudos; por conseguinte obtusos os outros dois. O terrivel contraste augmentava rapidamente, com um ruido surdo e prolongado. N'um instante a cellula tinha tomado a fórma de um losango. Mas a transformação não parou alli. Nem eu esperava, nem eu queria que parasse. Vinham-me tentações de cingir ao corpo aquellas paredes vermelhas como um vestuario de paz eterna. A morte, dizia eu commigo, a morte não importa qual, excepto a do poço!

Insensato! Como não via eu que o poço havia de ser por força; que o poço era o fim do ferro em braza, que

me cercava? Podia acaso resistir ao fogo? Teimar com a sua pressão?

E o losango achatava-se! achatava-se com uma rapidez que me dava tempo de reflectir. O seu centro coincidia justamente com o abysmo aberto. Tentei recuar; mas as paredes apertando-se, empurravam-me irresistivelmente. Emfim, chegou o momento em que o meu corpo queimado e contrahido, mal tinha logar no espaço da prisão... Desisti de lutar; e a agonia da minha alma exhalou-se n'um grito supremo de desespero! Senti-me cambaleiar para o abysmo. Fechei os olhos...

Subitamente, chegou-me aos ouvidos um ruido discordante de vozes humanas, uma explosão, uma tempestade de trombetas! Um rugido formidavel como o de um mi-lhar de trovões! As paredes de fogo recuaram precipitadamente. Um braço salvador agarrou o meu, no momento em que ia tombar no abysmo. Era o braço do general Lassalle. O exercito francez tinha entrado em Toledo. A Inquisição estava vencida...

HOP-FROG

Jamais conheci quem fosse mais alegre nem mais reinadio do que aquelle excellente rei. Para elle a vida era uma facecia. O melhor meio de obter o seu favor era contar-lhe, com graça, uma historia burlesca. Por isso, os sete ministros da corõa distinguiam-se principalmente pelos seus talentos farcistas.

Todos elles eram talhados pelo padrão real : gordura, vasta corpulencia, aptidão inimitavel para a chalaça ; porque, quer a chalaça faça engordar, quer a gordura predisponha á chalaça, o facto é que um farcista magro é *rara avis in terris*.

Quanto ás subtilidades e delicadezas de espirito, o rei dava-lhes pouco apreço ; adorava a facecia, e queria-a com todas as suas dimensões. Para elle o Gargantua de Rabelais valia muito mais que o Zadig de Voltaire. Emfim, o que lhe agradava sobretudo, mais ainda que as palavras chistosas, era a jocosidade em acção.

Na epocha em que se passa esta historia, os farcistas de profissão não tinham completamente passado de moda. Havia ainda no continente alguns monarchas poderosos, que conservavam os seus bobos. Esses desgraçados eram uma especie de jograes, ridiculos extravagamentemente

vestidos, que deviam pagar com bons ditos as migalhas da mesa real.

O nosso rei tinha pois o seu bobo. A loucura da bobice era-lhe absolutamente necessaria, ao menos para contrabalançar a sensatez dos sete homens sensatos que lhe serviam de ministros, e a sua propria.

Comtudo, o bobo de que se trata, não era simplesmente bobo. Era tambem anão e côxo, o que lhe triplicava o valor aos olhos do rei. N'esse tempo, os anões eram quasi tão preciosos na côrte como os bobos. A maior parte dos monarchas teriam achado o tempo bem difficil de passar (o tempo na côrte é muito mais comprido que cá fóra) sem um bobo para os fazer rir e sem um anão para se rirem d'elle. Mas, como já dissemos, todós os farcistas, em noventa e nove casos por cento, são gordos, redondos e massiços; de sorte que o nosso rei tinha grande orgulho de possuir Hop-Frog, tres thesouros n'uma só pessoa.

O nome de Hop-Frog (1) não era o que lhe tinham posto seus padrinhos, mas sim o que lhe fôra conferido na côrte, com o assentimento unanime dos sete ministros, por causa do seu modo de andar, differente do de todos os outros homens. Effectivamente, o andar de Hop-Frog era um movimento grotesco, entre o salto e o torcicolo; movimento que era para o rei uma distracção perpetua e um recreio.

Comtudo, em compensação d'aquella informidade de pernas, dotára-o a natureza com uma força de braços prodigiosa, o que o tornava apto para executar actos de uma destreza admiravel, quando se tratava de trepar a uma arvore, a uma corda, ou fosse onde fosse. N'esses exercicios, Hop-Frog era mais um esquilo ou um macaco que uma rã.

(1) Hop — Saltitar; Frog — Rã.

Não posso dizer-vos precisamente a nacionalidade de Hop-Frog; mas por certo que viera de alguma nação barbara, desconhecida, muito afastada da côrte do nosso rei. Hop-Frog e uma rapariga quasi tão anã como elle (mas admiravelmente bem proporcionada e excellente bailarina) tinham sido arrancado dos seus lares respectivos e mandados de presente ao rei, por um dos seus generaes victoriosos.

Esta circumstancia explicava a estreita amizade que dentro em pouco se estabelecera entre os dois captivos. Hop-Frog, que apesar das suas facecias era malquisto na côrte, não podia prestar grandes serviços a Trippeta; mas esta, universalmente admirada e estimada pela sua graça e delicada formosura (de anã), dispunha de grande influencia e empregava-a, todas as vezes que se offerencia occasião d'isso, em beneficio do seu querido Hop-Frog.

Ora, uma vez, não sei em que occasião muito solemne, o rei resolveu dar um baile de mascarar. Quando havia na côrte alguma mascarada ou qualquer divertimento n'esse genero, os talentos de Hop-Frog e de Trippeta eram sempre requisitados. Hop-Frog, principalmente, cuja imaginação inventiva creava typos engraçadissimos e ornamentações maravilhosas, era indispensavel nos bailes de mascarar.

Chegára a noite da festa. A sala do baile, artisticamente adornada sob a habil direcção de Trippeta, não deixava nada a desejar. Todos tinham já escolhido e determinado (alguns com semanas e mezes de antecedencia) o *costume* e o papel que deviam representar n'aquella noite. Só o rei e os seus sete ministros hesitavam ainda. Porque? não sei; talvez por chalaça; ou mais provavelmente porque, pesados como eram, não tinham podido apanhar nenhma idéa. Fosse qualquer a razão, o certo é que a hora estava chegada, e nem e

rei nem os ministros sabiam ainda como se haviam de apresentar. Emfim, como ultimo recurso, mandaram chamar Hop-Frog e Tripp eta.

Quando os dois pequenos amigos appareceram deante do rei, acharam-no á mesa, bebendo régicamente, em companhia dos sete ministros do seu conselho privado; mas, apesar d'isso, de muito mau humor.

Cabe agora dizer que Hop-Frog tinha grande horror ao vinho, porque o vinho o excitava até á loucura; e a loucura não é cousa muito agradável. O monarcha, que o sabia, e que (segundo a expressãõ real) gostava de se divertir, achava muita graça em obrigar o bobo a beber.

— Vem cá, Hop-Frog, disse elle, apenas o bobo e a sua amiga entraram no aposento, bebe este copazio á saude dos teus amigos ausentes (então Hop-Frog suspirou) e mostra-nos a tua imaginativa. E' preciso que nos arranjes typos, caracteres, meu amigo; mas estamos fartos de banalidades. Queremos uma idéa nova, extraordinaria, phantastica! Vamos, bebe! O vinho dar-te-ha espirito.

Hop-Frog procurou, como de costume, um bom dito para responder ás palavras do rei, mas isso era superior ás suas forças! Aquelle dia era justamente o do anniversario do seu nascimento; por isso, quando o rei lhe mandou beber á saude dos amigos ausentes, os olhos do pobre bobo encheram-se de lagrimas amargas, que caliram em fio dentro do copo, emquanto humildemente o recebia das mãos do tyranno.

— Ah! ah! ah! rugiu este ultimo, ao vêr a repugnancia com que o anão virava o copo. Olha o que pôde um bom copo de vinho! Como os teus olhos já brillham!

Pobre rapaz! Os olhos brilhavam-lhe com effeito, por-

que o vinho tinha sobre o seu cerebro uma acção poderosa e instantanea. Apenas despejou a taça, começou a cambalear, tremendo convulsivamente, como n'um ataque de nervos, e percorrendo o aposento com um olhar tresloucado. Escusado é dizer que toda a assembléa ria a bom rir da farça real.

— E agora toca a pensar! disse o primeiro ministro, um homem excessivamente gordo.

— Sim, insistiu o rei, vamos! Hop-Frog, ajuda-nos com os teus conselhos. Typos, meu rapaz! caracteres! Todos nós temos precisão de caracter... ah! ah! ah!

E como aquelle dito aspirava evidentemente a ter graça, os sete ministros desataram a rir. Hop-Frog riu tambem, mas com um riso amarello e distrahido.

— Vamos! tornou o rei impaciente, então não inventas nada?

— Estou a vêr se invento alguma cousa nova, respondeu o anão, com um ar desvairado, porque o vinho lhe fazia andar a cabeça á roda.

— Estás a vêr, gritou o tyranno com um impeto feroz. Que significa essa palavra? Ah! Já entendo. Queres mais vinho. Toma, toma mais uma porção! E tornou a encher o copo e a apresental-o ao côxo, sem piedade pelas suas contracções de horror.

— Bebe, mando eu! ou por todos os diabos...

O anão hesitava, o rei estava rubro de colera, os cortezãos riam cruelmente.

Então Trippeta, pallida como a morte, avançou até á cadeira do monarcha e, ajoelhando-se deante d'elle, supplicou-lhe que poupasse Hop-Frog.

Pasmado de semelhante audacia, o rei olhou para ella durante alguns instantes, não sabendo o que havia de fazer ou dizer, para exprimir toda a sua indignação. Por fim, sem pronunciar uma syllaba, repelliu-a violenta-

mente e atirou-lhe á cara o conteúdo do copo, cheio a trasbordar.

A pobre rapariga, sem se atrever a dar um suspiro, levantou-se conforme poud e voltou para o seu lugar junto da mesa.

Durante alguns minutos, reinou no aposento um silencio de morte. Depois, ouviu-se um rugido surdo, rouco e prolongado, que pareceu partir, ao mesmo tempo, de todos os cantos da casa,

O rei voltou-se immediatamente para o anão e perguntou-lhe, furioso, o que queria dizer aquelle barulho.

Este parecia já desembriagado. Olhando fixamente para o tyranno, respondeu tranquillamente.

— Eu? eu? Como poderia ser eu?

— Parece-me que o barulho veiu lá de fóra, observou um dos cortezaós, provavelmente é o papagaio a aguçar o bico nas grades da gaiola.

— E' verdade, replicou o monarcha, parecendo adoptar a idéa com prazer; mas, palavra de honra, teria jurado que era este miseravel a ranger os dentes!

A'quellas palavras, o anão desatou a rir, (o rei era muito farcista para se formalisar com uma gargalhada) mostrando duas fileiras de dentes possantes e formidaveis. Depois, declarou que estava prompto a beber quanto vinho lhe quizessem dar.

O monarcha acalmou-se immediatamente, e Hop-Frog, tendo bebido outro copazio, (que d'essa vez não lhe produziu effeito) entrou sem mais demora no assumpto da mascarada.

— Não posso explicar, observou calmamente, como se nunca na sua vida tivesse bebido uma gotta de vinho, não posso explicar como me veiu esta associação de idéas; mas apenas Vossa Magestade empurrou a pequena, atirando-lhe com o vinho á cara, e emquanto o papagaio

fazia lá da janella aquelle barulho exquisito, veiu-me ao espirito a lembrança de um divertimento maravilhoso. E' um jogo da minha terra. Nós, usamol-o muito nas mascaradas; mas aqui terá perfeita novidade. Desgraçadamente, são precisas oito pessoas...

— Somos precisamente oito, observou o rei, maravilhado com a descoberta subtil que acabava de fazer; oito ao certo! eu e os meus sete ministros. Dize-nos o divertimento.

— Na minha terra, volveu o côxo, chamamos-lhe a *cadeia dos oito orangotangos*; e realmente, bem executado é um jogo lindo!

— Havemos de o executar na perfeição! exclamou o rei encantado.

— A belleza principal do jogo, continuou Hop Frog, consiste no medo que faz ás senhoras.

— Excellente! rugiram em côro monarcha e ministerio.

— Eu é que os hei de vestir de orangotangos, continuou o anão, fiae-vos em mim. A semelhança ha de ser tão completa que todos os convidados vos tomarão por verdadeiros brutos! Imaginae o bello effeito que isso ha de fazer!

— Oh! esplendido! exclamou o rei. Hop-Frog! havemos de fazer de ti um homem.

— O barulho das correntes augmentará o susto; cuidarão que fugistes aos guardas. Vossa Magestade não póde fazer idéa do espanto que produz, n'um baile, a apparição de oito orangotangos encadeiados, que a maior parte dos assistentes tomam por bichos verdadeiros, precipitando-se com gritos selvagens no meio de uma chusma de homens e de senhoras elegantemente vestidas. Não ha um contraste semelhante!

— Está decidido, declarou o rei, levantando-se á pressa

com todo o seu conselho, para pôr em execução o projecto de Hop-Frog, porque o tempourgia.

O bobo transformou-os em orangotangos de um modo muito summario, mas não foi preciso mais. Aquella especie de animaes era então pouco conhecida nos paizes civilizados; e como as imitações feitas pelo anão eram sufficientemente bestiaes, e mais que sufficientemente medonhas, ninguem duvidou da semelhança.

O rei e os seus ministros foram mettidos em camisas e calções de malha, bem justos, e depois untados com breu. À esta operação, um dos ministros suggeriu a idéa das pennas; mas Hop-Frog rejeitou-a, assegurando aos oito personagens que a estopa fingia muito melhor o pello do orangotango; e dizendo isto, applicou-lhes logo uma camada de estopa por cima do breu. Então foi buscar uma corrente comprida e passou-a em redor do corpo de cada um, tendo o cuidado de os amarrar solidamente. Enca-deiados d'aquelle modo os orangotangos, afastando-se uns dos outros, formavam um circulo. Para completar a verosimilhança Hop-Frog fez passar o resto da corrente, através do circulo, em dois diametros perpendiculares, segundo o methodo adoptado hoje em Bornéo pelos caçadores de chimpanzés.

A sala de baile era vasta, circular, com um pé direito enorme, recebendo a luz por uma unica janella, collocada no tecto. De noite, alumiaava-a um lustre magnifico, suspenso por uma corrente, que se elevava e abaixava por meio de um contrapeso ordinario, o qual, para não prejudicar a elegancia da ornamentação, passava por fóra da cupula.

O preparo d'aquelle sala havia sido confiado a Trippeta; mas Hop-Frog tinha ajudado a sua amiga na disposição de certos pormenores. O lustre, por exemplo, tinha sido tirado por seu conselho, com medo que o derramamento

da cêra, produzido pelo calor da atmosphera, não estragasse as ricas *toilettes* dos convidados, muito numerosos e muito apertados para poderem evitar o centro da sala, Para o substituir tinham-se espalhado com profusão, em toda a sala, numerosos candelabros, e além d'isso cinco ou seis fachos rescendentes, collocados na mão direita de cada uma das cariatides que adornavam as paredes.

Conforme o conselho de Hop-Frog, os oito orangotangos não fizeram a sua entrada senão á meia-noite, quando a sala regorgitava de gente. Mas apenas o relógio deu a ultima badalada, precipitaram-se como uma tromba no meio da multidão, uns tropeçando, outros cahindo embaraçados na corrente.

O rei ficou encantado com o effeito prodigioso da entrada. A maior parte dos convidados imaginaram que aquelles seres de aspecto feroz eram effectivamente bichos verdadeiros, de qualquer especie, se não precisamente orangotangos. Muitas senhoras desmaiaram, e, se o rei não tivesse tomado a precaução de prohibir toda a qualidade de armas, tanto elle como o seu bando teriam pago caro a brincadeira. N'um momento, toda a chusma dos mascarados se precipitou para as portas, mas estas haviam sido fechadas por ordem do rei, logo após a sua entrada, e as chaves entregues ao anão.

Quando o tumulto chegou ao cumulo, e cada um pensava na sua salvação, (porque n'aquelle panico e n'aquella balburdia havia um perigo verdadeiro) viu-se descer da abobada a corrente que servia para suspender o lustre e que tinha sido igualmente tirada, até que o gancho da sua extremidade tivesse chegado a tres pés do chão.

Passados poucos instantes, o rei e os seus sete amigos, depois de terem percorrido a sala em diversos sentidos acharam-se por acaso no centro, mesmo ao pé da corrente.

N'esse momento Hop-Frog, que não os largára um

momento, deitou a mão ao gancho do lustre e prendeu-o á cadeia dos orangotangos, no ponto de intercepção das duas partes diametraes. Ao mesmo tempo, como que movida por uma mão invisivel, a corrente subiu assás alto para pôr o gancho ao abrigo de qualquer tentativa, levando os orangotangos de cambulhada.

Mais tranquillos já, os mascarados, que começavam a acreditar que tudo aquillo não era senão uma brincadeira habilmente dirigida, deram uma gargalhada enorme á vista da posição dos orangotangos.

— Tomem-me conta d'elles, gritou o anão, cuja voz penetrante dominava o tumulto, tomem-me conta d'elles. Parece-me que os conheço. Já vos digo quem são.

Então, manobrando por cima de toda aquella gente, chegou á parede, arrancou o archote a uma das cariatides, voltou ao centro da sala pelo mesmo processo, e, trepando á cabeça do rei, com uma agilidade de macaco, subiu ainda mais alguns anneis da cadeia e abaixou o archote sobre o grupo dos orangotangos, gritando sempre :

— Já vou descobrir quem são!

E enquanto toda a assembléa, inclusivamente os macacos, se perdia de riso, a um grito do bobo, a corrente subiu, balouçando os orangotangos apavorados, a uma altura de trinta pés entre o tecto e o solo.

Hop-Frog, que tinha seguido o movimento ascensional, conservava-se na mesma posição relativamente aos oito mascarados, abaixando sobre o archote sobre elles como se precurasse reconhecê-los.

Todos os circumstantes contemplavam em silencio aquella ascenção extraordinaria. De repente, ouviu-se um ruido surdo, uma especie de rangido, semelhante áquelle que tinha attrahido a attenção do rei, quando atirára com o vinho á cara de Trippeta. Mas agora era indubitavelmente o anão que produzia esse ruido, com os dentes

cerrados, como se quizesse moer a espuma que lhe sahia da bocca, e os olhos chammejantes dardejando odio contra o rei e os sete ministros, pasmados para elle.

— Ah! ah! ah! disse emfim o anão furibundo, ah! ah! ah! já começo a **vêr** quem é esta gente!

A pretexto de o examinar de mais perto, Hop-Frog aproximou o archote ao rei, que se converteu immediatamente n'uma fogueira brilhante. Em poucos segundos todos os orãgotangos ardiã em labaredas, no meio dos gritos da chusma aterrada, que não podia prestar-lhes o menor soccorro.

Por fim, as chammas obrigaram o anão a subir.

Agora, disse elle, aproveitando o silencio da multidão petrificada, vejo distinctamente quem são estes mascarar. E' um grande rei com os sete conselheiros privados; um rei, que não teve escrupulo de bater n'uma pobre rapariga indefesa, e os sete conselheiros que lhe approvaram a atrocidade. Quanto a mim, sou apenas Hop-Frog, o bobo. Isto foi a minha ultima loucura.

Graças á extrema combustibilidade da estopa e do breu, quando o anão acabou de falar, a sua vingança estava consummada. Os oito cadaveres (massa informe, fetida e horrorosa) balançavam-se no ar ainda presos á cadeia. O côxo atirou-lhes com a tocha para cima, trepou com todo o seu vagar até ao tecto e desapareceu pela janella.

Suppõe-se que Trippeta servira de cúmplice ao seu amigo fazendo sentinella no tecto da casa durante aquella vingança incendiaria e que depois ambos voltaram para sua terra, porque mais ninguem os tornou a **vêr**.



O DEMONIO DA PERVERSIDADE

No exame das faculdades e das tendencias dos moveis primordiaes da alma humana os phrenologos esqueceram-se de mencionar uma tendencia que, apesar de existir evidentemente como sentimento primitivo, radical e irreductivel, foi egualmente omittida pelos moralistas quo os precederam. E todos nós a omittimos; todos deixámos que a sua existencia nos passasse em claro.

A idéa d'essa tendencia não nos occorreu nunca, simplesmente por não termos precisão d'ella. Nunca sentimos necessidade de a averiguar: nunca concebemos tal necessidade. E dado o caso que a noção d'esse *primum mobile* se introduzisse á força em nosso espirito, não teriamos nunca podido entender qual o papel que representa na economia das cousas humanas, temporaes ou eternas.

Não se pôde negar que a phrenologia e uma boa parte das sciencias metaphysicas fôram feitas *a priori*. O homem da metaphysica, ainda mais que o homem da intelligencia e da observação, pretende adivinhar os designios de Deus, conceber-lhe os planos. E depois de ter penetrado, a seu bello prazer, as intenções de Jehovah,

edifica segundo essas mesmas intenções os seus innumeráveis e caprichosos systemas.

Em materia de phrenologia, por exemplo, estabelecemos em primeiro logar, muito naturalmente aliás, que entrava nos designios da Divindade que o homem comesse; determinámos-lhe logo um órgão de alimentividade (e esse órgão é o chicote de que Deus se serve para obrigar o homem a comer, quer queira quer não).

Em segundo logar, tendo decidido que era a vontade de Deus que o homem propagasse a sua especie, descobrimos-lhe immediatamente um órgão de amatividade. E assim os da combatividade, da idealidade, da casualidade, da constructividade; em summa, um órgão para cada tendencia, para cada sentimento moral, para cada faculdade da pura intelligencia. N'esta distribuição dos principios da acção humana, os Spurgheimistas, com razão ou sem ella, em parte ou totalidade, não fizeram mais do que seguir as pisadas dos seus predecessores, deduzindo e estabelecendo todas as cousas, segundo o que elles imaginam ser o destino do homem, tomando por base as intenções do Creador.

Teria sido mais cordato e mais seguro basear a nossa classificação (uma vez que queremos por força classificar) sobre os actos que o homem executa habitualmente e sobre aquelles que elle executa occasionalmente; mas occasionalmente e não na hypothese de que é a Divindade que o obriga a executal-os.

Se não podemos comprehender Deus nas suas obras visiveis, como poderíamos comprehendel-o nos seus pensamentos inconcebiveis?

Se não podemos concebê-lo nas suas creaturas objectivas, como poderíamos concebê-lo nos seus methodos incondicionaes e nas suas phases de creação?

A inducção *a posteriori* teria conduzido a phrenolo-

gia a admittir como principio primitivo e innato da acção humana, um não sei que de paradoxal, a que chamaremos *perversidade*, á falta de termo mais característico. No sentido que ligo a esta palavra, podemos definil-a como um movel sem motivo um motivo, não motivado. Sob a sua influencia procedemos sem fim intelligivel; ou, antes, sob a sua influencia procedemos porque não deveríamos proceder. Em theoria não póde haver *porque* mais absurdo; mas de facto não o ha mais forte. Para certos espiritos, em certas condições, chega a ser irresistivel.

Quanio a mim. não ha nada mais verdadeiro do que a seguinte proposição : a certeza do peccado ou do erro, incluída n'um acto qualquer, é muitas vezes a unica força invisivel que nos impelle a pratical-o. E esta tendencia deploravel para o mal, pelo amor do mal, não admite analyse nem resolução em elementos ulteriores. E' um movimento radical, primitivo, elementar.

Dir-me-ão que se perseveramos em certos actos por conhecer que não devemos pratical-os, a nossa conducta é apenas uma modificação d'aquella que deriva ordinariamente da combatividade phrenologica. Mas uma simples observação bastará para demonstrar a falsidade de semelhante idéa. A combatividade phrenologica tem por causa de existencia a necessidade da defesa pessoal; é a nossa salvaguarda contra a injustiça. O seu principio diz respeito ao nosso bem-estar; por consequente, qualquer principio, que não fosse senão uma modificação da combatividade, deveria igualmente excitar em nós o desejo do bem-estar. Mas no caso d'este *não sei que*, que eu classifiquei de perversidade, não sómente o desejo do bem-estar não é excitado, como tambem se manifesta um sentimento singularmente contradictorio.

Por fim, todo o homem que sondar o seu coração, achará a melhor resposta ao sophisma de que se trata. Quem consultar conscienciosamente a propria alma e a interrogar com lealdade, não ousará negar a radicalidade da tendencia em questão. Esta tendencia não é menos caracterisada que incomprehensivel.

Não ha homem algum, por exemplo, que, n'um momento dado, não se tenha visto possuido por um desejo ardente de torturar o seu ouvinte com periphrases. Sabe que desagrada ; no entanto, tem a melhor intenção de agradar. Está habituado a ser breve, conciso e claro ; agita-se, debate-se-lhe no espirito uma linguagem lacônica, luminosa, que só a custo pôde reprimir. Teme e conjura o máo humor d'aquelle a quem se dirige, comtudo vem-lhe o pensamento de que certos incisos e parenthesis podem irrital-o. Não é preciso mais nada. Aquelle pensamento converte-se em velleidade, a velleidade em desejo, o desejo em necessidade irresistivel ; e a necessidade satisfaz-se, não obstante todas as consequencias.

Temos deante de nós um trabalho que precisamos de executar rapidamente. Sabemos que retardal-o é a nossa ruina. A crise mais importante da nossa vida reclama com voz imperiosa a acção e a energia immediata. Estamos impacientes, em braza por nos pôr á obra. O antegozo do um resultado brilhante põe-nos já em alvo-roço. E' forçoso, é forçoso que este trabalho seja começado hoje mesmo ; comtudo adiamol-o para o dia seguinte. Porque? Não ha senão uma explicação : porque sentimos que este sentimento é perverso (servimo-nos da palavra sem comprehender o principio). Chega o dia seguinte, e com elle uma anciedade ainda mais impaciente de fazermos o nosso dever, mas com este augmento de anciedade chega tambem um desejo ardente,

anonymo, de differir ainda ; desejo positivamente terrivel, porque a sua natureza é impenetravel. E quanto mais o tempo foge, mais força vae ganhando esse desejo. Resta-nos apenas uma hora para a acção. Trememos pela violencia do conflicto que se trava em nós ; é a batalha entre o positivo e o indefinido, entre a substancia e a sombra. Mas quando a lucta chega a este ponto, debatemo-nos em vão ! é a sombra que vence. Por fim, a hora sôa ; é o signal da nossa redempção ; a sombra desaparece ; voltamos á antiga energia. Trabalharemos agora. Ai ! é já muito tarde !

Estamos á borda de um precipicio : olhando para o abysmo accommettem-nos duas sensações, o medo e a vertigem. O primeiro movimento é recuar para longe do perigo ; inexplicavelmente ficamos. Pouco a pouco, o medo, a vertigem, o horror confundem-se n'um sentimento nebuloso, indefinivel ; gradualmente, insensivelmente, essa nuvem toma uma fórma, como o vapor do frasco d'onde se erguia o espirito das *Mil e uma Noites*. Mas da nossa nuvem, á borda do precipicio, ergue-se cada vez mais palpavel uma fórma mil vezes mais terrivel que nenhum genio ou demonio fabuloso. Comtudo, não é senão um pensamento ; mas um pensamento medonho, um pensamento que nos gela até á médula dos ossos, penetrando-nos com a voluptuosidade feroz do seu horror. E' apenas esta idéa : que sensações produziria em nós a queda de semelhante altura ? E essa idéa, esse anniquilamento fulminante, por isso que envolve em si as mais horrendas e odiosas imaginens da dôr que se hajam jámais apresentado á nossa imaginação, desejamol-a ardentemente. E como o bom senso nos impelle a fugir do abysmo, por isso mesmo abordamol-o com impetuosidade.

Não ha na natureza paixão tão diabolicamente vio-

lenta como a de um homem que, tremendo sobre as arestas d'um precipicio, sente passar-lhe pelo espirito a idéa de se lançar n'elle. Deter o pensamento n'essa idéa, um instante que seja, é estar inevitavelmente perdido; porque então o raciocinio ordena-lhe que fuja, e é exactamente por isso que não pôde deixar de ficar. Se não está alli um braço amigo para o segurar, ou se não é capaz d'um esforço repentino para se arrojara para longe do abysmo, atira-se... Está perdido.

Examinando estas e outras acções analogas, que perpetrámos simplesmente porque não as deveríamos perpetrar, não podemos deixar de reconhecer que resultam do espirito de *perversidade*. Mais por aqui, mais por alli, todos os princípios são inintelligiveis; e se não estivesse provado que o da perversidade tambem serve muitas vezes para o cumprimento do bem, poderíamos consideral-o como uma instigação directa do Archidemonio.

Se me demorei tanto sobre este assumpto, foi para responder de algum modo á pergunta do leitor; para explicar a razão por que estou aqui; para poder apresentar um simulacro de causa, que motive estes ferros que arrasto e esta prisão onde estou encerrado. Se não me houvesse explicado tão claramente, ou o leitor não poderia entender-me ou, como a maior parte da gente, julgar-me-ia louco. Assim, comprehenderá immediatamente que sou uma das innumeraveis victimas do Demonio da Perversidade.

Nunca houve no mundo acção mais profundamente reflectida. Meditei sobre os meios de commetter aquelle assassinio durante semanas, mezes, regeitando mil planos, porque em todos descobria uma possibilidade de revelação. Por fim, uma vez, percorrendo umas memorias francezas, achei a historia da doença quasi mortal

que atacou Madame Pilan, em consequencia d'uma lamparina envenenada accidentalmente. Aquella idéa illuminou-me subitamente a imaginação. Sabia que a minha victima costumava lêr na cama. Sabia tambem que ficava n'um quarto pequeno e mal ventilado. Mas não preciso fatigar o leitor com minudencias inuteis. Não contarei as manhas que empreguei, para encaixar no castiçal do seu quarto uma vela da minha composição. Um dia pela manhã, o homem appareceu morto. O *veredictum* do coroner foi: *Morto pela visitaçào de Deus.* (1)

Herdei-lhe a fortuna; e durante muitos annos tudo correu o melhor possível. Nunca me passou pelo cerebro a idéa d'uma revelação. Eu mesmo havia destruido os restos da vela fatal, sem deixar nem a sombra d'um fio que pudesse vir a organizar uma suspeita de crime. Seria impossivel conceber o magnifico sentimento de satisfação que me inundava a alma á certeza da absoluta segurança. Contrahi por assim dizer um habito de me deleitar n'aquelle sentimento, o qual me dava mais prazer real que todos os beneficios puramente materiaes que me tinham resultado do crime. Mas por fim chegou uma epocha em que esse sentimento de prazer se transformou, por gradações quasi imperceptiveis, n'um pensamento tenaz e importuno. Não havia meio de me livrar d'elle um instante. E' uma cousa perfeitamente ordinaria termos os ouvidos, ou, antes, a memoria dominada pelo estribilho d'uma cantiga vulgar, ou por alguns boccados insignificantes de opera, e não podermos afastal-os do espirito, por mais que queiramos. Assim foi para mim aquelle pensamento; de meditar incessantemente na minha segurança, passei a não pensar n'outra

(1) Fórmula ingleza — morte repentina.

cousa, chegando até, muitas vezes, a murmurar em voz baixa : *Estou salvo !*

Um dia, surprehendi-me a pronunciar, quasi em voz alta no meio da rua, essas syllabas habituaes. N'um accesso de petulancia exprimia-as sob uma fórma nova : *estou salvo , estou salvo ! sim, contanto que eu não faça a toleima de o ir confessar eu mesmo.*

Apenas tinha acabado aquellas palavras, percorreu-me o corpo um frio glacial. Conhecia por experiencia propria esses accessos de perversidade (cuja natureza singular expliquei ao leitor) e sabia que não era capaz de lhes resistir. Por isso essa suggestão fortuita : que eu podia fazer a toleima de confessar o crime, intimidou-me e aterrou-me como o propria sombra do assassinado.

Primeiro, fiz um esforço para sacudir da alma aquelle pesadello. Comecei a andar apressadamente ; mais depressa ; por fim deitei a correr. Senti um desejo fortissimo de gritar as phrases fataes com toda a força dos pulmões. Cada pensamento successivo me acabrunhava de novo terror, porque, ai ! demasiado o sabia eu : na minha situação pensar era perder-me.

Accelerei a carreira quanto pude, saltando como um louco através das ruas cheias de gente. Dentro em pouco, a população alvoroçada desatou a correr atraz de mim. Senti então a consummação do meu destino ; se tivesse podido arrancar a lingua n'aquella occasião, tel-o-ia feito. De repente retumbou aos meus ouvidos uma voz rude e uma mão ainda mais rude agarrou-me pelo braço. Voltei-me e abri a bocca para respirar. Durante um momento soffri todas as agonias da suffocação ; tornei-me cego, surdo, tonto. Então creio que houve algum demonio invisivel, que me bateu nas costas, porque o segredo, tanto tempo comprimido, sahiu-me pela bocca.

Dizem que não me exprimi com muita clareza ; mas, em compensação, falei com uma energia prodigiosa e uma precipitação ardente, como se temesse ser interrompido antes de acabar as phrases breves, porém grandes em importancia, que me entregavam ao carrasco e ao inferno.

Depois de ter relatado tudo quanto era preciso para a plena convicção da justiça, cahi desmaiado.

Que me resta a dizer ? Hoje estou aqui, carregado de ferros ! Amanhã estarei livre, mas onde ?

O GATO PRETO

Com respeito á historia singularissima que vou escrever, não espero nem solicito a crença do leitor.

Realmente, seria loucura esperal-a n'um caso em que, eu mesmo, não posso acreditar o que vi. Comtudo, não estou doido ; e por certo que não sonho.

Vou morrer amanhã ; por isso quero hoje descarregar a consciencia. O meu designio immediato é patentear ao mundo, clara, succintamente e sem commentarios, uma série de simples acontecimentos domesticos ; acontecimentos terriveis, cujas consequencias funestas me conduziram ao anniquilamento. Não tentarei, porém, explical-os : para mim não encerram senão horror ! Muitas pessoas achal-os-ão mais extravagantes que terriveis. Um dia, apparecerá talvez, alguma intelligencia que reduza o meu phantasma á classe dos objectos communs : uma intelligencia mais tranquilla, mais logica e muito menos excitavel que a minha, a qual não verá nas circumstancias, que narro com pavor, senão uma successão ordinaria de causas e de effeitos muito naturaes.

Na minha infancia e mesmo depois, fui conhecido por uma humanidade de character e por uma sensibilidade tão excessiva que chegava a fazer de mim o juguete dos outros rapazes. Pelos animaes, sobretudo, tinha uma

ternura particular. Meus paes, tendo-me dado licença de possuir uma grande variedade d'elles, passava a maior e a melhor parte da minha vida a tratá-los e a afagá-los. A'quelles que possuiram ou possuem um cão fiel e sagaz e que devéras o amaram ou amam, não preciso explicar a natureza e a intensidade dos gosos que se podem tirar de uma affeição d'estas. No amor desinteressado de um animal; no sacrificio completo que nos faz da sua individualidade, ha o que quer que seja de sublime, sobretudo para quem já teve occasião de experimentar quão mesquinha e fragil é a amizade do homem natural!

Casei-me cedo, e como tive a felicidade de encontrar em minha mulher disposições sympathicas ás minhas, a nossa collecção foi augmentada com um grande numero de favoritos domesticos. Tivemos passaros, um peixe dourado, coelhos, um cão lindissimo, um macaquinho e um *gato*.

Este ultimo era um animal notavelmente bello e forte e de uma sagacidade tão maravilhosa que minha mulher, (que não era de todo destituida de superstição) falando da sua intelligencia, alludia muitas vezes á antiga crença popular, que considerava os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas.

Plutão (assim se chamava o gato) era o meu valido e o meu camarada. Não comia senão pela minha mão: andava sempre atraz de mim por toda a parte, e, mesmo na rua, não era sem custo que o impedia de me seguir.

A nossa amizade durou assim muitos annos; mas por fim, o meu character, (pela maldicta influencia da intemperança, envergonho-me de o confessar) soffreu uma alteração radicalmente má. Tornei-me tristonho, irritavel e de dia para dia mais indifferente aos sentimentos dos outros. Comecei a tratar brutalmente minha mulher,

chegando até, algumas vezes, a infligir-lhe violencias corporaes. Os meus pobres favoritos, como era natural, tiveram tambem de estranhar aquella mudança de caracter. Umaz vezes esquecia-me d'elles, outras vezes maltratava-os. Quanto a Plutão, esse inspirava-me ainda certa consideração, que me cohibia de o tratar mal, emquanto que aos coelhos, ao macaco e ao cão, não tinha escrupulos algum de os maltratar, quando por acaso ou por amizade se apresentavam deante de mim. Mas o terrível mal atacava-me cada vez mais (qual é a paixão que possa comparar-se á do alcool!) e por fim o proprio Plutão (a quem a velhice ia tornando um pouco maçador) o proprio Plutão começou a experimentar os efeitos da minha metamorphose.

Uma noite, como eu voltasse muito bebado de uma d'essas tabernas que habitualmente frequentava, imaginei que o gato fugia de mim. Corri atraz d'elle e agarrei-o; mas o pobre animal, espantado com a minha brutalidade, mordeu-me levemente na mão. Levado ao auge do furor, não me conheci mais. A minha alma original pareceu fugir, de repente, para dar entrada a uma perversidade hyperdiabolica, saturada de *gin*, que me penetrou até á medula dos ossos. Tirei um canivete da algibeira, abri-o, e agarrando o desgraçado gato pelo cachaço, tirei-lhe deliberadamente um olho!

Hoje córo; tremo de vergonha e de horror, ao escrever esta atrocidade abominavel.

Na manhã do dia seguinte, dissipados os fumos da orgia nocturna, senti uma sensação, ao mesmo tempo de horror e de remorso, pelo crime que havia praticado; mas foi apenas uma sensação fraca e equivocada, que nem mesmo chegou a attingir a alma. Novamente mergulhado nos excessos, não tardou muito que tivesse afogado no vinho até a lembrança da minha má acção.

Entretanto o gato foi-se curando a pouco e pouco; a orbita do olho vasado apresentava sempre um aspecto repugnante, mas parecia não lhe fazer soffrer. Como era natural, Plutão fugia agora de mim com extremo terror. Ao principio, aquella antipathia evidente da parte de uma creatura que me amava com tanta dedicação, affligiu-me um pouco, porque na minha alma havia ainda um resto da antiga doçura. Mas a irritação succedeu depressa áquelle sentimento. E então, appareceu, para minha ruina final e irrevogavel, o espirito da *Perversidade*.

A philosophia não se preoccupa com esta tendencia; comtudo (tão certo como a minha alma existir) creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano, uma das primeiras faculdades ou sentimentos indivisiveis, que dirigem o character do homem. Não ha ninguem que não se tenha surpreendido cem vezes a commetter uma acção tola ou vil unicamente por saber que não a devia commetter. Todos nos temos, não obstante a excellencia do nosso raciocinio, uma inclinação perpetua para violar a lei, unica e simplesmente por ser a lei. Este espirito de perversidade, digo, veiu causar a minha queda final. Foi este desejo intenso, insondavel, que a alma sente ás vezes de se torturar a si propria; de violentar a sua natureza; de fazer o mal, só pelo amor do mal, que me levou a contiuar e por fim a consummar o supplicio do pobre gato inoffensivo.

Uma manhã, a sangue frio, atei-lhe uma corda ao pescoço com um nó corredio, e enforquei-o no ramo de uma arvore.

Enforquei-o com os olhos arrasados de lagrimas e o remorso mais pungente no coração. Enforquei-o por saber que me tinha amado e por conhecer que não me dera a menor razão de queixa. Enforquei-o por sentir que,

procedendo assim, praticava um peccado; um peccado mortal, que compromettia a minha alma immortal, a ponto de a lançar (se tal fosse possível) para além da misericórdia do Deus Todo Misericordioso.

Na noite seguinte ao dia em que commetti aquella acção cruel, accordei em sobresalto ao grito de: fogo!

As cortinas do meu leite ardiam já e toda a casa estava em chammas. A destruição foi completa. Apenas escapavamos ao incendio eu, minha mulher e um creado. Toda a nossa fortuna ficou submergida.

O meu desespero foi completo.

Não procuro estabelecer ligação de causa e de effeito entre a atrocidade e o desastre; sou superior a semelhante fraqueza. Mas faço uma narração de factos, não devo omitir nenhum.

No dia seguinte ao incendio, visitei as ruinas. As paredes tinham cahido todas, excepto uma, que era justamente um tabique interior, pouco espesso, situado quasi no meio da casa e contra o qual se encostava a cabeceira da minha cama. Alli a alvenaria tinha resistido em grande parte á acção do fogo; facto que attribui a ter sido recentemente concertada. Comtudo havia-se juntado á roda d'aquella parede uma chusma de gente. Muitas pessoas pareciam examinar, com minuciosa e viva attenção, uma pequena parte d'ella. As palavras: Estranho! Singular! e outras exclamações identicas, excitaram a minha curiosidade. Aproximei-me e vi, semelhante a um baixo relevo esculpido na parede branca, a figura de um gato gigantesco, com uma corda enrolada ao pescoço. A imagem estava representada com uma exactidão verdadeiramente maravilhosa.

Primeiro, ao vêr aquella apparição, (porque não podia classificar aquillo d'outra fórma) o meu espanto e terror fôram extremos. Mas emfim a reflexão acudiu-me. Lem

brava-me de ter enforcado o gato n'um jardim adjacente á casa. Aos gritos de alarme aquelle jardim havia sido immediatamente invalido pela vizinhança. Provavelmente, alguém tinha despendurado o gato e atirado com elle pela janella aberta, para dentro do meu quarto, sem duvida com o fim de me accordar. A queda das outras paredes tinha comprimido a victima da minha crueldade na substancia do estuque fresco. A cal combinada com as chammas e o ammoniaco tinham assim produzido a imagem, tal como eu a via.

Bem que a razão, se não a consciencia, ficasse satisfeita com aquella explicação, o facto surprehendente que acabo de narrar, não deixou de produzir em mim uma impressão profunda. O phantasma do gato perseguiu-me muitos mezes; e durante esse periodo, voltou-me á alma um meio sentimento, que parecia ser, mas que não era remorso. Cheguei a deplorar a perda do animal e a procurar pelas espeluncas, por onde agora andava, um outro favorito da mesma especie e de uma figura parecida, para o substituir.

Uma noite em que eu estava assentado, meio hebedo, n'uma tasca mais que infame, a minha attenção foi subitamente attrahida para um objecto negro, collocado sobre um dos immensos toneis de *gin* ou de *rum* que constituiam a mobilia principal da sala. O que me surprehendeu foi que, estando eu a olhar para o topo do tonel, haveria ja uns seis ou sete minutos, só agora houvesse descoberto o que lá estava em cima. Approximei-me e toquei-lhe com a mão. Era um gato preto, enorme, pelo menos do tamanho de Plutão; exactamente semelhante a elle, excepto n'um ponto. Plutão não tinha um pello branco em todo o corpo e aquelle tinha uma grande malha branca, mas de uma fórmula indecisa, que lhe cobria toda a região do peito.

Apenas lhe toquei, levantou-se, rosnou prolongadamente, esfregando-se pela minha mão, e pareceu encando com a importância que eu lhe dava. Disse logo ao taberneiro que lh'o comprava; mas o homem respondeu-me que o gato não era d'elle, que não o conhecia, que era a primeira vez que alli vinha.

Continuei a fazer-lhe festas, e quando voltei para casa, o animal acompanhou-me; de vez em quando, pelo caminho, abaixava-me para o acariciar. Apenas chegámos, procedeu como se estivesse em sua casa, e tornou-se desde logo o grande amigo de minha mulher.

Pela minha parte, ao contrario do que eu mesmo esperava, comecei immediatamente a antipathisar com elle; não sei como, nem porque. Os seus carinhos aborreciam-me, quasi me desagradavam. Pouco a pouco, aquella sensação de aborrecimento converteu-se em aversão. Comtudo, a lembrança do meu primeiro acto de crueldade e tambem certa vergonha impediram-me de o maltratar. Durante alguns mezes abster-me de lhe bater ou de o repellir com brutalidade; mas gradualmente, insensivelmente, apoderou-se de mim tal horror pelo animal, que cheguei a não poder tolerar a sua presença. Odiei-o profundamente, e, não querendo agredil-o, fugia d'elle como da peste.

O que contribuiu, indubitavelmente, para a minha aversão pelo gato, foi a descoberta que fiz, na manhã seguinte á noite em que o trouxe para casa, de que, como Plutão, tambem elle havia sido privado de um olho. Essa circumstancia, todavia, ainda o fez querer mais de minha mulher que, como já disse, possuia a um grau elevadissimo a ternura de sentimentos que outro tempo fôra a minha feição característica e a fonte perenne dos meus simples e innocentes prazeres. Comtudo, a affeição do gato por mim parecia augmentar na razão

directa da minha aversão por elle. Seria difficil descrever a pertinacia com que me perseguia. Se me sentava, enroscava-se debaixo da minha cadeira ou saltava-me para cima dos joelhos, prodigalizando-me as suas detestaveis caricias; se me levantava, mettia-se-me pelo meio das pernas, a ponto de quasi me deitar no chão, ou trepava por mim acima, enterrando-me no fato as garras compridas e agudas. N'aquelles momentos o meu desejo era matal-o; e não era só a lembrança do primeiro crime que me impedia de o fazer, mas sim, deva confessal-o, o verdadeiro terror que o animal começava a inspirar-me.

Aquelle terror não era positivamente o receio de um mal physico; comtudo, não saberia definil-o d'outro modo. Quasi tenho vergonha de dizer que o tédio e o horror que me inspirava o animal, augmentára por causa da chimerá mais completa que se póde imaginar. Minha mulher tinha-me, mais de uma vez, chamado a attenção para a mancha branca, que constituia a unica differença apparente entre aquelle bicho extraordinario e o que eu tinha matado. O leitor lembra-se, sem duvida, de que a tal mancha, posto que grande, não tinha ao principio fórma definida; mas lentamente, a pouco e pouco, por graus imperceptiveis, que o meu raciocinio se esforçava em vão por considerar imaginarios, tinha chegado a tomar uma nitidez de contornos rigorosa. Era agora, perfeitamente definida, a imagem de um objecto que temo de nomear; a imagem de uma cousa sinistra, medonha: era a imagem da força! Oh! lugubre e terrivel machina! machina de horror e de crime, de agonia e de morte! E era precisamente aquillo que me fizera crear pelo monstro um tédio e um horror inexprimiveis e que me teria levado a dar cabo d'elle, se não tivesse medo.

E esse medo ia augmentado sempre; e com elle o meu horror pelo animal. Ai! para mim já não havia repouso, nem de dia nem de noite! Durante o dia, o gato não me largava um só momento, e durante a noite, quando sahia dos meus sonhos, (sonhos cheios de agonia intraduzivel) era para sentir no rosto o halito quente do bicho e o seu peso enorme, (encarnação de um pesadelo que não podia sacudir) carregando eternamente sobre o meu coração.

Sentia-me verdadeiramente miseravel; miseravel além de todas as miserias possiveis á humanidade! Um bruto cujo irmão eu destruíra com desprezo, fazer que eu, eu, um homem formado á semelhança do Deus Todo Poderoso, cahisse n'um infortunio tão grande e tão intoleravel!

Sob a pressão de semelhantes tormentos, a pouca virtude que me restava succumbiu, os meus pensamentos intimos tornaram-se sinistramente perversos; a tristeza de meu humor cresceu até ao odio de todas as cousas e de toda a humanidade. Minha mulher, que nunca se queixava, era o martyr ordinario, a victima, sempre paciente, das repentinas, frequentes e indomaveis erupções de uma furia, á qual, desde então, me abandonei cegamente.

Um dia, acompanhei-a para qualquer trabalho domestico ao subterraneo do velho edificio, onde a pobreza nos constrangia a habitar. O gato, seguindo-me nos degraus estreitos da escada, ia-me fazendo dar um trambulhão. Exasperado até á loucura, levantei um machado e, esquecendo no meio da minha raiva o medo pueril que até alli me sustivera, dirigi ao animal um golpe que o teria matado inevitavelmente, se ella não me tivesse agarrado a mão. Aquella intervenção poz-me n'um furor mais que infernal! Desembarcei o braço e enterreei o

machado na cabeça de minha mulher, que cahiu morta no meio do sólo, sem soltar um gemido.

Apenas commetti aquelle horrivel assassinio, comecei immediatamente, com todo o sangue frio a meditar sobre o meio de esconder o corpo. Não podia fazel-o desapparecer de casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser observado pelos vizinhos. Atravesaram-me o espirito differentes projectos. Primeiro, tive i léa de cortar o cadaver em pedaços e de os destruir pelo fogo; em seguida, lembrei-me de fazer uma cova no subterraneo e enterral-o alli; depois pensei em deital-o no pôço do pateo; depois, ainda, passou-me pela imaginação mettel-o n'um caixote, como se fosse uma mercadoria, e mandal-o para fóra de casa. Finalmente, fixeime n'um plano, que me pareceu o melhor de todos. Resolvi entaipal-o na parede do subterraneo, como os frades da Edade Média entaipavam, dizem, as suas victimas.

O subterraneo parecia feito de proposito para tal designio. As paredes eram ligeiramente construidas e tinham levado, havia pouco tempo, novo reboco, que a humidade da atmosphaera não tinha ainda deixado endurecer. Além d'isso, havia uma saliencia n'uma das paredes, produzida por uma chaminé falsa ou lareira, que tinha sido tapada e coberta de pedra e cal, exactamente como o resto da parede. Pareceu-me que facilmente deslocaria os tijolos, n'aquelle logar, para lá introduizir o corpo e que depois, tapando tudo do mesmo modo, ninguém poderia alli descobrir nada de suspeito.

Effectivamente, não me enganára nos meus calculos. Com o auxilio de um alicate, desloquei os ladrilhos, com pouco trabalho, e depois de ter cuidadosamente encostado o corpo á parede interior, tornei a reconstruir tudo como estava. Depois, com todas as precauções imagina-

veis, fui buscar um pouco de cal e areia, e preparei um reboco, que não se poderia distinguir do autigo, com o qual tornei a cobrir os ladrilhos. Quando acabei, vi com satisfação que a parede não apresentava o menor vestigio de ter sido mexida. Apanhei todas as caliças, catei por assim dizer o solo; olhei triunphantemente em redor de mim, e disse commigo mesmo : « Não perdi o meu tempo. »

Terminada aquella operação, procurei o bicho, que tinha sido causa de tamanha desgraça, porque, emfim, tinhã resolvido positivamente dar cabo d'elle. Se o tivesse achado n'aquelle momento, a sua sorte estava decidida; mas parecia que o artificioso animal, assustado pela violencia recente da minha ira, decidira não apparecer, pelo menos emquanto eu não tivesse mudado de humor.

E' impossivel descrever ou imaginar a profunda e agravavel consolação, que a ausencia do detestavel gato produziu na minha alma. Passou-se a noite, e o bicho não appareceu! Tambem, foi a primeira noite feliz, desde que o maldito tinha entrado em casa; a primeira noite que dormi tranquillo e profundamente. (Sim, dormi; sem sentir no coração o peso de um assassinio!)

Decorreram o primeiro e o segundo dia, sem que o meu carrasco voltasse; respirei como um homem a quem acabam de restituir a liberdade. O monstro espavorido tinha deixado a casa para sempre : não o tornaria pois a vêr! A minha felicidade era suprema!

A criminalidade do assassinio inquietava-me pouco ou nada. A justiça tinha feito uma especie de investigação e ia mesmo proceder a uma pesquisa; mas era mais que provavel que não descobrisse nada : minha felicidade futura não me inspirava o menor receio.

No quarto dia depois do crime, os agentes da poli-

cia voltaram muito inespederadamente á minha casa e procederam de novo a uma investigação rigorosa. Contudo, confiado na impenetrabilidade do esconderijo, não me inquietei. Os policiaes obrigaram-me a acompanhal-os por toda a parte; não houve um canto na casa que deixasse de ser explorado. Por fim, pela terceira ou quarta vez, descemos ao subterraneo. Nem um dos meus musculos estremeceu; o coração pulsava-me no peite pacificamente, como o de um homem que repousa na innocencia.

Percorri o subterraneo com os olhos; cruzei os braços e comecei a passear tranquillamente de um para o outro lado. A policia, perfeitamente satisfeita, ia retirar-se. Não pude conter o jubilo do meu coração. Quiz por força dizer ao menos uma palavra; uma só, para meu triumpho e para fortalecer ainda mais a sua convicção na minha innocencia.

— Cavalheiros, disse, quando iam já a subir a escada; folgo muito de ter destruido as suas suspeitas. Agora desejo-lhes bôa saude e um pouco mais de cortezia — e na minha impaciencia damnada de falar, accrescentei, com ar resolutivo, sem mesmo saber o que dizia: Permittam-me que lhes diga, cavalheiros, que esta casa é singularmente bem construida. Estas paredes estão feitas com toda a solidez, posso affirmal-o!

E então, acommettido por uma fanfarrice frenetica, bati violentamente com a bengala que trazia na mão, justamente no ponto onde jazia o cadaver da esposa do meu coração.

Ah! que Deus me defenda ao menos das garras do Archidemonio! Ao echo da minha bengalada, respondeu uma voz do fundo do tumulo: um gemido (primeiro inintelligivel e cortado, semelhante ao vagido de uma creança, convertendo-se depois n'um grito prolongado,

sonoro, continuo, perfeitamente anormal e antihumano) um urro, um guincho, meio de horror meio de triumpho, como só podia partir do inferno! (medonha harmonia que não podia sahir senão da garganta de um demónio ou de um damnado!)

Dizer-vos quaes fôram então os meus pensamentos seria loucura. Senti-me desfallecer e encostei-me á parede opposta. Os policiaes ficaram um instante immoveis e estupefactos de terror, nos degraus da escada; mas esta attitude durou pouco tempo. D'ahi a nada, uma duzia de braços robustos atacavam a parede, que cahiu immediatamente. O corpo, já muito deteriorado e todo sujo de sangue pisado, appareceu aos olhos dos espectadores. Empoleirado sobre a sua cabeça, com a guela vermelha e dilatada e o olhar chammejante, estava o bicho medonho cuja astucia me induzira ao assassinio e cuja voz accusadora me ia entregar ao carrasco.

O monstro tinha ficado entaipado no tumulto.

WILLIAM WILSON

Imaginae por um momento que me chamo William Wilson. O meu nome verdadeiro não deve manchar a pagina virgem que tenho deante dos olhos. De mais, tem elle sido o horror e a abominação do mundo, a vergonha e o opprobrio de minha familia! Não terão os ventos indignados levado a sua infamia incomparavel até ás regiões mais longinquas do globo?

Oh! Sou o mais abandonado de todos os proscriptos! O mundo, as suas honras, as suas flôres, as suas aspirações douradas, tudo acabou para mim! E entre as minhas esperanças e o céu, paira eternamente uma nuvem espessa, lugubre, illimitada!

Ainda que pudesse, não quereria encerrar n'estas paginas todas as lembranças dos meus ultimos annos de miseria e de crime irremissivel. Esse periodo recente da minha vida attingiu, de repente, taes dimensões de torpeza que seria tão horrendo como difficil descrevel-o. O que quero, é simplesmente determinar a origem d'esse subito desenvolvimento de perversidade. Os homens, em geral, corrompem-se gradualmente; mas de mim a virtude desligou-se n'um momento, d'uma vez, como se fôra um manto. D'uma perversidade

relativamente ordinaria, passei, com um salto gigantesco, a enormidades mais que heliogabalicas.

Permitti que vos conte do principio ao fim o acaso, o accidente fatal, que motivou essa maldição. A morte aproxima-se, e a sombra que a precede, lançou já no meu coração uma influencia benéfica de arrependimento e de paz.

Proximo a atravessar o sombrio valle, suspiro pela piedade (ia dizer pela sympathia!) dos meus semelhantes. Queria convencel-os de que fui arrastado por circumstancias superiores á resistencia humana. Desejaria que descobrissem, no vasto sahara de crime que vou desenrolar, algum pequeno oásis de fatalidade para mim. Que concordassem (e talvez não possam deixar de concordar) que nunca, n'um mundo cheio de tentações, appareceu alguma igual a esta, e que jámais creatura humana succumbiu victima de torturas semelhantes.

Em verdade, tudo isto não será um sonho? Acaso não morrerei victima do horror e do mysterio da mais estranha de todas as visões sublunares?

Sou o descendente d'na raça conhecida desde longo tempo pela força de imaginação e pela extrema irritabilidade de temperamento, e confirmei desde pequeno o character tradicional de minha familia, character que a idade desenvolveu e que veio mais tarde prejudiciarme d'um modo tão terrivel como extraordinario.

Meu paes, fracos de espirito e além d'isso soffrendo do mesmo mal, pouco ou nada podiam fazer para modificar os máos instinctos que me distinguiam. Ainda assim fizeram algumas tentativas, mas fracas, mal dirigidas, que abortaram inteiramente, convertendo-se em completo triumpho para mim. Desde então a minha voz foi a lei domestica; e n'uma idade em que poucas creanças pensam ainda sahir do regaço materno, fui abando-

nado ao meu livre arbitrio, senhor absoluto de todas as minhas acções.

As primeiras lembranças da minha vida de estudante estão ligadas a um casarão exotico, do estylo Isabel, situado n'uma aldeia tristonha da Inglaterra, semeiada de arvores gigantescas, onde as casas eram todas de antiguidade respeitavel. Na verdade, era um lugar phantastico aquella aldeia antiga e veneravel, e bem proprio a excitar a imaginação. Mesmo n'este momento, sinto no espirito as impressões refrigerantes das suas avenidas, respiro as emanações das suas mattas numerosas, estremeço ainda com indefinivel voluptuosidade á lembrança das badaladas profundas do sino, atravessando de hora a hora, com o seu rugido subito e moroso, a quietação da atmosphaera escura, onde mergulhava magestoso o campanario gothico da egreja.

A recordação d'estas lembranças do collegio consti-ueem hoje o unico prazer que me é dado ainda sentir. Immerso na desgraça, como estou (desgraça, ai! demasiado real) perdoar-me-ão procurar um consolo bem ligeiro e bem curto, n'estas minucias pueris e errantes. Além d'isso, por vulgares e insignificantes que pareçam, não podem deixar de ter na minha imaginação uma importancia circumstantial, por causa da sua intima conexão com a epocha em que distingo agora os primeiros avisos ambiguos do destino, que depois me envolveu tão profundamente na sua sombra. Deixae-me pois recordar.

Como acabo de dizer, a casa era velha e irregular; a propriedade grande, circumdada por um muro de tijolos alto e solido, encimado por uma camada de argamassa e vidros quebrados. Aquella muralha, digna d'uma prisão, formava os limites do nosso dominio. Não sahiamos d'ailli senão tres vezes por semana; uma vez aos sabba-

dos de tarde, para uns passeios curtos e monotonos pelos campos vizinhos, em companhia dos prefeitos, e duas vezes aos domingos, quando iam, com a regularidade d'um regimento em parada, assistir aos officios da manhã e da tarde na unica egreja da aldeia.

O cura d'essa egreja era o reitor do collegio. Com que profundo sentimento de admiração e de duvida o contemplavamos do nosso banco reservado, quando subia ao pulpito com passo solemne e vagaroso! Aquelle personagem veneravel, com um aspecto tão modesto e tão benigno, umas vestes tão novas e tão clericalmente ondeantes, uma cabelleira tão perfeitamente empoadada, tão direito e tão importante, podia ser o mesmo homem que, ainda agora, arrenegado e carrancudo, com os factos todos sujos de tabaco, fazia executar, de palmatoria na mão, as leis draconianas do collegio? Oh! gigantesco paradoxo, cuja monstruosidade não tem solução!

Mas voltemos á descripção do edificio. N'um angulo da parede massiça, havia uma porta ainda mais massiça, solidamente carregada de fechaduras e terminada por um bosque de ferragens denticuladas. Essa porta (que sentimentos profundos ella inspirava!) não se abria senão para as tres saídas e entradas de que falei. Então, em cada crepitação dos seus gonzos possantes, achavamos uma superabundancia de mysterio, um mundo completo de observações solemnes e de meditações ainda mais solemnes.

O recinto da propriedade era d'uma forma irregular e dividido em muitas partes, das quaes tres ou quatro das maiores constituíam o pateo do recreio. Esse pateo, situado por detraz da casa, era alisado e coberto de areia, sem arvores nem bancos, nem cousa alguma semelhante; lembro-me perfeitamente. A' frente do edificio havia um pequeno jardim, plantado de buxo e outros

arbustos; mas esse oásis sagrado só nos era franqueado em occasiões sollemnes, taes como a entrada no collegio, a sahida definitiva, ou ainda quando, convidados por algum parente ou amigo, partiamos alegremente para a casa paterna, nas férias do Natal ou de S. João.

E a casa! que curiosa construcção apresentava! Para mim, que verdadeiro palacio magico! Era um nunca acabar de recantos, de subdivisões incomprehensíveis. Em qualquer parte que nos achassemos, era difficil dizer ao certo se estavamos no primeiro ou no segundo andar. De sala para sala, havia sempre tres ou quatro degráus a subir ou a descer. Depois, as subdivisões lateraes eram innumeraveis, incomprehensíveis, com tantas voltas e reviravoltas, que as nossas idéas mais exactas relativamente ao conjuncto da edificação, não eram mais approximadas do que as que tinhamos do infinito. Durante cinco annos que alli residi, nunca me foi possível determinar exactamente a situação do pequeno dormitorio, que eu occupava em communidade com mais dezoito ou vinte escolares.

A sala do estudo era a maior de toda a casa (e até de todo o mundo, pelo menos assim me parecia). Era muito comprida, muito estreita, com os tectos baixos e as janellas ogivaes. N'um canto afastado, d'onde emanava o terror, havia um recinto quadrado de oito ou dez pés, que representava o *Sanctum* do nosso reitor, o reverendo doutor Bransby, durante as horas de estudo.

N'outros dois cantos, viam-se outros dois compartimentos analogos, objectos de muito menor veneração, comtudo ainda alvos d'um terror assaz consideravel: um era a cadeira do mestre de bellas lettras; o outro a do mestre de inglez e de mathematica. Espalhados pelo meio da casa, cruzavam-se, n'uma irregularidade com-

pleta, innumeraveis bancos e estantes carregadas de livros velhos e sujos; estas ultimas, negras, antigas, estragadas pelo tempo, cobertas de cicatrizes, de letras e de nomes, de figuras grotescas e de outras numerosas obras primas de canivete, conservavam apenas uns restos do pouco feito original que n'outros tempos haviam tido.

A uma extremidade da sala, estava um enorme balde cheio d'agua e na outra o relógio d'um tamanho prodigioso.

Encerrado nos muros d'aquelle collegio veneravel, passei, todavia, sem aborrecimento nem maguas, os annos do terceiro lustro da minha vida. O cerebro fecundo da infancia não exige um mundo exterior accidentado para se entreter ou divertir; por isso, na monotonia apparente da escola, encontrei impressões mais vivas e mais intensas que todas as que a minha virilidade procurou depois na devassidão e no crime.

O meu primeiro desenvolvimento intellectual foi extraordinario, desregrado até. Em geral, os acontecimentos da vida infantil não deixam sobre a humanidade senão impressões mal definidas. Tudo são sombras, lembranças fracas e irregulares, confusão vaga de prazeres ligeiros e de penas phantasmagoricas. Commigo não aconteceu assim. E' necessario que tenha sentido na minha infancia com a energia d'um homem feito, tudo o que encontro ainda hoje gravado na memoria, com traços tão vivos, tão profundos e tão douradouros, como as exergas das medalhas carthaginezas.

E comtudo, de facto, debaixo do ponto de vista ordinario, como esses dias mereciam pouca recordação! O levantar, o deitar, o estudo das lições, as recitações, os feriados periodicos e os passeios, o pateo do recreio com as suas luctas, os seus passatempos e as suas intri-

gas, e nada mais; mas tudo isso, por uma magia physica que passou, continha uma superabundancia de sensações, um mundo rico de incidentes, um universo de emoções variadas e de excitações inebriantes. Oh! bom tempo foi o d'esse seculo de ferro!

A minha natureza ardente, entusiasta e imperiosa, fez-me um logar distincto entre os outros rapazes e pouco a pouco, como era natural, deu-me um poderoso ascendente sobre todos os que não eram mais velhos que eu; sobre todos, excepto sobre um. Este era um alumno, que sem ter commigo parentesco algum, tinha o mesmo nome de baptismo e o mesmo nome de familia (circumstancia pouco notavel em si, porque o meu nome, não obstante a nobreza da sua origem, era um d'estes appellidos vulgares, que parecem ter sido, desde tempo immemorial, por direito de prescripção, propriedade commum do povo). N'esta narrativa tomei o nome de William Wilson (nome ficticio, que não está muito afastado do verdadeiro); só o meu homonymo, entre todos os que, segundo a linguagem do collegio, compunham a nossa classe, ousava rivalisar commigo nos estudos das aulas, nos jogos e nas disputas do recreio, recusar fé absoluta ás minhas asserções e submissão completa á minha vontade; em summa, contrariar a minha dictadura em todos os casos possiveis. Se jamais houve no mundo despotismo supremo e sem restricção, é o que urra creança de genio exerce sobre as almas menos energicas dos seus camaradas.

A rebellião de William era para mim fonte perenne de desgostos, tanto mais que, não obstante a bravata com que affectava tratal-o, a elle e ás suas pretensões, no fundo temia-o; não podia deixar de encarar a egualdade que mantinha tão facilmente commigo, como uma prova de verdadeira superioridade, por que, pela minha

parte, não era sem esforços grandes e continuos que conseguia conservar-me á sua altura. Comtudo, essa egualdade, ou antes essa superioridade, não era reconhecida senão por mim; os outros rapazes, com uma cegueira inexplicavel, pareciam não dar por isso.

Wilson parecia igualmente destituido da ambição que me impellia a dominar, e da energia que me dava auctoridade. Dir-se-ia que o unico movel da sua rivalidade era o desejo caprichoso de me contradizer, de me assustar, de me atormentar, posto que muitas vezes não pudesse deixar de notar com um sentimento confuso de espanto, de colera e de humilhação, que o meu rival misturava ás suas impertinentes contradicções certos ares de affectuosidade o mais intempestivos e o mais desagradaveis do mundo. Não podia explicar a mim proprio semelhante conducta, senão suppondo-a o resultado de uma presumpção insolente, permittindo-se o tom da superioridade e da protecção.

A nossa homonymia, junto ao facto, puramente accidental, de termos entrado ao mesmo tempo no collegio, espalhára, entre os nossos condiscipulos das classes superiores, a idéa de que eramos irmãos. Ordinariamente os rapazes grandes não indagam com muita exactidão da vida dos menores. Já disse que William não era, nem no gráo mais remoto, aparentado com minha familia. Mas se fossemos irmãos, teríamos sido gêmeos, porque, depois de ter deixado a casa do doutor Bransby, soube por acaso que o meu homonymo nascera no dia 19 de janeiro de 1813 e (coincidencia notavel) esse dia é precisamente o do meu nascimento.

Parece incrível que, não obstante a rivalidade de Wilson e o seu insupportavel espirito de contradicção, não tivessemos chegado a odiar-nos absolutamente. E' verdade que tínhamos todos os dias uma questão, na

qual, concedendo-me publicamente a palma da victoria, Wilson não deixava de me fazer sentir, por qualquer fórma, que era elle que a tinha merecido. Comtudo, um sentimento de orgulho da minha parte, e da sua uma verdadeira dignidade, mantinha-nos sempre nos termos da estricta conveniencia. Ao mesmo tempo, a quasi egualdade dos nossos caracteres havia despertado em mim um sentimento que, sem aquella situação hostil, teria progredido em amizade. Realmente é-me difficil definir os verdadeiros sentimentos que nutria por elle. Era uma mistura variegada e heterogenea: animosidade petulante, que não chegava a ser odio; estima, respeito, muito receio e uma curiosidade immensa e inquieta. Para o moralista, é escusado accrescentar que William e eu eramos camaradas inseparaveis.

Em consequencia d'essa ambiguidade de relações, todos os meus ataques contra elle (e, francos ou dissimulados, esses ataques eram numerosos) tinham mais a fórma da ironia e da brincadeira, que a de uma hostilidade séria e determinada. Mas os meus esforços n'este sentido não obtinham um grande triumpho, por mais engenhosamente que os planeasse; porque o meu homonymo tinha no character muita d'essa austeridade placida e reservada que dá aos que a possuem, o privilegio de ferir os outros, sem mostrarem nunca o calcanhar de Achilles. Nunca pude achar n'elle senão um ponto vulneravel; e isso mesmo era um pormenor physico que, procedendo talvez de uma enfermidade de construcção, teria sido respeitado por qualquer antagonista menos encarniçado do que eu. O meu homonymo tinha uma fraqueza no apparelho vocal, que o impedia de levantar a voz acima de um murmurio muito baixo. Era d'essa imperfeição que eu tirava as minhas pequenas desforras.

Wilson tinha differentes especies de represalias, mas havia particularmente uma que me fazia ir aos ares. Não sei como chegou a perceber que semelhante futilidade produzia em mim tão grande effeito. Mas desde que o descobriu, foi o seu genero de tortura predilecto.

O meu nome de familia, tão desengraçado e deselegante, e o meu nome proprio, tão trivial se não tão completamente plebeu, eram para mim e toda a vida tinham sido assumptos de grande desgosto. Ora quando, no mesmo dia da minha chegada, se apresentou no collegio um segundo William Wilson, senti-me logo disposto contra elle, unicamente por se chamar assim, porque seria causa de eu ouvir pronuziar o dobro das vezes essas syllabas que me torturavam os ouvidos, porque a sua vida, no ram-ram das funcções do collegio, seria muitas vezes e inevitavelmente confundida com a minha. E por todas essas razões desgostei-me ainda mais do nome.

Este sentimento de irritação augmentava com cada circumstancia, que tendia a pôr em evidência qualquer semelhança physica ou moral entre mim e o meu homonymo. N'esse tempo ainda eu não tinha descoberto o facto muito notavel da paridade das edades ; mas via que eramos da mesma altura e achava até certa semelhança nas nossas physionomias, o que me contrariava solemnemente. A fama que corria e que era geralmente acreditada, nas classes superiores, de que eramos parentes, exasperava-me do mesmo modo. N'uma palavra, não havia nada que me encolerisasse mais (bem que eu me contrafizesse o mais possivel para não o dar a conhecer) do que uma allusão qualquer á nossa semelhança, quer physica, quer moral, ou ao supposto parentesco. Todavia, nada me levava a crêr que essas analogias tivessem nunca dado logar a commentarios

ou houvessem sequer sido apercebidas pelos nossos camaradas de classe. Que Wilson as observasse com tanta atenção como eu, era natural ; mas o que não era natural, era ter descoberto em semelhantes circumstancias uma mina tão rica de contrariedades para mim.

Tendo pois percebido quanto essas semelhanças me desagradavam, o meu homonymo augmentava-as ainda, arremedando a minha pessoa com uma habilidade verdadeiramente prodigiosa. Copiava-me o gesto, as palavras ; adoptava o meu vestuario, o meu andar, as minhas maneiras, emfim, nem mesmo a minha voz lhe havia escapado, não obstante o seu defeito constitucional. Não me podia imitar as notas altas, mas o timbre e a entoação eras identicos. Quando falava baixo, a sua voz era perfeitamente o echo da minha.

Não tentarei dizer-vos a que ponto aquelle retrato curioso me apoquentava (porque não posso chamar-lhe propriamente uma caricatura). A minha unica consolação, era que só eu notava essa perfeitissima copia ; assim, não tinha a supportar senão os sorrisos mysteriosos e regularmente sarcasticos de Wilson, que, satisfeito de produzir no meu coração o effeito desejado, parecia deleitar-se em segredo na punhalada que me infligia, sem curar dos applausos publicos, que o seu engenho lhe teria facilmente conquistado. Como é que os nossos camaradas não comprehendiam, não lhe percebiam as manobras, não tomavam parte n'aquella maliciosa zombaria ? Durante muitos mezes de inquietação foi isto um enigma insoluel para mim. Talvez que a lentição graduada da imitação a tornasse menos notavel ; ou talvez devesse eu antes a minha salvação á perfeita mestria do copista que, desprezando a *lettra* (unica cousa que os espiritos broncos podem apreciar n'uma pintura) não se occupava senão do espirito origi-

nal, para maior admiração e desgosto da minha pessoa.

Já falei muitas vezes dos cruciantes ares de protecção que elle tomava para commigo, e da sua intervenção officiosa em quasi todas as minhas vontades. Essa intervenção vinha muitas vezes sob a fórma de um conselho, conselho que não era dado francamente, mas suggerido, insinuado, e que eu recebia com má vontade, a qual augmentava á medida que me ia tornando mais velho. Comtudo, n'esta epocha já longinqua, quero fazer-lhe a estricta justiça de confessar que todas as suggestões do meu rival eram ajuizadas e superiores á sua idade, ordinariamente destituida de reflexão e de experiencia; que o seu bom senso, os seus talentos e o seu conhecimento do mundo estavam muito acima dos meus; e que eu seria hoje um homem melhor, e por consequente mais feliz, se não tivesse rejeitado tantas vezes os conselhos encerrados n'essas assisadas suggestões, que então me inspiravam tamanho odio e desprezo.

Por fim, revoltei-me inteiramente contra a sua odiosa vigilancia, detestando cada vez mais o que eu considerava uma insolencia intoleravel. Disse que, nos primeiros annos da nossa camaradagem, os meus sentimentos para com elle poderiam, n'outras circumstancias, ter-se convertido em amizade; mas durante os ultimos mezes que passei no collegio, não obstante a importunidade das suas maneiras habituaes ter diminuido consideravelmente, esses sentimentos, n'uma proporção quasi semelhante, tinham propendido para o odio positivo. Uma vez presumo que lh'o patentei muito claramente, e desde então Wilson evitou-me ou simulou evitar-me.

Foi pouco mais ou menos n'essa epocha (se a memoria não me engana) n'uma altercação que tivemos, durante a qual elle perdeu a reserva ordinaria, falando e portando-se com uma negligencia quasi estranha á sua

natureza, que descobri ou imaginei descobrir na sua voz, nos seus modos e na sua physionomia geral, alguma cousa que me era muito familiar. Essa descoberta primeiro fez-me estremecer, depois interessou-me vivamente, trazendo-me ao espirito visões obscuras da minha primeira infancia, recordações confusas, estranhas, resumidas, de um tempo que a memoria não podia alcançar. Era como que uma idéa extravagante e pertinaz de ter visto já o ser que me falava, n'uma epocha muito antiga, n'um periodo extremamente remoto. Essa illusão, todavia, desvaneceu-se tão rapidamente como tinha vindo; não a menciono senão para determinar o dia da ultima alteração que tive com o meu singular homonymo.

O velho casarão do collegio, nas suas inumeraveis subdivisões, comprehendia muitos quartos grandes, que communicavam entre si e serviam de dormitorio á maior parte dos alumnos. Além d'isso, havia (como não podia deixar de ser n'uma edificação tão desastrada) uma quantidade de cantos e recantos, (sobras e remates da construcção) que o talento economico do doutor Bransby tinha egualmente transformado em dormitorios; mas, como eram gabinetes pequenos, não podiam comportar mais de um individuo. Um d'estes quartos era occupado por Wilson.

Uma noite, no fim do meu quinto anno da collegio, depois da alteração de que falei, levantei-me enquanto todos dormiam, peguei n'um candieiro e dirigi-me furtivamente, através de um labyrintho de corredores estreitos, ao quarto do meu rival. Havia muito que projectava fazer-lhe uma partida; uma das taes troças que eu lhe fazia muitas vezes, mas das quaes, é preciso confessal-o, nunca colhera grande resultado. N'essa noite, tinha resolvido pôr o meu plano em execução, disposto a

fazer-lhe sentir toda a força da acrimonia que me animava contra elle. Quando cheguei ao seu quarto, entrei, sem fazer bulha, deixando o candieiro á porta, coberto com um guarda-luz, e avancei até sentir o ruido da sua respiração tranquilla. Tendo adquirido a certeza de que dormia profundamente, voltei á porta, peguei no candieiro e approximei-me novamente do leito. As cortinas estavam fechadas. Ao abril-as com todo o cuidado para executar o meu projecto, a luz bateu em chapa no dormiente ; ao mesmo tempo o meu olhar cahiu sobre a sua physionomia... Penetrou-me instantaneamente uma sensação de gelo ; o coração pulou-me no peito, vacillaram-me os joelhos ; toda a minha alma se possuiu de um horror espantoso, inexplicavel ! Respirei convulsivamente, approximando ainda mais o candieiro. Aquellas feições eram realmente as de Wilson ? Sim, eram ! Que havia pois de extraordinario no seu semblante para produzir em mim tal impressão ? Contemplei-o durante alguns momentos, trémulo, convulso ; o meu cerebro girava sob a acção de mil pensamentos incoherentes. Elle não era assim, não ! nunca chegára a ser assim nas horas activas em que contrafazia a minha pessoa ! Estaria verdadeiramente nos limites da possibilidade humana, que o que eu via agora fosse unicamente o resultado d'essa habil limitação sarcastica ? Gelado de espanto, apaguei o candieiro, sahi silenciosamente do quarto, e deixei para sempre o recinto d'aquella escola velha e extraordinaria.

Depois de um lapso de alguns mezes, que passei em casa de meus paes, na completa ociosidade, entrei para o collegio de Eton. Esse pequeno intervallo bastára para dissipar as lembranças do collegio Bransby, ou pelo menos para mudar consideravelmente a qualidade dos sentimentos que essas lembranças me inspiravam. O acon-

tecimento que me induzira a deixar o collegio, parecia-me agora um effeito de pura imaginação. A realidade, o lado tragico do drama tinha desaparecido completamente. Quando me lembrava de semelhante aventura, admirava até aonde pode chegar a credulidade humana, e ria-me da prodigiosa força de imaginação que havia herdado de minha familia.

Ora, a minha vida em Eton não era nada propria para diminuir aquella especie de scepticismo. O turbilhão de loucura em que mergulhei immediatamente, varreu tudo, absorvendo de uma vez e inteiramente as impressões solidas e sérias do passado.

Não pretendo todavia traçar aqui o curso dos meus miseraveis desregramentos, que nenhuma lei ou vigilancia podia deter. Tres annos eram passados ; tres annos perdidos em loucuras, durante os quaes a minha alma se habituou ao vicio e o meu corpo adquiriu um desenvolvimento quasi anormal. Um dia, depois de uma semana inteira de dissipação brutal, convidei alguns estudantes dos mais dissolutos a uma orgia secreta no meu quarto. Reunimo-nos a altas horas da noite, o deboche devendo prolongar-se religiosamente até á manhã do dia seguinte. O vinho corria livremente, e outras seducções, talvez ainda mais perigosas, não tinham sido esquecidas. Quando a aurora despontava no oriente, o delirio e a extravagancia tinham chegado ao apogeu.

Furiosamente inflammado pela embriaguez e pelas cartas, obstinava-me a propôr um *toast* de todo indecente, quando a minha attenção foi subitamente distrahida pela entrada precipitada de um creado, annunciando-me que alguém, que parecia estar com muita pressa, pedia para me falar no vestibulo.

Excitado como estava pelo vinho, aquella interrupção

inesperada causou-me mais prazer do que surpeza. Sahi do quarto cambaleando, e em poucos segundos achei-me no vestibulo da casa, uma sala baixa, estreita, alumiada apenas pela fraca luz da aurora, que penetrava atravez das janellas arqueadas. A pessoa que me esperava, era um rapaz pouco mais ou menos da minha altura, vestido com um fato de casimira branca, exactamente irmão do que um trazia n'esse momento. Apenas me viu, avançou para mim, agarrou-me pelo braço com um gesto imperativo de impaciencia, e murmurou-me ao ouvido : William Wilson. A'quellas palavras a minha embriaguez dissipou-se como por encanto.

Havia nos modos do estrangeiro, no tremor nervoso do seu dedo erguido deante dos meus olhos, o que quer que era de sobrenatural. A importancia, a solemnidade da reprehensão contida nas suas palavras baixas e sibilantes, o character, o tom, a chave d'essas syllabas, simples, familiares, comtudo mysteriosamente segredadas, fizeram-me estremecer como se na minha alma se houvesse produzido a descarga de uma pilha voltaica.

Durante alguns segundos o espanto e o terror annihilaram-me o entendimento ; quando voltei a mim, o mancebo tinha desaparecido.

Aquelle acontecimento produziu um effeito poderosissimo sobre a minha imaginação desregrada. Comtudo, esse effeito foi-se desvanecendo pouco a pouco. Pêense n'isso, é verdade, durante muitas semanas, ora entregando-me a sérias investigações, ora permanecendo dias e dias engolfado em morbidos pensamentos. A identidade do individuo, que se intromettia tão obstinadamente nos actos da minha vida, não me deixava duvidas. Mas quem era ? Que era William Wilson, d'onde vinha e quaes os seus fins ? Esses pontos ficaram sempre obscuros para mim. De todas as indagações que fiz

a seu respeito, só pude saber que um acontecimento subito o obrigára a deixar o collegio na mesma tarde do dia em que eu fugira. Entretanto, passado certo tempo, deixei de pensar n'isso, para me entregar inteiramente aos projectos da minha partida para Oxford.

) Apenas cheguei áquella cidade (a generosidade prodigal de meus paes permittindo-me o luxo e a opulencia já tão caros ao meu coração) comecei a rivalisar em prodigalidades com os primeiros herdeiros dos condados mais ricos da Grã-Bretanha.

Incitado ao vicio por semelhantes meios, dei largas á natural propensão, calcando, na embriaguez louca dos meus desregramentos, os obstaculos vulgares da honra e da decencia. Mas seria absurdo demorar-me nos debates de taes extravagancias. Basta dizer que as minhas dissipações ultrapassaram as de Herodes. Inventando uma multidão de loucuras novas, ajuntei um copioso appendice ao longo catalogo dos vicios que reinavam então na universidade mais devassa da Europa.

Emfim, arrastado pela corrente impetuosa da libertinagem e da cobiça, rebaixei-me ao ponto de adquirir as manhas mais vis dos jogadores de profissão, praticando habitualmente essa sciencia desprezivel como um meio de augmentar a minha fortuna, já avultada, á custa da dos meus camaradas. A enormidade do attentado, incompativel com todos os sentimentos de honra e de dignidade, era por isso mesmo a minha salvaguarda. Qual dos meus camaradas, mesmo d'entre os mais depravados, teria ousado conceber tal suspeita, do alegre, do franco, do generoso William Wilson, o rapaz mais nobre e mais liberal de Oxford, aquelle cujas loucuras, diziam os seus parasitas, não eram senão expansões da mocidade desenfreiada, cujos erros não eram senão ini-

mitaveis caprichos, e cujos vicios tenebrosos não passavam de ligeiras extravagancias !

D'este modo alegre tinha eu já passado dois annos, quando chegou á universidade um mancebo de nobreza recente, chamado Glendinning, rico, diziam, como Herodes Attico, e que não punha muita duvida em gastar a sua fortuna. Tratei de travar conhecimento com elle, e vendo que era fraco de intelligencia, assignalei-o desde logo para victima dos meus talentos. Convidei-o a jogar muitas vezes, deixando-o ganhar ao principio sommas consideraveis (conforme a manha habitual dos jogadores). Por fim, o meu plano estando bem pensado, encontrámo-nos (eu com a intensão bem firme de fazer das minhas) em casa d'um dos nossos camaradas, M. Preston, egualmente conhecido de ambos, mas que, devo dizel-o, não tinha a menor tenção de fazer jogo em sua casa. Para dar a tudo aquillo melhor apparencia, trouxe commigo uma sociedade de oito ou dez rapazes, preparando as cousas de modo que a introdução das cartas parecesse perfeitamente accidental e que a idéa do jogo partisse da propria victima. Em resumo (para abreviar em assumpto tão vil), não esqueci nenhuma das esper-tezas empregadas em casos identicos, esper-tezas tão estupidas e tão sabidas que custa a crer haja sempre pessoas assaz simples para se deixarem enganar por ellas. O jogo meu favorito foi o écarté.

A noite ia já em mais de meio, quando operei emfim de maneira a ficar com Glendinning por unico adversario. As outras pessoas, interessadas pelas proporções grandiosas que ia tomando o nosso combate, tinham largado as cartas e faziam galeria á roda de nós. Glendinning baralhava, dava as cartas e jogava d'um modo singularmente nervoso ; mas como eu o fizera beber copiosamente durante a primeira parte da noite, ima-

ginei que aquelle estado era só effeito da embriaguez. Em muito pouco tempo devia-me uma somma consideravel. Então, depois de ter bebido mais um copo de Porto, fez exactamente o que eu tinha previsto; quiz dobrar a parada, já muito extravagante. Com uma feliz affectação de resistencia e só depois da minha recusa reiterada lhe ter provocado palavras azedas e duras, que deram ao meu consentimento a fórma d'uma vingança, cedi. O resultado foi o que devia ser. A prêsa cahira perfeitamente no laço; em menos d'uma hora a sua divida tinha quadruplicado. Então notei com espanto a pallidez terrivel que substituiu, quasi repentinamente, na physionomia do meu adversario, a vermelhidão do vinho. Digo com espanto porque, segundo as informações cuidadosas que tomára sobre Glendinning, imaginava-o prodigiosamente rico, e as sommas que elle tinha perdido até alli, bem que realmente fortes, não podiam (pelo menos assim o suppunha eu) embaraçal-o sériamente, ainda menos impressional-o áquelle ponto. Imaginei ainda que toda a sua perturbação era produzida pelo vinho e não por qualquer motivo de desinteresse; mas, unicamente para salvaguardar perante os outros rapazes a reputação do meu character, ia insistir peremptoriamente para acabar o jogo, quando algumas palavras pronunciadas ao meu lado e uma exclamação de Glendinning, exprimindo o mais completo desespero, me fizeram comprehender que o tinha totalmente arruinado. Ser-me-ia difficil dizer a conducta que teria adoptado em semelhante circumstancia. A situação deploravel da minha victima sensibilisava e entristecia a todos. Durante alguns minutos de profundo silencio, senti, a meu pesar, ruborisarem-se-me as faces sob os olhares ardentes de reprehensão que me dirigiam os menos endurecidos da sociedade. Confessarei mesmo

que senti o coração alliviado d'um peso intoleravel á interrupção extraordinaria que se seguiu. De repente, abriram-se de par em par as portas pesadas do aposento, com uma impetuosidade tão vigorosa, que todas as velas se apagaram como por encato. Mas antes de se extinguir, a luz deixou-nos vêr alguém que entrava, um homem proximamente da minha estatura, embuçado n'um capote. Comtudo, as trevas sendo agora completas, só o podiamos sentir no meio de nós. Antes de alguém ter voltado a si do espanto excessivo que produzira em todos aquella violencia, ouvimos a voz do intruso :

— Meus senhores — disse elle *com uma voz muito baixa*, mas distincta, uma voz inolvidavel, que me gelou até á medula dos ossos, — meus senhores, não peço desculpa da minha conducta, porque procedendo assim não fiz mais que cumprir um dever. Não conheceis de certo o character da pessoa que acaba de ganhar no écarté uma somma enorme a lord Glendinning. Vou pois propor-vos um meio rapido de chegardes a esse importantissimo conhecimento. Examinae bem, peço-vos, o fôrro do canhão da sua manga esquerda e algumas cartas que achareis nas algibeiras assaz vastas do seu casaco.

O silencio em que o escutavam, era tão profundo, que se teria ouvido o ruido de um alfinete cahindo ao chão. Mal acabou de falar, o desconhecido partiu, tão bruscammente como havia entrado. Quanto a mim, posso acaso descrever, ou sei eu mesmo quaes foram as minhas impressões? Senti-me agarrado por muitos braços, depois vieram luzes; seguiu-se uma pesquisa na minha pessoa. No forro da manga acharam-me todas as figuras essenciaes do écarté e nas algibeiras do casaco certo numero de baralhos de cartas, exactamente eguaes aos que usavamos nas nossas reuniões, com a differença

que as minhas eram d'aquellas chamadas propriamente boleadas, as cartas principaes sendo ligeiramente convexas do lado pequeno, e as ordinarias imperceptivelmente convexas do lado grande. Graças a esta disposição, o *ingenuo*, que corta o baralho (como se faz habitualmente) no sentido do comprimento, corta invariavelmente de fôrma a dar ao parceiro uma carta principal, enquanto que o *experto*, cortando no sentido da largura, não dará á sua victima nada que possa levar-lhe vantagem.

Uma tempestade de indignação ter-me-ia feito soffrer menos que o silencio desdenhoso e os sorrisos sarcasticos que acolheram aquella descoberta.

— Sr. Wilson, — disse o dono da casa, apanhando do chão uma capa magnifica forrada de pelles preciosas, — sr. Wilson, isto é seu (como o tempo estava frio, eu tinha effectivamente trazido uma capa que tirára ao entrar na sala do jogo) creio — accrescentou, mirando as pregas da capa com um sorriso amargo — creio que será escusado procurar aqui mais provas da sua arte; bastam-nos as que temos. Espero que comprehenderá a necessidade de deixar Oxford; em todo o caso a de sahir immediatamente de minha casa.

Aviltado, humilhado até á lama, é provavel que tivesse castigado immediatamente aquella linguagem insultante com alguma violencia pessoal, se a minha attenção não estivesse, n'aquelle momento, toda absorvida por um facto verdadeiramente pasmoso. A minha capa era um traste riquissimo, forrada de pelles esplendidas, d'uma variedade e d'um preço extravagante (é inutil dizel-o). O feitio era de phantasia, inventado por mim, porque me occupava muito de todas essas futilidades luxuosas, levando o furor do dandysmo até ao absurdo. Por isso, quando M. Preston me entregou a capa que

apanhára do chão, vi, com um espanto vizinho do terror, que já trazia a minha no braço e que aquella, até nos pormenores mais minuciosos, era perfeitamente semelhante. Não perdi, contudo, a presença de espirito; peguei-lhe, colloquei-a sobre a minha, sem que os outros dessem por isso, e sahi da sala com um olhar a meaçador. Na madrugada seguinte, deixei precipitadamente Oxford e fugi para o continente, coberto de vergonha e de terror.

Fugia em vão! O meu destino maldito perseguiu-me triumphante, provando-me que o seu poder mysterioso tinha apenas começado. Mal puz o pé em Pariz, tive logo uma prova da jurisdicção de Wilson. Decorreram annos sem treguas para mim. Miseravel! Em Roma, com que desvelo importuno, com que ternura de espectro, veiu interpôr-se entre mim e a minha ambição! E em Vienna! e em Berlim! e em Moscow! Onde podia eu ir que não achasse logo uma razão amarga para o analdiçoar do fundo do coração? Atacado por um panico indescriptivel, fugia deante da sua tyrannia como deante da peste. Fugi até ao fim do mundo, mas fugi em vão!

E sempre, sempre interrogando secretamente a alma, repetia as minhas perguntas: Quem é? D'onde vem? Que quer? E analysava então com minucioso cuitado as fórmãs, o methodo, as feições caracteristicas da sua insolente vigilancia. Mas nem n'esse ponto achava nada que pudesse servir de base a uma conjectura. Era uma cousa verdadeiramente notavel que nos casos numerosos em que Wilson tinha recentemente atravessado o meu caminho, todos os planos derrotados por elle eram loucuras que, se tivessem progredido, teriam fatalmente rematado por uma desgraça. Triste justificação, na verdade, de uma auctoridade tão imperiosamente

usurpada! Triste indemnisação dos direitos naturaes do livre arbitrio, tão teimosamente, tão insolentemente denegados!

Havia muito tempo que o meu carrasco, posto que exercendo sempre escrupulosamente e com uma destreza milagrosa a sua mania de *toilette* identica á minha, se apresentava em todas as suas intervenções, de maneira a não me mostrar o rosto. Quem quer que fosse esse damnado Wilson, por certo que semelhante mysterio era o cumulo da affectação e da toleima. Podia acaso supôr que no meu conselheiro de Eton, no destruidor da minha honra em Oxford, n'aquelle que tinha contrariado a minha ambição em Roma, a minha vingança em Pariz, os meus amores em Napoles e no Egypto a minha cobiça, que n'esse ente, meu grande inimigo e meu genio mau, eu não reconhecia o William Wilson do collegio, o homonymo, o camarada, o rival temido e execrado da casa Bransby? Era impossivel! Mas deixae-me chegar á terrivel scena que fechou o drama.

Até então havia-me submettido cobardemente ao seu dominio imperioso. O profundo sentimento de respeito com que me habituára a considerar o character elevado, a magestosa sabedoria, a omnipresença e omnipotencia apparentes de Wilson, misturado com não sei que sensação de terror, que inspiravam as outras feições da sua natureza e certos privilegios, tinham-me incutido a idéa da minha completa fraqueza e impotencia, aconselhando-me uma humildade sem restricção, posto que cheia de tristeza e de repugnância, á sua arbitraria dictadura. Mas ultimamente tinha-me abandonado de todo ao vinho, e a sua influencia irritante sobre o meu temperamento hereditario tornava-me cada vez mais rebelde a toda a qualidade de censura. Entrei a murmurar, a hesitar, a resistir. Depois, pouco a pouco,

comecei a sentir a inspiração de uma esperança ardente. Por fim, alimentei, em segredo, no pensamento, a resolução desesperada e sombria de me resgatar d'aquella escravidão.

Era em Roma, durante o carnaval de 18...; achava-me n'um baile de mascarar no palacio do duque di Broglio, de Napoles. N'essa noite tinha abusado do vinho ainda mais do que o costume, e a atmospherá suffocante das salas cheias de gente irritava-me de um modo insupportavel. A difficuldade de abrir caminho através da multidão não contribuia pouco para me exasperar, porque procurava com anciedade (não direi com que indigno fim) a joven, a alegre e bella esposa do velho e extravagante Di Broglio que, com uma confiança assás imprudente, me havia confiado o segredo do costume que ella devia trazer ao baile. Tendo-a avistado finalmente ao longe, apressava-me a chegar até ella, quando senti alguém que, ao de leve, me tocava um hombro, e depois o tál inolvidavel, profundo, maldito murmurio ao meu ouvido!

Voltei-me furioso para aquelle que assim me interrompia, e agarrei-o violentamente pela gola. Trazia, já se vê, um costume igual o meu: manto hespanhol de velludo azul e uma espada suspensa á cintura por um boldrié carmezim; a cara inteiramente coberta com uma mascara de seda preta.

— Miseravel! exclamei com uma voz enrouquecida pela colera, que me augmentava a cada syllaba que proferia, — miseravel! impostor! scelerado maldito! não voltarás mais a perseguir-me, a atormentar-me! Vem commigo ou mato-te aqui mesmo!

Dizendo aquellas palavras, abria caminho da sala do baile para uma pequena ante-camara contigua, arrastando-o irresistivelmente atrás de mim.

Apenas entrei, atirei com elle para longe, de encontro a uma parede; depois fechei a porta, com uma praga tremenda, e mandei-o desembainhar a espada. Hesitou um segundo; por fim, suspirando ligeiramente, poz-se em guarda com um silencio e uma tranquillidade extraordinarias.

O combate não foi longo. Exasperado como estava por ardentes excitações de toda a especie; sentia no braço a energia e o poder de um exercito. Dentro em poucos segundos, levei-o contra a parede e alli, tendo-o á discreção, cravei-lhe repetidas vezes a espada no peito, com a ferocidade de um bruto.

N'esse momento, mexeram na fechadura da porta. Apressei-me a prevenir alguma invasão importuna e voltei immediatamente para junto do meu adversario agonisante. Mas que linguagem humana pôde traduzir o espanto e o horror que se apoderaram de mim, ao espectáculo que se me deparou! Durante o curto instante que me afastára, produzira-se nas disposições locais do aposento uma mudança material.

N'um lugar onde me recordava de não ter visto nada, estava agora um espelho enorme (no estado de perturbação em que me achava, assim se me afigurou) e como eu caminhasse para elle cheio de terror, a minha propria imagem, mas com a cara horrivelmente pallida e toda salpicada de sangue, avançou para mim a passos lentos e vacillantes.

Tal se me afigurava, digo, mas realmente não era assim. Era o meu adversario, era Wilson moribundo, que se erguia deante de mim. A sua mascara e o seu manto estavam no chão. Não havia um fio no seu vestuario, nem uma linha em toda a sua figura (tão caracterisada e tão singular) que não fosse meu, que não fosse minha; era o absoluto na identidade!

Era Wilson, mas Wilson sem murmurar já as suas palavras! Falando alto e de tal modo, que me pareceu que era a minha propria voz que dizia :

— Venceste e eu succumbo. Mas d'ora ávante tambem estás morto, morto para o mundo, para o céo e para a esperança! Em mim existias; e agora, olha para a minha morte, vê n'esta imagem, que é tua, como te assassinaste a ti proprio!

SILENCIO ⁽¹⁾

Escuta, — disse o demonio, pousando a mão sobre a minha cabeça. — O paiz de que te falo, é um paiz lugubre, na Libya, sobre as margens do rio Zaire. E alli não ha repouso nem silencio.

As aguas do rio, amarellas e insalubres, não correm para o mar, mas palpitam sempre sob o olhar ardente do sol, com um movimento convulsivo. De cada lado do rio, sobre as margens lodosas, estende-se ao longe um deserto sombrio de gigantescos nenuphars, que suspiram na solidão, erguendo para o céu os longos pescoços espectraes, meneando tristemente as cabeças sempiternas. E do meio d'elles sáe um sussurro confuso, semelhante ao murmurio de uma torrente subterranea. E os nenuphars, voltados uns para os outros, suspiram na solidão.

E o seu imperio tem por limites uma floresta alta, cerrada, medonha ! Lá, com as vagas em torno das Hébridas, os pequenos arbustos agitam-se sem repouso, (comtudo não ha vento no céu !) e as grandes arvores primitivas oscillam continuamente, com um estrepito enorme. E dos seus cumes elevados, filtra gotta a gotta

(1) O Dr. ADHERBAL DE CARVALHO traduziu em bellos versos este conto. Vide *Ephemeras*, Aillaud, edit.

um orvalho eterno. E a seus pés estorcem-se, n'um somno agitado, flôres desconhecidas e venenosas. E' por cima das suas cabeças, com um ruge-ruge retumbante, precipitam-se as nuvens negras, a caminho do occidente, até rolarem em cataractas para traz da muralha abrazada do horizonte. E' nas margens do rio Zaire não ha nem repouso nem silencio.

Era noite, e a chuva cahia; e enquanto cahia era agua, mas quando chegava ao chão era sangue! E eu estava na planicie lodosa, por entre os nenuphares, vendo a chuva que cahia sobre mim. E os nenuphares, voltados uns para os outros, suspiravam na solemnidade da sua desolação.

De repente, appareceu a lua através do nevoeiro funebre; vinha toda carmezim; e o meu olhar cahiu sobre um rochedo enorme, sombrio, que se erguia á borda do Zaire, reflectindo a claridade da lua; era um rochedo sombrio, sinistro, de uma altura descommunal!

Sobre o seu cume estavam gravadas algumas letras. Caminhei através do pantano dos nenuphares, até á margem, para lêr as letras gravadas na pedra; mas não pude decifral-as. Ia tornar para traz, quando a lua brilhou mais viva e mais vermelha; olhando outra vez para o rochedo, distingui os caracteres. E esse caracteres diziam : *Desolação*.

Levantei os olhos; na crista do rochedo estava um homem de figura magestosa. Pendia-lhe dos hombros a antiga toga romana, cobrindo-o até aos pés. Os contornos da sua pessoa não se distinguiam, mas as feições eram as da divindade, porque brilhavam através da escuridão da noite e do nevoeiro. Tinha a fronte alta e pensativa, os olhos profundos e melancolicos. Nas rugas do semblante, liam-se-lhe as legendas da desgraça e da fadiga, o aborrecimento da humanidade e o amor da

solidão. Escondi-me no meio dos nenuphares para vêr o que aquelle homem fazia alli.

E o homem sentou-se no rochedo, deixou pender a cabeça sobre a mão e espraizou a vista pela soledade; contemplou os arbustos buliçosos e as grandes arvores primitivas, depois, ergueu os olhos para o céu e para a lua carmezim. E eu observava as acções do homem escondido no meio dos nenuphares; e o homem tremia na solidão. Comtudo, a noite avançava, e elle ficava assentado sobre o rochedo.

Então, o homem desviou os olhos do céu para o rio lugubre, para as aguas amarellas do Zaire, e para as legiões sinistras dos nenuphares, escutando-lhes os suspiros melancolicos e as oscillações murmurantes. E eu espreitava-o sempre do meu esconderijo; e o homem tremia na solidão. Comtudo, a noite avançava e elle ficava sentado sobre o rochedo.

Embrenhei-me nas profundezas longinquas do pantano; caminhei para a floresta dos nenuphares, e chamei os hippopotamos, que habitavam a espessura do bosque. E os hippopotamos ouviram o meu appello e vieram com os behemothes até ao pé do rochedo, e soltaram um rugido medonho. E eu, escondido por entre os nenuphares, espreitava os movimentos do homem; e o homem tremia na solidão. Comtudo, a noite avançava e elle ficava sentado sobre o rochedo.

Então evoquei os elementos; e uma tempestade horrorosa sobreveiu. E o céu tornou-se livido pela violencia da tempestade, e a chuva cahia em torrentes sobre a cabeça do homem, e as ondas do rio trasbordavam, e o rio espumava enfurecido, e os nenuphares suspiravam com mais força, e a floresta debatia-se com o vento, e o trovão ribombava, e os raios flammejavam, e o rochedo estremecia. E eu espreitava sempre o homem do fundo do

meu esconderijo; e o homem tremia na solidão. Comtudo, a noite avançava e elle ficava sentado sobre o rochedo.

Irritei-me e amaldiçoei a tempestade, o rio e os nenuphares, o vento e a floresta, o céu e o trovão. E á minha maldição os elementos emmudeceram; e a lua parou na sua carreira, e o trovão expirou, e o raio deixou de faiscar, e as nuvens ficaram immoveis, e as aguas tornaram a repousar no seu inmenso leito, e as arvores cessaram de se agitar, e os nenuphares não suspiraram mais, e na floresta não se tornou a ouvir o minimo murmurio, nem a sombra de um som no vasto deserto sem limites. Oihei para os caracteres escriptos no rochedo, e os caracteres diziam agora : *Silencio*.

Volvi outra vez os olhos para o homem, e o seu rosto estava pallido de terror. De repente, levantou a cabeça, ergueu-se sobre o rochedo e poz o ouvido á escuta. Mas não se ouvia nem uma voz no deserto illimitado! E os caracteres gravados no rochedo diziam sempre : *Silencio*. E o homem estremeceu e fugiu; e para tão longe fugiu que jamais o tornei a vêr.

Ora, os livros dos magos, os melancolicos livros dos magos encerram bellos contos, esplendidas historias do céu, da terra e do mar poderoso; dos genios que têm reinado sobre a terra, sobre o mar e sobre o céu sublime. Ha muita sciencia nas palavras das Sybillas. E das flôres tão sombrias de Dodona sahiam outr'ora oraculos profundos. Mas jamais se ouviu uma historia tão espantosa como esta!

Foi o demonio que m'a contou, sentado ao meu lado na solidão do tumulo. Quando acabou de falar, desatou a rir, e como eu não pude rir com elle, amaldiçoou-me. Então o lynce, que vive eternamente no tumulo, sahiu do seu couto e veiu deitar-se aos pés do demonio, olhando-o fixamente nas pupillas.

SOMBRA ⁽¹⁾

Vós que lêdes, por certo que estaes ainda entre os vivos; mas eu que escrevo, terei partido ha muito para a região das sombras, quando estas notas chegarem a ser vistas pelos homens; porque antes d'isso hão de acontecer casos singulares, revelar-se-ão grandes mysterios, e longos seculos terão passado. Depois de as terem lido, uns acreditarão, outros terão duvidas, e bem poucos meditarão sobre os caracteres que gravo n'estas taboas com um estylete de ferro.

O anno decorrido tinha sido um anno de terror, cheio de sentimentos lugubres e intensos para os quaes não ha nome na superficie da terra. Muitos signaes e varios prodigios se haviam produzido, e a peste desenrolava as suas azas por toda a parte, sobre a terra e sobre o mar. Aquelles que eram entendidos nos astros, não ignoravam que o aspecto dos céos presagiava desgraça; e para mim, entre outros, o grego Oinos, era evidente que estavamos chegados ao septingentesimo nonagesimo quarto anno, em que, á entrada do Carneiro, o planeta Jupiter opera a sua conjuncção com o anel vermelho do terrivel Saturno.

(1) Ha uma bella paraphrase em verso deste conto pelo Dr. de ADHERBAL DE CARVALHO, no volume *Ephemeras*.

O poder do espirito particular dos céos não se manifestava só sobre o globo physico da terra, mas tambem sobre as almas, os pensamentos e as meditações da humanidade.

Uma noite, estavam sete, encerrados no fundo de um palacio nobre, na cidade sombria de Ptolemais, assentados em torno de algumas garrafas do vinho purpurino de Chios. A sala em que nos achavamos, não tinha por entrada senão uma alta porta de bronze aferrolhada por dentro, a qual era de um feitio rarissimo e fôra trabalhada pelo artista Corinnos. As cortinas negras, que resguardavam aquelle aposento melancolico, poupavam-nos o aspecto da lua, das estrellas lugubres e das ruas despoçadas; mas o presentimento, a lembrança do flagello, não pudera ser excluida tão facilmente.

Havia em torno de nós e em nós proprios, cousas indistinctas, ao mesmo tempo espirituaes e materiaes, que não posso descrever : uma atmosphaera pesada, abafadiça; uma sensação de tristeza, de agonia, e sobretudo atormentava-nos este estado terrivel da existencia, que ataca as pessoas nervosas, quando os sentidos estão vivos e despertos, e as faculdades do espirito adormecidas e fatigadas. Sentiamos um peso mortal, que carregava sobre os nossos membros, sobre os moveis da sala, sobre os copos em que bebiamos. Tudo parecia opprimido e prostrado n'aquelle abatimento sinistro, tudo, excepto as chammas das sete lampadas de ferro que esclareciam a nossa orgia, alongando-se em finos filetes de fogo. A mesa de ébano, em volta da qual estavam assentados, reflectindo a pallida claridade das luzes, semelhava um espelho negro, onde cada um contemplava a lividez do proprio rosto e o olhar vago e amortecido dos outros convivas.

Mas riamos e estavam alegres, a nosso modo: um

modo hystérico. Cantavamos as doidas cantigas de Anacreonte e bebiamos copiosamente, posto que a côr purpurea do vinho nos lembrasse a côr purpurea do sangue.

Comtudo, havia no centro um oitavo personagem, o joven Zoilo, morto, estendido ao comprido e amortalhado, que era o genio e o demonio da scena. O seu rosto convulsionado pelo mal, e os olhos, nos quaes a morte tinha apenas extinguido metade do fogo da peste, pareciam interessar-se pela nossa alegria, tanto como os mortos podem interessar-se pela alegria dos que devem morrer. Posto que eu, Oinos, sentisse os olhos do defuncto cravados em mim, esforçava-me comtudo por não lhes entender a amarga expressão, desviando o olhar para as profundezas do espelho de ébano e cantando em voz alta e sonora as cantigas do poeta de Teos.

Mas gradualmente o meu canto cessou. Os echos ribombando ao longe, por entre os reposteiros negros do aposento, foram diminuindo, perdendo a clareza, até que se desvaneceram. E eis que de repente, do fundo d'esses reposteiros negros, onde ia morrer o ruido das canções, ergueu-se uma sombra escura, indefinida (uma sombra semelhante á que a lua, quando vem baixa no céu, desenha do corpo de um homem), mas não era a sombra de um homem, nem a sombra de um deus, nem a de ser algum conhecido. E tremendo um instante por entre os reposteiros, apresentou-se, enfim, hirta, direita, na superficie da porta de bronze. Mas a sombra era vaga, informe, indefinida. Não era a sombra de um homem, nem a de um deus (nem a de um deus da Grecia, nem a de um deus da Chaldeia, nem a de nenhum deus egypcio). E a sombra repousava sobre a grande porta de bronze, por baixo da cornija arqueada, sem se mover, sem pronunciar uma palavra, fixando-se cada vez mais. E os pés do joven Zoilo amortalhado estavam encostados á porta,

sobre a qual a sombra repousava. Mas nós, os sete companheiros, tendo-a visto sahir de entre os reposteiros, não ousavámos contemplal-a fixamente e baixavamos os olhos, mirando sempre as profundidades do espelho de ébano. E por fim, eu, Oinos, atrevi-me a pronunciar algumas palavras, em voz baixa, e perguntei á sombra o seu nome e a sua morada. E a sombra respondeu :

Eu sou a sombra, e móro ao lado das catacumbas de Ptolemais, junto das negras planicies infernaes que rodeam o impuro canal de Charonte!

Então, todos sete estremecemos de horror e ficámos tremulos, gelados, espavoridos, porque o timbre da voz da sombra não era o timbre de um só individuo, mas o de uma multidão de seres ; e aquella voz, variando as suas inflexões de syllaba, vibrava-nos confusamente aos ouvidos, imitando as entoações familiares de mil amigos que a morte havia levado!

BERENICE

A desgraça n'este mundo é variada; multiforme é a miseria. Dominando o vasto horizonte como o arco-iris, como elle as suas côres são diversas, distinctas e todavia intimamente fundidas.

Dominando o vasto horizonte como o arco-iris! Como pude de um exemplo de belleza, tirar um typo de fealdade? De um emblema de paz e alliança, tirar uma semelhança de dôr? E' que, assim como na ethica o mal é a consequencia do bem, assim, na realidade, é da alegria que nasce o desgosto : quer a lembrança da felicidade passada produza as amarguras de agora, quer as amarguras que existem, tirem a sua origem dos prazeres que podiam ter existido.

A historia que vou contar, é por essencia uma historia de horror. De boa vontade a supprimiria, se não fosse mais uma chronica de sensações do que uma chronica de factos.

O meu nome de baptismo é Egaco; do nome de minha familia guardarei segredo. Não ha em todo o paiz um castello mais carregado de annos e de gloria do que o velho e melancolico solar de meus avôs. Desde tempo immemorial, chamavam á nossa familia uma raça de visionarios. De facto, em muitos pormenores notaveis, no typo

do nosso castello, nas pinturas do enorme salão, nas tapeçarias dos aposentos, nas cinzeladuras das columnas da sala d'armas; porém, mais especialmente, na galeria dos quadros antigos, na physionomia da bibliotheca e, emfim, na natureza muito particular do conteúdo d'essa bibliotheca, ha de sobejo com que justificar essa denominação.

A recordação dos meus primeiros annos está intimamente ligada áquella sala e aos seus volumes, dos quaes não falarei mais. Foi lá que morreu minha mãe. Foi alli que eu nasci (se é que não vivia antes; se é que a alma não tem uma existencia anterior). Mas não discutamos este assumpto. Estou convencido, não procuro convencer. Na minha memoria ha uma reminiscencia de fórmias aereas, de olhos intellectuaes e expressivos, de vozes harmoniosas e melancolicas; uma reminiscencia que não me quer deixar; uma especie de lembrança semelhante a uma sombra vaga, variavel, indefinida, vacillante. Sombra essencial, da qual não poderei separar-me emquanto no meu cerebro fulgir a luz da razão.

Foi n'aquelle quarto que eu nasci. Emergindo assim das longas trevas, que pareciam ser, mas que não eram o nada, para cahir subitamente n'um paiz maravilhoso, n'um palacio phantastico, nos estranhos dominios do pensamento e da erudição monastica, não é para admirar que tenha lançado em torno de mim um olhar assustado e ardente, que tenha consumido a infancia sobre os livros e empregado a juventude em devaneios. Mas o que é singular, (os annos tendo caminhado, e o vigor da vida tendo-me encontrado ainda no solar dos meus antepassados) o que é estranho, é a inercia que me paralysoou os órgãos essenciaes da vida; é a inversão completa que se operou no character dos meus pensamentos mais ordinarios. As realidades do mundo não me impressionavam

senão com visões, emquanto que as idéas loucas do paiz dos sonhos eram, não a preocupação da minha existencia, mas positivamente a minha unica, a minha verdadeira existencia.

.
 Berenice e eu eramos primos e crescemos juntos na casa paterna. Mas crescemos diversamente. Eu, valetudinario e engolfado na minha melancolia : ella, agil, graciosa e exuberante de actividade. Para ella os passeios pela collina ; para mim, os estudos do claustro. Eu, encerrado em mim proprio, dedicando-me de corpo e alma á mais intensa, á mais penosa meditação ; ella, divagando descuidosa através da vida, sem pensar nas sombras do caminho, nem na fugida silenciosa das horas. Berenice ! Berenice ! Quando invoco o seu nome, mil lembranças tumultuosas surgem das ruinas sombrias da minha memoria ! Ah ! vejo-a ainda risonha, deante de mim, como nos seus dias de felicidade e alegria ! Oh ! magnifica, porém phantastica belleza ! Oh ! sypho dos bosques de Arnheim ! Oh ! naiade das fontes ! E, depois... e depois tudo é mysterio, terror ! uma historia que não quer ser contada.

Um mal, um mal funesto soprou como o simum sobre a sua constituição ; de um momento para o outro, passou sobre ella o espirito da metamorphose e arrebatou-a, penetrando-lhe o espirito, os habitos, o character e, do modo mais subtil e mais terrivel, perturbando-a, metamorphoseando-a radicalmente ! Ai ! o destruidor vinha e tornava a ir-se ; mas a victima, a verdadeira Berenice, que era feito d'ella ? Aquella não era a mesma ; pelo menos eu não a reconhecia já por Berenice.

Entre a numerosa série de males, carregados pelo ataque principal, que operára uma revolução tão horrorosa no ser physico e moral de minha prima, é preciso men-

cionar,* como o mais afflictivo e o mais teimoso, uma especie de epilepsia que muitas vezes terminava em catalepsia perfeitamente semelhante á morte, da qual ella despertava quasi sempre de um modo brusco e repentino.

Ao mesmo tempo, a minha propria doença augmentava rapidamente, e aggravando-se os seus symptomas pelo uso immoderado do opio, tomou finalmente o character de uma monomania inteiramente nova e extraordinaria. De hora para hora, de minuto para minuto, ganhava forças, até que chegou a adquirir sobre mim um dominio singular e incomprehensivel. Aquella monomania (se devò servir-me d'este termo) consistia u'uma irritabilidade morbida das faculdades do espirito que a lingua philosophica denomina : faculdades de attenção. E' muito provavel que não me comprehendam ; e temo devéras que me seja absolutamente impossivel dar ao commum dos leitores a idéa exacta da nervosa *intensidade de interesse*, com a qual a minha faculdade meditativa (para evitar a linguagem technica) se applicava e se absorvia na contemplação dos objectos mais vulgares do mundo.

Meditar infatigavelmente horas e horas esquecidas, sobre qualquer citação pueril escripta á margem ou no texto de um livro ; ficar absorto, á maior parte do dia, na contemplação de uma sombra estranha projectando-se obliquamente ao longo do sobrado ou da tapeçaria ; esquecer-me uma noite inteira, a observar a chamma da lampada ou as brazas do fogão ; sonhar dias inteiros com o perfume de uma flôr ; repetir, sem variação, alguma palavra vulgar, até que, á força de repetida, deixar-se de representar ao espirito a menor idéa ; perder inteiramente o sentimento do movimento ou da existencia physica, para cahir n'uma quietação absoluta, obstinadamente prólongada tacs eram as mais communs e as

menos perniciosas aberrações das minhas faculdades mentaes; aberrações que não são absolutamente sem exemplo, mas que não tem por certo explicação nem analyse.

Para ser bem explicito, devo dizer ainda que aquella attenção intensa e morbida, assim excitada pelos objectos mais frivolos, era de uma natureza essencialmente diversa da tendência que toda a humanidade tem pela meditação, e á qual se entregam sobretudo as imaginações ardentes. Não só não era, como podia parecer á primeira vista, um termo excessivo e uma exaggeração d'essa tendência, mas era completamente e por sua natureza differente d'ella. No primeiro caso, o pensador, o homem imaginativo, interessando-se por um objecto (geralmente não frívolo) perde-o de vista, pouco a pouco, através da immensidade de deducções e de suggestões que elle lhe inspira, a ponto de, quando chega ao fim de um d'esses sonhos, muitas vezes cheios de voluptuosidade, ter completamente posto de parte e esquecido o *incitamentum* ou causa primaria das suas reflexões. No meu caso, o ponto de partida era *invariavelmente frívolo*, posto que revestido pela minha imaginação doentia de uma importancia phantastica e refractiva. Fazia poucas ou nenhuma reflexões; e quando as fazia, todas voltavam obstinadamente ao objecto primitivo, como a um centró. As meditações não me eram nunca agradaveis, e no fim do meu sonho, a causa primaria, bem longede estar esquecida, tinha attingido o interesse sobrenaturalmente exaggerado, que era a feição dominante do meu mal. N'uma palavra, a faculdade de espirito mais particularmente excitada em mim era, como já disse, a faculdade da attenção, enquanto que no pensador ordinario, a faculdade mais desenvolvida é a da meditação.

Os meus livros, n'aquella epocha, se não contribuiam positivamente para irritar o mal, participavam em grande

abundancia, pela sua natureza imaginativa e irracional, das qualidades características da propria doença. Lembro-me muito bem, entre outros, do tratado do nobre italiano, Coelius Secundus Curio, *De amplitudine Beati de Dei*; da grande obra de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, e do *Carne Christi* de Tertuliano, cujo estranho pensamento: *Mortuus est Dei Filius; credibile est quia ineptum est; et sepultus resurrexit; certum est quia impossibile est*, absorveu exclusivamente toda a minha existencia, durante muitas semanas de laboriosas e infructiferas investigações.

A minha razão, assim desequilibrada por cousas insignificantes, fazia lembrar aquella rocha maritima de que fala Ptolómeu Hephestion, a qual resistia immutavel a todos os ataques dos homens, e até ao furor dos ventos e das tempestades. mas que tremia só ao contacto da flôr chamada asphodèle. A um pensador desattento, parecerá evidente que a alteração terrivel produzida no estado moral de Berenice, pela sua doença deploravel, devesse fornecer-me um grande assumpto para exercer a meditação anormal, cuja natureza acabo de explicar. Pois bem! não aconteceu assim. Nos intervallos lucidos da minha enfermidade, a desgraça de Berenice causava-me realmente magua. Enternecia-me profundamente a ruina total da sua vida alegre e doce. Meditava muitas vezes e com amargura sobre as causas terrivelmente mysteriosas que tinham podido produzir uma revolução tão estranha e repentina. Mas essas reflexões, taes como se teriam apresentado em circumstancias analogas á massa ordinaria dos homens, não partipavam da idiosyncrasia do meu mal. Durante os accessos, a minha monomania, fiel ao seu character frivolo, só se preocupava com as mudanças menos importantes, porém mais notaveis, que se manifestavam no systema physico de

Bernice; na singular e horrorosa alteração da sua identidade pessoal.

Nunca amára minha prima nos seus dias mais brilhantes de belleza incomparavel; mesmo porque, na estranha anomalia da minha existencia, os sentimentos me vinham mais do espirito que do coração. Muitas vezes, através das nuvens do crepusculo, e ao meio-dia, por entre as sombras da floresta; ou de noite, na minha bibliotheca, vendo-a passar deante de mim, contemplava-a; não como a Berenice viva e palpavel, mas çomo a Berenice de um sonho; não como um ser terrestre, carnal, mas como abstracção da realidade; não como uma creatura para admirar, mas como uma cousa para analysar; não como um objecto de amor, mas como thema de uma meditação tão obscura como irregular. E agora, tremia na sua presença, empallidecia á sua approximação. Comtudo, lamentando amargamente a sua deploravel decadencia, lembrei-me de que me amára durante muito tempo, e uma vez falei-lhe de casamento.

Approximava-se a epocha do nosso noivado. Uma tarde de inverno, calma, ennevoada, intempestivamente quente, assentei-me no gabinete da bibliotheca. Julgava estar só; mas, levantando os olhos, vi Berenice, em pé, deante de mim.

Foi a minha imaginação exaltada, ou a influeneia nevoenta da atmospherá, ou o crepusculo incerto do aposento, ou o vestido negro que trajava, que lhe prestou aquella fórma trémula e indifinida? Não sei dizel-o. Ella não proferiu uma palavra; e eu, n'aquelle momento, por cousa nenhuma d'este mundo teria pronunciado uma syllaba. Percorreu-me o corpo um tremor gelido. Sentime opprimido por uma sensação de agonia insupportavel, e a minha alma foi subitamente invadida por uma curiosidade devoradora. Comtudo, fiquei immovel e recosta-

do á poltrona, sem fala nem respiração, com os olhos cravados n'ella. Ai! a sua magreza era espectral! Nem um vestigio do ser primitivo, nem um só dos seus contornos tinha sobrevivido! O meu olhar ardente cahiu sobre o seu rosto.

Tinha a fronte erguida, muito pallida e sobrenaturalmente placida. Os cabellos, outr'ora negros como o azeviche, cahiam-lhe sobre as fontes encovadas em aneis de um louro ardente, cujo character phantastico discor-dava cruelmente com a tristeza dominante da sua physio-nomia. Os olhos, sem vida nem brilho, pareciam não ter pupillas. Desviei involuntariamente a vista da sua fixi-dez envidraçada para contemplar os labios afilados e contrahidos. Esses labios entreabriram-se n'um sorriso significativo, e os dentes da nova Berenice revelaram-se lentamente á minha vista. Prouvera a Deus que nunca eu os houvesse visto, ou que, ao vê-los, tivessse morrido!

.

De repente, ouvi o ruido de uma porta a fechar-se, e, levantando os olhos, vi que minha prima tinha deixado o aposento. Mas o espectro terrivel dos seus dentes brancos tinha ficado no meu cerebro desordenado, e não queria de lá sahir. Não havia uma depressão na sua superficie, uma differençasinha no seu esmalte, um bico nas suas arestas, que aquelle sorriso passageiro não me tivesse imprimido na memoria.

Via-os agora ainda mais distinctamente que os vira primeiro. Os dentes! os dentes! Estavam alli, acolá, por todo a parte, visiveis, palpaveis, deante de mim; compridos, estreitos e excessivamente brancos, circumdados pelos labios pallidos e horrorosamente dilatados.

Então chegou a furia da minha monomania. Em vão luctei contra a sua influencia estranha e irresistivel. No

numero infinito dos objectos do mundo exterior, só os dentes me preocupavam. Desejava-os freneticamente! Todos os outros assumptos, todos os interesses diversos foram supplantados por aquella unica contemplação. Elles, só elles estavam presentes aos olhos do meu espirito, e a sua individualidade exclusiva tornou-se a essencia da minha vida intellectual. Via-os a todas as horas e a todos os instantes. Estudava-lhes o character. Observava-lhes os signaes particulares. Meditava sobre a sua conformação. Reflectia na alteração da sua natureza. Estremecia, attribuindo-lhes na imaginação uma faculdade de sentimento, de sensação e uma propriedade de expressão moral, mesmo sem o auxilio dos labios. Dizia-se, com razão, de mademoiselle de Sallé, que todos os seus passos eram sentimentos. De Berenice cria eu intimamente que todos os dentes eram idéas. Idéas! ah! eis o pensamento absurdo que me perdeu. Idéas ah! ahi está a razão pela qual eu os invejava tão loucamente! Sentia que só a sua posse me podia restituir a paz e a razão.

E a noite desceu assim sobre mim! Vieram as trevas, installaram-se, e tornaram a fugir! E um dia novo appareceu! E em redor de mim amontoaram-se as sombras de uma segunda noite; e eu sempre immovel n'aquelle quarto solitario, sempre assentado, sempre engolfado na minha meditação! E o phantasma dos dentes mantinha sempre a sua influencia terrivel, a ponto de fluctuar incessantemente aqui e acolá, com a mais espantosa nitidez, ora através da luz, ora através das trevas do aposento. Emfim, no meio dos meus sonhos, retumbou espantoso um grito de horror, ao qual succedeu, depois de uma pausa, um ruido de vozes desoladas, entrecortadas de gemidos surdos, de suspiros, de luto e de dôr. Levantei-me e, abrindo uma das portas da bibliotheca, en-

contrei na ante-camara uma creada, toda em lagrimas, que me disse que Berenice deixára de existir! De manhã fôra atacada de epilepsia. E agora, ao cahir da tarde, o tumulto esperava a sua futura habitante; todos os preparativos do enterro estavam terminados!

.....
Afflicto e gelado de terror, dirigi-me com repugnancia para o quarto da morta. O quarto era vasto e muito escuro. Os meus pés esbarravam a cada passo com os aprestos da sepultura. Sob as cortinas do leito (disse-me um creado) estava o caixão, e n'aquelle caixão (ajuntou em voz baixa) jaziam os restos de Berenice.

Quem me perguntou se não queria vêr o corpo? Não vi que nenhuns labios se movessem; contudo, a pergunta havia sido feita. O echo das ultimas syllabas resoava ainda pelo aposento. Era impossivel recusar. Com um sentimento de terrivel oppressão, caminhei para o leito. Levantei lentamente os cortinados, mas deixando-os cahir, fiquei por dentro d'elles, separado do mundo vivo, na mais intima communição com a morta!

Toda a atmosphera do quarto exhalava a morte, mas o ar circumjacente do ataúde soffocava-me; parecia que um cheiro deleterio sahia já do cadaver. N'aquelle momento, teria dado mundos para poder fugir á influencia perniciosa da mortalidade, para respirar ainda uma vez o ar puro dos céos eternos. Mas os meus movimentos estavam paralyzados, vacillavam-me os joelhos, os meus pés pareciam ter creado raizes no solo, e os olhos não queriam despregar-se d'aquelle cadaver rigido, estendido ao comprido no caixão aberto.

Justo céo! E' possivel! Foi allucinação do meu cerebro, ou moveu-se realmente o dedo da defuncta dentro da tela que o envolvia? Trémulo de inexprimivel terror, volvi os olhos para a physonomia do cadaver. O lenço

que lhe tinham amarrado aos queixos, desatára-se não sei como. Os labios lividos torciam-se n'um especie de sorriso, e, através da sua moldura lugubre, os dentes de Berenice, brancos, luzidios, terriveis, olhavam-me ainda com uma realidade viva! Desviei-me convulsivamente do leito, e, sem pronunciar uma palavra, sahi, correndo como um maniaco, d'aquelle quarto de mysterio, de horror e de morte!

.
Achei-me outra vez na bibliotheca, sentado, só. Era meia-noite. Parecia-me ter sahido de um sonho confuso e agitado. Sabia que Berenice fôra enterrada depois do sol posto; mas não guardava nenhuma lembrança positivo ou definida do que se havia passado durante aquelle intervallo lugubre. Todavia, a minha memoria regorgitava de terror ambiguo e vago, e por isso mais terrivel. Era como uma pagina horrorosa do registo da minha existencia, escripta em caracteres obscuros, medonhos e intelligiveis, que em vão me esforçava por decifrar. De vez em quando, comtudo, semelhante ao echo de um som esvaecido, vibrava-me aos ouvidos um grito fraco e agudo, uma voz de mulher. Que tinha eu feito? perguntava a mim mesmo em voz alta. E os echos do aposento murmuravam-me em fórmula de resposta: *Que tinha eu feito?*

Em cima da mesa, ao meu lado, ardia uma lampada; junto d'ella estava uma caixinha de ébano. Aquella caixa não apresentava nada de notavel; eu tinha-a visto muitas vezes, porque pertencia ao medico da casa. Mas como tinha ella vindo para alli, para cima da mesa? E porque tremia eu ao contemplal-a? Não valia a pena pensar n'isso. Entretanto, os meus olhos, encontrando as paginas de um livro aberto, fixaram-se sobre uma phrase sublinhada. Eram as palavras singulares, mas muito sim-

ples, do poeta Ebn Zaiat : *Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantulum fore levatas.* — Porque, ao lê-las, se me arripiaram os cabellos? Porque se me gelou o sangue nas veias?

De repente, bateram de manso á porta da bibliotheca e um creado, pallido como um habitante do tumulo, entrou nos bicos dos pés. Trazia os olhos esgazeados pelo terror, e a sua voz trémula e abafada falou-me n'um tom quasi imperceptivel. Que me disse? — Não ouvi senão algumas phrases truncadas. Contou-me, creio eu, que um grito horroroso havia perturbado o silencio da noite; que todos os creados tinham corrido na direcção do som. Por fim, a sua voz, baixa, tornou-se horrivelmente distincta, ao falar da violação de uma sepultura, de um corpo desfigurado, despojado da mortalha, mas respirando ainda, palpitando ainda, *ainda vivo!*

Então olhou para o meu fato: e o meu fato estava manchado de sangue! Sem dizer uma palavra, pegou-me na mão: e a minha mão tinha o estygma de unhas humanas! Depois apontou para um objecto que estava encostado á parede; era uma enxada!

Soltando um grito medonho, precipitei-me sobre a mesa e agarrei a caixa de ébano. Mas as minhas mãos trémulas não tiveram força para a segurar. A caixa cahiu por terra, entornando, com um tinir de ferragens, alguns instrumentos de cirurgia dentaria, e, juntamente, trinta e duas cousinhas, brancas como o marfim, se espalharam por aqui e por acolá, no solo do aposento.

INDICE

O rei peste	1
O corvo	17
Pequena discussão com uma mumia	39
O homem das multidões	61
O systema do doutor Breu e do professor Penna	75
Colloquio entre Monos e Una	101
Colloquio entre Eiros e Charmion	111
Poder da palavra	121
A carta roubada	177
Duplo assassinio na rua Morgue	151
O escaravelho de ouro	195
O poço e o pendulo	241
Hop-frog	261
O demonio da perversidade	273
O gato preto	283
William Wilson	297
Silencio	323
Sombra	327
Berenice	331

1

2

11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

1

2

3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

1

2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

1

